



GRH

Romances Históricos

Tradução/Pesquisa: GRH

Revisão Inicial: Ana Catarina

Revisão Final: Maristela

Leitura Final: Neide/Fabí

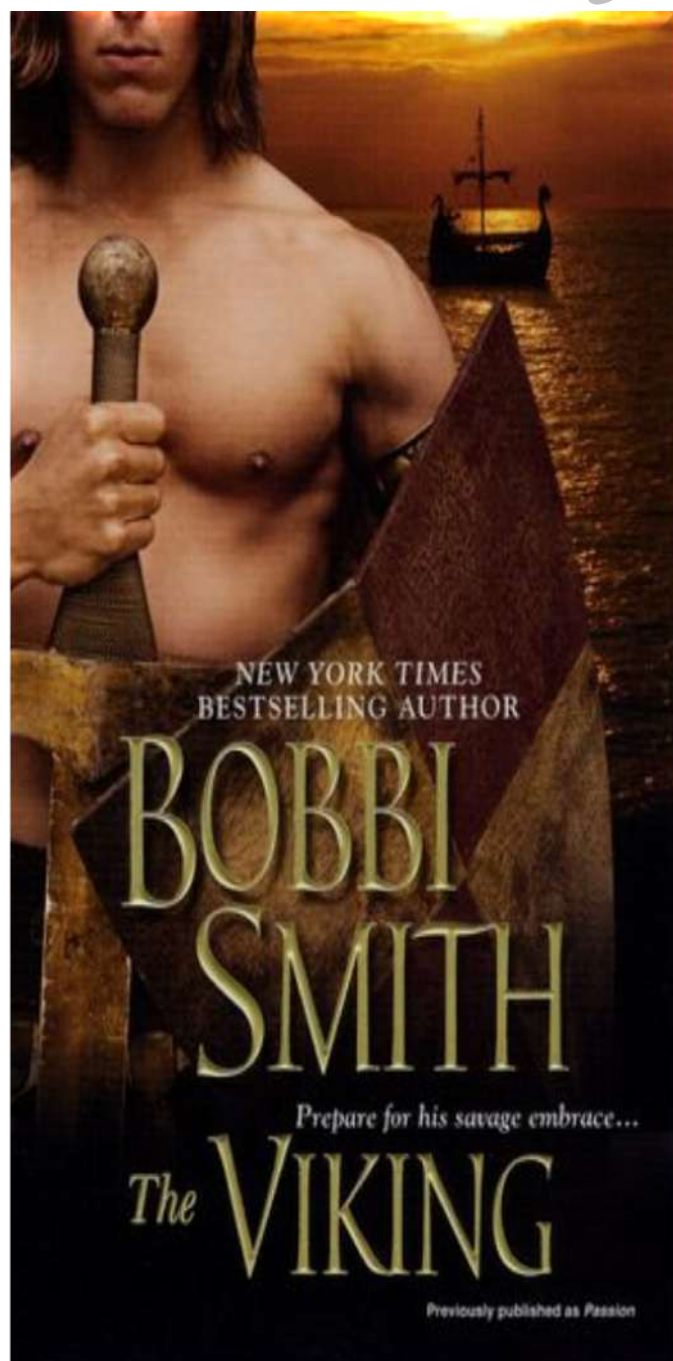
Formatação: Ana Paula G.





Bobbi Smith

O Viking



Comentário da Revisora Ana Catarina:

Livro bonzinho, sem grandes emoções. Deslanchou lá pela metade do livro. Mas vale a pena ler.

Comentário de Leitura Final Maristela

Esse livro só tem um comentário cabível: LEIAM E DEPOIS ME FALAM O QUE ACHARAM!!!!!!!!!!!!!!



Resumo

O guerreiro viking Brage Norwald é temido por todos, com exceção de uma mulher que poderia transformar-se em seu maior prêmio... ou sua destruição.

Brage Norwald nunca perdeu uma batalha, e quando decide invadir a costa saxã não espera outra coisa além de celebrar uma vitória. Em troca, sofre uma esmagadora derrota. Gravemente ferido, é tomado como prisioneiro. Quando está a beira da morte, uma inimiga jurada vai em sua ajuda, despertando nele uma atração que o deixará indefeso...

Dynna está prometida ao cruel e calculador príncipe Edmund, e vê a oportunidade de fugir junto com Brage. Ambos empreendem caminho através da campina saxã, e logo deverão enfrentar uma paixão mútua que poderia lhes proporcionar mais do que jamais ousaram sonhar... ou destruir suas vidas para sempre.

PRÓLOGO

Noruega, ano 838.

Um raio iluminou o céu e um trovão profundo e ameaçador ressoou na comarca.

Em pé na soleira da pequena casa, a anciã mantinha os olhos cravados na escuridão, aguardando. Como sempre, ele não demoraria para chegar. Estava certa disso.

Então começou a chover, as gotas caíram sobre a terra com violência da tormenta e ela foi se refugiar junto a lareira no centro da sala. Embora a noite não fosse fria, sentia-se entorpecida e o frio lhe congelava a alma. Suas mãos nodosas agarravam-se ao xale que a envolvia. Fechou os olhos e procurou esquecer a tormenta exterior e também a interior, gerada pelo dom da clarividência.

—Vim. — Sua voz era profunda.

A anciã abriu os olhos e contemplou o guerreiro alto de cabelos escuros, sem revelar surpresa alguma na sua presença.

—Deseja que eu leia as runas para você? inquiriu.

—Zarpo com a lua nova.

Ela assentiu com a cabeça, logo ficou em pé lentamente e se dirigiu para uma pequena mesa ladeada por dois bancos.

Tomou assento em um e indicou que ocupasse o que estava na sua frente. Depois deteve-se durante um momento para observá-lo. Era bonito, aquele viking cujos cabelos negros — um traço herdado de sua mãe irlandesa que morreu ao lhe dar a luz— o diferenciavam dos outros; a ele devia seu apelido: Falcão Negro. Seus olhos eram azuis, de um azul pálido como os de seu pai, um homem do norte. Tinha os traços finamente cinzelados, os ombros largos e fortes. Era um magnífico guerreiro, ninguém igualava a fama que tinham proporcionado seu valor e sua honra..., à exceção de seu pai.

Após um momento, a anciã dedicou sua atenção às runas. Estendeu um pano branco na mesa e tirou as pedras proféticas. Sustentou-as na mão e entoou duas estrofes do *Runatál* para invocar os poderes.

*“Sei que pendi de uma árvore agitada pelo vento,
Suas raízes ignoradas pelos sábios;
Atravessado pelas lanças, durante nove largas noites,
Prometido ao Odín, meu ser devotado ao dele.*

*Não me deram pão, nem um copo do qual beber;
Contemplei as profundidades:
Gritei e recolhi as runas,
E por fim, caí”.*

Ao pronunciar as últimas palavras jogou as runas sobre o pano estendido na mesa. Escolheu três com muito cuidado e depois examinou suas inscrições.

—O que dizem, anciã? perguntou o Falcão Negro, desconcertado ante seu prolongado silêncio — Terá êxito o ataque? Obterei o prêmio desejado?

Quando ela levantou o olhar, os segredos ancestrais faziam resplandecer seus olhos azuis. Olhou fixamente ao guerreiro, refletindo e pesando, e voltou a contemplar as pedras que segurava na mão, até que por fim respondeu:

—Obterá muito mais do esperado, meu bonito cavaleiro. Oh, sim, muito mais...

—Bem, disse ele, com expressão aliviada — E o que será de meus homens? A luta, será encarniçada?

—Haverá perigo. Sangue será derramado. Falarão palavras de mentiras. Mas no final de sua travessia o aguarda um tesouro de grande valor.

Quando pronunciou as últimas palavras, um raio voltou a iluminar o céu. Um tremor agitou a terra, seguido do estrondo de um trovão.

Depois de escutar aquilo, a inquietação que tinha embargado ao guerreiro diminuiu.

—Assim teremos êxito. Sorriu e ficou de pé — E o prêmio será precioso?

—Mais precioso que todos os que obtive no passado.

Ele assentiu com expressão satisfeita, pagou à anciã e partiu.

Ela observou sua partida, sabendo que o perigo o espreitava e perguntando-se sobreviveria à traição. Não lhe tinha dito tudo o que tinha visto: Havia um atalho que devia percorrer, e também um perigo ao qual devia enfrentar sozinho.

Quando seu criado o despertou, o sono interrompido contrariou a lorde Alfrick. Levantou-se e lhe lançou um olhar furioso.

—O que é tão importante para que me desperte no meio da noite? perguntou.

—Lamento o incomodar, milorde, mas um forasteiro da terra dos vikings chegou à torre solicitando audiência.

—Um viking? Agora lorde Alfrick estava completamente desperto.

—Sim, milorde. Insiste que tem que falar com o senhor e com nenhum outro. Afirma que se trata de um assunto de vida ou morte.

—Da vida de quem? Da morte de quem? Perguntou — Não confio em nenhum homem do norte.

—Da sua.

—Da minha? —Alfrick franziu o cenho, preso da ira — Quem é esse mensageiro que se aproxima de minha torre e ameaça minha vida?

—Não pretende ameaçá-la, milorde. Diz que veio para o advertir de um perigo futuro.

Lorde Alfrick refletiu com o sobrecenho franzido.

—Acorde sir Thomas. disse logo — Diga que se reúna comigo embaixo junto com vários guardas, em minha câmara privada ao lado do Grande Salão. Falarei com esse misterioso homem do norte, mas farei que o montem em um instante se isto for algum tipo de truque diabólico.

Lorde Alfrick levantou-se da cama e se preparou para receber o estranho. Vestiu-se com rapidez e pendurou a espada no cinto. Agora estava de um humor cauteloso. Tinha governado aquelas terras durante mais de vinte e cinco anos e perdido a conta das vezes que o tinham atacado. Era a primeira vez que um viking pretendia falar com ele e perguntou-se o que queria. Uma vez disposto a encontrar-se com o visitante noturno, abandonou o quarto.

Pouco depois, lorde Alfrick enfrentava o homem misterioso, flanqueado por sir Thomas e diversos guardas armados. Sir Thomas era um homem de uns trinta anos, alto e acostumado as lutas. Sua fidelidade a Alfrick era conhecida em toda a comarca e a confiança depositada nele era absoluta. Quando devia tomar uma decisão importante, Alfrick recorria ao conselho de sir Thomas,

posto que o mesmo sabia julgar aos outros e freqüentemente lhe proporcionava ideias passando por cima de seus outros conselheiros. Alfrick se alegrava de que estivesse presente.

—Me diga por que não teria que o matar agora mesmo, viking. disse lorde Alfrick. Os homens do norte eram seus inimigos e não os apreciava absolutamente.

—Porque trago notícias que poderiam salvar sua vida.

—Por que teria que acreditar em você? perguntou o lorde, esquadrinhando em meio da penumbra e procurando distinguir os traços do viking, mas sem êxito.

O estranho retrocedeu entre as sombras sem levantar o capuz de seu manto escuro, escondendo ainda mais sua identidade frente ao olhar inquisidor do lorde saxão.

—Pode aceitar minha advertência, ou não. Você escolhe. respondeu o viking encolhendo os ombros — Vim para dizer o que acontecerá. O Falcão Negro e seus homens atacam suas terras pouco depois da lua nova.

Para confirmar suas palavras, um raio resplandeceu e ressoou um trovão.

—O Falcão Negro! Lorde Alfrick ficou tenso ante semelhante informação. Trocou um rápido olhar com sir Thomas, em cujos olhos escuros se refletia a mesma incredulidade. O viking conhecido como o Falcão Negro era um poderoso guerreiro que saqueava cidades a vontade, apoderava-se de suas riquezas e

transformava a homens e mulheres em prisioneiros — por que veio me dizer isso, por que trairia a um dos seus?

—Porque o quero morto! soltou o traidor em tom malévolo — Não posso elevar a mão contra alguém de minha mesma estirpe, mas posso proporcionar a espada para fazê-lo.

—O que exige em pagamento por esta informação que acaba de me proporcionar?

—Só que se encarregue de que o Falcão Negro morra.

—Se o ataque ocorrerá em tão pouco tempo como afirma, como identificaremos ao homem conhecido como o Falcão Negro?

—A vela de sua embarcação é de cor vermelho sangue e ostenta a divisa de um falcão negro no centro, igual a seu escudo e seu casco.

Entretanto, como conhecia a astúcia dos vikings, lorde Alfrick tinha algumas dúvidas.

—Acaso se trata de um truque, de um estratagema para nos distrair, enquanto seus guerreiros nos atacam de outra direção? perguntou.

—Se tivesse querido atacar, poderia ter feito esta noite. Você e seus homens teriam morrido em suas camas. Disse o conspirador — Ouviu minha advertência. Dei tempo para se preparar. Se não tomar alguma medida, esta torre e todos seus tesouros pertencerão ao Falcão Negro.

—E se me preparo?

—Poderá derrotar ao mais poderoso dos saqueadores vikings e salvar a si e a seus súditos.

—Quantos virão?

—Ele zarpará com pelo menos três naves de guerreiros. Deve reunir um exército poderoso para vencê-los. Entre todos os guerreiros, seus homens são os mais ferozes.

—Navegará com ele? perguntou lorde Alfrick em tom desdenhoso. Que aquele homem traísse a um dos seus lhe causava um profundo desprezo e perguntou-se o traidor considerava a si mesmo um excelente guerreiro.

—Estarei à corrente de todos os acontecimentos, respondeu o viking — Mas o advirto que não será fácil deter o Falcão Negro. Até agora nenhum homem o igualou em força, coragem e valor. Tem que ser ardiloso, ou perderá tudo.

—Não se preocupe, estaremos preparados, respondeu lorde Alfrick — Acabarei com a vida do Falcão Negro e fazê-lo será uma bênção para todas as comarcas, que ficarão a salvo de seus saques.

O traidor assentiu com a cabeça e se dispôs a partir. Um dos guardas o acompanhou até o exterior da torre.

Lorde Alfrick os observou até que desapareceram e depois se dirigiu a sir Thomas enquanto subiam as escadas.

—O que parece, sir Thomas? Temos que acreditar na advertência desse homem? perguntou com expressão lúgubre e aguardou a resposta de seu amigo.

—Eu gostaria de acreditar que suas palavras são falsas, mas duvidar delas seria tolice. É melhor nós prepararmos para um ataque que não aconteça, do que o Falcão Negro e seus homens nos encontrem desarmados.

—Estou de acordo. Devemos nos preparar. Enviarei uma mensagem aos reinos vizinhos; se unirmos nossas forças, poderemos montar um exército o bastante grande para rechaçar aos atacantes.

—Deseja que cavalgue pela manhã, milorde, e leve a notícia?

—Sim. Quanto antes começemos a planejá-la, melhor será nossa defesa.

Lorde Alfrick se dirigiu ao seu quarto e sir Thomas se retirou ao seu. Ambos sabiam que aquela noite já não voltariam a dormir.

Enquanto isso, fora, no pátio, uma solitária figura surgiu de seu escuro esconderijo e seguiu o guarda e ao traidor em silêncio.

CAPÍTULO 1

O vento inchava as velas dos três drakkar vikings ¹e os impulsionava através das águas, encabeçados pela nave que levava o emblema do Falcão Negro, pilotada certamente por seu capitão em direção ao sudoeste. Tinham zarpado de sua pátria fazia só três dias e agora aproximavam-se de sua meta: A costa saxã.

—Quanto falta para que avistemos terra? perguntou Seger, um guerreiro robusto que navegava na nave capitã, sem tirar os olhos do mar.

—Se o vento não deixar de inchar as velas, deveremos avistar a costa dentro de dois dias. — respondeu Neils.

—Bem, disse Seger com um sorriso de lobo, pensando na iminente batalha. Sentia falta das incursões — Faz muito tempo que não entro em ação, e o braço que maneja a espada necessita prática!

—Acredito que o Falcão Negro compartilha seus sentimentos. Comentou Neils e soltou uma gargalhada, indicando com a cabeça a Brage Nordwald, seu chefe, também conhecido como o Falcão Negro. O viking alto e de complexão forte estava de pé na pequena coberta dianteira do navio, espada em mão — Possivelmente seja o motivo pelo qual zarpamos duas semanas antes que os outros.

¹ Dracar ou Drácar (forma aportuguesada para a palavra nórdica antiga Drakkar - navio-dragão) é o nome genérico pelo qual são conhecidas as embarcações vikings que tinham por principal característica uma cabeça de dragão na proa, a junção de velas e remos, navegação tanto em águas profundas quanto rasas e usado para o transporte de soldados, mercadorias e nas conquistas.

—Sempre procura contar com o fator surpresa. Ninguém nos estará esperando. É um grande guerreiro e servir sob seu mando é um privilégio.

—É um homem preparado. Faz três anos aceitei o compromisso de lutar junto a ele, e jamais o lamentei. Minha parte do prêmio aumentou em cada temporada.

—Ninguém o iguala quando se trata da pilhagem. Golpeia sem avisar, cobra seu prêmio e desaparece com rapidez.

—Meu pai seguia a Anslak, o pai de Brage, e agora eu o seguirei aonde quer que me conduza.

—E se o que ouvi é verdade, está nos conduzindo a um dos reino mais ricos da costa.

Ambos sorriram ao pensar nos tesouros que logo seriam deles. Voltaram a dar uma olhada em seu chefe de pé na frente deles, valente e orgulhoso. Sentiam-se invencíveis ao saber que seria ele quem os conduziria na batalha.

—Ninguém pode derrotar Falcão Negro.

Brage tinha planejado aquele ataque com muito cuidado, e não via a hora de entrar em combate. Esquadrinhava o horizonte e pensava na batalha futura segurando o punho dourado de sua espada. Lorde Alfrick não seria um adversário fácil. Por isso tinha zarpado antes: Queria pegar os saxões despreparados. Fazia tempo

que tinha aprendido a aproveitar todas as armas possíveis, e a surpresa era a ferramenta mais eficaz quando se tratava de um ataque.

—Bem, irmão meu, está preparado para acrescentar ainda mais riquezas a suas arcas já repletas? —perguntou Ulf, aproximando-se de Brage.

— Como sempre. — respondeu este com um sorriso e voltou a embainhar a espada.

Ulf era o meio-irmão mais velho de Brage, filho da amante do pai de ambos. Mas além de sua estatura e seus olhos azuis, não guardavam uma grande semelhança física. Ulf era loiro e grande como um urso, robusto e de músculos muito desenvolvidos. Muitos inimigos tinham acreditado que ele era lento devido a seu tamanho e isso tinha sido um engano letal. Por outra parte, Brage era magro mas musculoso. A diferença de Ulf, seus cabelos eram escuros. De meninos tinham sido rivais fogosos; sempre tratavam de superar-se mutuamente para demonstrar seu valor a seu pai guerreiro. Entretanto, quando se transformaram em homens, tinham deixado de lado sua rivalidade e começado a participar juntos das incursões, obtendo elogios por sua valentia.

—Tome cuidado. — advertiu Ulf — Não se exceda na confiança.

— Confio em meus homens e no fato de que lorde Alfrick não nos está esperando. Embora sua torre seja sólida, não deveria supor um grande desafio para nós, posto que não teve tempo de

preparar-se. Uma vez que cheguemos a terra, em poucos dias conseguiremos encontrar um tesouro considerável. O fator surpresa nos ajudará.

—Pelo bem de todos, espero que as coisas se desenvolvam como diz.

—Assegurar de que seja assim é minha responsabilidade. Planejei muito cuidadosamente.

—Se não fosse por um juramento aos deuses, seria eu quem encabeçaria este ataque. Em vez disso, fui relegado por nosso pai para o cobrir nas costas. Comentou Ulf, rindo e sacudindo a cabeça com ar aflito, como se aceitasse seu destino.

—E realiza uma tarefa magnífica. Brage aplaudiu o ombro de seu irmão — Se não fosse por você, faz tempo que estaria morto. Leva as cicatrizes que testemunham sua lealdade.

Uma larga cicatriz sulcava a bochecha direita de Ulf e acabava justo debaixo do olho, um troféu de uma batalha especialmente dura ocorrida fazia anos, a primeira vez que ambos navegaram juntos.

—Por isso o advirto. repôs ele — Não necessito mais cicatrizes que destruam minha aparência.

—Não tema. As runas profetizaram que atrás deste ataque teria um grande tesouro.

—As pedras nunca mentem.

—Além disso, nenhum saxão está à altura de meus homens. Quando começar o ataque, a vitória será nossa. Brage contemplou seus guerreiros, que só na nave capitã formavam um grupo de cinquenta homens. A melhor força jamais reunida, e nunca tinham sofrido uma derrota.

—Comprovarão todo o poderio do Falcão Negro. assentiu Ulf.

Sorrindo, Brage dirigiu os olhos ao horizonte. Era agradável voltar a navegar. O futuro parecia promissor.

Lady Dynna percorria seu quarto com passos inquietos. Da morte de sir Warren, seu marido, depois de um trágico acidente de caça fazia uns seis meses, e cujas circunstâncias ainda a perturbavam, tinha optado por comer em seus aposentos afirmando a necessidade de estar sozinha enquanto trajava o luto, e a família de seu marido tinha respeitado seu desejo. Mas desde o dia anterior, tudo tinha mudado.

Dynna deu uma rápida olhada ao grande espelho de bronze pendurado na parede e examinou sua imagem refletida. Uma juba de cabelo azeviche emoldurava seu rosto. Estava um pouco pálida, mas isso era de esperar posto que, depois da prematura morte de Warren, tinha permanecido presa em seu quarto quase todo o tempo. As sobrancelhas escuras formavam um

delicado arco por cima dos grandes olhos cinzas que a contemplavam com expressão angustiada e desesperada. Seus lábios não sorriam, e isso a preocupava, porque antigamente tinha amado rir e desfrutar da vida. Mas não. Agora não havia quase nada que a alegrasse, sobretudo desde que o dia anterior, lorde Alfrick, seu sogro, tinha reclamado sua presença para lhe dar uma notícia.

A lembrança de lorde Alfrick ordenando que se casasse com sir Edmund, o irmão menor de seu marido falecido, lhe provocou um estremecimento de repugnância. Procurou reprimir a reação e tratou de controlar suas emoções. Pode ser que lorde Alfrick insistisse em que se casasse com sir Edmund, mas as bodas ainda não tinham acontecido. Ainda tinha tempo para se prender à esperança de encontrar um modo de evitar esse destino funesto...

Dynna se dispôs a descer e jantar com a família, decidida a manter uma atitude distante, majestosamente distante. Não queria que ninguém suspeitasse que estava desesperada para fugir da horrenda sina que os homens poderosos de sua vida queriam lhe impor.

Consciente de que não podia prolongar a demora, lady Dynna abandonou o quarto e dirigiu-se à escada de pedra que conduzia a Grande Sala. Quando alcançou a parte superior da escada topou com sir Edmund, que subia nesse preciso instante. Teve que esforçar-se para não entrar em pânico.

Dynna sabia que muitas das mulheres da torre consideravam que Edmund era muito vistoso graças a seus cabelos

loiros e seus olhos escuros. Mas Dynna não se deixava enganar por sua atitude. Tinha examinado sua alma e conhecia a maldade de seu coração. Enquanto que Warren tinha sido um homem bom e gentil, Edmund desfrutava causando dor. Enquanto que Warren tinha dado prioridade às necessidades dos outros, Edmund satisfazia seus próprios desejos e o único que importava era ele mesmo. Era um homem egoísta, de caráter fraco e fé ainda mais escassa. Dynna detestava admitir que a assustava, mas não tinha dúvida que era verdade.

Edmund lhe deu um sorriso enviesado que expressava vitória e, em última instância, posse.

—Boa noite, minha lady. Disse em um tom que transbordava intimidade e desejo.

—Não sou «sua» lady e nunca o serei. Respondeu Dynna no tom mais altivo de que foi capaz, recorrendo à raiva para esconder o temor que ele inspirava. O olhar lascivo de Edmund insinuava que conhecia o aspecto de seu corpo nu e a ideia a turvou.

—Ah, mas logo será minha, disse em voz baixa, deu um passo para ela e lhe roçou a bochecha. — Papai manifestou seu desejo a respeito, assim está decidido. Não passará muito tempo antes que a tome por esposa.

—Ainda estou de luto por seu irmão.

—Meu irmão já não está, minha doce Dynna, mas eu estou aqui.

—Por acaso não é uma deslealdade e uma ofensa que fale de seu irmão desse jeito? Sua morte não o deixa com o coração partido?

Em que pese a seus protestos e por seu jeito de falar do Warren, Edmund estava convencido que o desejava tanto como ele a ela. Nenhuma mulher o tinha rechaçado jamais.

—Faz muito tempo que está sozinha. Necessita um homem de verdade, que esquente seu sangue e para sempre apague a lembrança de alguém que agora está morto.

Dynna sentiu que o rubor cobrir seu rosto, causado pelas palavras ousadas do homem. Retrocedeu um passo, afastando-se dele.

—É impróprio que me diga isso.

O sorriso de sir Edmund tornou-se mais amplo.

—Tome cuidado, estimada Dynna. Não sou um homem que se desanima com facilidade.

Tinha-a desejado desde a primeira vez que a viu, fazia dois anos, quando chegou a seu reino para casar-se com o Warren. Tinha sido muito paciente antes de pretendê-la, mas a espera estava a ponto de chegar ao fim. Seu pai tinha decretado que fosse dele... junto com seu abundante dote.

—Sou a esposa de Warren. Dynna manteve uma pose rígida e falou em tom depreciativo. Mas inclusive ao pronunciar essas palavras, seu coração batia rapidamente. Edmund tinha poder sobre ela, e ambos sabiam. Agora que era o único filho de seu pai, lorde Alfrick concederia todos seus desejos.

—É a viúva de Warren,grunhiu Edmund, franzindo o cenho e ficou irritado pela crítica. —É uma mulher desprotegida. Não tinha o direito de o repreender; afinal de contas, era só uma mulher, um mero pertence pelo qual os homens regateavam segundo sua vontade. — Meu irmão está morto e enterrado. A partir de agora, seu luto terminou.

O rubor que teve por um instante tinha tingido seu rosto se desvaneceu ante o frio juízo. Dynna sentia-se intimidada e indefesa, mas sabia que não devia demonstrar temor nem debilidade e lhe devolveu um olhar tão acirrado como o dele.

Sir Edmund viu a faísca de desafio em seus olhos e também seu porte altivo. A provocação que apresentava o excitou. Sem desviar os olhos acariciou seu antebraço.

—Uma vez que estejamos casados, minha Dynna, dedicarei-me a explorar até onde chega seu orgulho; a dominar será um grande prazer.

—Jamais me submeterei a você.

—Ah, mas o fará. Não se engane. E agora permita que lhe acompanhe ao salão. Meu pai aguarda sua agradável presença.

Dynna se esforçou por não separar-se quando Edmund a segurou pelo braço, e a contra gosto murmurou umas palavras de agradecimento.

Queria lhe dizer que preferia morrer antes de submeter-se a ele, mas guardou silêncio. Sem o amparo de um marido, limitava-se a ser um peão em uma partida jogada por homens poderosos. A lorde Alfrick e sir Edmund seus desejos pouco importavam. A única coisa que ela queria era voltar ao lar de seus pais e passar o resto de sua vida em paz e solidão. Não obstante, lorde Alfrick queria apoderar-se de seu excelente dote, que consistia no aluguel de algumas das granjas que arrendava seu pai. Alfrick nunca permitiria que esse dinheiro escapasse. Manteria a ela e seu dote sob seu controle casando-a com sir Edmund.

Ao descer as escadas, sir Edmund a agarrou pelo braço e a atraiu para si. Era pequena e muito feminina, e poder tocá-la assim por fim proporcionava uma incrível sensação de poder. Quando alcançaram um pequeno patamar, arrastou-a até as sombras.

—O que faz, Edmund...?

Dynna não pôde prosseguir porque ele interrompeu suas palavras com um beijo ardente e pressionou seu corpo contra o dela.

Sentiu-se aturdida, mas só um momento. Logo reagiu indignada ante semelhante violação e bateu com todas suas forças. Seu grunhido de dor a agradou, mas só um instante. Edmund não a

soltou, mas sim a apertou com mais força e a beijou mais profundamente. Dynna o empurrou para se separar.

—Seu vilão! Como ousa me tocar?

Sir Edmund viu as chamas de ira em seu olhar e considerou que nunca tinha estado mais bela.

—Ousaria muitas coisas com você, Dynna. —disse, com um sorriso significativo.

Atemorizada por sua luxúria manifesta, Dynna procurou afastar-se, escapar de sua repugnante proximidade, mas ele a impediu agarrando-a pelo braço. Cravou os dedos em suas suaves carnes, soltou uma gargalhada e a atraiu para si.

—Desceremos juntos.

Dynna apertou as mandíbulas e assentiu com a cabeça.

No grande salão lotado de homens reinava o rebulício. Tinham chegado forças suplementares de dois reinos vizinhos, com o fim de incrementar as defesas da torre em caso de uma possível incursão viking; agora se reuniam para compartilhar o jantar. Sentados na frente das mesas, os homens acompanhavam a comida com abundantes goles de cerveja e hidromel. Falavam em voz alta e rude, e alardeavam de sua disposição para enfrentar ao temíveis homens do norte.

Sir Edmund acompanhou Dynna até seu assento junto a lorde Alfrick, na mesa elevada que estava na parte central do salão. Ela sentou-se e, conseguiu sorrir amavelmente a todos, sentia-se como um passarinho preso.

—Me alegro de que tenha decidido se reunir conosco, Dynna, a saudou lorde Alfrick. — Sentimos falta de sua bonita presença em nossa mesa.

—Temo que até agora não tenha considerado adequada minha companhia, milorde. A perda de meu amado Warren me entristeceu profundamente.

Ao recordar a morte de seu filho mais velho, a tristeza encheu o olhar de lorde Alfrick.

—Eu também sinto falta de Warren, mas temos que continuar com nossas vidas. Ele teria desejado assim.

—Sim, milorde. — Dynna simulou aquiescência e respeito, mas sabia que no íntimo não os sentia. Sabia que lorde Alfrick era um homem frio e calculista que a única coisa que importava era seu dote, não sua felicidade. Porque do contrário teria compreendido que ela não estava disposta a contrair um novo matrimônio e que, inclusive se fosse assim, jamais teria eleito a Edmund como marido.

Enquanto serviam a comida e começavam a comer, Dynna conseguiu trocar algumas palavras com outros comensais. Transcorridos uns momentos, começaram a falar do guerreiro viking conhecido como o Falcão Negro, corria o boato que estava a ponto de atacar. Dynna perguntou-se como lorde Alfrick sabia do ataque iminente.

—Estamos mais que aptos a enfrentá-los, disse Edmund a seu pai em tom crédulo. Fazia várias semanas que treinava com os homens e sabia que estavam preparados para o combate.

—E você o que opina, sir Thomas? Presenciou mais ataques que meu filho. Perguntou lorde Alfrick a seu amigo, sentado à mesa junto a eles. — Tem razão Edmund? Derrotaremos ao Falcão Negro?

Que seu pai não confiasse em sua avaliação da situação enfureceu Edmund, mas o dissimulou e prestou atenção à opinião do homem mais velho que ele.

Durante um momento, sir Thomas refletiu em silêncio, com expressão séria; depois coincidiu com a avaliação de Edmund.

—Sim, milorde. Acredito que derrotaremos ao atacante, em caso de que ouse nos atacar. Estamos preparados.

Lorde Alfrick assentiu com a cabeça, ficou de pé e dirigiu-se aos ocupantes do grande salão:

—Faz muito tempo que o Falcão Negro tem sido uma ameaça para nós e nossos vizinhos. Chegou a hora de apagar da face da Terra aos saqueadores pagãos do norte que atacam minhas terras e tomam meus súditos como reféns. Se nos atacar, acabaremos com sua vida!

Encabeçados por sir Edmund, os homens soltaram um rugido de aprovação.

Dynna não prestou muita atenção a suas palavras raivosas e sedentas de sangue. Tinha ouvido todas as histórias horrorosas sobre os vikings, que se dedicavam ao saque, pilhagem, seqüestro e a matança. Não pôde deixar de se perguntar se caísse em suas mãos seria um destino pior que ver-se obrigada a casar com Edmund. E recordar a deixou de um humor ainda mais lúgubre. Nenhuma das duas opções oferecia a oportunidade de uma existência feliz.

Dirigiu o olhar para Edmund e, ao ver a ansiedade dele entrar em combate refletida em seus olhos escuros, jurou que nunca se casaria com ele. Antigamente sua torre tinha sido um doce lar para ela, mas agora se transformou virtualmente em um cárcere. De modo algum conseguiria escapar! Retornaria ao refúgio seguro do lar paterno.

Uma vez acabado o jantar, Edmund se afastou para falar com os homens e Dynna conseguiu escapulir. Abandonou a sala sem pressa, para não chamar a atenção, mas assim que subiu as escadas e comprovou que ninguém a observava, acelerou o passo e não parou até estar presa em seu quarto.

Quando por fim se encontrou a sós, Dynna aguardou que o quarto transmitisse a habitual sensação de conforto e segurança que estava acostumada a rodeá-la em seus aposentos, mas os pensamentos que a torturavam não lhe deram trégua. Quanto mais tempo dedicava a recordar os acontecimentos daquela noite, maior era seu temor de que jamais voltaria a desfrutar de um instante de paz enquanto permanecesse na torre.

Bateram na porta com suavidade e Dynna sobressaltou-se.

Seria Edmund?

—Sim? Quem é?

—Sou eu, milady, Matilda. Acreditei que possivelmente necessitaria ajuda para preparar sua cama.

Dynna relaxou ao ouvir a voz de sua fiel dama de companhia. Matilda só tinha treze anos quando se converteu em sua criada, e Dynna só cinco. Depois de anos Dynna tinha ido ao reino para casar-se com sir Warren, Matilda a tinha acompanhado. Depois da morte de Warren, a magra e ruiva Matilda tinha sido sua única amiga leal e sua protetora. Dynna ansiava desesperadamente para contar seus problemas.

—Milady! O que aconteceu? Algo não anda bem? — Matilda viu que estava pálida e sua expressão era angustiada. Dynna fechou a porta com o ferrolho e depois arrastou Matilda afastando-a da soleira, temendo que alguém que passasse escutasse o que estava a ponto de contar.

—Sir Edmund me acompanhou até a sala e... —começou.

—E o quê?

—E insistiu que se casará comigo... logo. Disse, fazendo insistência na última palavra.

—Não. Isso é absolutamente impensável. Matilda estava espantada.

—É o último homem do mundo com quem me casaria! exclamou Dynna com a voz embargada pela emoção — Como pode

pensar que estaria disposta a voltar a contrair matrimônio tão logo, depois da morte de Warren? Nem sequer passou um ano. Os olhos se encheram de lágrimas e as enxugou com a mão. Não era momento para a debilidade.

—Temo por você. Para sir Edmund a morte de seu irmão não importa muito. Sempre quis apoderar-se de seu dote, mas isso não é tudo o que deseja, declarou Matilda sem rodeios.

—Sei, assentiu lady Dynna, quer controlar tudo, e a todos. Vi como me olha. Fez uma pausa e estremeceu ao recordar o toque de suas mãos. — Tenho que volta para junto dos meus pais. Disse. — É a única solução. Ali estarei a salvo dele.

—Acredita que lorde Alfrick a deixará partir? Matilda sabia como era ambicioso e duvidava que lady Dynna pudesse abandonar seu reino.

—Não, e por isso necessito de sua ajuda.

—O que posso fazer, milady?

—Devo escapar antes que me obriguem a me casar. Tenho que retornar a meu lar. Tenho que encontrar uma solução inteligente...

—Escapular?

—É a única maneira. Se tiver que me disfarçar para fugir, disfarçarei-me.

O olhar da Matilda se iluminou e sorriu pela primeira vez depois de ter entrado no quarto.

—Poderia conseguir as roupas velhas dos criados... sugeriu.

Dynna sentiu um raio de esperança ao encontrar-se com o olhar de sua amiga.

—Virá comigo?

—Certamente, milady! Deus sabe que perigos poderia encontrar. Necessitará de meu amparo.

Dynna a abraçou impulsivamente.

—Quando poderá providenciar as roupas?

—Encontrarei algo que possa usar. Uma vez que o ponha, ninguém a reconhecerá.

—Tem que ser logo, Matilda. A julgar por sua maneira de atuar, sir Edmund não está disposto a esperar muito mais. Está decidido a me ter como sua mulher.

—Não lhe daremos a oportunidade, milady.

As palavras de apoio de sua criada levantaram seu ânimo.

—Iremos para casa, Matilda.

Para Brage, os dias de navegação passaram com rapidez. Amava a liberdade que supunha voltar a estar a bordo de sua nave. As águas indômitas e selvagens se correspondiam com sua alma inquieta. Quando o navio sulcava o mar a toda velocidade e o vento

açoitava seu rosto, era como se voasse igual a seu homônimo: O falcão.

Que os ventos fossem propícios tinham agradado a Brage. Segundo seus cálculos, avistariam a costa nesse mesmo dia. Levava o leme desde o amanhecer, montando guarda.

—Bem, hoje é o dia, afirmou Ulf aproximando-se de seu irmão.

Brage assentiu, sem separar a vista do horizonte.

—Amanhã de noite deveremos estar repartindo o tesouro de lorde Alfrick, disse.

Nesse momento Brage divisou a tênue silhueta da costa ao longe. Chamou seus homens e estes soltaram gritos. Por fim! Logo atacariam!

Kristoffer, filho de Anslak e Tove, sua segunda mulher, ouviu o grito de seu irmão maior e se apressou a reunir-se com ele e Ulf. Aos dezenove anos, estava ansioso por aventuras e de igualar a Brage sua reivindicação das riquezas do mundo. Estava convicto que algum dia seria tão célebre como o Falcão Negro.

—Logo voltaremos a lutar. A expressão de Kristoffer era ansiosa enquanto observava como a costa começava a aparecer.

—Hoje o cachorrinho está batalhador, disse Ulf.

—Passei muitos invernos frios esperando por este dia.

—Ah, Kris, deveria ter buscado uma empregada serviçal para que lhe desse calor. Brage soltou uma risadinha.

—Posso conseguir uma mulher qualquer noite. O calor da batalha é muito mais excitante! Estou mais que preparado para esta.

—Quando chegar a manhã seu desejo se cumprirá.

Brage concentrou-se na linha da costa. Sabia onde se encontravam e que o desembarcadouro deserto estava mais ao sul, o bastante próximo à torre de lorde Alfrick para que seus homens pudessem percorrer a distância sem problemas, mas suficientemente protegidos para não ser descobertos. Fez avançar suas naves e por fim avistou o ponto de referência que estava procurando.

Rapidamente, antes que anoitecesse, Brage ordenou que suas naves se aproximassem da costa. Com velocidade e tirando proveito de sua experiência, os vikings pilotaram suas embarcações até uma zona protegida onde não poderiam ser facilmente descobertos. Os outros dois navios se uniram ao de Brage. Passariam a noite a bordo e desembarcariam ao amanhecer.

Para a Dynna, os dias seguintes a sua decisão de fugir da torre tinham transcorrido a passos lentos. Não parecia ter maneira de escapar da presença opressiva de Edmund, salvo quando se ausentava da torre para treinar com seus homens.

O resto do tempo, fosse aonde fosse ele sempre estava perto, observando-a com olhar ansioso e turvo. Sua atitude

vigilante e predadora a inquietava, mas também incrementava sua determinação de escapar.

—Tenho as roupas! exclamou Matilda em tom excitado ao entrar apressadamente no quarto de Dynna uma tarde, três dias depois da conversa inicial. Deteve-se para fechar a porta com chave e depois correu para Dynna e entregou o pacote que levava. — Seu disfarce, milady.

Dynna desempacotou com rapidez. Ao ver as roupas de aldeã se sentiu inundada pela esperança.

—Obteve! exclamou, animada e aliviada — Partiremos nesta mesma noite!

—Esta certa de quer fazer?

—Nunca estive mais certa de nada em toda minha vida. afirmou Dynna e a lembrança do beijo de Edmund alimentava sua necessidade de fugir.

—Podemos abandonar a torre pela porta dos criados. Se a sorte nos acompanhar...

—Não, não a sorte: Deus. Se Deus nos acompanhar e der sua bênção, conseguiremos escapar sãs e seguras, a corrigiu.

Ambas trocaram um largo olhar de cumplicidade e depois se dispuseram a planejar ponto a ponto seu plano.

Embora Dynna se sentisse aborrecida a cada um dos minutos que se via obrigada a passar em companhia de lorde Alfrick e sir Edmund durante o jantar, naquela noite em particular, parecia mais interminável que nunca. Uma vez mais sentada junto a

Edmund, Dynna tratou de fazer caso omissso de seu olhar ardente e o ocasional toque «acidental» de sua mão na sua.

Igual às noites passadas, a conversa girava em torno da ameaça do ataque viking. Quanto mais Edmundo falava da guerra, menor era a atenção que prestava a ela, e isso a agradava. Quando falavam da batalha e das armas, Edmund se excitava e seus olhos brilhavam com íntimo ardor. Embora era evidente que a desejava, Dynna sabia que para ele era um objeto a ganhar, como uma batalha. Uma vez que se apoderasse dela, não se deteria até dominá-la por completo e, uma vez que tivesse dobrado seu espírito, deixaria-a de lado: Outro troféu para ser exibido.

A possibilidade do futuro como esposa de Edmund só fazia que as escassas horas que faltavam para sua fuga fossem mais difíceis de suportar, e teve que esforçar-se por dissimular seu desejo de que o jantar chegasse ao fim. Cada minuto lhe pareceu eterno, até que por fim chegou a hora de retirar-se.

Quando sir Edmund se afastou para comentar estratégias com sir Thomas, Dynna se dispôs a retornar ao seu quarto. Tinha esperado passar despercebida, mas para seu desespero, Edmund levantou os olhos justo quando abandonava a mesa. Desculpou-se com rapidez e se aproximou para interceptá-la.

CAPÍTULO 2

—Já está indo? perguntou sir Edmund, aproximando-se de Dynna como um caçador se aproxima de sua presa.

—Estou um pouco cansada. — respondeu, com a esperança de que seu tom expressasse sua fadiga de um modo convincente.

—Vos rogo que me permita que a acompanhe até o seu quarto. Edmund a agarrou pelo braço com confiança possessiva.

Dynna arrepiou, mas não se separou.

—Realmente não é necessário,disse.

Edmund inclinou a cabeça para ela persuasivamente e a conduziu para as escadas de pedra.

—Uma noite, muito em breve, querida minha, você e eu subiremos estes degraus juntos e quando alcançarmos seu quarto faremos algo mais que dormir.

—Me dizer essas palavras é perverso, Edmund. Já disse que meu coração e meu amor ainda pertencem a Warren. Seu irmão é meu marido e...

—Era seu marido! grunhiu ele, aborrecido de que manifestasse seus sentimentos por seu irmão mais velho. Warren tinha sido um modelo de virtudes tal que viver eclipsado por ele não deixava de atormentar Edmund. Por fim se livrou de Warren, e não sentia falta dele. De fato, sua ausência era um enorme prazer. A

prematura morte de seu irmão o tinha transformado em herdeiro das terras de seu pai e estava a ponto de apoderar-se tanto da viúva de seu irmão como de seu dote. Sim, agora começava a desfrutar da vida de verdade.

—Warren sempre viverá em meu coração, declarou ela.

—Diz tolices. É livre para voltar a se casar e o fará, Dynna. Casará comigo... e logo!

Dynna ficou tensa.

Ele percebeu sua resistência e a segurou com mais força.

—Não lute contra mim. Advertiu. — Não lhe servirá de nada.

Já tinham alcançado seu quarto e Edmund parou na frente de sua porta.

—Deveria compreender, doce Dynna, que sempre obtenho o que desejo.

—Boa noite, Edmund, disse Dynna com frieza e esticou a mão para abrir a porta.

Seu tom cortante o enfureceu e a agarrou pela mão. Enquanto tratava de abraçá-la, a porta se abriu repentinamente do interior.

—Lady Dynna? É você, milady? —perguntou Matilda justo no momento oportuno.

—Sim, sou eu, Matilda. Dynna aproveitou a surpresa de Edmund ante a interrupção e se refugiou no quarto — Boa noite, Edmund.

Demonstrando uma grande raiva, fechou-lhe a porta no nariz.

Edmund cravou o olhar na porta fechada, debatendo-se entre a ira e uma admiração relutante pela ousadia dela. Queria derrubar a porta e possuí-la ali mesmo, diante de sua arrogante criada. Sua atitude desafiante o excitava, mais que nenhuma outra mulher. Dynna era uma mulher bela e desejava sentir seu corpo sob o dela na cama. A ideia o fez sorrir e retornou ao salão para reunir-se com os homens.

—Partiu, milady! —sussurrou Matilda, apoiando a orelha contra a porta e escutando os passos que se afastavam.

—Graças a Deus! Estava tão furioso que temi que tratasse de derrubar a porta.

—Mas não o fez.

—Tem razão. Estamos a salvo, no momento. Nos preparemos!

Dynna iniciou sua transformação de dama aristocrática em aldeã.

—O mais difícil será atravessar o Grande Salão. — comentou Matilda. — mas depois de uma hora, a maioria dos homens ou estarão dormindo ou bêbados. Com um pouco de sorte não notarão nossa presença e, uma vez que tenhamos saído da torre, o resto será simples. Claro que avançaríamos com maior rapidez se dispuséssemos de cavalos.

—Não podemos nos arriscar a pegar cavalos. —afirmou Dynna —sentiriam falta deles imediatamente. Será melhor que façamos a viagem a pé; assim será menos provável que chamemos a atenção. Poderemos atravessar as aldeias e a presença de duas aldeãs não será nada fora do comum.

—Quanto calcula que demoraremos para alcançar o lar de seus pais? —A ideia de retornar agradava a Matilda.

—Acredito que levará uns dois dias, se tudo sair como planejamos.

—Tudo irá bem. —lhe assegurou Matilda e levantou um pequeno pacote. — Tenho um pouco de pão e queijo. Não passaremos fome.

Matilda a ajudou a vestir as roupas singelas. Tirou-lhe a magra *Gunna* e a túnica de lã, e colocou o vestido de linho rústico marrom, o traje habitual das aldeãs. Quando Dynna por fim esteve vestida, durante um momento Matilda a olhou fixamente e em silêncio. Inclusive ao levar roupas muito humildes, sua majestosa beleza e seu porte elegante eram inconfundíveis. Teria que explicar como atuar como uma camponesa.

—Que aspecto tenho? —perguntou Dynna, que ainda não tinha se olhado no espelho.

—Esta vestida como uma aldeã, mas não deve se pôr tão ereta.

—Por quê?

—Seu porte é muito elegante para um membro da classe baixa, milady. Se quer passar por uma criada, deve abaixar os olhos e falar com menos clareza. E deve se encurvar ao andar: Qualquer um que a veja com seu porte atual saberá que não é uma aldeã qualquer.

—Tem que me explicar tudo o que preciso saber. Nossa fuga depende disso. Não posso me arriscar a cometer um engano.

—Sim, mil...

—Sim «minha» o quê? —repreendeu-a Dynna.

—Sim, senhora.

—Isso está melhor. Um lapso poderia nos delatar, com a mesma facilidade que minha própria atitude. Temos que tomar cuidado.

Após Matilda lhe mostrasse como mover-se como se carregasse todo o peso do mundo, Dynna aproximou-se do espelho. Com efeito: Tinha um aspecto muito diferente envolta na túnica gasta e sem adornos, calçada com os singelos sapatos de couro brando, mas a escura cabeleira de suaves cachos ainda lhe cobria os ombros.

—Tenho que trançar meus cabelos e recolhê-los. Não quero que me reconheçam.

Matilda assentiu e formou uma única trança com o cabelo lustroso.

—Logo será bastante tarde para nos pôr em marcha. — disse Dynna.

—Estou preparada. —respondeu a fiel criada.

Dynna se dirigiu à estreita janela e deu uma última olhada à comarca envolta nas sombras da noite que tinha sido seu lar durante dois anos. Pensou em Warren e no amor que tinham compartilhado. A seu lado, havia sentido uma afinidade por aquelas terras e seus habitantes, mas agora só sentia solidão. Seria bom retornar a seu verdadeiro lar, a um lugar onde era amada por ser ela mesma e não só desejada pela riqueza de seu dote.

A ideia de retornar junto a seus pais lhe causou um sorriso. As penúrias que talvez sofreria nos dias vindouros valeriam a pena, e era a condição de voltar junto a eles sã e salva.

Dynna sorriu para sua criada e agarrou o manto que esta lhe estendia. Levantou o capuz e cobriu o rosto para ocultar seus traços ante qualquer um que a contemplasse. Matilda fez o mesmo com seu próprio manto. Dynna deslizou sua pequena adaga com jóias no cinto e, depois de jogar uma última olhada ao quarto, estava preparada para partir.

As duas mulheres saíram sigilosamente dos aposentos e desceram as escadas com grande cautela. Dynna não esqueceu de abaixar os olhos e caminhar como se tivesse passado o dia trabalhando duro.

Ainda havia certa atividade no Grande Salão e o temor de serem descobertas as aterrava à medida que percorriam o recinto iluminado por tochas. As vozes profundas dos homens que as rodeavam aumentavam seu terror e tiveram que esforçar-se para

não pôr-se a correr. Quando por fim atravessaram a sala e cruzaram a ponte levadiça sem chamar a atenção dos escassos guardas, o coração batia apressadamente.

Sem separar-se uma da outra, Dynna e Matilda empreenderam caminho à aldeia. A escuridão que as envolvia era como um abraço quente que lhes proporcionava segurança.

Quando começou a clarear para o leste, Brage despertou seus homens e ordenou que os drakkar se aproximassem da costa. O escasso bordado das naves facilitou o acesso e recorreram aos remos para as guiar melhor.

Uma vez que as naves atracaram em terra estranha, em silêncio e sem serem vistas, Brage se dirigiu a Ulf.

—Quero que acompanhe Seger e Neils, —ordenou— igual a você, ambos têm certo domínio da língua saxã. Vá ver o que nos aguarda. Deveríamos estar a só uma hora de marcha da torre. Reconhece a zona e comprova se toparemos com alguma resistência.

Ulf chamou os outros dois, colocou a espada no cinto, o casco e pegou sua tocha de guerra. Sempre se preparava para o pior; assim, nunca o pegavam de surpresa. Ulf não gostava de surpresas.

Seger e Neils se apressaram a acompanhá-lo. Depois de recolher suas armas e colocar o casco, reuniram-se com Ulf na margem. Os três se dirigiram terra adentro para percorrer a zona.

Durante sua ausência, Brage e o resto de seus homens quase cento e cinquenta guerreiros se prepararam para entrar em combate. Fizeram-no em silêncio, posto que não queriam que ninguém soubesse que estavam ali. Brage colocou seu acolchoado colete de couro em cima da túnica, as calças de lã, e ajustou a vagem, sentindo o peso da espada. Depois de colocar o casco, recolheu o escudo com o emblema do Falcão Negro, abandonou a nave e aguardou a chegada dos outros na margem.

Os vikings acabaram de preparar-se para a iminente batalha, recolheram suas armas e seus escudos e se reuniram com seu chefe. Os homens maiores e robustos levavam tochas de guerra. Sua enorme força permitiria abrir caminho através dos inimigos. Outros, menos dotados, estavam armados de arcos e flechas, e outros mais carregavam lanças e espadas. Em conjunto, formavam um exército temível. E tinham um só objetivo: Alcançar uma vitória total e se apoderar do troféu de guerra.

Brage se orgulhava de seus homens. Sabia que lutariam bem durante o ataque iminente. As runas tinham profetizado que obteria um tesouro mais precioso que nunca, e estava desejando que chegasse o momento.

Enquanto esperavam a volta de Ulf, Seger e Niels, os homens do norte elevaram suas preces a Odín e rogaram sua ajuda

na batalha iminente. Eram fortes e confiantes, acostumados a alcançar a vitória graças a sua força e seu poderio; ainda não os tinha afetado a temível astúcia que supõem o engano e a traição.

Depois de fugir da torre a noite passada, lady Dynna e Matilda tinham trocado escassas palavras. Protegeram-se envolvendo-se nos mantos enquanto percorriam o caminho até alcançar os subúrbios da aldeia. Optaram por não cruzar a pequena população e tomaram um pequeno atalho através do bosque; Matilda ia na frente. A luz era escassa, mas Matilda conhecia o caminho. Conseguiram deixar para atrás a aldeia e logo retomaram o caminho.

Caminharam durante toda a noite sem parar, a fim de pôr a maior distância possível entre elas e a torre. Dynna não queria estar perto quando descobrissem que tinha desaparecido.

Pouco antes do amanhecer procuraram refúgio em um bosque e comeram. Sabia que em poucas horas sir Edmund descobriria e começaria a procurá-la. Se conseguisse evitar a ele e a seus homens durante as próximas vinte e quatro horas, era muito possível que conseguissem alcançar o refúgio seguro no lar dos pais de Dynna.

Acomodaram-se, com a intenção de descansar um momento; não queriam ficar adormecidas, só um cochilo durante

uns minutos, mas quando fecharam os olhos sua energia se desvaneceu, as deixando exaustas, e adormeceram.

Ulf, Seger e Neils não perderam de vista entre si enquanto exploravam a zona, tal como tinha pedido Brage. Ao remontar uma pequena costa, Ulf vislumbrou um ligeiro movimento ao longe, entre as árvores de um bosque, e indicou silenciosamente a seus dois companheiros que se dirigissem para lá. Depois se aproximou do esconderijo com a tocha de guerra, disposto ao ataque.

—Acorde, Matilda! —disse Dynna ao abrir os olhos e comprovar que já era de amanhã — Devemos nos ...

Mas não chegou a acabar a oração. Levantou os olhos e enfrentou ao homem mais descomunal e feroz que jamais tinha visto, de pé no fim do bosque. Nenhum saxão tinha esse aspecto!

—Matilda! —exclamou com voz afogada, e apertou o braço de sua criada.

Matilda se levantou e, assim que viu o viking, soltou um alarido.

Ulf amaldiçoou sua sorte em silêncio por ter sido descoberto antes de poder aproximar-se delas, e avançou decidido a apanhá-las antes que pudessem fugir.

—Corre! —gritou Dynna quando Ulf se aproximou.

Ambas ficaram de pé e escaparam em direções opostas.

Quando conseguiram evitá-lo, Ulf soltou uma sonora maldição. Obrigado à persegui-las, gritou a Seger e a Neils que as rodeassem e as apanhassem. Deviam impedir que escapassem e advertissem aos saxões.

Ulf as perseguiu numa velocidade incomum para alguém tão robusto como ele. Neils estava bem situado para prender Matilda e a criada soltou um grito de terror quando seu robusto braço rodeou sua cintura e a aprisionou contra seu peito.

—Agarrei uma! —gritou Neils.

—Me solte! —chiou Matilda, debatendo-se e tratando de escapar.

Sua resistência inútil o fez rir. Dada sua força, Matilda supunha pouco mais que um aporrinho. Segurou-a e observou como Ulf e Seger se aproximavam da outra mulher.

—Seger! —exclamou Ulf — Se escondeu entre os arbustos.

Dynna reconheceu a língua dos homens do norte: Tinha-a aprendido de um criado de seus pais e compreendeu que ao menos um deles a estava perseguindo. Enfiou-se mais profundamente entre os arbustos espinhosos e, como um coelho avistado por um caçador, permaneceu absolutamente imóvel e em silêncio em seu esconderijo.

O sussurro dos arbustos próximos arrepiou seus cabelos e lutou para controlar seu tremor. Os passos que se aproximavam

eram pesados e intimidantes, e apertou os punhos tratando de não ceder ante o medo.

—Está em alguma parte aqui dentro... —grunhiu Ulf, rebuscando entre o matagal espinhoso — A farei pagar pelos problemas que me está causando!

Ao ouvir sua voz nas proximidades Dynna sentiu pânico e agarrou a adaga de joias que levava no cinto. Por fim, quando parecia que o viking estava a ponto de a descobrir, já não pôde suportar a tensão e surgiu de seu esconderijo como um ave levantada do ninho. Os espinhos a arranharam e se engancharam em seu vestido, mas não se importou. Correu às cegas, tratando de fugir, embora sabia que era em vão.

—Tenho-a! —exclamou Ulf perseguindo a sua aterrada presa. Os espinhos e os matagais não impediram seu avanço e a apanhou com facilidade.

Dynna soltou um chiado indignado quando a agarrou, a puxou e a fez virar para vê-la melhor.

Dynna cravou o olhar em seu captor e o terror gelou seu sangue. Tinha um aspecto selvagem e feroz. O visor do casco cobria seus olhos e o nariz, ocultando seu rosto. Sua barba era emaranhada e uma cicatriz larga e feia atravessava sua bochecha. Então recordou todas as coisas horríveis das que tinha ouvido sobre os vikings e acreditou que estava a ponto de morrer.

—E que bonita é! —gritou Ulf, sorrindo.

O sorriso a espantou e lutou ainda mais violentamente para escapar.

—Fique quieta, mulher! —ordenou Ulf em tom impaciente, na língua de Dynna.

Mas ela não estava disposta a render-se tão facilmente. Ainda tinha a adaga na mão e como sabia que possivelmente seria a única oportunidade para salvar-se, deu-lhe uma punhalada. Ouviu seu grunhido de dor quando o cravou no braço e se sentiu orgulhosa. Mas imediatamente ele desprende a arma de sua mão com um golpe brutal.

—É uma parva... —grunhiu Ulf, uma vez mais na língua de Dynna, e a segurou com violência ainda maior.

Dynna viu sua expressão assassina e tratou de escapar com renovado esforço, mas foi inútil. As mãos que a pegavam eram como garras de ferro e não conseguiria escapar dele. Nesse instante, soube que enfrentava à morte.

—Ah, é verdade que tem um aspecto doce. —comentou Seger ao alcançá-los.

—É qualquer coisa menos doce. É uma mulherzinha perigosa. —Ulf se agachou para recolher a adaga e o mostrou.

—Ela o atacou? —Seger soltou uma gargalhada; parecia muito cômico que a mulher tivesse desafiado a seu gigantesco companheiro.

Ulf grunhiu, furioso, e mostrou sua ensangüentada ferida no braço.

—Ao menos os saxões deveriam enviar suas mulheres para lutar contra nós. É uma adversária muito mais perigosa que os homens.

Ulf assentiu e examinou a pequena adaga enfeitada com joias com interesse. Parecia curioso que uma camponesa possuísse semelhante tesouro. Seu olhar oscilou entre Dynna e a adaga; ao ver a faísca desafiante e irada que brilhava em seus olhos, sua ousadia o surpreendeu. Arrastou Dynna para o lugar onde Neils aguardava com a outra mulher.

—Dê uma última olhada e assegure-se que não tem mais ninguém. —ordenou a Seger.

Matilda ainda se debatia entre os braços de Neils quando Ulf e sua prisioneira os alcançaram.

—Fique quieta! —rugiu Neils na língua delas.

Matilda deixou de lutar ao ver que sua ama estava ilesa.

Quando os homens começaram a falar em sua própria língua, Matilda sussurrou que lamentava.

—Não chore. —respondeu Dynna — Não tinha modo de escapar. Seja como for, nos teriam apanhado.

—Silêncio! —ordenou Ulf em tom brusco quando Seger se reuniu com eles e o informou que não tinha mais ninguém.

—O que faremos com estas duas? —perguntou Neils.

—Não podemos deixá-las partir. —disse Seger.

Nesse momento, enquanto escutava a conversa, Dynna acreditou que sua vida e a da Matilda tinham terminado. Aqueles

eram os temidos invasores do norte. Por isto eram conhecidos como o açoite da costa. Dynna deu uma olhada para Matilda. Os motivos de preocupação ao planejar sua fuga nunca tinham incluído ser apanhadas por atacantes vikings recém desembarcados. E agora...

—É verdade, não podemos as soltar, —disse Ulf — se o fazemos informarão de nosso desembarque.

Fez uma pausa e as contemplou. Aparentemente, só eram duas aldeãs, entretanto a existência da adaga com joias o preocupava.

—As levaremos conosco e deixaremos que o Falcão Negro diga o que fazer com elas. —A ideia de que os acompanhassem não os agradava, mas não tinha outro remédio.

Neils agarrou à despreparada Matilda e a carregou nos ombros. Ela soltou um grunhido quando seu ventre se chocou contra o ombro de Neils e esmurrou suas costas, indignada pelo mau trato. O viking se limitou a rir dela, e apoiou a mão em seu quadril para evitar que se movesse. O contato de sua mão a sobressaltou e Matilda se debateu, tratando de escapar, mas Neils lhe deu um tapa para que deixasse de espernear.

Matilda queria seguir lutando e esperneando e mordendo e arranhando, mas compreendeu que seria em vão. Não poderia escapar daquele homem: Era implacável. Atormentava-a ideia de não poder fazer nada para ajudar a sua ama. Sua única esperança era que Dynna não se deixasse intimidar pelo mau trato dos guerreiros e que estes não descobrissem sua verdadeira identidade.

Quando Dynna compreendeu que os guerreiros as levariam consigo sentiu um grande alívio. Não as matariam! As lágrimas ameaçavam derramar, mas se controlou. Seria forte para ambas, de algum modo sobreviveriam.

Ulf a prendeu com uma tira de couro e lhe disse que se pusesse a andar. Não parecia muito feliz quando empreenderam a volta ao ponto de desembarque. Tinha esperado encontrar-se com saxões contra os quais lutar, não com duas mulheres adormecidas e tinha que as levar até as naves.

Ao baixar os olhos e contemplar à beldade de cabelos negros como o azeviche andando a seu lado, Ulf uma vez mais duvidou de que fosse uma camponesa. Algo em seu aspecto..., sua beleza, sua elegância e seu porte orgulhoso não correspondiam com o de uma plebeia. E pensar que tinha sido o bastante valente para atacá-lo com sua adaga...

Se tivesse sido uma vikinga, teria se orgulhado dela. Como inimiga, teria que vigiá-la. Não lhe daria outra oportunidade de lhe causar feridas.

Tiveram que percorrer uma distância considerável antes de chegar perto da costa. Dynna parou abruptamente e cravou o olhar na cena a seus pés. Três drakkar vikings tinham atracado na beirada e mais de cem homens aguardavam, armados e dispostos a iniciar a invasão. Ao ver a vela vermelho escarlata de uma das naves com o emblema do falcão, pôs-se a tremer. Tudo era verdade! O Falcão Negro atacaria a torre!

—Se mova! —ordenou Ulf e a empurrou para outros.

Dynna desceu a costa com a cabeça bem alto. Viu que um dos homens se separava do grupo e saía a seu encontro. Era alto, de barba e, a diferença de seus loiros captores, de tez e cabelos escuros. A força brutal que emanava a hipnotizou. Era robusto, de ombros largos e braços musculosos. Levava um acolchoado colete de couro em cima de uma túnica, calças estreitas e botas de couro. De seu cinto pendurava uma espada de aspecto letal e levava um grande escudo de guerra, vermelho e com um falcão pintado. Horrorizada, compreendeu que se tratava do Falcão Negro de triste fama. Procurou distinguir seus traços, mas a barba escondia seu rosto.

Dynna tratou de lembrar de tudo o que tinha ouvido a respeito daquele homem. Parecia, tinha sido invencível durante os últimos cinco anos, e tinha atacado e saqueado a costa, e seqüestrado aos habitantes a sua vontade. Nenhum reino tinha estado a salvo de suas velozes e desumanas incursões.

Agora, ao contemplá-lo fixamente e ver seu poder, compreendeu o motivo de suas vitórias. O homem do norte tinha um aspecto primitivo e aterrador. Pensou nos saxões da torre, e embora sir Edmund se gabasse de estar preparado para um possível ataque, perguntou-se, inclusive tendo em conta sua superioridade numérica, seriam capazes de fazer frente ao Falcão Negro e seu exército invasor.

Parou em frente ao chefe viking, e procurou lembrar o conselho de Matilda de manter os olhos baixos e uma postura encurvada; simulou ser uma criada.

—Descobrimos a estas duas dormindo em um bosque. — anunciou Ulf a seu lado.

Neils os seguia de perto e depositou Matilda no chão ao mesmo tempo que Ulf descrevia como as tinham descoberto e capturado.

—Diz que estavam sozinhas, dormindo no campo? — Brage deu uma olhada às duas mulheres de pé na frente dele. Acreditou que talvez eram aldeãs descobertas enquanto tentavam adiantar-se e advertir a lorde Alfrick do ataque iminente.

—Sim, e olhe isto. —disse Ulf, e lhe estendeu a adaga com joias de Dynna — Uma vez mais, fiquei ferido enquanto o protegia. —acrescentou com um sorriso e mostrou a ferida de seu braço.

Brage agarrou a adaga e a examinou; depois dirigiu de volta o olhar para as duas mulheres.

—Qual delas fez isto?

—Esta. —Arrastou Dynna para frente para que Brage a visse melhor.

—Por sorte não tinha uma faca maior. —brincou Brage— Entretanto, é curioso que possuísse uma adaga tão preciosa. Ao ver que Dynna não reagia a seu comentário nem levantava os olhos, Brage lhe levantou o queixo e a obrigou a olhá-lo diretamente.

Durante um instante, ao ver seus traços pela primeira vez, Brage só pôde contemplá-la com expressão maravilhada. Sua beleza era incomum, desde seus cabelos negros como o azeviche até sua cútis clara e perfeita. Ao olhá-la nos olhos, viu que eram cinzas e que neles resplandecia a inteligência, e isso o intrigou. Nunca o tinham atraído as empregadas tolas. Baixou os olhos e examinou seu corpo oculto sob o tosco traje e compreendeu que se tratava de uma linda mulher. Seus peitos turgentes se destacavam sob o vestido e seus quadris eram agradavelmente arredondados. Então notou que suas mãos eram suaves e cuidadas. Aquela mulher não era uma mera camponesa e seu mistério despertou a curiosidade de Brage.

—Me diga empregada, onde encontrou uma arma tão valiosa? —perguntou, lhe estendendo a adaga.

—Roubei. —disse Dynna, surpreendida ante sua capacidade de dizer mentiras. Os olhos azuis do viking quase a hipnotizou.

—Pode ser... —respondeu Brage em tom pensativo, observando-a fixamente durante uns segundos — Mas não acredito.

Soltou-lhe o queixo e agarrou sua mão para examinar a palma. Pressionou o polegar no pulso dela e sentiu seu pulso acelerado.

—Esta não são as mãos de uma criada. —comentou.

O toque de sua mão era suave, e isso a surpreendeu. Quando levantou os olhos e voltou a olhá-la nos seus olhos, Dynna

se obrigou a não desviar os seus. Mas o olhar penetrante de algum modo cúmplice, turvou-a. Era como se ele visse o mais profundo de seu ser.

—O que faremos com elas? —perguntou Ulf; o interesse pouco habitual de seu irmão por aquela mulher o desconcertava. Quando atacavam, as mulheres eram a última coisa que ele pensava.

A pergunta de Ulf obrigou Brage a concentrar-se no motivo pelo que estavam ali. Soltoou a mão de Dynna e virou-se para seu irmão.

—As manteremos; as levaremos conosco. Mas se assegure que permaneçam na retaguarda, não quero que meus homens se distraiam.

Ulf fez um gesto a um dos seus guerreiros e este se aproximou apressadamente.

—Pegue às mulheres e se encarregue de que não causem problemas.

—As compartilharemos mais tarde? —perguntou o homem em tom entusiasmado.

Dynna observou o desejo no rosto do viking e sentiu uma pontada de terror.

Brage dirigiu o olhar para Dynna e Matilda. A dos olhos cinzas tinha algo de especial..., algo que ele queria investigar uma vez que a luta tivesse acabado.

—Não. —respondeu — Que ninguém as toque.

Sua resposta supôs um alívio para Dynna e quase caiu de joelhos, mas o alívio não durou muito.

—Que ninguém lhes faça mal. —prosseguiu Brage — Se estiverem intactas obteremos um preço melhor por elas no mercado de escravos. —Deu outra olhada à adaga de Dynna e a deslizou em seu cinto. Teria gostado de saber mais dela, mas agora não tinha tempo para pensar em mulheres. Ele era um guerreiro, disposto a entrar em batalha. Devia ficar à frente de seus homens.

Não obstante, enquanto Brage concentrava a atenção na torre e na estratégia do ataque, voltou-se e observou como as levavam.

Obrigada a caminhar junto aos outros homens, a raiva e a frustração de Dynna não tinha limites. O futuro se apresentava desolador. Não sabia o que seria pior: Ser tratada como uma prostituta pelos vikings ou ser vendida como escrava e desaparecer. Se perguntou se sua vida mudaria algum dia. Ao parecer, sempre estaria condenada a ser uma mera posse de algum homem.

Quando as mulheres sumiram de sua vista, Brage, com Kristoffer a seu lado, falou em voz baixa com Ulf, Seger e Neils, que lhe explicaram tudo o que tinham descoberto enquanto exploravam a comarca. Saber que não tinham encontrado resistência e que o caminho da torre estava livre o animou. Chamou a seus homens e se preparou para empreender a marcha.

—Atacaremos a torre de lorde Alfrick! —disse-lhe Brage quando se reuniram em torno dele — Uma vez que tenhamos aberto uma brecha, a terra e todas suas riquezas serão nossas!

Os guerreiros soltaram gritos de entusiasmo, ansiosos por entrar em combate.

—E recordem: Os cativos nos proporcionarão ouro; os mortos não têm valor para nós! —disse-lhes.

Os homens compreenderam. Embora freqüentemente se enfrenta à morte durante uma incursão, o que queriam obter eram riquezas. Matar era inútil, a menos que fosse em defesa própria. Os escravos proporcionavam dinheiro.

Brage invocou a ajuda de Odín e Thor; depois conduziu a seus homens terra adentro.

Ao mesmo tempo que remontavam a costa e iniciavam a marcha para a torre, os guerreiros do Falcão Negro ansiavam pela excitação da iminente batalha. Encabeçados por Brage, Ulf e Kristoffer, avançaram implacavelmente por volta dos tesouros que acreditavam que logo seriam deles.

CAPÍTULO 3

—Como não está em seu quarto? —rugiu Edmund, dirigindo-se a uma criada.

—Seu quarto está vazio, sir Edmund.

Edmund tinha abandonado a torre cedo pela manhã, para treinar com seus homens. Retornou justo depois de meio-dia porque queria ver Dynna. Tinha-a procurado na parte inferior e, ao não encontrá-la, tinha enviado a uma criada ao seu quarto para que a trouxesse na frente dele.

—Quando a viu pela última vez? —inquiriu.

—Agora que penso, sir Edmund, não a vi em toda a manhã.

Edmund passou junto à mulher, subiu as escadas de dois em dois e se dirigiu ao quarto de Dynna. Abriu a porta de par em par e cravou a vista no quarto vazio. Contemplou a cama e comprovou que ninguém tinha dormido nela e que as roupas que tinha levado a noite anterior estavam jogadas em cima da cama.

—Onde está a criada que limpa este quarto?

—A que limpa é Matilda, sir Edmund, e hoje tampouco a vi. —respondeu a criada.

—Pergunte às demais, quero saber se alguém a viu hoje. E me informe imediatamente. —ordenou Edmund, invadido por uma suspeita.

A criada se apressou a obedecer e Edmund ficou a sós no quarto. Olhou em redor, aproximou-se da cama e recolheu o enrugado vestido de Dynna. Suas mãos acariciaram a malha suave e imaginou cobrindo seu corpo esbelto. Sem separar os olhos da cama lhe apareceu a imagem de Dynna, cálida, disposta e estendendo seus braços com atitude sedutora, e uma onda de calor o invadiu. Ainda segurava o vestido quando a criada retornou um momento depois.

—Ninguém as viu. —anunciou.

Com um grunhido, Edmund ordenou à criada que partisse. Quando ficou só, permaneceu de pé rodeado das coisas de Dynna, amaldiçoando-a ao mesmo tempo desejando-a. Finalmente jogou o vestido de lado com gesto furioso e abandonou o quarto. Foi em busca de seu pai para o informar do desaparecimento de Dynna.

—Acredita que escapou?—Lorde Alfrick estava realmente surpreso. Não estava acostumado a que ninguém, homem nem mulher, o contradissesse.

—Que outra coisa teria que pensar? —repôs Edmund — Hoje ninguém a viu e não dormiu em sua cama.

—Busque-a.

—Farei, e quando a encontrar a obrigarei a retornar e nossos planos de bodas serão anunciadas.

—O sacerdote retornará dentro de quatro semanas. A cerimônia será celebrada assim que chegue.

—Voltarei a falar com você quando retornar com minha prometida.

Depois de abandonar seu pai, sir Edmund reuniu um pequeno grupo de homens para que cavalgassem junto a ele. Saíram das cavalariaças ao galope, dispostos a revirar a comarca em busca de lady Dynna e sua criada.

Levou várias horas percorrer a zona próxima à torre. Ao não ter êxito, estenderam a busca por toda a comarca. Sir Edmund sabia que se Dynna estava tentando evitar casar-se com ele, procuraria chegar ao lar familiar e obter o amparo paterno. Assim ampliou a busca em direção às terras de seu pai, lorde Garman.

Cavalgavam como o vento, comprovando os caminhos e os atalhos e procurando uma pista da desaparecida, em vão. Justo quando percorriam um lance estreito do caminho beirando as árvores, avistaram a um aldeão de aspecto consternado que corria para eles. Parecia exausto, mas não deixava de correr e agitar os braços com desespero, insistindo para que parassem. Edmund esporeou seu cavalo e saiu ao encontro do homem.

—Vi-os, sir Edmund! —soltou, tratando de recuperar o fôlego.

—A quem? —Edmund dirigiu os olhos mais à frente, acreditando que Dynna se encontrava do outro lado da colina.

— Falcão Negro, sir Edmund! Vem para cá, acompanhado de centenas de vikings! Matarão a todos!

Despreparado e aturdido pela notícia de que os agressores tinham desembarcado, Edmund se limitou a olhá-lo com expressão incrédula.

—Digo que estão aqui! —insistiu o homem — Eu estava no bosque quando passaram. Tomei o atalho para chegar à torre antes que eles. Graças a Deus que o encontrei, para poder o advertir a tempo!

—Como sabe que era o Falcão Negro?

—Vi seu escudo! Todos conhecem seu emblema!

A afirmação fez que Edmund entrasse em ação. Dirigindo-se a seus homens, exclamou:

—Que este homem nos acompanhe. Temos que cavalgar rapidamente e preparar a armadilha imediatamente, do contrário tudo estará perdido!

Embora não deixou de pensar em Dynna, ordenou seus homens que retornassem à torre. Queria encontrá-la e lhe dar uma lição: Que nunca deveria ter fugido dele, mas agora não tinha tempo para pensar nela. A batalha para a qual esteve se preparando estava a ponto de começar. Primeiro se encarregaria dos vikings. Uma mera mulher podia esperar. Fez virar seu cavalo, esporeou-o e retornou a toda velocidade para informar a seu pai da invasão.

—O que nos advertiu o forasteiro era verdade, pai. — disse sir Edmund a lorde Alfrick — atracaram naves vikings e o Falcão Negro se aproxima a pé com pelo menos cem guerreiros.

—Está certo disso?

—Um dos aldeãos viu seu escudo. É o Falcão Negro, sem dúvida.

Lorde Alfrick sorriu, mas não era um sorriso de prazer: Melhor era uma expressão da sua decisão férrea. Estavam melhor preparados que nunca para derrotar aos vikings e agradecia poder dispor de tempo para preparar-se.

—Atacaremos conforme o planejado, meu filho.

Edmund saiu apressadamente do quarto de seu pai com o fim de convocar a sir Thomas e avisar a seus homens de que entravam em ação. Os saxões estavam preparados. Agarraram suas armas e correram a ocupar suas posições do único caminho que conduzia à torre. Ali, ocultos entre a folhagem e fortemente armadas, aguardariam os invasores.

Brage encabeçava a seus homens na marcha até a torre de lorde Alfrick, enquanto Ulf permanecia na retaguarda, vigiando às duas mulheres e cuidando das costas de Brage. Kristoffer partia no centro. Avançavam quase em silêncio, concentrados na iminente batalha. Ao longe divisaram um camponês e, agradados,

observaram como fugia deles preso do terror. Ter uma má reputação tinha suas vantagens. Às vezes o temor provocava uma capitulação sem ter que recorrer à força e o derramamento de sangue. Os vikings albergavam a esperança de que os saxões da torre se deixassem intimidar com facilidade.

Brage sabia que a essas alturas alguém teria alertado a lorde Alfrick, mas isso não o preocupava. O lorde saxão não dispunha de tempo para reunir mais homens, assim que a luta seria relativamente simples. A pior coisa que poderia acontecer, pensou, seria que se vissem obrigados a sitiar a torre, mas inclusive nesse caso, não seria um sítio prolongado posto que os saxões não teriam acumulado as provisões necessárias.

Depois de percorrer uma curva no caminho, Brage divisou a fortaleza pela primeira vez.

—Aí está a torre! —exclamou.

Os homens se removeram inquietos. Brage parou e contemplou a pacífica cena. Um quilômetro de distância os separava da torre, um lance de campo aberto; depois o caminho atravessava um bosque antes de desembocar na clareira que rodeava a fortaleza.

—Pela vitória! —Brage desembaiou a espada e acelerou o passo. Os homens o seguiram, corajosos. Ao aproximar-se das árvores vislumbrou um brilho entre a folhagem. O instinto que o tinha mantido com vida em numerosas batalhas o advertiu que tudo não era tão pacífico como parecia.

Brage se deteve, disposto a advertir a seus homens, mas antes de que pudesse pronunciar palavra aconteceu o ataque de surpresa. Uma nuvem de flechas semeou a morte e a destruição entre os agressores ao mesmo tempo que os arqueiros saxões, escondidos no bosque, disparavam seus projéteis.

Na retaguarda da coluna de vikings, Dynna e Matilda foram empurradas de lado sem olhar enquanto os homens se preparavam para entrar em combate. Dynna caiu no chão. Conseguiu ficar em pé com esforço, dado que levava as mãos atadas à costas, e ela e Matilda se afastaram tropeçando da emboscada. O horripilante estrondo de combate parecia as perseguir enquanto corriam. Detiveram-se por alguns minutos a escassa distância e se soltaram.

—O que faremos? —perguntou Matilda. Estava pálida como um fantasma e seu olhar expressava o terror pela cena presenciada.

—A única coisa que podemos fazer é nos colocar a correr. Quem dera ainda tivesse minha adaga. —disse Dynna — Temos que seguir adiante, do contrário pode ser que nos vejamos presas na luta.

—Voltarão a nos encontrar..., sei! —exclamou a criada; estava a ponto de ficar nervosa.

—Fique quieta, Matilda! —espetou-lhe Dynna — Este não é momento para ficar nervosa. Temos que nos salvar!

—Mas para onde podemos fugir? —perguntou Matilda; as lágrimas afogavam sua voz enquanto seguia a sua senhora.

—Quem dera soubesse. Só sei que devemos escapar antes que os vikings nos persigam.

Quando os homens de lorde Alfrick, conduzidos por sir Thomas, surgiram de seus esconderijos no bosque para lutar contra os aborrecidos vikings, reinou o caos.

Durante uns segundos a surpresa estendeu entre os invasores, mas como eram disciplinados logo se recuperaram e entraram em ação. Homens do norte armados com tochas de guerra correram à frente e derrubaram os saxões que avançavam, só armados com espadas. Quando as mortíferas espadas se chocaram contra as letais tochas se iniciou um brutal combate corpo a corpo. A ferocidade do ataque saxão desconcertou Brage e logo se encontrou no meio do tumulto. Brandindo a espada com força e precisão abriu caminho entre os adversários, imitado pelos homens que o rodeavam. Lutaram duramente e sofreram baixas, mas Brage estava convencido de que sairiam vitoriosos.

A batalha parecia favorecê-los. Brage recordou a profecia das runas e acreditou que logo conseguiriam abrir uma brecha no muro exterior da torre. Quando de repente Ulf soltou um rugido de advertência, Brage dirigiu o olhar para ele e ao ver que saxões

montados a cavalo os atacavam pelas costas, sentiu-se invadido pela raiva e as dúvidas. Lorde Alfrick nunca tinha disposto de uma força tão numerosa e só podia ter-se preparado tão bem para o ataque se tivesse sido informado com antecipação.

Saber que tinham sido traídos enfureceu Brage e soltou um rugido. Tinha um traidor entre eles!

Vociferou ordens para reunir a seus guerreiros. Agora os inimigos os superavam em número e gozavam de uma vantagem considerável graças aos cavalos. Entretanto, os vikings seguiram lutando.

Sir Edmund tinha aguardado esse momento durante semanas. Encabeçando aos defensores montados, rodeou à força vikings e a atacou pela retaguarda. Seu plano era simples. Tinha dividido suas forças e apanhado aos despreparados vikings entre ambos grupos. A sua frente se estendia a sangrenta e violenta batalha e, brandindo a espada, esporeou a seu cavalo, entrou no meio do tumulto e começou a matar com prazer selvagem.

Ao ver a cifra de seus companheiros cansados, a raiva invadiu Brage, mas não podia permitir uma distração. Golpeou a quem o atacava e seguiu lutando até que um golpe por trás o fez cambalear. A dor o atravessou o ombro e a espada caiu de sua mão. Procurou manter-se em pé, mas sem a espada estava indefeso. Outro golpe arrancou seu escudo de sua mão e um saxão lhe deu um golpe na cabeça por trás que arrancou seu capacete e o derrubou.

Brage desabou na ensangüentada terra saxã que tinha querido conquistar. Envolto no fragor da batalha, e a ponto de perder os sentidos, perguntou-se por que desta vez as runas tinham falhado.

Do outro lado do campo de batalha, Ulf o viu cair.

—Brage! —rugiu, e brandiu sua tocha de guerra com ardor ainda maior ao mesmo tempo que procurava abrir caminho até seu meio-irmão. Mas por cada saxão que derrubava, era como se outro o substituísse imediatamente. Ulf seguiu brigando com valor e desespero.

—Tentem chegar até ele! —ordenou sem deixar de lutar.

Kristoffer trabalhou em excesso em chegar até Brage, lutando, mas inclusive flanqueado pelos melhores guerreiros de seu chefe, que brigavam com toda sua força e destreza, não conseguiram modificar o resultado da batalha. Os saxões eram muitos. Nesse dia não celebrariam a vitória.

No meio do combate, sir Edmund levantou o olhar e ao longe viu duas mulheres que fugiam. Reconheceu uma delas imediatamente: Era Dynna. Não se deteve em pensar porque estava ali, só sabia que tinha que apanhá-la. Se retirou da batalha e galopou a toda velocidade atrás das fugitivas sem soltar sua ensangüentada espada.

Dynna e Matilda ouviram o som de cascos de cavalo. Ignoravam quem as perseguia, mas não tinham intenção de deter-se para averiguá-lo. O terror dava asas a seus pés.

À medida que se aproximava das duas mulheres, a fúria invadiu a sir Edmund. Voltou a embainhar a espada, inclinou-se, pegou a Dynna pela cintura e a subiu na garupa do cavalo.

—Não! —chiou ela ao ver-se prisioneira uma vez mais do homem de que pretendia escapar.

—Não? Se alegre de seguir com vida, Dynna. —disse Edmund com o rosto crispado de raiva cega.

Ao ver que estava vestida de camponesa compreendeu que tinha tratado de escapar. Edmund a segurou violentamente e dirigiu seu corcel para as árvores. Matilda os seguiu a pé. Ele refreou o cavalo e desmontou, mas sem soltar Dynna. Agarrou uma corda da sela de montar e a arrastou até uma das árvores.

—O que vai fazer? —perguntou Dynna.

—O que quero fazer e o que farei são duas coisas diferentes. — a ameaçou — A advirto, milady, se vestiu como uma criada, a tratarei como tal. —acrescentou e a acariciou com rudeza.

A vergonha a embargou, mas permaneceu orgulhosamente de pé, negando-se a abaixar a cabeça perante semelhante humilhação.

Sir Edmund preferia ficar ali e lhe dar uma lição, mas a encarniçada batalha não tinha acabado. Os vikings eram tão ferozes como se comentava e estava ansioso por retornar ao combate.

—Assegurarei-me de que ainda esteja aqui depois da batalha. —disse em tom áspero.

—Se afaste de lady Dynna! —gritou Matilda.

Sir Edmund estava farto de ambas, e derrubou à criada de uma bofetada; depois amarrou Dynna à árvore com a corda. Depois de comprovar os nós, obrigou a Matilda a ficar de pé e também a amarrou.

—Voltarei. —disse em tom sombrio, montou em seu corcel e desembainhou sua espada.

As duas mulheres se limitaram a observar como se afastava. De sua posição elevada podiam ver tudo o que acontecia. Era evidente que os vikings estavam obrigados a retroceder frente aos homens superiores em número de lorde Alfrick. Presas do horror, Dynna e Matilda observaram como os guerreiros de ambos os bandos morriam. Os invasores lutavam com valentia, modificando sua posição defensiva de maneira constante para proteger-se mutuamente.

A batalha parecia eterna. As mulheres perderam a conta do momento que levavam presenciando a sangrenta cena. Por fim, quando a luta chegou no fim e os vikings escaparam de volta ao mar, um inquietante silêncio desceu sobre o campo de batalha, só interrompido pelos gritos afogados dos feridos e os moribundos.

—Os vikings perderam a batalha. Sir Edmund derrotou ao Falcão Negro! —disse-lhe Dynna a sua criada, sem afastar os olhos da cena infernal.

—Ou melhor Deus ouviu nossas preces e sir Edmund sofreu uma morte gloriosa no campo de batalha... —Embora a única que podia ouvi-la era Dynna, Matilda falou em voz baixa, temerosa de expressar seu desejo em voz alta.

Enquanto Dynna nutria a débil esperança que Edmund tivesse sucumbido a semelhante destino, viu que um cavaleiro se separava dos outros e se aproximava delas. Inclusive a essa distância, a figura de sir Edmund era inconfundível.

—A vitória é minha! —anunciou ao desmontar; ainda levava a espada na mão. O sangue manchava sua roupa.

Edmund cortou as cordas que prendiam às mulheres. Graças a sua astúcia, tinha derrotado ao Falcão Negro! Ninguém poderia negar que tinha lutado como o melhor. O mundo e tudo o que continha lhe pertencia.

—Terá que retornar andando. —disse a Matilda.

A criada lançou um olhar a sua ama e quando Dynna se dispunha a acompanhá-la, sir Edmund a agarrou pelo braço e impediu que partisse. Contemplou à criada com olhar frio até que esta se afastou e depois atraiu a Dynna para si.

—Sei o que pretendia fazer, Dynna, mas deve saber que é minha. Jamais escapará de mim. Casaremos assim que o sacerdote retorne à torre.

—Sou uma dama por direito próprio! Acaso não tenho voz de voto quanto a meu futuro?

—Pode dizer «sim» quando chegar o momento, querida minha. Isso é tudo. Até então... talvez um beijo amansaria à besta selvagem que aninha em meu peito e exige que a castigue por ousar me desafiar. —disse esmagando seus lábios com os dela.

Dynna não se defendeu. Sabia que tratar de rechaçá-lo era inútil e permaneceu impassível ao abraço.

A sensação de estar indefesa a encheu de fúria. Se cedia e aceitava o destino que lorde Alfrick e Edmund planejavam para ela, sabia que sua vida careceria de sentido, mas não sabia o que fazer. Quando Edmund a soltou, estava a ponto de sucumbir ao mais absoluto desespero.

—Retornemos a casa. Há muitos motivos de celebração: Minha vitória e nossas bodas iminente. —exclamou Edmund, soltou uma gargalhada triunfal e a obrigou a montar em seu corcel diante dele. Entretanto, e apesar de seu sorriso, a relutância da Dynna o preocupava, e jurou que de um modo ou outro a submeteria a sua vontade.

Durante a cavalgada de volta Dynna permaneceu em silêncio. Adotou uma pose rígida e se mostrou imperturbável pelo toque das mãos de Edmund. No momento, procuraria tolerar corajosamente aquilo que não podia modificar.

Quando atravessaram o campo de batalha viu a morte e os estragos do combate e se compadeceu dos feridos e os mortos.

—Quando chegarmos à torre, sir Edmund, tenho que ajudar aos feridos, porque agora precisarão de mim. —disse em

tom firme. Ganhou o respeito dos aldeãos graças a seu talento como curandeira, um dom aprendido com sua mãe.

Ele assentiu.

—É bom que pense neles, mas não suponha que voltarei a permitir que saia a sós. A partir de agora, sempre terá alguém que a vigie quando sair da torre.

Suas palavras só confirmaram o que tinha temido. Nunca mais voltaria a ser feliz nem a gozar da liberdade. Nunca mais saberia como é o amor.

Ulf e Kristoffer ficaram no comando do que restou dos guerreiros de Brage. Muitos tinham morrido em combate e muitos mais tinham sofrido graves feridas. Seus sonhos de glória se converteram em um horrendo pesadelo, mas os guerreiros mortos estariam no Valhala² nessa mesma noite, porque tinham morrido com honra.

Uma vez alcançadas as naves, Ulf e Kristoffer embarcaram na de Brage e ordenaram aos homens que fossem para o mar. Afastaram-se da costa remando o mais rápido possível. Embora os saxões não os tinham açoitado até a costa, não estavam dispostos a correr riscos.

² Valhala, Valíala, Valhalla ou Walhala (há, ainda, quem use a forma original, Valhol) na mitologia nórdica ou escandinava é o local onde os guerreiros vikings eram recebidos após terem morrido, com honra, em batalha

Depois de afastar do perigo, Ulf lhes ordenou que se detivessem.

—Aguardaremos aqui até que anoiteça e depois voltaremos. —anunciou.

Kristoffer contemplou seu meio-irmão mais velho, presa do desconcerto mais absoluto.

—Tornaste louco? Eram ao menos três vezes mais numerosos que nós! Retornar seria um suicídio!

—Não podemos partir. Tenho que encontrar Brage.

—Devemos partir. É o que Brage esperaria. Quem tentasse retornar morreria. —disse Kristoffer.

—Pode ser que Brage esteja vivo! Não posso abandoná-lo!

—Vi como o derrubaram, Ulf. Nosso irmão está morto.

—Pois tenho ainda mais razão para ir buscá-lo. Deve ser enterrado como corresponde a um viking.

—Retornar é um plano estúpido! De verdade acredita ser capaz de encontrar seu cadáver?

—Tenho que tentar.

—Pensou em quantas outras vidas poderia custar? Brage morreu como um guerreiro. Foi a Valhala.

—Se não quiser me acompanhar, irei sozinho.

—Arriscaria sua vida e a dos homens só para retornar com seu corpo? —replicou Kristoffer em tom irado — Se estivesse vivo, Brage o consideraria um parvo.

—Fique ou vá, tanto faz. É jovem, Kris, e aprendeu a obedecer ordens. Eu sou um homem. Faço o que acredito ser correto. O mínimo que posso fazer por meu irmão é tratar de encontrá-lo e retornar com seu corpo.

Lorde Alfrick, flanqueado por sir Edmund e sir Thomas, contemplava a morte e a destruição disseminadas pelo caminho.

Havia corpos destroçados em toda parte. As baixas tinham sido enormes, mas sua defesa tinha funcionado: A torre estava a salvo. O Falcão Negro tinha sido derrotado e seu exército repellido até o mar.

—O Falcão Negro, está morto? —quis saber lorde Alfrick.

—Encontramos seu escudo, milorde. —Sir Thomas mostrou seu escudo escarlate com o emblema do falcão — Mas os mortos são muito numerosos e não estamos seguros de qual dos corpos é o seu.

—Os vikings, levaram alguns de seus mortos durante a retirada?

—Não, milorde.

—Retornarão por eles?

—Meus homens os seguiram a certa distância até o mar, para assegurar-se de que zarpavam. Suas baixas foram muito

numerosas. Duvido de que retornem logo. —disse sir Edmund em tom orgulhoso.

—Nós também sofremos grandes baixas. —Lorde Alfrick olhava os corpos de seus homens atirados no caminho.

— Ah, mas vencemos, pai! Protegemos nossas terras.

—Todos se inteirarão de sua reputação como um senhor feroz e poderoso. —interveio sir Thomas.

Lorde Alfrick sorriu.

—O preço mereceu a pena, a condição de que os homens do norte não retornem jamais.

—Espero que sir Edmund tenha razão. —comentou sir Thomas em tom pensativo — Espero que nunca mais desembarquem em nossas margens. Entretanto, pergunto-me se não voltarão a nos atacar, e com um exército ainda mais numeroso.

—Sem o Falcão Negro que os conduza? Não acredito. —brincou sir Edmund.

—A vingança é um bom motivo para lutar. —advertiu sir Thomas.

Lorde Alfrick enrugou os lábios em uma careta desdenhosa.

—Nos manteremos vigilantes durante um tempo. —ordenou— No momento, sir Thomas, se encarregue de que nossos mortos sejam enterrados como é devido.

—Sim, milorde. E o que fazer com os vikings?

—Queimem seus corpos.

—E se encontrarmos sobreviventes?

—Tragam-me. Ocuparei-me deles pessoalmente.

Sir Thomas se dispôs a dar as ordens a seus homens enquanto lorde Alfrick e Edmund retornavam à torre.

—Este está morto!

O grito próximo do homem atravessou a escuridão que envolvia Brage e o obrigou a recuperar o conhecimento, torturado por uma dor aguda e abrasadora. Doía-lhe a cabeça e sentia um ardor insuportável no ombro direito, mas a dor física não tinha comparação com o que atormentava seu espírito. Levava as lembranças sangrentas e letais da batalha gravadas na memória e não deixaria nunca de se lembrar.

Lentamente, abriu os olhos e procurou controlar sua visão imprecisa. Quando por fim o obteve, seu olhar estava cravado em um céu manchado de vermelho. Brage considerou que se tratava de um testemunho dos deuses, que derramavam seu sangue através dos céus para igualar o horror daquele dia.

Ao recordar a seus homens que tinham sofrido, e também aos que tinham morrido, Brage entrou em ação. Procurou fazer caso omisso da dor e começou a ficar de pé. Seguiria lutando. Procuraria sua espada e seu escudo e batalharia até a morte. Morrer com honra era imensamente melhor que viver sem ela. Mas enquanto lutava

para ficar de pé, o homem que tinha gritado se inclinou em cima dele e voltou a derrubá-lo.

O saxão apoiou a espada no peito do homem do norte.

—Não se mova ou morrerá, porco viking!

Brage lhe lançou um olhar cheio de ódio e desejou ter sua própria espada. Apesar de sua debilidade, teria lutado com ele.

—Este está vivo! —exclamou o homem dirigindo-se a outros, que também comprovavam quem estava morto.

—Lorde Alfrick se alegrará de que encontrou a um vivo, Henry. —disse um deles— Ordenou que qualquer sobrevivente seja levado perante ele.

Brage escutou aquelas palavras. Negava-se a ser tornar prisioneiro, de maneira que aproveitou uma breve distração do homem para entrar em ação. Jogando mão de toda sua energia, levantou-se e tratou de tirar a espada, mas seu esforço foi em vão. Debilitado pelas feridas e a perda de sangue, não tinha a força nem a agilidade para dominar a seu adversário. Uma chute o fez cair de costas e a espada do saxão foi pressionada em sua garganta.

—Sei que prefere a morte, viking, mas tem que saber que ainda não morrerá. Dispor de um cativo agradará a nosso senhor.

—disse Henry em tom depreciativo — E agora, posto que tem tanta vontade de se pôr de pé, faça-o! Caminhará até a torre. — acrescentou, dando um passo atrás e assinalando com a espada.

Brage se ergueu com lentidão. O braço direito parecia quase inútil e a cabeça doía dolorosamente. Olhou em volta e, em

meio aquele inferno, distinguiu os cadáveres de Neils e de Seger junto a outros de seus fiéis guerreiros.

Nunca antes tinham sido preso por uma raiva tão semelhante. Estava mais convencido que nunca de que tinham sido traídos! Um traidor tinha provocado a morte de seus amigos, e saber que entre seu povo existia um homem semelhante lhe causava mais dor que qualquer espada.

Com satisfação dobrada, Brage comprovou que os mortos saxões superavam em número aos vikings. Não viu Ulf nem Kristoffer entre eles, e agradeceu aos deuses em silêncio. Saber que estavam vivos lhe proporcionou a débil esperança de que retornariam com uma força maior e voltariam a atacar.

—Como se chama, viking?

Brage optou por fingir que desconhecia sua língua e guardou silêncio.

Frustrado pela arrogância de seu prisioneiro, Henry lhe deu um empurrão.

—Fale ou fique calado, pouco me importa. —espetou — Em marcha. Lorde Alfrick querará vê-lo. E saberá como o fazer falar.

Brage caminhou para a torre. Cada passo era uma agonia, e o sangue emanava da profunda ferida do ombro. Tratou de usar a mão direita, mas não pôde. A dor de cabeça era indescritível. Seu captor seguia seus passos, obrigando-o a acelerar a caminhada.

Quando se aproximaram da ponte levadiça que dava acesso à torre, encontraram-se com alguns dos guardas de lorde Alfrick, acompanhados de sir Edmund.

—O que têm aí? —perguntou com grande interesse.

—Encontrei a este com vida, sir Edmund. —lhe informou o guarda chamado Henry.

—Deixem em minhas mãos. Eu me encarregarei dele.

—Eu gostaria de fazê-lo, mas não posso. Seu pai disse que ele se encarregaria dos sobreviventes pessoalmente.

Edmund lançou um olhar frio para Brage.

—Que lástima! —exclamou.

Brage permaneceu de pé na frente Edmund, erguido e com expressão orgulhosa. Olhou a seu inimigo aos olhos com o mesmo ódio e desprezo daquele e se negou a demonstrar temor. Ao olhá-lo, comprovou que se parecia com outros homens que tinha conhecido: Aqueles que desfrutavam torturando aos que tinham em seu poder. Ao enfrentar alguém cuja força era igual à sua, ditos homens estavam acostumados a serem débeis e covardes, mas quando controlavam a situação atuavam com maldade.

Aquele viking parecia muito arrogante e Edmund teria preferido o matar. Mas possivelmente seu pai tinha razão. Pode ser que o prisioneiro tivesse informação sobre ataques futuros. Nesse caso, não havia dúvida de que Edmund desfrutaria de ser quem o convencesse de proporcionar tal informação.

—Continue caminhando. —Henry voltou a dar um empurrão, desta vez perto da ferida no ombro.

Brage reprimiu um gemido de dor, atravessou a ponte levadiça e entrou na torre. A essas horas, tinha planejado uma entrada triunfal no Grande Salão, junto a seus homens; em vez disso, entrava na sala como prisioneiro e muitos dos que confiaram em sua liderança estavam mortos.

Fazendo caso omissso da insuportável dor causada pelas feridas, Brage se concentrou em tratar de decifrar quem o tinha traído, com a esperança de que a ira provocada pela ieia o ajudasse a manter-se em pé. Jurou em silêncio que de algum modo escaparia daquele lugar e vingaria a seus guerreiros mortos.

E que cumpriria com seu juramento.

CAPÍTULO 4

O Grande Salão estava lotado de homens. Reinava a alegria, face às baixas sofridas entre suas filas. Tinham defendido a fortaleza com êxito frente ao ataque do feroz Falcão Negro e seus guerreiros. Comiam e bebiam ao mesmo tempo que cada um narrava suas próprias ações heróicas durante a batalha.

Henry notou que lorde Alfrick estava sentado na mesa elevada situada na parte central da sala, junto a sir Thomas, e obrigou seu prisioneiro a avançar enquanto abria lugar entre a multidão.

Sir Thomas tinha observado sua entrada e dirigiu-se a lorde Alfrick, chamando sua atenção sobre o prisioneiro.

—Milorde.

Lorde Alfrick levantou os olhos e viu que um de seus soldados trazia um prisioneiro. Apesar de estar ferido, aquele viking alto e robusto envolto em sua túnica empapada de sangue o impressionou: Era um guerreiro a ter em conta. O sangue seco condensava o cabelo e manchava seu rosto e sua barba, dando um aspecto ainda mais feroz. Lorde Alfrick apertou os lábios ao considerar o castigo que lhe daria.

—O que temos aqui? —perguntou com voz retumbante.

Os ocupantes da sala se voltaram para contemplar o espetáculo.

—Um viking que sobreviveu, milorde. Foi deixado por morto no campo de batalha. Trouxe-o aqui, como ordenou.

—Parece mais morto que vivo, certamente. —comentou lorde Alfrick— Acredito que talvez preferirisse estar morto do que de pé na minha frente.

Brage cambaleava devido à perda de sangue, mas se esforçou por manter-se firme na frente de seu inimigo.

—Como se chama, viking?

—Não disse nenhuma palavra desde que o encontrei. —disse Henry rapidamente — Talvez não compreenda nossa língua, milorde.

—Ou isso, ou é surdo e mudo. —Sir Edmund soltou uma cruel gargalhada e se aproximou. Tinha ido para ver o que faria seu pai com o viking.

Para ouvir as palavras de sir Edmund, Brage apertou as mandíbulas. Fez caso omisso das brincadeiras que o rodeava e se concentrou em lorde Alfrick, o homem que aquele dia tinha planejado derrotar. Recordou a profecia das runas e amaldiçoou à anciã por suas mentiras. É verdade que havia dito que ouviria palavras mentirosas, mas também tinha falado que encontraria um grande tesouro. Ali não tinha nenhum tesouro, só dor e uma morte sob tortura.

—Meu nome é Brage. —respondeu laconicamente.

—Ah, assim conhece nossa língua. —disse lorde Alfrick em tom pensativo, e considerou seria valioso esse prisioneiro.

Agora um dos homens do Falcão Negro estava em seu poder. Havia muitas perguntas que queria fazer, e durante um momento examinou ao viking de cabelos escuros com muita atenção.

—Me diga, como é que navegou com o Falcão Negro? Não parece um homem do norte, com esses cabelos escuros. É um escravo? De onde provém?

—Não se confunda. Sou um viking.

—Ao parecer, apanhamos a um orgulhoso, milorde. O que faremos com ele?

Todas os olhares posaram sobre o ensangüentado prisioneiro. Os saxões detestavam aos vikings. Embora tinham obrigado aos invasores a retroceder até o mar, o desejo de derramar mais sangue viking flutuava no ar.

—Mate-o, pai. —insistiu sir Edmund, e deu um passo adiante — Está ferido e não nos será útil. Mate-o e acabe com este assunto.

Desembaiou a espada, disposto a acabar com a vida do prisioneiro diante de todos os presentes.

—Compreendo que anseie o matar, meu filho. — comentou lorde Alfrick — mas qual é o mérito de matar a um homem meio morto?

—Hoje muitos de meus homens perderam a vida, pai, e entretanto este pagão vive. Acaso tem mérito deixá-lo com vida?

—Tem que ser paciente, meu filho. Certamente sabe algo dos planos de ataque dos vikings que poderia nos ser de utilidade.

— Uma vez mais, lorde Alfrick se dirigiu a Brage — nos diga, viking. Temos o escudo e a espada do Falcão Negro. Morreu na batalha?

Brage olhou a lorde Alfrick e respondeu em tom frio:

—O Falcão Negro caiu.

Outro rugido de aprovação percorreu a sala.

—Bem, bem. —disse lorde Alfrick com grande satisfação

— Para celebrar esta boa notícia, pode ser que o deixe com vida durante um momento. Que melhor troféu para mostrar a todos os que vem à torre que um dos homens do Falcão Negro!

A decisão paterna de deixar o prisioneiro com vida enfureceu Edmund, mas não ousou contradizê-lo.

—Este homem deveria humilhar-se na sua frente, pai, e suplicar por sua vida. Não permanecer de pé arrogantemente, sem demonstrar remorsos pelo terror que nos causou. Suplica, viking! Se ajoelhe perante lorde Alfrick!

Apesar de sua debilidade, Brage se negava a humilhar-se.

—Não dobrarei o joelho para nenhum saxão. —declarou.

Ante a insolência do viking, Edmund lhe deu uma bofetada.

Brage, que apenas se sustentava em pé, caiu de joelhos ante a violência do golpe. Sacudiu a cabeça e lutou para voltar a ficar em pé, decidido a não mostrar-se fraco na frente de seus inimigos.

Edmund se apressou a agarrá-lo pelo braço e apoiou a espada contra sua garganta.

—Quer que livre a nossas terras deste animal, pai? Quer que o mate aqui e agora?

Os homens se aproximaram, observando com avidez. Lorde Alfrick contemplou o mar de rostos voltados para ele, todos esperando que decidisse o destino do prisioneiro. Cravou a vista no homem do norte e percebeu que soltavam faíscas de desafio do olhar do viking. Quando estava a ponto de decretar sua morte, a horrorizada voz de lady Dynna ressonou da entrada da sala.

—Não!

A multidão caiu em um silêncio atônito e todos dirigiram o olhar para a mulher que tinha ousado interromper.

Dynna permanecia imóvel na soleira, com os olhos fixos na espantosa cena. Tinha ouvido tudo e, do outro extremo do salão, tinha reconhecido o viking. Sua identidade era inconfundível, inclusive ferido e coberto de sangue. Era o Falcão Negro, o chefe dos vikings. Quase soltou seu nome, mas conseguiu calar-se a tempo. Sabia o que Edmund faria se descobrisse sua verdadeira identidade, e negava-se a ser a responsável pela morte de um homem..., inclusive tratando-se do Falcão Negro.

Brage ouviu sua voz, e lhe pareceu familiar. Era a mulher que Ulf tinha capturado antes do ataque. Já não levava as roupas de uma camponesa mas sim os vestidos da realeza. Ela conhecia sua identidade e perguntou- se o delataria.

—Lady Dynna, —disse sir Edmund em tom controlado sem soltar o invasor — Ao que parece pretende se misturar em um assunto que não lhe diz respeito, verdade?

Brage ouviu que a chamava lady Dynna e entreabriu os olhos com ar suspicaz enquanto a examinava do outro extremo do salão. Descobrir que não tinha errado não lhe causou nenhum prazer. Não era uma camponesa comum, era uma dama: Bela, elegante e... letal.

Aguardou que ela revelasse sua verdadeira identidade e decidiu seu destino, preso da tensão e atormentado pela dor.

—Acabo de retornar da aldeia, depois de dedicar horas a cuidar dos feridos e dos moribundos. Hoje já houve suficientes mortes nesta terra. —Dynna pronunciou as palavras com dignidade e se aproximou de lorde Alfrick. Ajoelhou-se na sua frente e suplicou clemência — Têm o poder de restaurar a paz e a cura em nossas terras, milorde. Basta de mortes.

Ao suplicar por sua vida, Dynna falava com sinceridade, mas Brage não compreendia do todo por que seu destino lhe importava. Sabia que lorde Alfrick e sir Edmund ignoravam a identidade de seu prisioneiro. Se ele dizia que se chamava Brage, então ela guardaria seu segredo.

—Por que se importa com esse viking? —perguntou Edmund— É um dos responsáveis pelo inferno que hoje sofremos. Negar que sua espada trouxe morte e destruição a nosso povo é impossível. Por que não teria que matá-lo?

Lentamente, Dynna ficou de pé e se virou para Edmund. Notou que tanto ele como Brage a olhavam, mas não vacilou na decisão de salvar a aquele homem.

—Porque espero que seja um homem melhor que ele, sir Edmund. —respondeu.

—A vingança não é má coisa. —disse Edmund, zangando-se — Acaso nosso Deus não exige olho por um olho?

—Acaso nosso Livro Santo não nos diz que temos que oferecer a outra face?

Sir Edmund franziu a testa. Estava firmemente convencido de que as mulheres deviam guardar silêncio. A opinião de lady Dynna não mudaria nada naquele lugar, e se perguntou por que seu pai não a mandava se calar.

—Acaso acredita, milady, que as mulheres e os filhos dos homens que hoje perderam a vida deveriam ser compassivos? Não é um cristão, é um pagão, um animal cuja vida consiste em matar e saquear. E inclusive sabendo-o, suplica por sua vida? —exclamou Edmund, e agarrou Brage com mais violência.

Dynna olhou Brage e seus olhares se encontraram pela primeira vez. Edmund mantinha a espada apoiada contra a garganta do viking. Enfrentava à morte, mas Dynna não viu temor nela, só rebeldia orgulhosa. Deu-lhe as costas e respondeu:

—Depois do que presenciei hoje no campo de batalha, e o que acabo de ver na aldeia, estou disposta a suplicar pela vida de qualquer homem.

Dynna falava com sinceridade, porque a lembrança da matança não deixava de persegui-la. Seu dom de curandeira não tinha conseguido salvar a vida dos feridos, mas podia impedir aquela morte.

Edmund considerava que nenhuma mulher tinha o direito de expressar uma opinião contrária a de um homem, e seu rosto revelou sua desaprovação ante a franqueza dela. Prometeu a si mesmo que, uma vez casados, faria-a trocar de atitude. Era evidente que Warren a tinha tratado com excessiva complacência. Era hora de que aprendesse o lugar que lhe correspondia e a não abandoná-lo.

—Dynna tem razão. —declarou lorde Alfrick com calma — A batalha acabou e ganhamos. Seremos generosos na vitória. Que não seja derramado mais sangue.

Dynna inclinou a cabeça e elevou uma silenciosa prece de agradecimento.

—Celebro sua sabedoria, milorde.

Edmund afastou Brage de um empurrão e lutou por dissimular a ira causada pela frustração.

—Como quiser, pai. —resmungou, e foi beber com alguns homens.

—E suas feridas, milorde? Quer que me encarregue delas? —perguntou Dynna ao ver a gravidade das mesmas.

—Não, Dynna. Embora o tenha perdoado sua vida, seu sofrimento me é indiferente. Prendam nosso prisioneiro junto aos cães, sir Thomas. —ordenou lorde Alfrick — Talvez nos acabe sendo útil. Enquanto isso, que viva como deve viver um viking: Preso.

Sir Thomas se apressou a cumprir a ordem. Empurrou Brage para o canto onde os cães estavam estendidos entre esteiras imundas e restos de comida podres.

—Sente-se a meu lado, lady Dynna, compartilhe este cálice comigo e me fale dos aldeãos. —disse lorde Alfrick.

—Agradaria-me fazê-lo, milorde. —Dynna sorriu e tomou assento junto a ele sem separar o olhar do prisioneiro que sir Thomas conduzia para o outro lado da sala. Apesar de seu estado debilitado, não deixou de notar seu porte orgulhoso.

—Como se encontra meus homens? —perguntou lorde Alfrick.

—Muitos morreram e muitos mais sofreram graves feridas. —respondeu ela. As lágrimas ardiam em seus olhos mas conseguiu reprimi-las — Ajudei quanto pude, mas alguns... — acrescentou em tom afogado ao recordar os horrores o que tinha visto.

Lorde Alfrick pegou sua mão e, ao ver sua expressão de causar pena, falou em tom afetuoso.

—A guerra não é para os inocentes, como você. Mas não esqueça que hoje nós fomos os defensores, não os atacantes. Se não

tivéssemos lutado, teria-nos custado a vida. Os vikings são implacáveis.

Dynna ansiava em dizer que Edmund era tão implacável como qualquer dos vikings que nesse dia tinha visto, mas guardou um silêncio prudente.

— Depois deste dia já não ignoro os métodos brutais dos homens. —disse— A morte assolou nossas terras e temo que ainda mais terão que morrer. Devo retornar à aldeia dentro dentro de instantes, para comprovar se posso fazer algo mais pelos feridos.

Dynna observava a sir Thomas enquanto este prendia ao Falcão Negro. Quase podia sentir os grilhões cravando-se em suas próprias carnes. Inclusive do outro lado do Grande Salão, via a expressão sombria de Brage e, a julgar por sua postura rígida, compreendeu que sentia uma grande dor. Sua valentia a impressionou e teve que lutar contra o impulso de aproximar-se dele e curar suas feridas. Fazendo um esforço, voltou a prestar atenção às palavras de lorde Alfrick.

—É bom que use seu talento de curandeira para ajudar a meus homens. —dizia.

—Se de algum modo posso aliviar seu sofrimento, devo fazê-lo.

—Será uma estupenda esposa para Edmund. —prosseguiu lorde Alfrick. Baixando a voz, acrescentou — Esperamos que, apesar de seus intentos de fugir, terá chegado a compreender que seu futuro está aqui, como esposa de Edmund.

—Compreendo-o, milorde. —respondeu Dynna amavelmente, tentando evitar uma discussão.

—Confio em que aprendeu a lição e que não volte a se pôr em perigo. Se abandonasse meu amparo, temeria por você. Agrada-me saber que esta aqui na torre, onde não corre perigo.

—Sim, milorde.

—Será feliz junto a meu filho caçula. —Lorde Alfrick estava mais que satisfeito com o resultado dos acontecimentos.

O Falcão Negro estava morto. Os vikings já não ameaçam suas terras e Dynna se casaria com Edmund. Tudo estava saindo conforme o prometido.

—Certamente, milorde. —Dynna baixou o olhar para esconder seus verdadeiros sentimentos.

Tinha respondido em voz baixa e ele se alegrou que por fim estava se comportando como uma dama devia.

Dynna lhe devolveu o sorriso, fingindo uma satisfação que não sentia absolutamente. O dia tinha sido caótico, e quando Edmund a levou de volta à torre só tomou o tempo necessário de trocar de roupas antes de ir em ajuda dos feridos. Como Edmund havia dito, tinha ordenado a um de seus homens que a seguisse. Sua presença era irritante, mas compreendeu que era o preço a pagar pela ousadia que supunha seu intento de escapar.

Agora, ao escutar a lorde Alfrick, Dynna pensou que poderia ter sido pior, que o sacerdote já poderia ter chegado à torre

e que lorde Alfrick poderia ter insistido em que se casasse com Edmund imediatamente. De fato, ainda dispunha de quinze dias até que o sacerdote voltasse e decidisse seu destino.

—Se acomode, homem do norte. —disse sir Thomas quando terminou de prender Brage — Comerá o que os cães estejam dispostos a compartilhar contigo.

Quando sir Thomas se endireitou, deu uma olhada para Brage e seus olhares se encontraram pela primeira vez. Nesse instante, viu a força mortífera da ira do viking refletida em seus olhos e um calafrio lhe percorreu as costas. Durante os anos transcorridos ao serviço de lorde Alfrick tinha lutado contra numerosos inimigos, mas nenhum era parecido e tão feroz como esse homem, e se alegrou de não o ter em frente no campo de batalha.

Ao se lembrar do combate, sir Thomas não teve mais remédio que admirar aos vikings. Inclusive superados em número, tinham seguido brigando com furor incrível. Era perfeitamente capaz de imaginar o resultado da batalha se os saxões não tivessem sido advertidos da incursão, porque não cabia dúvida de que o exército viking era superior.

Ao passar junto a sir Edmund, este o deteve.

—O que faremos com o prisioneiro? —perguntou.

—Seu pai já decidiu seu destino. Possivelmente o viking nos proporcionará informação a respeito dos ataques, ou talvez se limite a exibi-lo como troféu. Não cabe dúvida de que é um prisioneiro valioso. Acaso não é um dos guerreiros do Falcão Negro?

—Sim com efeito. —Sir Edmund assentiu. Fervia de fúria porque sir Thomas tinha dado o mérito da vitória a seu pai. Era ele quem tinha lutado contra os vikings e os tinha derrotado! Tinha sido seu plano o que serviu para apanhá-los, mas segundo o relato oficial, o mérito correspondia a seu pai.

—A única coisa que lamento é que não tenhamos conseguido identificar o cadáver do chefe viking. —disse sir Thomas.

—Temos seu escudo e sua espada. —assinalou sir Edmund — E posto que os vikings não levaram seus mortos, podemos supor que o corpo do Falcão Negro apodrecerá em terra saxã.

—Brindemos pela vitória de lorde Alfrick! —exclamou sir Thomas, agarrou uma jarra de cerveja e a elevou.

—Melhor brindemos pela morte do Falcão Negro! — corrigiu-o sir Edmund, unindo-se ao brinde de sir Thomas. Outros o imitaram, lorde Alfrick ficou de pé e ajudou a Dynna a levantar-

se ao mesmo brado de vitória que os soldados, esgotados depois da batalha, soltavam gritos.

—Matamos ao mais poderoso chefe viking! Triunfamos!

Dynna lançou um dissimulado olhar a Brage, que estava sentado no chão com o ombro ileso apoiado contra a parede. Observava aos saxões que passavam seu escudo e sua espada e celebravam sua «morte» com expressão inescrutável. De repente seu olhar cruzou com a de Dynna. Que a contemplasse fixamente a inquietou, mas conseguiu manter a serenidade.

Quando uma das criadas se aproximou para lhe dizer que sua presença era necessária na aldeia, sentiu-se aliviada.

—Devo retornar para junto dos feridos, milorde. Dá sua permissão? —suplicou.

—Certamente. Sempre que a necessitarem, deve ir com eles. Nos ocupar do bem-estar dos nossos é nosso dever.

Dynna procurou que não notasse seu desejo de abandoná-los. Embora o dever que a aguardava era horrível, a companhia dos aldeãos era imensamente preferível a dominante presença de lorde Alfrick e sir Edmund.

Ao sair, teve que passar junto a Brage e observou seus lábios tensos e sua pele cinzenta. Tampouco deixou de notar suas roupas ensangüentadas, e sentiu compaixão por ele. Deteve-se, com a esperança de aliviar seu sofrimento face às palavras de lorde Alfrick, mas Edmund interferiu.

—Não se incomode em se ocupar deste. Seu talento será mais útil na aldeia.

—Mas sente muita dor.

—Isso não me importa. Não merece outra coisa e se sua morte for atroz, que assim seja. Nenhum dos presentes o lamentará.

—Tratam-no pior que a um animal. Inclusive o mais humilde de seus criados recebe cuidados ao cair doente.

—Nossos criados o merecem. Ocupam-se de minhas necessidades. Este só é um viking.

—Não suporto ver alguém que sofre.

—Pois então não olhe. —lhe disse em tom duro.

O ódio que sentia por sir Edmund aumentou ainda mais. Sabia como aliviar a dor de Brage, mas a proibiam de o ajudar. No momento tinham frustrado suas intenções, mas Dynna não tinha intenção de renunciar; voltou-se e se afastou sem dizer nada.

Brage a tinha observado e escutado suas palavras. Ansiava encontrar-se com sir Edmund em um campo de batalha, livre de suas correntes e com a espada na mão. Tratou de trocar de posição e uma pontada de dor lhe atravessou o corpo. O único consolo ao que se apegava era que um dia encontraria o traidor que o tinha entregue a seus inimigos.

Edmund observou como Dynna partia e depois olhou ao prisioneiro. Brage lhe devolveu o olhar.

—Se fizesse minha vontade, estaria morto, cão. —disse com um sorriso malvado — O obrigar a nos dar informação será um prazer. —acrescentou, lhe dando um chute.

Brage não pôde reprimir um gemido de dor e amaldiçoou seu destino em silêncio, esse destino que o tinha levado até ali e o tinha deixado preso a mercê de seus captores. Procurou mover-se uma vez mais, mas as correntes o impediram.

Brage pensou em seus homens e se perguntou se teriam conseguido escapar, se acreditariam que estava morto ou se reagrupariam e retornariam por ele. E também se, em caso de que retornassem, ele seguiria com vida.

Brage seguiu a sir Edmund com o olhar e jurou a si mesmo que não morreria assim: Indefeso na frente seus inimigos. Não daria essa satisfação a quem o martirizava. Teria a morte de um guerreiro.

Apegou-se a aquela ideia e tratou de ignorar a dor que o corroia. Procurou acomodar-se contra a fria parede e fechou os olhos, tentando esquecer sua terrível situação.

Ao cair a noite, Ulf conduziu o drakkar para chão saxão. Ambos os meio-irmãos tinham discutido acaloradamente a respeito do que fariam. Por fim, Kristoffer tinha aceitado desembarcar depois que Ulf concordasse que só eles dois retornariam ao campo de batalha. Não poriam em perigo outra vida viking, só sua própria.

Era muito tarde quando abandonaram a nave e se encaminharam terra adentro. Avançaram com muita cautela, posto que sabiam que se os descobriam não haveria escapatória.

—Ainda não compreendo como deixei que me persuadissem de fazer isto. —sussurrou Kristoffer enquanto percorriam o caminho à torre e se escondiam entre os matagais que o margeavam.

—Nunca acreditarei que Brage está morto sem ver seu cadáver, e nesse caso merece um enterro viking. —insistiu Ulf.

Ambos os homens se arrastaram em meio da escuridão até aproximar-se do campo de batalha. Então viram a luz fantasmal das piras e os saxões que jogavam seus camaradas mortos nas chamas.

—Já não conseguiremos encontrá-lo. —disse Kristoffer.

—Não deveria o ter abandonado quando nos retiramos. —replicou Ulf em tom de culpa.

—Não pudemos evitá-lo, nem você nem nenhum de nós podíamos fazer nada. Se tivesse estado em nossa situação, Brage teria feito o mesmo.

—Pode ser... —respondeu Ulf lentamente.

Os irmãos se retiraram em silêncio. Brage estava morto, perdido para sempre para sua família, assassinado naquela terra aborrecida. Desapareceram em meio a escuridão e retornaram à nave.

Uma vez dentro, Ulf imediatamente ordenou a seus homens que zarpassem para empreender a volta a casa; afastaram-

se da costa remando no mais absoluto silêncio. Tinham sofrido grandes baixas e os homens ainda estavam afetados. Ninguém tinha suposto que a resistência seria tão considerável, nem que os saxões estariam armados e os aguardassem.

Ulf ocupou a posição do chefe na proa da nave. Mantinha a vista cravada na escuridão da noite, recordando o acontecido.

—Devemos informar a nosso pai da morte de Brage. — disse Kristoffer, ficando a seu lado.

—Sim. E não será nada fácil, mas temos que fazê-lo.

O silêncio os envolvia como um pesado manto. Horas antes, a confiança os tinha embargado e também a alegria por entrar em combate. A horrorosa derrota havia os tornado vacilantes e os havia desprovido de seu orgulho; o ódio se apoderou deles, igual ao desejo de vingança. Todos os vikings sobreviventes juraram que chegaria o dia em que voltariam para as terras de lorde Alfrick e cobrariam a vingança pelas perdas sofridas.

Com o peso das notícias de derrota e morte, os drakkar do Falcão Negro navegaram para o norte, para o lar, e se afastaram da costa saxã.

Lady Dynna aplicou o cataplasma à ferida aberta no flanco do homem e procurou sorrir.

—Isto aliviará a dor. —disse em tom suave e tranqüilizador.

—Obrigado, milady —foi a resposta rouca. O ferido estava muito pálido e tinha o olhar vago.

Dynna duvidou que sobrevivesse além dessa noite e sentiu-se aflita, porque o conhecia. Estava casado e era o pai de dois moços jovens. Permaneceu a seu lado até a dor se dissipar de seu rosto e só se afastou quando Matilda tocou seu braço.

—Venha, lady Dynna. —insistiu Matilda com suavidade — Já não pode fazer nada mais por ele. —uniu-se a Dynna um pouco antes, para a ajudar com os feridos.

Lentamente, Dynna ficou de pé e abandonou a pequena casa acompanhada de sua criada. O céu escuro estava espaçoso e as estrelas brilhavam. Ao levantar os olhos, maravilhou-se ante a eterna beleza do céu.

—Como é possível que às vezes o mundo pareça um lugar tão belo e ao mesmo tempo seja tão repulsivo? —perguntou-se.

—Repulsivo não é o mundo, —comentou Matilda — a não ser as pessoas que o habitam.

—É verdade. Tem tanto ódio e tantas lutas... freqüentemente queria fazer algo mais para trocar as coisas.

Matilda a olhou, surpreendida.

—Mais, milady? Entregou-se a outros, dedica-se a cuidá-los e a curá-los. Que mais poderia fazer? Não pode trocar o coração

dos homens e, até que estes não mudem, terá morte e haverá guerras.

Dynna sentia um humor sombrio, era como se carregasse o peso do mundo. Podia curar, mas não podia ressuscitar os mortos. Seu dom só acabaria sendo eficaz se tivesse esperanças.

Não tinha deixado de pensar no chefe viking, e voltou a perguntar-se como o encontraria.

—Esta fatigada e precisa descansar. —lhe advertiu Matilda — Hoje lutou sua própria batalha.

—E perdi. —acrescentou em tom lento e se obrigou a não pensar no que possivelmente tivesse acontecido se os vikings não tivessem desembarcado.

Empreenderam de volta à torre com temor, mas sabiam que não havia mais remédio. Dada a constante presença do homem de Edmund, não tinham podido falar abertamente durante toda a noite. Agora, pela primeira vez, estava um pouco atrasado e decidiram aproveitar a ocasião.

—Por que manteve a identidade do viking em segredo em frente a lorde Alfrick? —perguntou Matilda.

—Se tivesse dito quem era, o teriam assassinado imediatamente.

—Mas é o Falcão Negro. E sua reputação... —Matilda estremeceu.

—Não nos fez mal enquanto nos teve em seu poder. É o mínimo que podia fazer por ele.

—Suas feridas pareciam muito graves.

—Teria-o atendido, mas Edmund impediu que me aproximasse dele.

—Talvez tenha feito o certo. O viking é nosso inimigo.

Então o guarda se aproximou e já não puderam seguir falando. Quando entraram no Grande Salão os homens dormiam nos bancos, outros roncavam sob as mesas e alguns seguiam comendo e bebendo. A celebração da vitória continuaria durante vários dias.

Dynna atravessou a sala com passo silencioso. O guarda de sir Edmund as tinha abandonado após as acompanhar ao interior. Não havia maneira de evitar o lugar onde dormiam os cães, e Dynna parou em frente a Brage.

—Lady Dynna..., agora não é o momento... —começou a protestar Matilda.

Dynna a silenciou com o olhar e contemplou ao guerreiro. Apoiou-se contra a parede e parecia estar dormindo.

—Não deve fazê-lo.... —sussurrou Matilda— Sir Edmund...

—Acaso não devo o ajudar só porque sir Edmund decretou que não o fizesse? Está ferido. —replicou em voz baixa— Me ajude ou vá. Não me importa. Você escolhe.

—Ignora o quanto é perigoso?

—Inclusive preso?

—Inclusive preso!

—Não me fará mal. —disse convencida. Ignorava como, mas sabia.

Dynna se ajoelhou em sua frente com a intenção de examinar suas feridas, mas assim que o tocou no ombro Brage abriu os olhos e lhe cravou seu olhar azul e gelado. Embora coberto de sangue e algemado, seu olhar expressava uma determinação feroz, e Dynna compreendeu que não tinha sido derrotado. Agarrou seus pulsos com mão férrea e lhe lançou um olhar furioso.

—O que quer? —perguntou.

—Sou uma curandeira.

—Me deixe. —grunhiu.

—Posso o ajudar.

—Não quero mãos saxas me tocando! —Brage a separou de um tranco como se detestasse que o tocasse. Era um homem forte. Já tinha se curado sozinho em outra ocasião, e agora voltaria a fazê-lo.

—Lady Dynna! —A criada não conseguiu evitar um grito alarmado quando o viking empurrou Dynna, vários homens foram em sua ajuda.

—O que acontece? —Sir Thomas foi o primeiro a chegar, e seu rosto expressava temor por sua dama. Havia desembaiado a arma e estava disposto a matar o prisioneiro se tivesse feito mal.

—Ele... —tratou de explicar a criada, mas Dynna a fez calar com seu olhar.

—É um viking, e minha criada acredita que não merece minha ajuda.

Sir Thomas relaxou visivelmente e voltou a embainhar a espada.

—É verdade. —lhe disse — Recomendo que não se aproxime dele, milady. Temo que não duvidaria em tirar sua vida se tivesse oportunidade de fazer.

Dynna começou a discutir. Tinha estado em poder de Brage e ele tinha optado por salvar sua vida, não em pôr fim. E também poderia ter feito mal agora, mas se limitou a afasta-la de um empurrão. Ela sabia que discutir com sir Thomas era em vão. Era um homem bom, e só pretendia protegê-la. Seria melhor que não soubesse que o viking a tinha tocado. Inclusive agora que estava ferido, a força do Falcão Negro era inconfundível.

—Venha, lady Dynna. Deveria se retirar. — insistiu Matilda— foi um dia longo. Aqui já não temos nada que fazer.

Lady Dynna seguiu Matilda escada acima até seu quarto, mas parou um instante para dar uma olhada no Falcão Negro. Este a seguia contemplando, como se olhasse dentro de seu coração. Ela se separou de seu olhar hipnótico e correu para seu quarto.

Brage a observou enquanto subia as escadas e se perguntou por que não conseguia separar os olhos dela. Algo nela o tinha açoitado desde a primeira vez que a viu junto a Ulf. Recordou

como este se gabou de sua coragem ao atacá-lo quando tratava de capturá-la. A beleza e a coragem não eram o que Brage tinha esperado encontrar em uma dama saxã.

Quando Dynna desapareceu de sua vista, voltou a apoiar-se contra a fria parede. A dor do ombro era constante, mas tratou de ignorá-la. Procurou acomodar-se entre os cães e não perdeu de vista aos saxões ainda que bebiam e celebravam no Grande Salão.

CAPÍTULO 5

Quando Dynna chegou a seu quarto Matilda preparou um banho. Tirar a roupa manchada de sangue e deslizar-se na tina de água quente era deliciosa. Embora a tina não era ampla e sua dura superfície não convidava a ajeitar-se, Dynna se inundou na água quente e fechou os olhos. Durante um instante, envolta na agradável água, quase conseguiu esquecer os horrores passados, mas como sempre, a realidade voltou a impor-se, e também a tristeza e a dor.

Dynna lançou um profundo suspiro. A morte tinha tomado parte de sua vida: a de seu amado irmão caçula quando só era uma menina, a de seus avós, e depois a de Warren... Com o tempo, tinha aprendido a enfrentar a morte, mas nunca se acostumou a ela.

Dynna sabia que para os anciões às vezes a morte supunha um alívio, uma libertação de um corpo débil e doente, assim conseguiu aceitar a morte de seus avós. Mas o gratuito das mortes causadas pela guerra golpeava sua alma e a afetava profundamente. Perguntou-se por que os homens nunca tinham encontrado a maneira de alcançar a paz em vez de liberar guerras.

De repente apareceu a imagem de Edmund e obteve uma resposta: enquanto homens como Edmund vivessem no mundo teria guerras e ferocidade.

A lembrança de Edmund e de suas mãos tocando-a fez que se esfregasse. Desprender-se da imundície que lhe manchava o corpo e o cabelo era fácil, mas desejou que tivesse um modo de lavar a tristeza que a embargava e apagar a lembrança das cenas de morte.

Quando acabou, saiu da tina jogando água para os lados. Matilda estendeu um pano de linho e se secou, colocou a camisola e meteu-se na cama. Logo a criada apagou a vela e a deixou descansar.

Estendida em seu leito limpo e suave, embora se sentia exausta, não conseguia conciliar o sonho. Cada vez que estava a ponto de dormir, invadia-a a lembrança de Brage e suas feridas. Passou horas dando voltas na cama tratando de descansar, mas foi inútil. Finalmente, incapaz de fazer caso omisso de sua preocupação e convencida de que o viking morreria se não prestasse sua ajuda, Dynna abandonou a cama, colocou uma túnica singela e agarrou o cesto onde guardava as ervas e os ungüentos curativos.

Saiu do quarto e desceu as escadas em silêncio, com muita cautela.

No Grande Salão só se ouviam os roncos dos homens dormindo a bebedeira após celebrar a vitória. Ainda ardiam

algumas tochas que iluminavam seu caminho, e desceu até o salão com a vista cravada no sombrio canto onde estava preso o prisioneiro.

Brage precisava dormir, mas a dor das feridas e saber se prisioneiro de lorde Alfrick o tinham deixado inquieto e irado. Os saxões se dedicaram a brincar com ele durante toda a noite. Quando se cansaram de suas graças e caíram vencidos pela bebedeira, Brage começou a procurar uma maneira de escapar. Puxou as correntes que prendiam suas pernas, mas estavam fechadas com grilhões. Examinou os elos fixados à parede e soube que não conseguiria afrouxá-los.

Não podia fazer nada para salvar-se. Até então não tinha conhecido o desespero, nunca antes o tinham apanhado e sua condição indefesa o corroía. Permanecia sentado em meio da penumbra, preso da ira que provocava sua situação, quando percebeu um movimento nas escadas.

No princípio acreditou que se tratava de um dos criados, mas então Dynna passou sob uma das tochas e a reconheceu imediatamente, graças à beleza de sua cabeleira azeviche, solta e cobrindo suas costas como uma cascata.

Não compreendia por que perambulava pela torre a essas horas da noite, e ao ver que dirigia o olhar para ele se desconcertou. Antes, quando lhe disse que se afastasse dele, tinha falado a sério. Não queria nem necessitava a ajuda de uma saxã. Sua criada estava certa ao advertir de que era um homem muito perigoso. Não

estava atado, e ela era uma mulherzinha frágil. Ao prender seus pulsos, tinha-lhe parecido bastante delicada para as romper se exercia muita pressão. Observou-a enquanto alcançava a parte inferior das escadas e se dirigia para ele. Por que tinha voltado?

Quando chegou até ele, Dynna não se surpreendeu ao ver que o prisioneiro estava acordado e vigilante. Supôs que suas feridas o impediam de descansar e saber disso aumentou a determinação de aliviar sua dor.

Brage observou como se aproximava, contemplando seus movimentos graciosos e admirando sua beleza. Através do singelo vestido adivinhou as curvas femininas de seu corpo. Se seus homens tivessem ganho a batalha e ela ainda fosse sua prisioneira, duvidava que a tivesse vendido no mercado de escravos.

Um instante depois, sir Edmund surgiu entre as sombras e a impediu.

Ao vê-lo, Dynna soltou um grito afogado e um nó se formou em sua garganta.

—Sir Edmund...

A inesperada aparição do nobre também desconcertou Brage. Ao observar como ela enfrentava corajosamente ao homem que ele já tinha chegado a desprezar, amaldiçoou em silêncio as adeias que o sujeitavam.

—Ah, assim que a tomei de surpresa, milady. Isso é bom. As surpresas são agradáveis. —disse sir Edmund. Estava bêbado e

lhe deu um olhar lascivo em meio a penumbra — Têm um aspecto encantador, Dynna, querida minha. Desceu em busca de minha companhia, para se unir à celebração de minha coragem e minha ousadia?

—Eu... —gaguejou Dynna em tom nervoso.

Não pôde acabar a frase, porque nesse instante sir Edmund se viu a cesta que levava na mão e compreendeu o que se propunha. Fazia um instante estava disposto a seduzi-la com palavras e beijos suaves. Agora sabia que só tinha descido para prestar ajuda ao viking e isso o enfureceu.

—Como se atreve a ajudar ao prisioneiro quando já disse que o deixasse sofrer? —perguntou, olhando Brage por cima do ombro e desejando que seu pai tivesse permitido que o matasse, para acabar com o assunto — Quando for minha esposa, aprenderá que quando dou uma ordem, têm que obedecê-la. —acrescentou com fúria e a agarrou pelos antebraços.

—Ainda não sou sua esposa! —protestou ela, tratando de escapar.

A notícia de que se casaria com esse cão chocou Brage, e o modo brutal com o que a tratava o zangou. Nenhum dos homens que conhecia tratava a suas mulheres dessa forma. As esposas estavam ali para ser amadas e adoradas, não para ser maltratadas e golpeadas. Inclusive enquanto tratava de convencer-se de que lady Dynna era uma saxã que não significava nada para ele,

compreendeu que não era assim, que se importava o que lhe ocorria; a ideia o inquietou e o confundiu.

O ódio ardia no olhar de Brage e desejou estar livre para ir em ajuda de Dynna. Enfurecia-o saber que não podia fazer nada e apertou as mandíbulas, mas guardou silêncio.

—Só é uma questão de tempo, querida minha, umas semanas como muito. —prosseguiu Edmund — Então será minha esposa e uma vez que o seja, fará o que eu disser quando eu lhe disser isso. Como minha futura rainha, deverá cumprir com minha vontade... satisfazer todos meus desejos...

Edmund a abraçou, e ao lutar a cesta e os remédios da Dynna se esparramaram pelo chão imundo.

—Me solte! Os vikings aos que tanto temia não me trataram com tanta rudeza!

—Mas eu tenho direito! É minha!

Soltou uma gargalhada e a beijou, pressionando os lábios contra os seus em uma feroz posse que provocou náuseas em Dynna. Virou a cabeça procurando evitá-lo, mas ele a segurou e a obrigou a aceitar o beijo.

Dynna sentiu vontade de gritar. Seu toque era repugnante, mas não conseguiu libertar-se de seu abraço. Quando por fim a soltou, ela retrocedeu tropeçando e limpando a boca com o dorso da mão.

—Como ousa me tocar? —perguntou, tratando de conservar uma atitude arrogante, quando o que queria era começar a correr.

—Ousaria tudo com você, Dynna. —disse Edmund e em seus olhos ardia a chama do desejo. Que o evitasse e se comportasse como se não sentisse interesse por ele supunha um desafio. Mas sabia que só se tratava de um jogo que ele acabaria ganhando. Ela estaria sob seu controle e se submeteria a sua vontade.

Era a primeira vez que uma mulher o rechaçava e, embora a atitude da mulher despertava sua paixão, tudo tinha limite e estava disposto a tolerar. Essa noite, dada sua negativa a cumprir suas ordens, quase tinha superado o limite.

—É desprezível! —espetou Dynna — Me parece impossível que Warren fosse um homem tão bondoso e amável, e você tão...

Mencionar Warren foi o insulto final e se aproximou dela com atitude ameaçadora.

—Não volte a pronunciar seu nome, Dynna.

—Warren era meu marido. Eu o escolhi! Não escolhi a você!

—O que opinaria seu excelente marido se soubesse que escapa de noite para se prostituir com o inimigo?

—Suas palavras são tão vis como você mesmo, Edmund!

—Perambular pelo castelo às escondidas no meio da noite, usar seu talento para curar como desculpa para baixar aqui... O que era o que realmente desejava esta noite, Dynna?

Ante semelhante insulto, o aborrecimento de Brage se transformou em fúria. Se tivesse forças, teria arrancado as correntes da parede as teria usado para dar uma surra a esse aborrecido saxão.

Ao escutar suas palavras, Dynna empalideceu.

—Me custa ser difícil compreender que os mesmos pais de Warren tiveram a você. —replicou.

Quando voltou a pronunciar o nome de seu irmão, as chamas que ardiam no olhar de Edmund se transformaram em gelo. Seu coração endureceu e levantou a mão para bater nela.

—Não...! —exclamou Dynna.

—O que acontece aqui?

Sir Thomas apareceu entre as sombras do salão com expressão preocupada e seu olhar oscilou entre sir Edmund e Dynna. Edmund baixou a mão, momentaneamente frustrado.

A expressão de sir Thomas seguia sendo grave e sua atitude ameaçadora. Não permitiria que fizessem mal a ela. Havia sentido um grande apressamento por Warren e aprovado sua decisão de casar-se com lady Dynna. Depois da morte de seu amigo, tinha decidido transforma-se em seu protetor e não toleraria que ninguém lhe fizesse mal. Quando Dynna escapou, quase tinha esperado que conseguisse chegar à casa de seus pais. Não acreditava que sir

Edmund seria um bom marido para ela e queria voltar a vê-la feliz.

Depois da morte de Warren, Dynna não tinha voltado a sorrir.

—Algo vai mau, lady Dynna? —inquiriu.

—Sir Thomas... —Dynna nunca se alegrou tanto de vê-lo.

De algum modo, sempre parecia saber quando o necessitava —

Não, não passa nada.

—Esta segura? Pareceu-me que necessitava ajuda, que tinha problemas... —disse, dando um olhar eloqüente à cesta e seu conteúdo esparramado no chão — Vejo que tinha empreendido outra missão misericordiosa.

—Sim, mas estava a ponto de acabar e retornar a meu quarto.

—Então vos peço que permita que a acompanhe. Encarregarei-me de que esta noite ninguém lhe faça mal.

—Obrigada.

—Sir Edmund? —Sir Thomas aguardou que lhe desse uma explicação a respeito da cena que acabava de presenciar.

Edmund optou por ignorar sua pergunta e se dirigiu diretamente a sua prometida.

—Boa noite, Dynna. Contarei os dias... e as noites... até que seja minha.

Dynna percebeu a ameaça de suas palavras e recolheu suas coisas com rapidez. Sem despedir-se de Edmund, deu-lhe as costas e partiu apressadamente em companhia de seu protetor.

Sir Edmund amaldiçoou em voz baixa ao observar como sir Thomas a acompanhava escada acima. Dynna havia tornado a mostrar-se mais hábil que ele, mas chegaria o dia em que venceria. Prometeria ser sua esposa e ele desfrutaria ouvindo-a jurar obediência. E obedeceria... em todos os sentidos.

Quando lady Dynna se afastou acompanhada de sir Thomas, Brage guardou um silêncio raivoso. Que o homem mais velho tivesse intervindo supunha um alívio imenso. Não sabia o que teria feito se Edmund a tivesse golpeado.

Sir Thomas permaneceu junto a ela ao pé das escadas.

—Esta bem, milady?

—Sim, sir Thomas. Boa noite. —respondeu Dynna, e se esforçou a sorrir.

Ele a observou até que desapareceu escada acima, depois retornou junto a sir Edmund.

Edmund o viu aproximar-se e, bêbado e irritado, perguntou-se o que queria agora o estúpido intrometido.

—Posso falar com sinceridade, sir Edmund?

—Acaso não o faz sempre, sir Thomas?

—Deve saber que aqui, na corte de seu pai, lady Dynna é muito respeitada. Muitos desaprovavam se sofresse algum mau ou se a obrigassem a fazer algo contra sua vontade.

—Não tinha intenção de lhe fazer mau. —disse sir Edmund em tom desdenhoso. A ira o consumia, mas não disse mais

nada: limitou-se a lançar um olhar colérico aquele homem que era como um filho predileto para seu pai.

—Isso não foi o que me pareceu. É evidente que esta bêbado e seria melhor que fosse para cama.

Sir Edmund lhe lançou um olhar irado e cheio de desprezo.

—Encarregarei-me de meus assuntos sem seus conselhos.

—Como quiser, mas saiba que protegerei lady Dynna... inclusive de você. —replicou sir Thomas.

Dito isto, sir Thomas partiu deixando um Edmund furioso, que se virou para olhar o que tinha causado o problema: O viking. Que o homem do norte tivesse visto tudo o indignava, e que por cima se atrevesse a lhe sorrir...

—Sorri enquanto possa, viking. Desfrutarei o vendo sofrer durante as semanas vindouras. —Brage guardou silêncio ante a brincadeira. Não respeitava a sir Edmund, nem como homem nem como inimigo e não retrocedeu quando este se aproximou — Ela teria curado suas feridas, mas é melhor que sofra lentamente.

—A morte não me dá medo. —respondeu Brage com tranqüilidade.

—O que lhe dá medo, viking? —Edmund se aproximou ainda mais com expressão feroz e ardilosa.

—Muito poucas coisas, saxão.

Sir Edmund desembaiou sua faca e seu olhar oscilou entre a afiada folha e o prisioneiro.

—Se esta noite tratasse de escapar e morresse no intento seria uma pena.

—Me libere destas algemas e escaparei... usando sua faca. —respondeu.

Edmund sorriu.

—Se meu pai não tivesse planos para você, faria-o imediatamente, só por desfrutar do prazer de o caçar. Mas tem que adoecer aqui. Os grilhões lhe sentam bem. Os animais deve estar presos.

—Aqui, esta noite, o animal não sou eu. Não preciso usar a força com as mulheres.

Edmund sentiu uma labareda de inveja e sustentou a faca na frente do olhar de Brage; depois roçou sua bochecha.

—Se a folha me escapa justo aqui, o... —baixou a faca até que a ponta se apoiou na parte superior da coxa do prisioneiro—, aqui, acabaria-se a atração que as mulheres poderiam sentir por você.

Quando o viking lhe devolveu o olhar com frieza, sem nenhuma emoção, Edmund se zangou ainda mais. Por mais ganas que tivesse de torturá-lo para aliviar sua própria frustração, recordou que seu pai tinha ordenado que permanecesse com vida, e retrocedeu lentamente.

—Tome cuidado, viking. Logo chegará sua hora.

Depois de pronunciar essas palavras desapareceu entre as sombras e deixou Brage a sós com os cães adormecidos.

Brage não relaxou até um instante depois. Então, lenta e cuidadosamente, voltou a apoiar-se contra a parede; a ferida do ombro estava mais dolorida que nunca.

Dedicou-se a recordar a conversa entre sir Edmund e lady Dynna. Agora a situação estava mais clara: Era a viúva do irmão de Edmund e não uma dama virginal prometida em casamento. Era óbvio que a obrigavam a casar-se com ele contra sua vontade. Estava certo que o fato de que Ulf descobrisse a ela e sua criada disfarçadas de camponesas e dormindo no meio do campo guardava uma relação com essas bodas. E se fosse assim, seguramente que tinha tentado escapar do destino que supunha converter-se na esposa de sir Edmund.

Brage voltou a perguntar-se por que lady Dynna e sua criada não tinham revelado sua verdadeira identidade a lorde Alfrick, porque se este tivesse sabido que seu prisioneiro era o célebre Falcão Negro, teria ideado um tortura especial para ele. No momento só era um viking mais e como tal supunha um troféu, mas algo muito menos importante que o Falcão Negro. Sentia-se muito

desconcertado. Dizer aos saxões quem era supunha uma grande vantagem para Dynna, e nenhum inconveniente.

Brage estava esgotado e fechou os olhos tratando de descansar. Procurou não pensar em nada, mas a visão de uma mulher valente de cabelos escuros não deixava de persegui-lo.

Essa noite só conseguiu ter um sonho inquieto.

Estendida no leito em seu quarto, Dynna não conseguia conciliar o sono. Apesar da cavalheiresca intromissão de sir Thomas, tinha jogado os ferrolhos da porta em previsão de que Edmund tivesse decidido segui-la. Se aconchegou sob as mantas e tratou de idealizar uma maneira de evitar o iminente casamento, mas nada ocorreu. Começava a amanhecer quando por fim caiu em um sonho agitado. Poucas horas depois, quando despertou, pareceu-lhe que não tinha dormido absolutamente. Passou o dia em seu quarto, para não ter que ver Edmund, mas não deixou de pensar no viking e em como se encontraria.

—Aqui está seu café da manhã, homem do norte. Possivelmente os cães o compartilhem com você! —exclamou um

criado e jogou um prato com restos de comida. Tinham transcorrido dois dias da batalha.

Os cães estavam acostumados a esse ritual. Assim que viram o criado se levantaram de um salto e começaram a brigar pela comida, grunhindo e lançando-se a mordidas dos dentes para pegar sua parte.

Quando Brage não fez gesto de lutar com os cães pela comida, o criado encolheu os ombros com indiferença. Dirigiu-se à cozinha e retornou uns minutos depois com um grande cubo de água. Avançou uns passos, mas evitou aproximar-se do perigoso invasor. Quando depositou o cubo no chão, Brage levantou a cabeça e lhe lançou um olhar furioso. O criado deu um coice e retrocedeu apressadamente. Não confiava no prisioneiro; sabia que os vikings eram capazes de tudo, inclusive quando estavam presos.

Se tivesse tido forças, o temor do homem teria provocado o sorriso de Brage, mas se limitou a olhá-lo partir sem mover-se. Brage cravou a vista nas partes de carne podre que os cães ainda disputavam; não sentiu fome, mas morria de sede. O cubo estava a seu alcance, assim tentou levantar-se. A dor no ombro era atroz e aumentava hora após hora. Quando por fim conseguiu ficar de pé, cambaleou por um momento até recuperar o equilíbrio.

A debilidade o desconcertava e cambaleou ao aproximar-se do cubo, mas supôs que se devia às algemas. Caiu de joelhos e bebeu. Embora a água estava fresca, logo aliviou o calor febril que o abrasava. Depois de molhar o rosto e o pescoço se sentiu um

pouco melhor e arrastou o cubo até seu lugar junto à parede. Era impossível saber quando voltariam a trazer água — se é que o fariam — e não estava disposto a compartilhá-la com os cães.

Quando voltou a acomodar-se, sentiu-se um pouco reconfortado. Uma vez mais percorreu o salão com o olhar, tentando idealizar um plano para escapar de sua prisão, mas não lhe ocorreu nada e se desabou contra a parede, derrotado e procurando ignorar a dor que atravessava seu corpo e a alma.

Com grande pesar, compreendeu que sua única esperança era que seus irmãos descobrissem que estava vivo e montassem um contra-ataque, mas ao recordar as graves baixas sofridas, a ideia de que talvez não o fizessem o encheu de inquietação. Era mais que provável que acreditassem que tinha morrido no campo de batalha. Passariam semanas, possivelmente meses, antes que conseguissem reunir outro exército e tratassem de vingar-se do lorde Alfrick.

Brage se sentia aflito pela derrota. Nunca antes tinha estado a mercê de outro, prisioneiro e impotente. Seria muito melhor estar no Valhala que viver dessa maneira, não? Uma morte honrosa seria melhor, tinha que ser. A única coisa que impedia Brage de ceder a febre e a debilidade cada vez maior era a necessidade imperiosa de descobrir o traidor.

Pela tarde, sir Roland, um dos homens de lorde Alfrick, reuniu-se com Hereld, um mercador ambulante recém-chegado à torre, e o informou da batalha liberada no dia anterior.

—Derrotamos aos guerreiros do Falcão Negro e os perseguimos até o mar! —alardeou.

—Não confie muito. —disse Hereld, que tinha tratado com os vikings e sabia o quanto eram ferozes — Como sabe que não retornarão?

—Suas baixas foram muito severas. Demorarão muito para retornar.

—Mas o Falcão Negro não é dos que abandonam com facilidade.

—O Falcão Negro está morto. —disse sir Roland — Nossas terras estão a salvo de seus ataques, para sempre.

—Morto? —exclamou Hereld, atônito. Tinha visto o Falcão Negro em diversas ocasiões e sabia que era um magnífico guerreiro. Que aqueles soldados o tivessem matado parecia incrível — Como é possível? Como conseguiram derrotá-lo?

—Advertiram-nos do ataque com antecipação. Ninguém sabe quem era aquele homem, mas veio ver lorde Alfrick no meio da noite e lhe informou do ataque. Tivemos tempo de nos preparar, assim quando o Falcão Negro nos atacou, estávamos dispostos a recebê-lo.

—E esta seguro de que está morto?

—Encontraram seu escudo e sua espada, e durante a retirada, os vikings não levaram a seus mortos.

—É uma proeza admirável. Transmita meus parabéns a seu senhor.

—Pode dar-lhe você mesmo.

—Farei-o. Difundirei a notícia de sua valente vitória nas aldeias e nas cidades.

Sir Roland estava agradado, e sabia que seu senhor também o estaria.

—Só obtivemos um troféu da batalha. —adicionou.

—Que troféu?

—Encontramos um viking gravemente ferido, que foi deixado por morto no campo de batalha.

—Segue com vida? —A cobiça iluminou o olhar do mercador ambulante. Cobrar o resgate por um prisioneiro era um negócio muito proveitoso e possivelmente obteria um ganho considerável se conseguisse convencer a lorde Alfrick que lhe permitisse encarregar-se disso.

—No momento sobreviveu, embora sir Edmund queresse o ver morto, por toda a dor que causou. Venha, dê uma olhada em nosso troféu.

Sir Roland conduziu o mercador ao Grande Salão e o acompanhou até o canto onde Brage permanecia preso. Quando se aproximaram, vários cães grunhiram. Sir Roland deu um chute e se

afastaram. Surpreendeu-se ao ver que o prisioneiro não levantava a cabeça nem prestava atenção. De fato, o viking parecia adormecido, posto que mantinha a cabeça inclinada sobre o peito.

—Aqui está. —anunciou — Não sei o que pensa fazer lorde Alfrick com ele, mas permanecerá aqui até que tome uma decisão.

Quando os cães se afastaram, Hereld se aproximou. Ao ver o prisioneiro de cabelos escuros ficou imóvel.

—Diz que este é um viking? Um dos homens do Falcão Negro? —perguntou.

—Sim. Disse chamar-se Brage. Isso foi tudo o que conseguimos lhe surrupiar. —Sir Roland deu um chute em sua coxa — Acorda, homem do norte. Tem visita.

Hereld viu que o prisioneiro levantava a cabeça com lentidão e, quando se encontrou com aqueles olhos azuis que já tinha visto com antecedência, não pôde acreditar em sua boa fortuna... O prisioneiro era o Falcão Negro! Sentiu-se invadido por uma grande excitação. Aqueles estúpidos saxões não tinham nem ideia do tesouro que possuíam.

Nesse momento, um homem chamou sir Roland veio do outro lado do salão e foi ver o que acontecia.

Hereld cravou o olhar em Brage e um amplo sorriso lhe cruzou o rosto.

—Isto é maravilhoso! —refletiu em voz alta — Anslak pagará uma fortuna por recuperar a seu filho. Serei mais rico do que jamais tivesse podido sonhar...

Brage se perguntou o que queriam esses dois homens, além de atormentá-lo. Acreditou ouvir que o homenzinho pronunciava o nome de seu pai enquanto seguia os passos de sir Roland. Queria chamá-lo, averiguar o que sabia de seu pai, mas por algum motivo não lhe ocorreu o que dizer. Sentia-se torpe e confuso. Sua única ideia coerente foi que aquele homem de olhar escuro e furtivo sabia quem era, e que se dirigia a informar a lorde Alfrick...

—Espera... —conseguiu dizer por fim; sua voz era um grasnido.

Hereld o ouviu e se voltou para olhá-lo.

—Tenha paciência, meu amigo. Logo o tirarei daqui!

Brage não compreendia.

—Fará-me muito rico. —prosseguiu Hereld — O único que tenho a fazer é convencer a lorde Alfrick de que o deixe em minhas mãos e então obterei uns bons lucros quando informar a seu pai. Não morra. —disse, com uma risadinha quase maligna — Retornarei logo.

Hereld se afastou apressadamente, rindo ao pensar em sua boa fortuna. Agora só tinha que convencer a lorde Alfrick de que lhe entregasse ao prisioneiro...

Aproximou-se de sir Roland, que estava reunido com outros homens, pediu-lhe audiência com lorde Alfrick e o cavaleiro partiu para obter a permissão de seu senhor.

Hereld teve que aguardar quase uma hora. Por fim o conduziram até uma pequena câmara junto à sala principal, onde se encontravam lorde Alfrick e sir Edmund.

—Queria falar comigo. —o saudou lorde Alfrick.

—Sim, milorde. Acabo de chegar à torre e me falaram que a grande batalha contra o Falcão Negro. Verdadeiramente, é um senhor magnífico ao ter conseguido infligir semelhante derrota ao aborrecido viking.

—Meus homens lutaram com valentia. Não foi uma batalha fácil, mas devíamos ganhá-la para proteger nossas terras.

—Em efeito, milorde. Demonstrou que domina a estratégia. Informarei a todo mundo de sua maravilhosa ação.

Suas palavras agradaram a lorde Alfrick, posto que sabia que Hereld era um viajado mercador que conhecia muitas pessoas. Ter fama de ser um chefe indômito seria muito positivo para ele. Melhor, o respeito por sua destreza na batalha evitaria que outros o atacassem.

—Muito bem. O que quer de mim, Hereld?

—Nada, milorde, exceto comprar algo que espero que esteja disposto a vender.

—Não sei de que falas. —disse Alfrick com expressão desconcertada.

—Têm algo que acredito poder vender em outro lugar, milorde, e estou disposto a regatear com você.

—E o que é isso que tanto te interessa?

—Seu prisioneiro viking, milorde. Sir Roland me disse que lhe resulta inútil. Entretanto, eu estaria disposto a pagar por ele.

—Do que lhe serviria um prisioneiro viking?

—Conheço muitos que comprariam ele por uma boa soma. Tem muito valor no mercado. Em geral, quem vende escravos são os vikings, esta vez seria eu quem vende a um deles.

—Que valor oferece?

Hereld pronunciou uma cifra que não era excessivamente elevada, mas sim considerável.

—E bem, milorde? —insistiu— Temos um trato?

Edmund observava a cena e ao princípio não disse nada, mas pouco a pouco começou a zangar-se e falou. Não queria que vendessem ao guerreiro, queria vê-lo morto.

—Acredito que possivelmente nosso bom mercador devesse limitar-se a comercializar mercadorias.

—Mas sir Edmund, —disse este — acaso o ver morto é mais importante que ganhar dinheiro? Estou-lhe oferecendo um bom preço por ele.

—Por que acredita que obterá um bom preço por ele?

—Navegou com o Falcão Negro. Muitos pagariam para ficar com ele.

Para ouvir a voz ambiciosa de Hereld, lorde Alfrick se perguntou a que se devia. Podia ganhar algum dinheiro, mas não tanto como para mostrar-se tão entusiasmado.

—Os vikings saquearam nossas terras e assassinaram a nosso povo. —opinou o lorde — Acredito que deixaremos as coisas como estão. Agrada-me ficar com este.

Viu o brilho de cobiça desesperada no olhar do homem e soube que não se equivocou: Ali tinha algo errado.

—Milorde! Darei-lhe mais dinheiro por ele! Diga um preço e procurarei pagar essa soma.

Ao contemplar ao entusiasmado homenzinho, lorde Alfrick franziu o cenho com ar suspicaz.

—Me diga, Hereld, por que este homem em particular é tão importante para você?

Hereld se deu conta de que tinha revelado muito.

—Ele não tem importância, milorde. Só vi a oportunidade de ganhar algum dinheiro com facilidade, isso é tudo.

Sir Edmund viu o quanto ficou nervoso e perguntou:

—Acaso se pode ganhar tanto dinheiro vendendo a um mero guerreiro, Hereld? Ou há algo mais que não nos disse?

—Não..., não, isso é tudo. —Hereld tratou de dissimular sua inquietação, agora que sua manobra tinha sido descoberta — Se não deseja me vender isso de acordo. Dedicarei-me a vender minhas mercadorias e deixarei o tráfico de escravos a outros.

Hereld começou a retirar-se. As ideias se amontoavam em sua mente enquanto tratava de forjar outro plano para ganhar dinheiro e tirar proveito do infortúnio do Falcão Negro. Estava seguro que Anslak pagaria uma soma elevada por saber que seu filho estava vivo e prisioneiro naquele lugar. O que tinha que fazer era viajar até a terra do chefe viking e lhe dar a notícia.

Quando estava a ponto de alcançar a porta, sir Thomas se interpôs em seu caminho.

—Sir Thomas. —chamou sir Edmund — Nos traga nosso amigo, por favor. Acredito que sabe mais de nosso viking do que nos diz. Algo não se encaixa.

O grande homem o empurrou para frente e teve que voltar a enfrentar lorde Alfrick e sir Edmund.

—É verdade, Hereld? Sabe mais do que está dizendo a milorde? —perguntou sir Thomas, apoiando uma mão pesada em seu ombro — Tem algo mais que deve contar a lorde Alfrick?

Hereld levantou os olhos para contemplar ao robusto protetor de Alfrick. Viu seu olhar e compreendeu que sua própria cobiça o tinha delatado. Refletiu com rapidez e decidiu dizer a verdade..., de momento. Depois já veria o que podia idealizar.

—Algo mais, sir Thomas? —Hereld procurou falar em tom inocente.

—Algo mais, Hereld. —A voz de sir Thomas era um retumbo ameaçador e apoiou a outra mão na adaga pendurada do cinto.

—Pode ser que tenha um pequeno detalhe que esqueci mencionar...

—E qual é esse pequeno detalhe, mercador? —perguntou lorde Alfrick em tom imperioso.

—Seu prisioneiro, milorde: Vale muito ouro para os vikings.

—É o que diz. Pergunto mais uma vez, por que é tão valioso para você?

Hereld compreendeu que não teria modo de escapar daquela situação, tinha que dizer a verdade.

—Seu prisioneiro, que disse chamar-se Brage, também é conhecido por outro nome...

—Sim? —Sir Edmund estava impaciente.

—É o Falcão Negro.

CAPÍTULO 6

Sobressaltados, os três saxões emudeceram e olharam fixamente ao mercador.

—O chefe viking? —disse sir Edmund com um amplo sorriso; em seus olhos brilhava um ardor renovado — Ainda mais motivo para matá-lo e acabar com o assunto!

—Diz que nosso prisioneiro é o Falcão Negro? —Lorde Alfrick estava atônito.

—Sim, milorde.

—Está certo disse?

—Vi-o no mercado por volta de um ano e me foi impossível esquecê-lo. Sua barba e cabelos escuros o distinguiam dos outros, e esses olhos... —Ao recordar o poder logo que controlado e a ira glacial que tinha visto no olhar do viking estremeceu — É o Falcão Negro, milorde. Não cabe dúvida.

—E pensava vendê-lo como escravo? —perguntou lorde Alfrick com um sorriso cínico.

—Pensava vendê-lo, milorde...

—Aos seus?

—Sou um homem de negócios, milorde. —disse Hereld — Estou seguro de que pagariam uma soma elevada por ele...

Lorde Alfrick refletiu um momento. A cobiça do mercado tinha despertado seu próprio interesse.

—Acredito que existe um modo de usar a nosso prisioneiro para nosso próprio proveito. Tinha-o considerado um mero troféu, mas agora vejo que é muito mais que isso.

—O que planeja, pai? —perguntou Edmund. Que tivessem capturado ao Falcão Negro adorava, posto que uma vez mais demonstrava que bom tinha sido seu plano.

Sem deixar de pensar em um modo de obter um ganho, Hereld disse:

—Se me permitirem o atrevimento de lhe oferecer meus serviços, lorde Alfrick, estaria mais que disposto a o ajudar a arrumar um intercâmbio com Anslak. Posso acessar a sua aldeia, e poderia fazer chegar sua mensagem.

—Por um preço, claro está. —disse Alfrick.

Hereld fez uma profunda reverência.

—Milorde, ganho a vida graças a meu engenho. Minha capacidade de regatear é meu maior talento.

—Parece-me bem. Nos deixe por agora, mas espere no Grande Salão.

—Sim, milorde.

Lorde Alfrick aguardou que Hereld abandonasse o recinto.

—Ao que parece, ofereceram-nos uma excelente oportunidade, pai. —disse sir Edmund.

—Você o que faria, meu filho?

—Sei que sempre procura maneiras de incrementar nosso tesouro, e para os seus esse homem vale muito ouro.

—Quer dizer que pediria um resgate por ele?

—Sim, —respondeu sir Edmund — mas me asseguraria de que nunca voltasse a ter a oportunidade de nos atacar. Cobraria o resgate, e depois destruiria o troféu.

—Suporia uma guerra.

—Estariamos preparados, igual a ontem.

Lorde Alfrick se voltou para sir Thomas.

—E você, sir Thomas? O que pensa?

—Como disse sir Edmund, estávamos preparados para repelir o ataque do Falcão Negro, e o derrotamos. —Olhou ao homem mais jovem e viu sua conivência e sua debilidade. Cada dia que passava, sua opinião sobre o Edmund piorava mais e mais. Edmund carecia de honra e caráter.

—Percebo certa dúvida em suas palavras. —disse Alfrick — O que lhe preocupa?

—Enganar é de covardes. Acaso dariam sua palavra e depois matariam a quem acode de boa fé para levar a cabo o lembrado? Sua reputação como chefe valoroso e senhor justo não resistiria.

A ideia de voltar a derrotar aos vikings tinha cegado momentaneamente Alfrick, mas as palavras de sir Thomas apagaram seu entusiasmo por montar outra emboscada.

—O que faremos com respeito a Hereld, milorde? — acrescentou sir Thomas.

—Ofereceu-nos sua ajuda neste assunto e a aceitaremos. Tragam-no.

Um momento depois, Hereld voltava a encontrar-se na frente de lorde Alfrick.

—Faça a viagem para a aldeia de Anslak e diga ao chefe viking que seu filho é nosso prisioneiro. —ordenou ao mercador— Diga-lhe que devolverei o Falcão Negro em troca de quinhentas libras de ouro e seu compromisso de não voltar a atacar nossas terras.

—Quinhentas libras de ouro, milorde? —Hereld ficou boquiaberto ante a elevada soma mencionada.

—Esse é meu preço, se quiser recuperar a seu filho.

—Sim, milorde.

—Esperaremos sua notícias.

—Se assegure de que seu prisioneiro permaneça ileso durante minha ausência. —acrescentou o mercador — Não seria bom dizer a seu pai que está com vida, só para que este o encontre morto quando for pagar o resgate. Anslak não é um homem indulgente.

—Anslak voltará a ver seu filho com vida. —afirmou lorde Alfrick.

—Também é um homem desconfiado. Tem algo que possa levar para demonstrar que digo a verdade?

—Encarregarei-me de que entreguem um de seus objetos. Suporá uma prova suficiente para o viking.

—Muito bem. E minha recompensa, milorde? —atreveu-se a perguntar.

—O pagarei muito bem por seus esforços, uma vez que o intercâmbio tenha tido lugar.

—Então empreenderei viagem ao norte para cumprir com suas ordens assim que tenha me dado o objeto, milorde. —Quando Hereld partiu apressadamente, a cobiça brilhava em seus olhos.

—Quanto tempo acha que demorará para voltar? —perguntou sir Edmund; sua voz gotejava a ira que sentia.

—Certamente duas semanas. Temos tempo de nos preparar. —disse sir Thomas.

Lorde Alfrick estava agradado.

—E agora visitemos nosso «hóspede». Quero falar com o intrépido Falcão Negro. —Logo refletiu sobre a conversação mantida anteriormente com o prisioneiro — Vejamos... Qual foi sua resposta quando perguntei se o Falcão Negro estava morto?

—Acredito que disse que o Falcão Negro tinha caído. —lhe recordou sir Thomas.

—É um homem ardiloso. Será melhor que o vigiemos com muito cuidado.

Edmund não participou da conversa; estava com raiva porque sua decisão tinha sido invalidada. Acaso não tinha sido ele quem planejou o plano graças ao qual ganharam a batalha? Por que seu pai e sir Thomas se negavam a escutá-lo e a montar uma emboscada para os vikings? Que os homens do norte fossem varridos da face da Terra não supunha uma grande perda. Começou a planejar uma estratégia própria. Pode ser que agora seu pai manifestasse seu desacordo, mas chegado o momento se orgulharia de sua ousadia.

Brage tinha ficado esperando a volta do homenzinho. Ignorava os planos do estranho para obter sua libertação, mas significava o primeiro raio de esperança para ele.

Quando partiu, durante um momento se sentiu muito animado, mas à medida que transcorria o tempo e Hereld não aparecia, voltou a afundar-se no desespero e perguntou-se teria imaginado todo o assunto. Era provável, sem dúvida. A dor causada pelas feridas era enlouquecedor e cada vez estava sendo mais difícil pensar com clareza.

Brage se sentia acalorado. Não deixava de molhar o rosto e o pescoço, mas cada movimento lhe causava ainda mais dor e depois de um momento deixou de fazê-lo. De todos os modos, a água quase não parecia refrescá-lo.

De repente, Brage viu uns homens que se aproximavam do outro lado do Grande Salão. Tinha a vista nublada e tratou de olhá-los melhor, pensando que possivelmente as pessoas eram o estranho que ia liberá-lo. Mas quando se aproximaram, viu que se tratava de lorde Alfrick, sir Edmund e sir Thomas. Que tinha prometido a liberdade não aparecia por nenhuma parte.

—Bem, bem, bem... O que temos aqui? —desfrutou-se Lorde Alfrick — Possivelmente ao mais valente dos agressores vikings?

—Sim, pai, é, mas ao parecer, não voltará a nos atacar. — Sir Edmund se aproximou da parede e comprovou a resistência das correntes que prendiam Brage. Ao ver que eram sólidas sorriu satisfeito.

—Muito bem. —disse lorde Alfrick em tom duro — O ver preso me agrada.

—Que esteja feliz é importante. —respondeu Brage em tom sarcástico e tratou de ficar de pé para enfrentar a seu inimigo.

—Sim é, e hoje estou muito feliz.

Brage apertava as mandíbulas e lutava contra a dor. Por fim conseguiu ficar de pé, embora suas pernas apenas o sustentavam. Permaneceu de pé, mas se apoiou contra a parede, esgotado pelo esforço. A cabeça rodava. Parecia que as palavras de lorde Alfrick chegavam de uma grande distância.

—Acabo de saber que é o Falcão Negro, não um de seus guerreiros.

Para ouvir seu nome de guerra, Brage levantou a cabeça e se perguntou como tinha descoberto sua verdadeira identidade.

—É verdade, sou o Falcão Negro.

Lorde Alfrick e sir Edmund trocaram um sorriso ao comprovar que o mercador não tinha mentido. Sir Thomas observou como seu digno adversário lutava por conservar a dignidade na frente de lorde Alfrick e sentiu uma profunda admiração por ele. Duvidou que ele mesmo tivesse conseguido exercer o mesmo controle se tivesse estado em seu lugar.

Brage não manifestou nenhum sentimento enquanto aguardava o juízo de lorde Alfrick. Supunha que seria morto..., de fato, quase a ansiava. Era como se o mundo girasse em torno dele e seus joelhos ameaçavam dobrar-se, mas se manteve de pé, decidido a não desmoronar-se em frente a seus inimigos.

Lorde Alfrick o tinha examinado com interesse. Ao ver seu rosto macilento e seu olhar perdido, franziu a testa.

—Sir Thomas, leve nosso prisioneiro ao quarto da torre. —ordenou.

—Sim, milorde. —A ordem aliviou sir Thomas. Era evidente que o homem chamado Falcão Negro sofria muita dor e recordou a advertência de Hereld: Que o prisioneiro devia permanecer com vida.

—O Falcão Negro parece fraco, mas não confie nele. Todo mundo sabe que é forte e intrépido.

—Sim, milorde.

Brage tratava de concentrar-se no que diziam, mas tudo parecia afastar-se cada vez mais e desaparecer em um redemoinho.

—Me acompanhe, Edmund. —Lorde Alfrick se dirigiu a seus aposentos junto com seu filho, deixando a sir Thomas a cargo do prisioneiro.

Sir Thomas lhe tirou as algemas. Não era a primeira vez que via um ferido e sabia que não estava fingindo. Notou seu olhar febril e só esperava que lorde Alfrick se desse conta e ordenasse que o curassem, e logo.

—Se mova! —ordenou, indicando as escadas que subiam à torre.

Que o soltassem agradou Brage, mas não tinha forças para tratar de escapar. Não sabia se o matariam ou o soltariam, mas ambas as coisas seria um alívio.

Dirigiu-se para as escadas, mas o Grande Salão girava em torno dele e todos os sons pareciam amplificados. Esforçou-se por colocar um pé na frente do outro, mas era como se suas pernas se negassem a colaborar. A única coisa que o mantinha em pé e o fazia avançar era sua força de vontade. De repente sentiu-se ainda mais enjoado e esticou a mão para apoiar-se em uma mesa.

Sir Thomas viu que cambaleava e soltou uma ordem. Dois homens acudiram apressadamente para prestar ajuda.

—O levem ao quarto da torre. —bramou.

Os homens obrigaram Brage a apoiar-se em seus ombros e se dirigiram às escadas. Quando a dor da ferida no ombro o

atravessou, Brage soltou um gemido de dor e quase desabou; ambos os saxões o sustentaram e logo tiveram que carregá-lo e arrastá-lo escada acima.

—Não compreendo por que não o deixou com os cães. —
lhe disse Edmund a seu pai — O Falcão Negro é detestado em toda a comarca. Por que o soltou?

—Esqueça sua sede de sangue e pense na fortuna que será nossa quando os seus o recuperem. Morto, não tem nenhum valor. Agora me traga lady Dynna. A enviarei para que cuide dele.

—Por que tem que ser Dynna? Por que não enviar a uma das anciãs para curá-lo? Não quero que minha prometida cure a esse cão.

—Diz tolices, meu filho. Dynna é nossa melhor curandeira. Se o Falcão Negro morrer, não teremos nada. Graças a seu talento, a vimos fazer milagres. Tem o dom de manter com vida a esse homem.

—Não o permitirei...! —O juízo de seu pai o enfurecia.

A voz de lorde Alfrick adotou um tom glacial:

—E eu digo, meu filho, que aqui o senhor sou eu. Minha palavra é lei. O Falcão Negro deve estar vivo quando Anslak venha com o ouro. Farei tudo o que seja necessário para que sobreviva. Uma vez que o ouro esteja em nossas mãos, não importa mais o que aconteça a ele, mas enquanto isso, lady Dynna cuidará dele.

Frustrado, Edmund chiou os dentes e se submeteu ao desejo de seu pai.

—Irei procurá-la e a trarei. —assentiu.

Cheio de raiva, subiu as escadas até o quarto de Dynna e esmurrou a porta. Quando esta se abriu e encontrou com Matilda, e ao ver a expressão perspicaz e áspera da criada sua frustração aumentou.

—Tenho que falar com Dynna. —disse.

—Um momento. —Matilda voltou a fechar a porta antes que Edmund pudesse entrar. Lady Dynna lhe tinha contado o ocorrido entre eles e queria proporcionar alguns minutos em privado para preparar-se para enfrentar-se com ele.

Dynna, que estava bordando um vestido, ficou pálida e cravou o olhar na porta.

—É sir Edmund, verdade?

—Sim, milady.

Dynna tinha permanecido presa em seu quarto, tratando de evitar o encontro dentro do possível, não queria voltar a falar com Edmund nunca mais. Entretanto, agora estava ali, na frente de sua porta.

—Diz que tem que lhe falar agora mesmo. —acrescentou Matilda.

Dynna deixou o bordado de lado e ficou de pé com lentidão, preparando-se mentalmente para a iminente confrontação.

Tinha compreendido que não conseguiria esconder-se dele, só tinha esperado que ele demorasse um pouco mais em aproximar-se. Ver-se obrigada a falar com ele depois de suas ameaças a incomodava. Estava de um humor sombrio e se sentia muito só enquanto se preparava para enfrentar a ele.

—Obrigada, Matilda. Te peço que não se separe de mim, a menos que ordene que se retire.

—Sim, milady.

Quando conseguiu armar-se de força, Dynna abriu a porta para enfrentar seu prometido.

—Sim, sir Edmund? Matilda me disse que queria me ver.

Ele ficou no corredor, aguardando que saísse. Sua atitude era inegável. O que achava repugnante não era seu físico, era sua maldade e sua crueldade, e ela se manteve a distância. Edmund a contemplava com uma avidez febril que quase fez que se sentisse maculada.

—Meu pai quer a ver. —declarou — A aguarda abaixo para falar com você.

—Algo vai mau?

—Não, nada vai mau. Acaso é tão incomum que te mande chamar?

—É um homem ocupado que dispõe de escasso tempo para interessar-se por mim. Não está acostumado a querer me ver, exceto na hora da comida.

—Em troca eu desejo te ver constantemente. —disse Edmund baixando a voz e aproximando-se dela — E me interesse por você todo o tempo.

Dynna retrocedeu.

—Seu pai me espera, sir Edmund. Matilda? Acredito que teremos que descer.

A criada se aproximou e ambas passaram junto por Edmund; este as seguiu, desfrutando do movimento dos quadris de Dynna sob a suave malha de lã de seu estreito vestido. Logo chegaria a noite em que teria direito de tirar o objeto e possuí-la. Aguardava com impaciência o dia em que o sacerdote retornasse à torre. Dentro de poucas semanas seria dela... sob qualquer ponto de vista.

Dynna guardou silêncio enquanto desciam ao Grande Salão. Perguntou-se o que queria lorde Alfrick que fosse tão importante. Quando alcançou a última curva, dirigiu o olhar ao canto onde o viking deveria estar preso e se surpreendeu ao ver que não era assim, e que os grilhões penduravam da parede.

Dynna ficou aterrorizada. Na noite anterior, quando tinha procurado curar suas feridas, Brage tinha um mau aspecto. A possibilidade de que tivesse morto a espantou, e ainda mais que Edmund o tivesse matado.

—Onde está o viking? O que lhe aconteceu? —perguntou.

—Isso não importa.

—Morreu? —Tinha que saber.

—Sua preocupação por ele é comovedora, minha querida.

—disse Edmund em tom desdenhoso.

—Ontem à noite tinha febre. Morreu por causa de suas feridas?

Quem dera fosse algo tão simples, pensou Edmund.

—Logo saberá o que aconteceu. — acrescentou em tom cortante; a preocupação de Dynna por aquele homem o desgostava.

Dynna temeu o pior e quase pôs-se a correr para lorde Alfrick.

—Sir Edmund me disse que queria me ver, lorde Alfrick.

—Hoje recebi uma informação importante. —Ao ver o olhar de desconcerto dela, prosseguiu — Parece que nosso prisioneiro não é um guerreiro viking qualquer. Descobrimos que é o Falcão Negro, que liderou o ataque contra nós.

—O Falcão Negro? —Dynna soltou um grito preso. Sua surpresa era autêntica, porque não sabia como poderia ter averiguado a verdadeira identidade do homem do norte — Como descobriram?

—Hereld, o mercador, viu o Falcão Negro com antecedência e o identificou. Uma vez que descobrimos quem era...

—Está morto? O mataram? —Sentiu uma pontada de dor no coração ao imaginar ao feroz guerreiro assassinado enquanto estava preso e indefeso.

Sua reação voltou a zangar Edmund.

—Não, o Falcão Negro ainda segue com vida. — respondeu o lorde — ordenei que o levassem a uma dos quartos da torre, ali estará mais cômodo enquanto aguardamos uma resposta pelo resgate que exijo para o soltar. — Dynna teve que reprimir um suspiro de alívio ante a notícia — Não obstante, seu estado físico me preocupa. Temo que não é bom. Anslak, seu pai, pagará uma soma importante por recuperá-lo, assim temos que nos encarregar de o curar, e rápido. Por isso mandei lhe chamar. Quero que pegue sua cesta de cura e se ocupe dele. É nossa curandeira mais talentosa. Se alguém pode salvá-lo, é você.

Dynna inclinou a cabeça. Lorde Alfrick acreditou que estava agradecendo o cumprimento, mas o gesto se devia que Dynna agradecia que o viking ainda estivesse vivo. Não se perguntou por que a notícia lhe era tão agradável.

—Obedecerei suas ordens, milorde.

—Edmund, leve a lady Dynna com o prisioneiro e se encarregue de que disponha de todo o que for necessário.

—Sigo discordando de sua decisão de que Dynna se encarregue de o curar, pai. Deve ter outra curandeira que possa ocupar-se disso, não? —protestou.

—Dynna se encarregará dele. —sentenciou lorde Alfrick.

—Sim, pai.

Edmund acompanhou às duas mulheres até a parte superior da torre, onde se encontrava o quarto isolado ocupado pelo Falcão Negro. Tinha sido escolhida porque estava afastada e era

fácil de vigiar. Quando chegaram na frente da porta, Edmund agarrou Dynna pelo braço e impediu que entrasse.

—Se de mim dependesse, —lhe disse — não se ocuparia dele. Não quero que o toque.

—Seu pai ordenou que o cure. Não posso fazer outra coisa. —respondeu ela. Fingia submeter-se aos desejos de seu futuro sogro, mas na realidade ansiava estar junto ao ferido e aliviar seu sofrimento o mais rápido possível.

Quem dera tivesse o poder de obrigá-lo a deixá-la em paz, pensou Matilda e mudou de lugar para lembrar a Edmund que ainda estava ali, e se alegrou quando soltou o braço de Dynna.

Edmund bateu na porta e, quando sir Thomas a abriu, anunciou que tinha ido com lady Dynna e sua criada.

—Que bom que tenha vindo, milady. —disse sir Thomas, lhe dando um cálido sorriso.

Ela dirigiu o olhar à cama em que estava estendido o viking.

—Não se encontra bem. Dois dos homens tiveram que o ajudar a subir as escadas. —explicou sir Thomas.

—É por causa da febre? —perguntou Dynna com expressão preocupada.

—Sim.

—É o que temi ontem à noite. Minha presença aqui é necessária. Perdeu muito sangue e só piorará se não receber ajuda.

—Ordenei aos homens que o despissem para que pudessem curar sua ferida. —Sir Thomas retrocedeu lhe deixando espaço. Tinha dito a um dos homens que levasse o colete de Brage a lorde Alfrick para que o entregasse a Hereld, com o fim de demonstrar a Anslak que Brage era seu prisioneiro.

Dynna olhou em torno e viu que o quarto era quase uma cela. As janelas dos grossos muros da torre eram estreitas fendas, aptas para defendê-la com arco e flechas, mas não deixavam entrar a luz e o ar. Era escura, úmida e estava quase vazia, à exceção da cama onde estava Brage e uma mesinha ao lado.

Ao ver o viking estendido de barriga para baixo, só coberto por um lençol até a cintura, um nó se formou em sua garganta. Suas largas costas e seus ombros poderosos estavam nus e então viu a ferida pela primeira vez e temeu por sua vida. Era um corte feio, inchado e infectado. Aproximou-se da cama, esperando que notasse sua presença, que se movesse, mas Brage permanecia imóvel. Tinha o rosto voltado para a parede e Dynna não sabia se estava consciente.

Edmund permaneceu junto à porta com sir Thomas. Partiria e a deixaria sozinha quando gostasse, e não antes.

—Viking... —disse Dynna em voz baixa, e se ajoelhou junto à cama — vim para lhe ajudar.

Brage ouviu sua voz e se voltou para olhá-la. Queria levantar-se, enfrentar a ela como um guerreiro, mas a única coisa que pôde fazer foi olhá-la fixamente.

—Por quê? —perguntou em voz rouca.

—Sei que sofre dores. Farei o que possa para aliviá-las.

—Dynna via o ódio e a desconfiança refletidos em seu olhar, mas o que mais a preocupava era sua debilidade e a inflamação de sua ferida. A febre avermelhava o rosto manchada de sangue e imundície depois da batalha e os dias que ficou preso.

—Prefiro a morte a uma tortura eterna, milady. —A voz de Brage era débil, mas seu sarcasmo era inconfundível.

—Aqui ninguém o torturará. —prometeu Dynna, o tocando no ombro para examiná-lo.

Brage se afastou de seu contato, mas o movimento lhe produziu uma pontada de dor, uma dor tão intensa que soltou um gemido, esgotado pelo esforço.

Dynna compreendeu quanto sofria; ficou de pé e retornou junto a sir Thomas e Matilda, que ainda estavam junto à porta aberta.

—Matilda. —disse — Vá ao meu quarto e pegue minha cesta. Se apresse! Sir Thomas, necessito água, água quente em abundância.

—Sim, milady. —Ambos partiram às pressas.

—Sobreviverá? —perguntou Edmund.

—Não sei. Perdeu muito sangue... e a ferida está infectada.

Dynna retornou junto de Brage. Tinha os olhos fechados e sua expressão denotava o esforço por controlar-se. Dynna apoiou

uma mão no braço e o calor que emanava quase queimava. Não pôde sufocar um grito afogado ao examinar a horrível ferida de perto.

—É assombroso que ainda esteja consciente, —comentou — dada a gravidade de sua ferida. Teria acabado com um homem normal.

Embora Brage não reagiu, ficou a seu lado, falando em tom suave e murmurando palavras de consolo. Edmund permaneceu em silêncio do outro lado do quarto, preso na fúria.

Sir Thomas retornou, seguido de duas criadas que levavam cubos de água. Edmund ordenou que lavassem ao prisioneiro. No primeiro momento o viking lhes inspirou temor, mas sir Thomas disse que o vigiaria enquanto o lavavam. Brage não resistiu a seus cuidados e só soltou um grunhido quando o obrigaram a mover-se. As mulheres o lavaram com rapidez, voltaram a cobri-lo e saíram do quarto.

Dynna se encontrou com Matilda no corredor quando retornava com os remédios. Uma vez que as criadas partiram, Dynna retornou ao quarto e se aplicou em curar a ferida, observada por sir Thomas e Edmund.

Enquanto ela limpava a zona infectada, Brage sentiu uma dor atroz que o obrigou a fechar os olhos. Tinha acreditado que ali não o torturariam. O suor cobria sua testa e permaneceu estendido com as mandíbulas apertadas, os músculos tensos, ao mesmo tempo que Dynna examinava o corte. Entretanto, preso à dor, não tratou

de evitar que o tocasse. Tinha um controle total sobre seu corpo e ficou quieto enquanto ela procurava o ajudar.

—Sinto. —disse Dynna, sabendo quanta dor tinha lhe causado.

—Faça o que tiver que fazer. —respondeu em tom tenso.

—Quase acabei de limpar a ferida.

Quando terminou, preparou um cataplasma que, além de absorver a infecção, aliviaria a dor. Mescloou as ervas com uns pós de raiz amarelos e formou uma massa espessa.

—Quando a aplicar doerá. —lhe advertiu.

Brage assentiu e aguardou que acabasse com os músculos rígidos.

Dynna se inclinou e aplicou o cataplasma sobre a ferida. Quando o remédio entrou em contato com a carne de Brage, este estremeceu, mas esse foi seu único movimento. O controle que tinha sobre si mesmo a assombrou, e compreendeu que aquela só era uma amostra a mais de sua força.

Depois de enfaixar seu ombro ferido, Dynna examinou o corte da cabeça. O sangue dessa ferida secou e condensou em seus cabelos. Quando começou a lavar esse corte, notou que Brage a olhava. Observou-a atentamente enquanto curava a ferida e aplicava o remédio necessário.

—É muito valente. —disse Dynna, e apoiou uma mão no braço.

Não sabia porque, mas o toque de sua mão o consolou e disse que era a febre que o debilitava.

Edmund viu que o tocava e se irritou.

—Terminou? —perguntou.

—No momento.

—Então venha comigo. Iremos a meu pai e o informaremos do estado do viking.

—Por hora o acompanharei, —repôs Dynna — mas esta noite devo retornar e permanecer a seu lado. Se a febre aumentar, tem que ter alguém aqui que saiba o que fazer. —levantou-se e guardou seus remédios.

—Ficarei aqui até que retornem. —sugeriu sir Thomas — E durante o resto da noite terá um guarda na porta.

—Obrigada, sir Thomas. —disse Dynna — Pode fazer que tragam uma cadeira? Matilda ficará comigo para nos alternar enquanto vigiamos seu estado.

—Será feito como manda, milady.

Brage observou em silêncio como Dynna abandonava o quarto junto a sir Edmund. Não compreendia por que os saxões de repente pareciam preocupados com sua saúde. Agora que sabiam quem era, parecia mais lógico que seguissem torturando-o, que o deixassem preso até a morte.

O enjoo que o tinha afetado ainda lhe impedia de pensar com clareza, mas devia reconhecer que o cataplasma que lhe tinha aplicado nas costas sortia efeito. A dor da ferida era menor e o

ardor diminui. À medida que a dor abrandava, Brage sentiu um grande cansaço e dormiu.

Lorde Alfrick escutava a descrição da Dynna da ferida do Falcão Negro.

—Sobreviverá?

—Não estou segura, milorde. Teria sido muito melhor se me tivessem permitido curar sua ferida no primeiro dia. Poderia ter evitado a infecção. Agora... —seus traços expressavam preocupação — Passarão vários dias antes de lhe dizer isso, tem muita febre.

—Ficará a seu lado e fará tudo o que for necessário para assegurar que não morra. Se necessitar alguma coisa, só têm que pedir.

—Sim, milorde.

Quando saiu do lugar e sir Edmund ficou com seu pai, Dynna se alegrou. Subiu apressadamente as escadas até o quarto, onde sir Thomas e um guarda de aspecto feroz permaneciam na frente da porta e não demorou para informar a sir Thomas as ordens de lorde Alfrick.

—Farei todas as refeições aqui. —lhe disse — E também necessitarei comida e bebida para o prisioneiro. Não podemos permitir que fique mais fraco.

—Falarei com os criados imediatamente.

Sir Thomas abriu a porta e, quando entraram, viram que Brage estava dormindo.

—E sua segurança, lady Dynna? Quer que fique aqui para lhe proteger dele? Ou sir Edmund retornará para permanecer a seu lado?

A ideia da presença constante de Edmund a repugnava. Seu olhar oscilou entre o viking doente e sir Thomas.

—Não há nenhum motivo para que temam por mim. — respondeu — Matilda estará comigo e seu homem montará guarda na porta. Para maior segurança, podem fechar a porta com chave por fora, para assegurar de que o prisioneiro não escape, mas não acredito que devamos o temer.

—Não esteja tão certa. Lembre-se que acima de tudo é um guerreiro.

—Não me fará mal. —contradiu com segurança — Matilda e eu não corremos perigo.

—Muito bem, mas direi ao homem que permaneça alerta.

—Aprecio sua preocupação por nós. —Dynna tocou-lhe no ombro, num gesto de autêntica amizade. Era como se ninguém se preocupasse com sua segurança à exceção de seus pais, e eles estavam longe e jamais se inteirariam de seu desespero.

—Você é minha senhora. —respondeu ele; sentia-se honrado de que o olhasse com tanta benevolência. Era uma das pessoas mais bondosas e menos egoístas que conhecia.

—Desde que morreu meu marido, você é meu único amigo verdadeiro. Sem sua força e sua bondade, minha vida neste lugar teria sido completamente vazia.

—Farei o que seja necessário para que não lhe aconteça nada de mau.

—Obrigada. —respondeu ela; sua voz era quase um sussurro e se viu obrigada a desviar o olhar do homem alto e poderoso que tinha se transformado em seu protetor por decisão própria.

—Necessita de algo mais?

—Não. O mais importante é conseguir que nosso prisioneiro sobreviva a esta noite.

—Meu homem estará perto, em caso de o necessitar, e se me necessitar também me avise. —disse sir Thomas e, finalmente, partiu.

Dynna retornou junto ao leito de Brage e voltou a lhe tocar o braço.

Ainda ardia de febre.

—Me traga água fria e um pano, Matilda. Voltarei a banhá-lo e tentarei baixar a febre.

A contra gosto, Matilda lhe trouxe a água e o pano.

—Por que se interessa salvar-lhe a vida? Teria matado a todos os habitantes da torre se não tivesse caído no campo de batalha.

—Sei que possivelmente tenha razão, Matilda, mas... — Dynna fez uma pausa, pensando na pergunta. Não estava ali só porque lorde Alfrick tinha mandado, estava ali porque aquele homem chamado o Falcão Negro a preocupava de verdade... O

homem conhecido em todas partes como o saqueador viking mais intrépido que jamais tinha pilotado uma nave.

—Por que dá tanta importância ao que lhe ocorre?

Durante uns instantes, Dynna guardou silêncio, ao mesmo tempo que procurava expressar o que sentia. Quando por fim falou, a criada notou sua confusão.

—Não sei com segurança, Matilda, —disse — mas desde a primeira vez que o vi, quando tratávamos de escapar, soube que era alguém especial. É um homem poderoso, embora o que me intriga não é seu poder. Meu pai é poderoso, e Warren o era. O viking é bonito, mas Warren também era muito atraente. Não, isto é diferente... Tem algo de excepcional, Matilda... Não posso deixá-lo morrer.

Matilda franziu o sobrecenho.

—Cuide que sir Edmund não descubra seus sentimentos, —adverteu — do contrário não permitirá que sobreviva e que sua família o recupere após pagar o resgate.

—Teremos que cuidar dele. Ajudará-me?

—Farei o que possa por você.

—Obrigada. —disse Dynna, olhando-a aos olhos — Esta noite será longa e não sei se sobreviverá.

—Tem sorte de queé você que cuida dele. Viverá. Dynna baixou os olhos, contemplou ao febril viking e rogou que seu dom servisse para salvá-lo.

CAPÍTULO 7

O tempo transcorria com lentidão para Dynna e Matilda enquanto se alternavam em aplicar compressas de água fria em Brage. Começavam pelo pescoço e, sem tocar o ombro ferido, umedeciam-lhe as costas até o ponta do lençol que cobria sua cintura. Era quase meia-noite quando Dynna notou que Matilda não conseguia manter os olhos abertos.

—Vai dormir; —ordenou — se estenda no colchão.

—Não, milady. Não posso dormir sabendo que você também esta exausta.

—Uma de nós tem que descansar enquanto puder.

—Está certa disso?

Dynna assentiu com a cabeça.

—Ele está tranqüilo. —observou — Despertarei se a necessitar. Agora devo velar seu sonho. Dormirei depois, prometo.

Matilda obedeceu e dormiu com rapidez. Dynna permaneceu junto à cama do viking. Estava esgotada, mas não era momento de preocupar-se com ela; quem a preocupava era Brage. Todos seus esforços por refrescá-lo resultaram inúteis e a febre aumentava cada vez mais.

Apoiou-lhe uma mão na testa, sentiu o calor seco que o consumia e compreendeu que devia voltar a aplicar uma compressa fria. Pegou a terrina e foi enche-la com a água do cubo junto à

porta. Enquanto vertia um pouco na terrina, ouviu Brage gemer e correu para seu lado.

—Traidor... —ouviu que murmurava com os olhos fechados, arrastando as palavras devido à febre—. Sabia...

—Chsss... Tranqüilo... Tudo terminará bem. —sussurrou Dynna e lhe aplicou o pano molhado nas costas com movimentos suaves.

Brage não reagiu; tampouco parecia ouvi-la.

—O encontrarei...tenho que encontrá-lo... —murmurou, e se removeu no leito, inquieto. Dynna temeu que o cataplasma se desprendesse.

—Tranqüilo, meu viking. —repetiu em voz baixa — Quando estiver melhor poderá ir em busca do que seja. Por hora tem que ficar quieto e se curar.

Continuou lhe aplicando panos frios e tratou de considerá-lo só como alguém que estava ferido e necessitado de sua ajuda. Mas ao seguir tocando-o uma e outra vez, percorrendo seu corpo musculoso com as mãos, não pôde deixar de notar a beleza viril de suas costas e seus ombros. Era um homem de compleição forte e, embora ela estava acostumada aos homens bem barbeados, pareceu-lhe bonito seu rosto com a barba. Perguntou-se que aspecto teria se o barbeasse e decidiu que assim que tivesse passado aquela crise, barbearia-o e cortaria seu cabelo.

—Ulf!

Brage proferiu o nome em voz alta e Dynna despertou de seu sonho.

—Outra vez ele me protege as costas... —exclamou; sua voz era uma mescla de grito e gargalhada áspera — Está quente... Muito quente... Kristoffer! Não!

Preso de um pânico febril, com os olhos exagerados, Brage tratou de levantar. Dynna correu a seu lado e falou com ele em tom sereno, obrigou-o a se deitar e voltou a acariciá-lo com uma massagem refrescante.

Brage levantou o olhar e contemplou à mulher inclinada por cima dele. Na penumbra do quarto iluminado com velas parecia etérea, como um sonho, uma visão que flutuava na sua frente em meio da bruma causada pela febre. Era bela: Seus cabelos escuros, seu vestido de linhas suaves, seus traços formosos... Conseguiu lhe dar um sorriso torcido ao mesmo tempo que tratava de ignorar a dor.

—Ah, valkíria... Assim por fim veio por mim.

—Não sou uma valkíria. Não quero a ver no Valhala, viking. Beba isto. —Dynna pressionou uma taça contra seus lábios; continha uma poção que esperava que fizesse bem a ele.

Brage bebeu tanto quanto pôde e depois desabou no leito e fechou os olhos.

—A lendas eram certas. —gemeu— As valkírias são as mais belas de todas as mulheres...

Quando por fim voltou a dormir, Dynna notou que estava tremendo. Temia que seu delírio aumentasse e que se machucasse ao cair na cama. Durante um momento pensou em o prender, mas a ideia lhe pareceu repugnante. Já tinha estado preso por bastante tempo. Além disso, pensou, tranqüilizou-se quando lhe falou. Rogou que seguisse escutando-a, porque se decidia levantar-se da cama não sabia se poderia o impedir.

Durante dois dias e duas noites, Dynna permaneceu junto a Brage, que se debatia contra a morte. Entretanto, seu estado piorou e a elevada febre pôs no limite seu talento como curandeira. Quase não dormia, só tirava uma soneca ocasional sentada na cadeira.

As visitas cotidianas de sir Edmund eram um sofrimento. Sempre que o via, recordava que a cada dia as bodas estavam mais próximas, e a ideia acabou com sua já precária serenidade.

A terceira noite, perto de meia-noite, Dynna e Matilda estavam sentadas no quarto que se converteu em uma câmara de tortura para elas.

—Sobreviverá a esta noite? —perguntou Matilda.

—Não sei. —respondeu Dynna seriamente, lançando um olhar de preocupação a sua criada — Faz horas que não bebe nenhuma gota.

—Não há nada mais que possa fazer, milady. Tentou de tudo.

—Só nos resta agora orar. —repôs Dynna em tom solene, e contemplou os traços avermelhados do viking.

Brage sorriu. Estava em seu lar, com seu pai e seus irmãos, caçando, montando a cavalo e desfrutando da vida. Os topos das montanhas estavam nevados e as águas eram frescas e tentadoras. O lar...

Milhares de imagens se amontoavam em sua cabeça. Ao longe via a encantada Inger saudando-o com a mão, chamando-o. Recordou o doce adeus da beldade loira. Seus beijos insinuavam que ansiava sua volta, e ele sabia que o estaria esperando. Curiosamente, sabê-lo não o excitava, embora suspeitava que seu pai se sentiria muito agradado se casavam.

De repente sentiu calor, um calor estranho. Desejava encontrar-se no alto das montanhas, onde o ar era puro e frio. O calor ardente lhe palpitava nas veias e Brage se removeu, tratando de encontrar o frescor da brisa, querendo que o ar glacial o envolvesse, mas não foi assim. Só existiam a dor atroz e as labaredas que atravessavam seu corpo. Agitou-se, incapaz de sofrer em silêncio e seguir negando o tortura que sentia.

—Tranquilo, meu viking. —disse uma suave voz feminina entre as brumas — Não se mova, deixe que lhe ajude.

—Me ajudar? —perguntou com voz profunda e áspera.

Durante um momento não aconteceu nada. Logo voltou a sentir os movimentos refrescantes. Brage notou que o ritmo das carícias com o pano úmido era quase sensual. Sentiu frio e estremeceu.

—Isso está melhor, —disse a mulher — muito melhor.

As carícias continuaram e cada toque do pano fresco apagava o fogo que o consumia.

Brage lutou por emergir do abismo de dor e por fim conseguiu abrir os olhos. Viu uma bela mulher e pareceu que a conhecia, mas não conseguiu recordar onde a tinha visto antes.

—Ainda esta aqui...

—Não o deixarei até que a febre tenha descido. —Dynna tocou seu ombro.

O toque de sua mão era fresco e Brage voltou a fechar os olhos. A paz estava próxima. Se só conseguisse alcançá-la...

Então o invadiram as lembranças da batalha, e a paz que desejava desapareceu assim que apareceram as imagens de seus companheiros mortos.

—Ulf! Cuidado! Sabe... Quem pode ter dito a lorde Alfrick? Por que alguém teria que nos trair?

—Não se preocupe tanto, viking. Tudo passou. Descanse e deixe que seu corpo sare. —As palavras da mulher lhe chegaram através da bruma causada pela dor.

—Não posso esquecer... —murmurou, porque sabia que entre os homens de seu pai havia um traidor, sabia que devia

encontrá-lo e desmascará-lo antes que causasse mais mortes entre os vikings. O traidor devia receber seu castigo — Não esquecerei.

Tratou de levantar-se, mas umas mãos suaves o obrigaram a deitar.

—Não resista. Descanse. Mais tarde terá tempo para liderar suas batalhas, mas agora não é o momento.

Brage queria levantar-se e procurar o homem que tinha causado a morte e a destruição dele e de seus homens. Sua raiva era tão ardente como a febre.

—Não têm forças, guerreiro. Não poderia lutar, posto que nem sequer pode brandir sua espada. Descanse. Recupere suas forças. Se agitar com tanta violência porá em perigo sua vida...

A voz e as mãos que o tranquilizavam tinham efeito sobre seu corpo, mas toda a sabedoria e a bondade do mundo não podiam aliviar a pena que o inundava. Seus homens tinham morrido e, dado que era seu chefe, era sua a responsabilidade.

—Beba isto. —disse Dynna.

Uma taça foi pressionada em seus lábios e, ante a insistência da mulher, bebeu a amarga poção. Instantes depois, ao recostar-se, sumiu no esquecimento e voltou a dormir; ao menos aquele remédio conseguiu lhe proporcionar certa paz.

O vigia de Anslak anunciou a chegada das naves fazendo soar o corno¹. O som retumbou através dos fiordes² e anunciou aos habitantes da aldeia que alguns dos seus retornavam de suas aventuras em terras remotas.

Como sempre quando uma nave retornava a casa, todos correram a observar sua chegada. Supunham que chegaria outro de seus homens, um dos mercadores que tinha partido já fazia muitos meses.

Quando ouviu a chamada do corno¹, Anslak percorria os campos a cavalo, animando aos agricultores. Agradado ante a volta de um de seus homens, esporeou o corcel e galopou até a margem do mar, esperando ver as riquezas e saber os relatos que traria o mercador.

Quando Anslak alcançou o topo da colina que dava ao fiorde, refreou seu corcel. Quando divisou a vela do Falcão Negro ficou imóvel. Brage tinha retornado...

O chefe viking estava eufórico ante a rápida volta de seu filho, acreditando que o ataque tinha sido bem-sucedido. Deviam ter atacado e saqueado com rapidez, e depois escapado. Orgulhoso de seu filho galopou colina abaixo, ansioso por obter informação sobre o ataque.

Tove, a segunda mulher de Anslak e mãe de Kristoffer, ouviu o chamado dos chifres e se apressou a unir-se a outros para lhe dar a boas vindas. Ela também se sentia surpreendida pela

rápida volta das naves de Brage, e permaneceu junto aos aldeãos, esperando receber boas notícias.

Anslak alcançou o grupo e ao ver sua mulher desceu do cavalo e se aproximou dela.

¹Espécie de trombeta, de forma circular, que se usa na caça

²Golfo estreito e profundo, encontrado especialmente na Escandinávia.

—Ninguém luta como os guerreiros do Falcão Negro. — exclamou em um tom que gotejava orgulho — Estou seguro de que estiveram à altura de sua reputação, do contrário, por que teriam retornado tão cedo?

—Pode ver Kristoffer? —Tove mantinha os olhos cravados nas embarcações procurando a seu único filho .

Anslak protegeu os olhos com a mão e esquadrinhou a nave capitana, tratando de reconhecer aos homens que foram a bordo.

—Vejo o Ulf...

Tove aguardava presa da impaciência.

—E a nosso filho. —acrescentou Anslak.

—Retorna são e salvo. —disse Tove sorrindo — é bom. Já começava a sentir saudades.

—E pensar que é a mulher de um viking... —brincou Anslak. Ela nunca parecia acostumar-se que Kristoffer participasse

das incursões. Embora era um homem feito, ainda o adorava como se fosse um bebê.

—Também sinto falta de você quando parte e sempre me alegro quando retorna. —disse Tove, e abraçou sua cintura.

—Sei. —repôs ele, com uma risadinha sensual que cobriu de rubor as bochechas de sua mulher.

Anslak voltou a dirigir o olhar às naves e observou como se aproximavam da costa. Assim que os homens começaram a desembarcar se elevaram vítores celebrando sua volta. Mas os vítores se apagaram assim que viram que muitos de seus seres queridos não se encontravam entre os guerreiros.

—Onde está meu Seger? —perguntou sua esposa, Marta, à mulher que estava a seu lado.

—Tampouco vejo meu Neils. E onde está Brage? O Falcão Negro está acostumado a ser o primeiro a pisar na margem.

Ulf e Kristoffer desceram da nave capitã e se dirigiram para a multidão com uma expressão sombria que refletia as graves notícias que traziam.

—Kristoffer... Ulf.... Onde está Brage? —perguntou Anslak imediatamente, e sua expressão se tornou angustiada ao mesmo tempo que seu olhar oscilava entre eles e a nave.

—As notícias não são boas, pai. —disse Kristoffer. Tinha temido esse momento toda a viagem. Como dizer ao seu pai que Brage tinha caído..., que estava morto?

—O que aconteceu?

Os aldeãos se aproximaram para escutar. Os que viram seus parentes puseram-se a correr para eles. Os que não os encontravam queriam saber o que tinha sido deles.

—De caminho à torre de lorde Alfrick sofremos uma emboscada. Era como se os saxões soubessem com antecipação que chegaríamos. Muitos homens caíram... —explicou Ulf, com o olhar obscurecido pela dor.

—E Brage? O que tem Brage? —insistiu Anslak; sua expressão se endureceu em previsão do que estava a ponto de averiguar— Onde está meu filho?

—Está morto, pai. —disse Kristoffer — Morreu na batalha.

A notícia provocou gritos de horror.

—Brage morreu? —Anslak estava aturdido.

Kristoffer lhe contou tudo o que tinha causado a tragédia.

—Estava tão seguro de poder surpreender a lorde Alfrick... —afirmou Anslak — Como pôde acontecer?

Ulf e Kristoffer trocaram um olhar. Logo Ulf respondeu:

—A única coisa que me ocorre é que, de algum modo, os saxões sabiam de nossos planos. Eram numerosos e estavam bem armados. Era como se esperassem pelo ataque.

—Quantos homens perdemos? —perguntou Anslak, percorrendo aos que desembarcavam com o olhar.

—Mais de cinqüenta. —lhe disse Kristoffer.

Então os aldeãos compreenderam que muitos de seus seres queridos não se encontravam entre os sobreviventes e puseram-se a chorar.

—Está certo que Brage morreu? —repetiu Anslak.

—O vi cair. —Ulf mantinha os olhos cravados no chão, incapaz de olhar a seu pai nos olhos.

—Ulf e eu retornamos de noite para tratar de encontrá-lo, mas os saxões tinham queimado os corpos. Não restava nada... — disse Kristoffer, com voz aflita pela tristeza.

Anslak ficou petrificado após receber a notícia. Brage... Seu amado filho, morto.

Recordou imagens mentais de Brage: Retornando triunfante após sua primeira incursão; sobressaindo sobre seus iguais até transformar-se em seu chefe indiscutido; crédulo e disposto a navegar até a costa saxã...

Seus pensamentos retrocederam no tempo e recordou o nascimento de Brage, e a Mira, sua primeira mulher amada, que morreu ao lhe dar a luz. Mira... Sentiu uma pontada de dor ao recordá-la. Brage era o único vínculo que o unia a sua adorada Mira, e agora estava morto, como ela. A dor atroz que lhe cortava o peito era quase insuportável.

Tove o olhava fixamente, boquiaberta e incrédula.

—Brage não pode estar morto. Era o melhor dos guerreiros. Como pôde ter acontecido isto?

—Superavam-nos em número e quase conseguiram nos rodear. Não tivemos oportunidade de tomar a torre. —continuou Ulf— Quando Brage morreu, os homens compreenderam que a batalha estava perdida. Retiramos às naves e, depois do intento de encontrar Brage naquela noite, retornamos para cá.

—Oh, Anslak...! —Tove abraçou a seu marido tratando de consolá-lo — Sinto muito.

Anslak se dirigiu a Ulf e a Kristoffer, atormentado por uma dor atroz.

—Falaremos deles mais na frente. —disse e, rodeando a Tove com o braço, afastou o olhar das embarcações de Brage e a vela vermelho sangue com o emblema do Falcão Negro.

Naquela noite, os homens se reuniram no salão principal da casa do Anslak para falar da viagem. Estavam de um humor solene. Tinham estado próximos à morte e os que sobreviveram sabiam que eram afortunados de seguir com vida.

Todos choraram a morte do Falcão Negro, cada um a sua maneira. Quando serviram vinho e cerveja, muitos levantaram as jarras e os chifres em sua honra. Todos sabiam que o Falcão Negro estava no Valhala. Era um chefe valente e intrépido no campo de batalha. Ninguém estava a sua altura e seus companheiros sentiriam falta dele.

Anslak estava desolado. Sua confiança nas aptidões de seu filho jamais lhe tinha permitido considerar que possivelmente

não retornasse de uma incursão. Nessa noite chorava sua morte, bebendo vinho e lamentando não ter podido despedir-se de Brage.

—Brindo por meu filho. —disse, com a voz embargada pela emoção e os olhos cheios de lágrimas. Ficou de pé e levantou a taça — Brindo ao Falcão Negro!

Seus homens lançaram gritos e eles também brindaram por Brage.

Ulf os imitou; depois deixou sua jarra de um lado e saiu do salão com expressão tensa.

Anslak voltou a sentar. Do outro lado da mesa, Kristoffer observou a seu pai e desejou poder aliviar sua tortura.

—Como pôde ter acontecido uma coisa semelhante, Kristoffer? Brage planejou o ataque com muito cuidado. E as runas lhe profetizaram que obteria um grande tesouro, o maior obtido até agora. — Ao recordar a profecia, a voz de Anslak se transformou em desdém — Qual é esse grande tesouro? Valhala? Teria preferido que obtivesse ouro e ainda estivesse entre nós. — acrescentou em tom amargo.

—Não sei como pôde acontecer. —respondeu Kristoffer — Só sei que pareciam conhecer nossos planos tão bem como nós.

—Mas como?

—Não seria por termos um traidor? Porque do contrário como é possível que lorde Alfrick estivesse tão bem armado?

Anslak lhe lançou um olhar agudo.

—Quem trairia a seu chefe? —perguntou— Os únicos que conheciam seus planos eram sua família e seus melhores guerreiros. Quem se transformou em um traidor?

—Quem, com efeito? —repôs Kristoffer—Não deixei de pensar nisso desde a batalha. Quem sairia beneficiado se Brage morresse? Quem queria apoderar-se de todo o seu ouro? E ainda mais: Quem queria ficar com sua honra e ocupar seu lugar como chefe?

Anslak olhou aos guerreiros sentados em torno da mesa. O único que não estava presente era Ulf e se perguntou onde teria ido.

—Não sei, mas o averiguarei, mesmo que seja a última coisa que faça. —assegurou.

Guardou silêncio e pensou em Brage. Seu filho tinha sido um guerreiro precavido, tão ardiloso como poderoso. Para que algo tão terrível pudesse acontecer, o traidor tinha que ser alguém em quem Brage confiava. A possibilidade de que alguém de sua família ter traído a seu filho o enfureceu, e golpeou a jarra contra a mesa para chamar a atenção dos presentes.

—Prestem atenção a minhas palavras! —bramou — Corre rumores e suspeitas de que teve traição que cobrou a vida de meu filho e a de seus homens. —Fez uma pausa enquanto um surto de inquietação percorria o salão — Se um de nós traiu Brage, tem que saber que o perseguirei até o fim do mundo e o farei pagar por sua morte!

Os homens voltaram a soltar um rugido de aprovação; quem tinha perdido a seus amigos na batalha também estavam ansiosos por encontrar ao responsável.

Anslak desejava fervorosamente identificar ao homem que tinha causado a morte de Brage. Tratou de adivinhar quem poderia ter sido; duvidava de que fora um dos homens que navegaram com ele, posto que só um parvo tivesse traído a seu chefe e depois participado do ataque. Tinha que tratar-se de alguém que tinha escutado seus planos e alertado aos saxões, mas quem? A possibilidade de não descobrir jamais, o frustrava. Tratava-se de um covarde e de um assassino e Anslak estava convencido de que merecia arder no inferno.

Quando Ulf se afastou da casa era quase de noite. Ouviu seu pai jurando que encontraria ao traidor e seu estado de ânimo se tornou ainda mais lúgubre. Dirigia-se à margem do mar, com a esperança de encontrar um pouco de paz, quando ouviu o chamado de uma mulher.

—Ulf! Espera! Tenho que falar com você!

Virou-se e viu Inger correndo para ele. Quando se aproximou, notou sua expressão desesperada e angustiada e compreendeu que soube da morte de Brage.

Ulf sabia que Inger sempre teve a esperança de que algum dia seu meio-irmão se casasse com ela, mas não estava seguro de que as intenções de Brage fossem as mesmas. Embora fosse bonita (seu cabelo era loiro prateado, seus olhos azul claro e tinha uma

figura esbelta) não tinha a impressão de que Brage a amasse. Seu irmão só a tinha mencionado de passagem, e sem manifestar uma grande paixão.

—Me diga que não é verdade, Ulf! —exclamou Inger quando se deteve na sua frente. As lágrimas escorriam por seu rosto e estendeu suas mãos trementes — Brage não pode estar morto! Não é possível!

A expressão de Ulf se abrandou ao contemplar sua dor. Seus sentimentos eram autênticos. Ser o que confirmava as más notícias o estavam incomodando, mas não tinha maneira de suavizar o golpe.

—Lamento, Inger.

—Lamenta? O que é o que lamenta? —perguntou com voz atormentada, agarrando-o pelo braço.

—O que ouviu é verdade. Brage morreu durante o ataque, igual a muitos de seus homens.

—Mas disseram que não recuperaram seu cadáver. Ainda poderia estar vivo. Poderia retornar por ele... —suplicou, negando-se a aceitar a verdade e a pena que a acompanhava.

—Inger, —prosseguiu Ulf em tom bondoso — tanto Kristoffer como eu o vimos cair. Não se levantou. Inclusive retornamos na mesma noite depois da batalha para buscá-lo, mas só encontramos as piras funerárias. Meu irmão não sobreviveu.

—Mas ao melhor só...

—Basta. — a cortou Ulf — Acredita que Kristoffer e eu não iríamos aonde fosse e faríamos o que fosse necessário para retornar com seu corpo? Mas era muito tarde, Inger. Mataram-nos pelas costas. Não haverá nenhum resgate. Nossos inimigos queimaram seu corpo, não voltaremos a vê-lo.

Quando assimilou a horrenda verdade, Inger soltou um soluço e cambaleou. Acreditando que estava a ponto de desmaiar, Ulf a agarrou em braços.

—Inger... —Pronunciou seu nome em tom dubio, sem saber o que fazer com ela.

—Sinto muito, Ulf, —repôs ela com voz entrecortada — mas não consigo acreditar que esteja morto... —Inger sempre tinha sabido que as incursões eram perigosas, mas Brage parecia invencível.

—Deve tratar de aceitar que nunca retornará, todos temos que fazê-lo.

Brage despertou lentamente. Doía-lhe todo o corpo, mas de algum modo era uma dor diferente a anterior. Levantou a cabeça para dar uma olhada ao redor, e se assombrou ao ver lady Dynna sentada junto à cama.

Brage albergava uma lembrança vaga e turvada pela febre: Ela tinha tratado de ajudar quando estava preso, e também tinha cuidado dele quando o transportaram para o quarto.

Apoiou-se em um cotovelo e viu que ela estava dormindo. Contemplou-a atentamente e notou que parecia exausta. Manchas escuras rodeavam seus olhos, estava encurvada e se perguntou por que estaria tão cansada.

De repente permanecer deitado parecia insuportável. Fez um esforço por levantar-se e então uma dor aguda no ombro o fez recordar da ferida; soltou um grunhido de dor e compreendeu que não devia fazer movimentos bruscos.

Dynna não tinha intenção de tirar um cochilo, mas as horas intermináveis de vigília a tinham afetado. Matilda tinha partido para cumprir com outros deveres e Dynna ficou a sós com o viking, à exceção do guarda postado diante da porta. Havia tornado a lhe aplicar panos úmidos com a intenção de vencer a febre, mas todos seus esforços pareciam em vão. No transcorrer dos últimos dias, nenhum de seus intentos tinha sortido efeito sobre a febre que o abrasava. Totalmente esgotada, quase tinha caído da cadeira após tratar de obrigá-lo a beber outra dose de sua bebida.

Mas o grunhido de dor a despertou imediatamente. Supunha que se encontrava pior e estava preparada para fazer o que fosse necessário. Quando o viu sentado na cama quase entrou em pânico.

—Não se mova. Tome cuidado. Fique quieto... — advertiu-lhe, acreditando que delirava e temendo que passasse mal — Te rogo que fique quieto. Voltarei a lhe lavar e depois...

—Me lavar? —perguntou.

A prudência de seu tom a deixou perplexa.

—Encontra-se melhor? —perguntou, e pela primeira vez o olhou nos olhos. Logo se apressou a lhe tocar no ombro e na testa. Dynna supunha que ainda estaria com febre e, ao descobrir que estava fresco, animou-se e sentiu um grande alívio.

—Assim parece.

—Esta melhor... —Dynna sorriu, e foi seu primeiro sorriso em muitos dias — Será melhor que volte a se deitar.

—Não posso. Tenho que ficar sentado. Faz muito tempo que não me movo. —E ao dizê-lo, compreendeu que era verdade, porque se sentia entorpecido e débil, e era como se o quarto girasse em torno dele.

—Esteve muito doente. Teve muita febre e durante os dois últimos dias temi que não sobrevivesse. —lhe explicou.

—Por que teria que importar se estou vivo ou morto, milady? Por que se esforçou em me salvar? —perguntou olhando-a fixamente.

Dynna tinha descoberto o poder de seus olhos azuis a primeira vez que se encontrou frente a ele. E nesse instante, quando seus olhares se cruzaram, pareceu-lhe que penetrava até o mais íntimo de seu ser e desviou seus olhos, ruborizando-se.

—Faria exatamente o mesmo por qualquer animal ferido. —murmurou.

Suas palavras feriram o viking. Agarrou-a pelo braço e a obrigou a virar-se.

Dynna cravou seus olhos na mão obstinada em seu braço, perplexa ante as sensações inquietantes que lhe provocava o contato.

—Pois não acredito nisso. —disse ele.

—Acredite no que quiser. —Dynna procurou soar indiferente.

—Acredito no que sei, e sei que os saxões nunca fazem nada sem um motivo. Assim me diga, milady, o que planeja? O que quer de mim?

—Não quero nada de você. —insistiu Dynna.

—Então por que me salvou? —perguntou sem deixar de olhá-la — por que não me deixou morrer?

—Quando seus homens descobriram Matilda e eu e nos levaram para sua frente na manhã anterior à batalha, poderiam ter ordenado que nos matassem, mas não o fez. Não podia permitir que sofresse algum mal.

Durante um longo momento, Brage a contemplou em silêncio, sem saber se acreditava ou não. Intuíu que ela escondia muitas coisas, mas optou por não seguir perguntando. Por hora seguiria com o jogo e agradeceria o fato de estar vivo. Então a soltou.

—Nesse caso, agradeço sua ajuda. É óbvio que é uma curandeira de muito talento. Encontro-me melhor. —disse por fim e, ao mover o ombro para comprovar seu estado, fez uma careta.

Dynna se alegrou de que a soltava. Tinha algo no toque de suas mãos que a perturbava. Entreteve-se trazendo uma taça de sua beberagem curativa para não ter que pensar nos desconcertantes sentimentos que despertava nela.

—Beba isto.

—O que é? —perguntou ele.

—Um tônico que a ajudará a recuperar as forças. Mandarei que tragam algo de comer. Faz dias que não come e não começará a se sentir melhor até que tenha ingerido algo sólido.

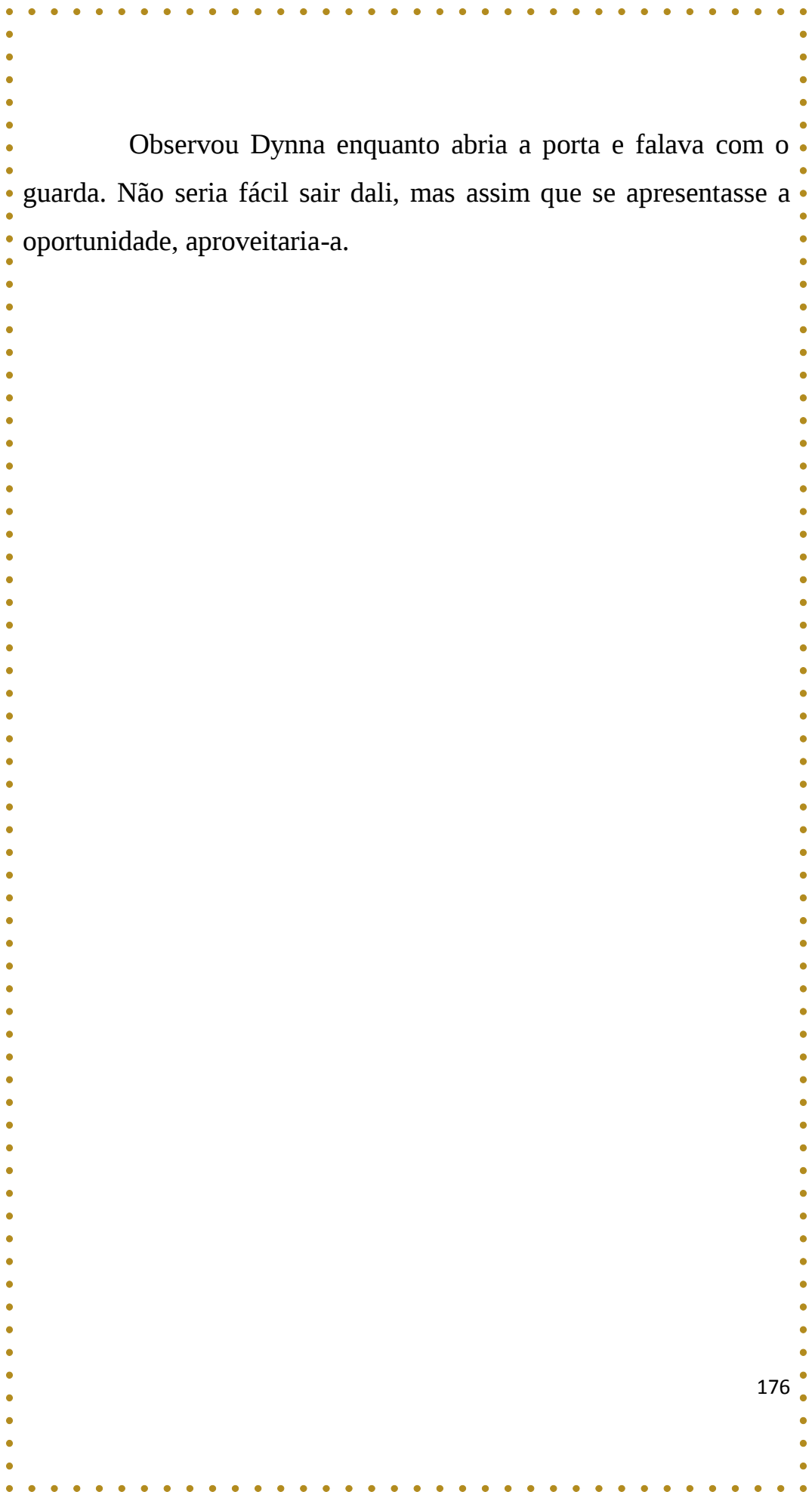
Brage estava de acordo. Queria recuperar suas forças... e quanto antes, melhor. Ignorava o que queriam dele os saxões, mas queria ter forças para os enfrentar quando chegasse o momento.

—Tem algo mais. —Ante o olhar inquisitivo dela, acrescentou— Me viria bem um par de calças.

Dynna não pôde evitar que o rubor cobrisse suas bochechas.

—Certamente.

No momento, Brage decidiu que seguiria fingindo ser um inválido, que Dynna pensasse que estava mais fraco do que realmente estava. Não queria que voltassem a prende-lo. Desse modo, podia mover-se um pouco e talvez descobrir um modo de escapar. Porque estar preso à parede no Grande Salão o fazia perder toda esperança.



Observou Dynna enquanto abria a porta e falava com o guarda. Não seria fácil sair dali, mas assim que se apresentasse a oportunidade, aproveitaria-a.

CAPÍTULO 8

Ao ver que Brage por fim estava fora de perigo, Dynna se sentiu mais relaxada e já não teria que o velar por toda a noite. Durante vários dias ficou na cama até muito mais tarde que o acostumado. Uma vez acordada, tomava um banho e tomava o café da manhã tranqüilamente em seu quarto. Visitava Brage todos os dias e se alegrava de sua aparente melhoria. Aquela manhã em particular, três dias depois, sentia-se bastante descansada quando subiu as escadas até o quarto da torre e saudou Perkin, o guarda postado em frente a porta.

—Bom dia, lady Dynna. A criada que enviaram para que cuidasse do prisioneiro está com ele. —disse Perkin, saudando-a com um sorriso.

—Bem. —Dynna lhe devolveu o sorriso, feliz que a manhã se desenvolvesse sem contratempos.

Estava a ponto de entrar quando a porta se abriu de repente e apareceu a criada.

—O que acontece, Anny? —A expressão assustada da jovem a desconcertou e se perguntou o que teria feito Brage para que a pobre fugisse presa de terror.

—Lady Dynna. —ofegou a criada — ... esse viking... é um demônio!

—Um demônio? De que falas? Barbeou-o e lhe cortou o cabelo como ordenei? —Dynna deu uma olhada para o quarto, mas dali não se via Brage.

Anny engoliu saliva com olhar atemorizado ao mesmo tempo que saía do quarto e se afastava do prisioneiro.

—Tentei, milady, de verdade, mas não deixou que me aproximasse. Ameaçou-me! Disse que me jogaria pela janela se voltasse a me aproximar dele com uma faca... E falava a sério! Seu olhar era malvado! Oh, esse Falcão Negro é perigoso! Celebrarei o dia que morra ou que parta!

—Tem um guarda diante da porta. Só tinha que pedir ajuda. —lhe recordou Dynna.

—Por favor, milady, não me obrigue a retornar ao quarto. O brilho gelado de seus olhos azuis me assusta! Sei que é um monstro!

—Não é um monstro. —disse Dynna para tranquilizá-la.

—É um viking! —O aborrecimento de seu tom de voz descrevia perfeitamente o que sentia.

—De acordo. —Dynna lançou um suspiro de resignação — Volta para suas tarefas na cozinha.

—Sim, milady. Tome! —disse a criada e estendeu a faca, disposta a se afastar o mais rapidamente possível.

Dynna reprimiu um sorriso e agarrou a faca. Recordava seu primeiro encontro com Brage e compreendia que Anny se sentisse intimidada. Devido a seus cabelos mais longos e a barba

cheia, por não falar de sua estatura, Brage era um espécime impressionante apesar de seu estado debilitado.

—Quer que entre com você, milady? Posso ficar com você, se tiver medo. —sugeriu Perkin quando Anny fugiu escada abaixo para refugiar-se na cozinha. Tinha visto o temor da criada e não permitiria que nada acontecesse a lady Dynna.

—Não, não é necessário. Estarei perfeitamente bem.

Perkin retrocedeu com expressão cética e a deixou passar. Apesar de suas palavras, manteria-se alerta para assegurar-se que não lhe fizessem mal.

Dynna estava disposta a impor sua vontade a Brage. Devia estar de mau-humor para assustar Anny até esse ponto. No dia anterior, quando examinou a ferida no ombro, parecia estar cicatrizando bem. Não obstante, suas feridas tinham sido graves e a febre muito alta. Demoraria um tempo em recuperar-se por completo e para isso era necessário estar limpo. Por isso tinha enviado Anny a ele e agora ela mesma se encarregaria da tarefa por mais que ele protestasse.

Quando encontrou Brage sentado na cama com a testa franzida e mexendo na barba, compreendeu que enfrentaria uma discussão. Deteve-se frente a ele com expressão severa.

—Aterrorizou a pobre criada. —o repreendeu.

—Aproximou-se de mim brandindo uma faca. —grunhiu ele.

—Sabe muito bem que eu ordenei que o atendesse.

—Para me matar? —Lançou-lhe um olhar zombador.

—O matar? Claro que não! Enviei-a aqui para que o barbeasse.

—Me barbear ou me matar, é igual. De um modo ou outro, dado o tremor de sua mão, acreditei que minha vida corria perigo. Se a faca fosse apoiada em minha garganta...

—Se não a tivesse intimidado, não teria acontecido nada.

—Não é necessário me barbear.

—Eu o barbearei. —disse Dynna em tom firme.

—Levei barba desde que tenho idade para que crescesse.

—Brage arqueou uma sobrancelha com ar zombador e lhe lançou um olhar desafiante.

—Ainda não está completamente recuperado, deve permanecer na cama uns dias mais. Se seus cabelos e barbas se encherem de piolhos, já não os apreciará tanto. Será muito mais simples os manter limpos enquanto se recupera.

—E se me nego?

—Não pode. É meu paciente.

—Sou seu prisioneiro. —afirmou Brage em tom terminante.

—De um modo ou outro, —disse ela, sem poder reprimir um sorriso travesso — esta a minha mercê. Se não permitir que o barbeie...

—Você me barbeará? —perguntou com rapidez.

—Eu lhe barbearei. —ênfatizou Dynna — Mas se resistir, chamarei o guarda e direi que o segure até que tenha acabado com a tarefa. Seja como for, ao meio-dia estará barbeado e seus cabelos, cortados. O que fará, viking? Lutará comigo ou se renderá?

Uma vez mais, Brage teve que admirar seu valor. Não se acovardava, como a parva da criada, a que conseguiu jogar para fora do quarto com um único olhar ameaçador. Dynna era mais forte e, apesar disso, sua admiração por ela aumentou.

—A ideia de que você me barbeie me é muito mais agradável que confiar na empregada que acaba de fugir daqui presa do terror. —declarou.

—Em seu lugar, eu estaria mais preocupado.

—Se quiser me ver morto, milady, teria sido muito fácil deixar que a febre acabasse comigo. Duvido que em suas mãos minha vida corra perigo.

—A única coisa que sofrerá um cruel destino será seu cabelo e sua barba, a menos que seja o bastante parvo para se mover enquanto os corto. Sente-se na cadeira, assim me facilitará a tarefa.

Brage resmungou palavras ininteligíveis, frustrado perante a impossibilidade de evitar aquela nova tortura. Tomou assento e fez chiar os dentes.

Dynna procurou pentear sua espessa cabeleira. Logo, com muito cuidado porque a faca era afiada, começou a cortar os escuros cabelos.

Brage permaneceu imóvel enquanto ela se deslocava em torno dele, tirando o cabelo com suavidade ao mesmo tempo que tratava de cortá-lo. Brage aborrecia-se com a ideia de parecer-se com seus captores, mas compreendeu que, em certo modo, lhe fazia um favor: Se apresentasse a oportunidade de escapar, era menos provável que chamasse a atenção entre os saxões barbeados e de cabelos mais curtos.

O toque das mãos da Dynna eram suaves e seu aroma perfumado era embriagador; sentia-se avivar cada vez que se inclinava sobre ele, e recordou a si mesmo que aquela mulher era sua inimiga. Entretanto... Brage franziu a testa, por nenhum motivo em particular.

Dynna procurava não lhe cortar com a faca. Seu cabelo era espesso e levou um tempo para cortar a pesada juba. Quando finalmente acabou, deu um passo atrás para examinar o resultado. Embora a barba ainda cobrisse seu rosto, seus cabelos tinham um aspecto ordenado.

—Melhor. Muito melhor. —comentou satisfeita.

—Me alegro de que lhe pareça assim. —disse ele, com os olhos cravada no cabelo que cobria o chão.

—Agora me encarregarei de sua barba.

Brage não disse nada, mas quando ela se situou na sua frente a olhou aos olhos. Sabia que não tinha mais remédio que submeter-se a sua vontade e a degradação que isto supunha fez que apertasse as mandíbulas. Ele, o Falcão Negro, via-se reduzido a

suportar que uma mulher cortasse sua barba, e ainda por cima uma saxã. Mas quando começou a cortar seus cabelos mais longos, teve que reconhecer que era uma saxã muito bonita.

Enquanto Dynna cortava sua barba, Brage teve que esforçar-se em permanecer imóvel. Quando acabou de cortar a parte mais espessa, ela deu um passo atrás e o contemplou.

—Acabou? —perguntou em tom esperançoso, mas ao esfregar o queixo comprovou que ainda ficavam cabelos.

—Não, ainda não.

Dynna agarrou uma terrina com água e umedeceu seu rosto a fim de arrancar os restos de barba. Quando se aproximou dele, Brage soltou um grunhido.

—Agora não me causará problemas, verdade? O guarda não demoraria para vir a meu chamado. —lhe recordou, sentindo-se poderosa enquanto permanecia de pé na sua frente, disposta a terminar de barbeá-lo e com a faca na mão.

—A verdade, milady, é que uma faca em sua mão quando esta zangada me daria o que pensar muito mais que esse guarda debil. —replicou.

Dynna não pôde evitar um sorriso quando se inclinou para ele para umedecer seu rosto e tirar o resto da barba.

Poderia ter acabado com a tarefa ele mesmo... se tivesse dado a faca. Mas eram inimigos e sabia que não o faria.

Ao mesmo tempo que ela se deslocava em torno do viking, ele percebeu seu doce fôlego nas bochechas e o toque de

seu corpo enquanto se esforçava por deixá-lo bem barbeado. O toque o excitava e isso o surpreendeu. Disse que só era uma mulher, uma mulher encantadora, embora só uma mulher. Embora fosse muito atraente o que era bastante normal, em que pese em ser uma inimiga; mas então se deu conta de que não a considerava uma inimiga. Pois que adversário teria tratado de salvá-lo, não uma a não ser muitas vezes, apesar que ele a tinha rechaçado quase com violência? Que competidor teria permanecido a seu lado noite e dia para cuidar dele, quando deixá-lo morrer teria sido muito mais simples? Dynna não era sua inimiga, mas nesse caso, o que era?

Jamais o teria reconhecido, mas Dynna desfrutava da sensação de intimidade proporcionada por barbear Brage. Uma coisa era considerá-lo um homem atraente enquanto cuidava dele, mas agora que estava se recuperando, sentia uma atração que a assustava e também a excitava. Disse a si mesma que, embora não lhe tinha feito mal nem a ela nem a Matilda, não era seu amigo. Tal como tinha dito Anny, era um viking. E entretanto, algo nele a atraía, e sabia que devia lutar contra essa atração.

À medida que o barbeava, Brage se sentia cada vez mais nu. Quando se colocou diante dele para eliminar os últimos fios do queixo, adotou uma expressão furiosa. Dynna parou, temendo o ter feito mal.

—Dói?

—A única coisa que me dói é que me obrigue a parecer um saxão. —respondeu e, fazendo uma careta, passou a mão pela nuca nua.

—Me parece que têm melhor aspecto. — Falava a sério. O cabelo mais curto realçava seu olhar azul e penetrante. Sua mandíbula nua era firme e forte. Antes era interessante mas agora, ao ver seu rosto com clareza pela primeira vez, seus traços duros e viris resultavam fascinantes.

Ele voltou a esfregar o queixo, e ao notar-se barbeado, soltou um grunhido.

—Acredito que talvez me ter a sua mercê não fosse de todo mal. —disse Dynna.

—É verdade que você sustenta a faca. —Brage deu uma olhada à arma que ela segurava, sabendo que podia tirar-lhe em um instante... se quisesse. Mas inclusive enquanto pensava nisso, também compreendeu que não era o momento. Precisava recuperar suas forças ainda mais, para que quando escapasse pudesse afastar-se com rapidez.

—E além disso tem o guarda. —lhe recordou ela em um tom quase doce.

—Ao que parece, o destino decretou que permaneça em seu poder. Mas o que me pergunto, lady Dynna, é o seguinte: Como pretende que siga bem barbeado? Acaso me barbeará todos os dias ou me deixará a faca para que eu me barbeie sozinho?

—Acredito que possivelmente uma das criadas se encarregará disso a partir de agora.

Ele esboçou um sorriso, recordando com quanta facilidade tinha conseguido intimidar à outra mulher.

Se Dynna não o barbeava, talvez recuperasse sua barba antes do que tinha pensado.

—Todos os homens sabem se barbear. —prosseguiu ela ao ver seu olhar — Estou segura de que uns quantos guardas de sir Thomas estariam encantados de lhe aproximar uma faca. Retornarei mais tarde para ver como se encontra.

Quando partiu, o sorriso de Brage se desvaneceu. Ouviu como trancavam a porta atrás de sua partida e voltou a recordar sua situação. Durante um momento, enquanto ela ainda estava presente, tinha conseguido pensar em algo que não fosse seu cativeiro, mas quando voltou a estar a sós compreendeu que devia começar a fazer planos. Obrigou-se a ficar em pé e caminhou de um lado a outro. Quanto antes recuperasse suas forças, melhor.

Hereld viajou o mais rapidamente que pôde, mas não havia um modo veloz e simples de chegar à aldeia de Anslak. Tinham passado vários anos da última vez que se encontrou com o chefe viking e, embora tinha uma idéia geral da localização da aldeia, não sabia com exatidão. Demorou uns dois dias mais, mas

por fim chegou ao fiorde que conduzia ao isolado e protegido povoado.

Quase podia cheirar o ouro que logo seria dele. Não demoraria para reunir-se com Anslak, convencer que pagasse o resgate e estabelecer um ponto de encontro onde realizar a troca. Logo seria um mercador muito rico. A ideia fez que esfregasse mentalmente as mãos com deleite enquanto navegava para o desembarcadouro da aldeia.

Os chifres anunciaram sua chegada, os habitantes saíram ao encontro da embarcação e lhe deram uma cautelosa as boas-vindas.

—O que o traz para nossa aldeia? —perguntou um dos homens chamado Lynsey quando Hereld desembarcou e se aproximou de quem o aguardava.

—Sou Hereld, de profissão vendedor e mercador. Vim em busca de Anslak. Esta é sua aldeia, estou certo?

—Sim, chegou ao lugar correto. Por que veio o ver?

—É um assunto importante, assim o melhor será que fale diretamente com ele.

—Muito bem. O acompanharei até sua casa.

A reduzida tripulação permaneceu na nave; Hereld remontou a escarpada ladeira junto ao aldeão e ambos se encaminharam ao povoado. Quando chegaram a casa de Anslak, Lynsey o chamou e Tove apareceu à porta.

—Temos um visitante. —disse Lynsey — Deseja falar com Anslak.

—Neste momento meu marido não se encontra aqui. — Tove se dirigiu ao forasteiro — Do que se trata? Sou sua mulher; possivelmente possa o ajudar.

Depois de refletir uns segundos, Hereld optou por lhe dizer no que consistia sua missão. Não cabia dúvida de que sua chegada chegaria aos ouvidos do chefe viking com maior rapidez se sabia como era importante.

—Trago notícias das terras de lorde Alfrick. —disse.

Ulf tinha visto o forasteiro falando com Tove e se aproximou cheio de curiosidade. Quando Hereld mencionou ao lorde saxão, interrompeu-o.

—O que acontece com lorde Alfrick? —perguntou ao homenzinho em tom tenso e ameaçador.

Tove se alegrou de que Ulf participasse da conversação, porque não sabia o que pensar daquele homem.

—Quem é? —perguntou Hereld.

—Sou Ulf. Anslak é meu pai. Que notícias traz de lorde Alfrick?

—Diga a seu pai que lorde Alfrick lhe envia uma mensagem. Diga-lhe que depois do ataque, deixaram algo muito valioso. Diga-lhe que lorde Alfrick exige um resgate por...

Ulf franziu a testa com ar perspicaz.

—Do que está falando? Fale claramente. Me diga o que sabe...

Hereld decidiu contar o que sabia:

—Vim para informar que o Falcão Negro é o prisioneiro de lorde Alfrick. Sabe que é o filho de Anslak e o devolverá a seu pai por seiscentas libras de ouro.

—O quê! —Ulf estalou, agarrou Hereld pela túnica e o sacudiu rudemente. Sentiu uma pontada de temor. Brage não podia estar vivo. Tinha visto como o matavam, tinham-no procurado...

—Mentir? Por que mentiria? —protestou Hereld.

—Por ouro, claro. —exclamou Ulf e seu olhar glacial e desdenhoso o atravessou — Já tratei com indivíduos como você. Não obterá ouro de nós. Vá, antes que meu pai lhe dê uma surra.

—Não irei! Lorde Alfrick me enviou aqui com o fim de dizer ao Anslak que o Falcão Negro está vivo, e tenho provas que demonstram que digo a verdade!

—Provas? —Kristoffer tinha ouvido os gritos de Ulf e tinha saído da casa para averiguar o que ocorria — Que provas pode haver? Vimos como o matavam, e você ousa nos dar esperanças de que nosso irmão tenha sobrevivido?

—Viram como o feriam, e em efeito: Sofreu feridas graves. Mas lorde Alfrick se encarregou de que o curassem e agora é seu refém. Pagarão o resgate? Ou querem que retorne e lhe diga que cometeu um engano, que não se importam com a vida do Falcão Negro?

O desafio aumentou a fúria do Ulf.

—Que provas tem?

—Seu colete... —Hereld introduziu a mão em seu embornal e tirou o colete de Brage — Vê o corte e as manchas de sangue? A ferida era grave, mas não fatal. Seu irmão está vivo e é prisioneiro de lorde Alfrick.

Ulf arrancou o objeto e imediatamente reconheceu que pertencia a seu irmão.

—Como pegou este colete? —perguntou.

—Tiraram dele para curar suas feridas. Uma vez que descobriram quem era, não podiam deixá-lo morrer. Cuidarão muito bem dele até que paguem o resgate.

—Lynsey, corra em busca de meu pai. Kristoffer, cavalgue com ele. —ordenou Ulf em tom brusco, apertando o colete. A dúvida o corroia. Esse homem tinha que ser um mentiroso, um oportunista que agia por conta própria, reivindicando mentiras com o fim de fazer-se rico. Tinha que sê-lo, e entretanto, se Brage estivesse com vida... Devia atuar, mas com muita cautela.

Tove convidou o mercador a sentar e o serviu um gole, e todos aguardaram a volta de Anslak. Enquanto permaneciam sentados no lar do chefe viking, Ulf se perguntou como reagiria seu pai com a notícia, se acreditaria que o forasteiro dizia a verdade. Todo o povo tinha chorado a morte de Brage e seus homens.

Esperou que aquele não fosse um plano idealizado por um mercador ambicioso para engordar suas arcas.

Passou mais de uma hora antes que Lynsey e Kristoffer retornassem à casa junto com Anslak.

—Tove! Ulf! Que história é essa que me contaram Lynsey e Kris? —bramou Anslak entrando precipitadamente — Onde está esse mercador? Quero olhá-lo aos olhos para comprovar se diz a verdade!

Depois de receber a notícia, tinha contido uma faísca de esperança que se esforçava para atenuar. Embora com dor, tinha aceito a notícia da morte de seu filho e agora... Se o homem mentia, qualquer esperança seria cruel. Sua única esperança, seu sonho, era que Brage estivesse vivo. Se aquele homem dispunha de uma prova autêntica que o demonstrasse, pagaria o que fosse para recuperá-lo.

—Alegra-me voltar o ver, Anslak. Sou Herel. Não faz muito tempo fizemos negócios em Surrupia.

—Lembro do nosso encontro. —respondeu o viking. Lembrava-se de se encontrarem no mercado e o contemplou cautelosamente; sabia que era um negociante ardiloso — O que são essas notícias que me traz de meu filho Brage? Todos que navegaram com ele acreditaram que estava morto, mas você diz que está vivo.

—Assim é, e posso demonstrá-lo. —disse Hereld, assinalando para Ulf, que ainda segurava o colete.

Ulf o mostrou a seu pai.

—É seu. —confirmou Kristoffer.

—Mas não demonstra que está vivo. —argumentou Ulf
— Só que encontrou seu corpo no campo de batalha.

—Encontraram-no, ferido mas com vida. Foi levado ante
lorde Alfrick e, quando descobriram que era o Falcão Negro, lorde
Alfrick decidiu cobrar um resgate por ele.

Anslak se aproximou do Ulf e lhe tirou o objeto.
Examinou o corte nas costas e o sangue seco.

—Foi uma ferida grave. —disse em tom duro.

—Alfrick sabia que era um prisioneiro valioso, assim
encarregou a uma curandeira para que fosse sarado. —explicou
Hereld — O Falcão Negro está se recuperando.

Anslak ainda olhava o colete fixamente. Pode ser que seu
filho estivesse vivo... Brage podia estar vivo! Sua esperança
aumentava e a boa notícia lhe enchia o coração até quase fazê-lo
rachar. As lágrimas que jamais derramaria causavam um ardor em
seus olhos.

—Quanto pede lorde Alfrick pela vida de meu filho?

—Seiscentas libras de ouro. —Hereld se felicitou por sua
astúcia.

—E qual é seu papel em tudo isto?

—Tenho que retornar com sua resposta e cem libras de
ouro como prova de suas intenções. Arrumarei o dia e o lugar onde
se acontecerá o encontro para poder realizar a troca.

Anslak assentiu com a cabeça.

—Nos deixe, Hereld. Tenho que falar com meus filhos.
—disse e lhe indicou a saída.

Tove o acompanhou para fora para que Anslak, Ulf e Kristoffer pudessem falar a sós.

—Mente, meus filhos? —perguntou-lhe, pois valorava sua opinião.

—Custa-me acreditar em uma só de suas palavras. — declarou Kristoffer.

—Não confio nos saxões. Mas este mercador... —O tom de Ulf era cético.

—Tive negócios com ele. —comentou Anslak — Sei que é um homem ladino quando se trata de obter lucros, mas não acredito que arriscasse sua vida sem necessidade. Diz a verdade, mas até que ponto? Mesmo assim, acaso podemos nos arriscar a que Brage esteja vivo e não fazer nada para salvá-lo?

—Não. Devemos resgatá-lo. Devemos pagar o resgate. — disse Ulf em tom firme.

—Temos que resgatá-lo dos saxões. —assentiu Kristoffer.

—Então está decidido. Diremos a Hereld que aceitamos pagar o resgate exigido por Alfrick, mas seguiremos falando deste assunto uma vez que o mercador tenha zarpado.

Seus filhos assentiram e foram em busca do mercador.

—Pagaremos o resgate exigido pela liberdade de meu filho. —anunciou Anslak uma vez que entrou o mercador.

Ao compreender que acabava de acrescentar cem libras à soma do resgate, o rosto de Hereld se iluminou. Estava muito satisfeito.

—Quando zarparei com o primeiro pagamento em ouro? —perguntou-lhe ao chefe viking.

—Para reunir tal quantia levará um dia. Zarpará depois de amanhã com a notícia de nosso acordo. Enquanto isso será considerado um hóspede em meu lar.

—Agradeço-lhe sua hospitalidade, Anslak.

Hereld estava encantado. Seria rico. A viagem tinha valido a pena.

Mais tarde, nessa mesma noite, Ulf, Anslak e Kristoffer se dirigiram ao topo de uma colina próxima com vistas ao fiorde, para falar em particular.

—Há muito que planejar e dispomos de pouco tempo. —lhe disse Anslak — Quantos homens podemos reunir para navegar conosco, Ulf?

—Duzentos.

—Bem. Os avise. Começa esta noite. Zarparemos pouco depois do mercador. Temos que encontrar meu filho e trazê-lo para casa.

—Onde acontecerá a troca? —perguntou Ulf.

—Ao norte da torre de lorde Alfrick há um desembarcadouro próximo a um prado plano e aberto. Seria um

lugar seguro para fazer a troca. Permitirá-nos comprovar que os saxões não nos preparam uma surpresa.

—Rogo que Brage se encontre bem. —disse Kristoffer em tom solene.

—E eu rogo que não seja uma armadilha. Levaremos cem guerreiros conosco e deixaremos outros cem a bordo das naves ancoradas perto da costa. Se apresentar um problema, estaremos preparados para nos defender. —explicou Anslak.

Ulf e Kristoffer sabiam que seu pai tinha razão. Estavam dispostos a partir de imediato para resgatar a seu irmão, mas teriam que atender ao plano dos saxões. A ideia lhes desgostava, mas reconheciam que era o único modo de salvar Brage.

—Não confio neles. —continuou Anslak — Permaneceremos alerta até que nos tenhamos afastado da costa com Brage são e salvo. Só então me convencerei de que seu plano não é mais uma traição.

No dia seguinte Anslak reuniu seu tesouro e quando começou a anoitecer mandou chamar Hereld. O mercador tinha estado preparando sua própria nave para zarpar, mas assim que lhe disseram que Anslak o esperava se apressou a acudir.

—Tenho cem libras de ouro para você. —anunciou o viking com expressão grave.

—Bem. Estou certo que lorde Alfrick se alegrará ao saber que aceitou suas condições.

—Eu também estou. —O tom do Anslak era sarcástico — Diga a seu lorde que me reunirei com ele dentro de oito dias, no prado situado ao norte de sua torre, a um dia de marcha. Diga que a condição é de que devolva a meu filho são e salvo, não haverá derramamento de sangue. Apresentarei-me com o ouro e espero que Brage esteja ali para reunir-se comigo. Se tudo sair conforme o planejado, partiremos imediatamente.

—Transmitirei-lhe sua mensagem, Anslak.

—Confio em que o faça, mas o advirto, Hereld: Qualquer traição será paga com a mesma moeda.

Hereld viu a expressão feroz de Anslak e compreendeu que contrariá-lo não seria uma boa ideia.

—Direi a lorde Alfrick tudo o que disse.

Anslak assentiu com a cabeça e Hereld partiu. Alegrou-se que o mercador zarpasse na manhã seguinte, porque significava que estavam mais próximos de resgatar Brage das mãos do lorde saxão..., em caso de que realmente seguisse com vida.

Hereld estava assombrado de que tudo tivesse saído tão bem. À exceção do susto momentâneo causado pelo robusto Ulf, tudo tinha saído tal como tinha esperado. Guardaria o ouro,

retornaria junto a lorde Alfrick, informaria-lhe das notícias e logo embolsaria o dinheiro que este tinha prometido. Com um pouco de sorte, estaria muito longe antes que a troca tivesse lugar e isso lhe pareceu perfeito.

Quando sir Edmund entrou no salão, Dynna estava acabando de almoçar. Cada vez que o via surgia a dolorosa lembrança de que sua liberdade tinha os dias contados. Enquanto cuidava de Brage, tinha conseguido concentrar-se em mantê-lo com vida e assim evitar que a realidade do que estava a ponto de lhe ocorrer não a afligisse. Mas agora, à medida que o viking recuperava a saúde, não tinha quase nada que a distraísse da arrepiante perspectiva de suas iminentes bodas. O sacerdote chegaria a qualquer momento, e então sua vida teria acabado. Pensar no que se converteria sua vida a fez tremer, e desesperada se pôs a afastar-se de Edmund, levantou-se disposta a partir.

Sir Edmund viu que se preparava para abandonar o salão. Aproximou-se e a agarrou pelo braço quando ela pretendia escapular por uma das portas laterais.

—Não tenha tanta pressa por partir, milady. —disse, e a atraiu para si — Me acompanhe enquanto tomo o almoço.

—Já comi e tenho que partir. —Dynna tratou de esquivá-lo e cravou os olhos na mão que a segurava.

—Aonde vai? O que poderia ser mais importante que passar o tempo com seu prometido? Poderia me fazer companhia

enquanto como, não? —disse em tom fingido, mas lhe apertando o braço para que compreendesse que falava a sério.

—Quem me dera pudesse, sir Edmund, mas tenho que me ocupar de meu paciente.

A expressão do Edmund endureceu.

—Me disseram que a febre do viking desapareceu e que já está quase recuperado.

—Com efeito, encontra-se muito melhor que a última vez que o viu, mas ainda está débil e requer minha ajuda.

—Mas peço que me acompanhe. — Seu tom não admitia uma negativa.

—Devo recusar, posto que tenho coisas a fazer que são mais importantes que estar a sua inteira disposição.

—Disse que fique, milady.

Estava-lhe fazendo mal.

—Seu pai me pediu que me ocupe do viking e você não têm poder para ordenar o contrário. —insistiu ela — Aqui manda seu pai, sir Edmund, não você. —Os olhos da Dynna lançavam labaredas quando se separou dele.

Edmund observou como se afastava e apertou os punhos. Sentia um intenso desejo de estrangulá-la e se perguntou quanto demoraria para chegar o sacerdote.

Dynna parecia tranqüila ao afastar-se, mas em realidade sentia vontades de gritar. Não existia maneira de evitar aquele destino pior que a morte? Não havia um modo de escapar? Tinha-o

tentado uma vez e a tinham apanhado. Por mais desesperada que estivesse, ousava voltar a tentar?

Dynna secou as lágrimas e se deu conta de que as mãos lhe tremiam. Sentir-se tão aterrada a enfurecia. Sempre tinha se considerado uma mulher forte. Estar presa a deixava furiosa, tratou de imaginar um modo, por mais desesperado que fosse, para salvar-se.

CAPÍTULO 9

Ao subir a escada da torre, Dynna notou que sentia desejos de ir ao quarto do viking. Quando estava com Brage, ao menos estava a salvo de Edmund.

Pensar em Edmund voltou a desgostá-la e ficou nervosa. Por mais que tratasse de enganar a si mesma e acreditar que estava a salvo quando estava na torre, não havia nenhum lugar onde estava a salvo de sir Edmund. Ao ver uma vez mais seu desamparo, sua ira aumentou. Estava tão prisioneira como o viking, exceto seu cativeiro era mais insidioso. Ante sua janela não havia barrotes e sua porta não estava fechada com chave do exterior, o que a frustrava era a ameaça tácita do que ele podia lhe fazer e também a permanente vigilância.

Quando se aproximou de Perkin, Dynna se esforçou para sorrir.

—Como se encontra esta tarde?

—Esteve tranqüilo, milady. —respondeu o guarda e lhe abriu a porta.

Brage tinha aproveitado cada momento para recuperar seu estado físico. Tinha recuperado quase todo o movimento do braço e do ombro, e tolerava a dor, embora esta ainda era aguda. Quando ouviu a voz da Dynna falando com o guarda, abandonou

rapidamente os exercícios e se recostou na cama. Não queria que ela descobrisse até que ponto se recuperava.

Planejava escapar da torre assim que se apresentasse a oportunidade; ainda não estava certo de como o faria, mas sabia que não podia permanecer encarcerado. Morrer durante um intento de fuga era muito mais atraente que permanecer ali indefinidamente, convertido no troféu de lorde Alfrick. Quanto mais tempo acreditassem que seguia débil, melhor. Se acreditavam que ainda não tinha se recuperado, não suspeitariam que tentaria escapar.

Dynna entrou no quarto.

—É bom que tente se pôr em pé. —comentou— Se encontra um pouco melhor?

—Já não me sinto tão enjoado. —respondeu Brage. Observou como se aproximava e seus movimentos elegantes voltaram a lhe cativar. Esse dia levava os cabelos soltos e contemplar sua espessa e lustrosa juba era um prazer. Então notou a vermelhidão de suas faces e o brilho irado de seu olhar e se perguntou o que lhe acontecia. Estava acostumado a ser a viva imagem da serenidade, mas notou que dessa vez não era assim.

—Esta zangada comigo, ou tem algum outro motivo?

—Não estou zangada com ninguém. — Dynna negou a verdade — Mas vejo que recuperou suas forças, possivelmente seria hora de que começasse a se mover. Estive na cama durante muito tempo.

—Houve uma época em que teria gostado de ficar na cama aos cuidados de uma mulher encantadora. —comentou com olhar brilhante, e sorriu ao ver que ela se ruborizava ainda mais — Mas o que tinha em mente não era ficar estendido em uma cela. Têm razão. Voltar a me mover será bom. —Brage fez gesto de ficar de pé.

—Não..., espere! Deixe que o ajude. —insistiu Dynna, lhe rodeando a cintura com o braço. Temia que fizesse mal se suas pernas não o sustentassem — Não quero correr o risco de que caia. —Brage soltou uma risadinha e Dynna lhe lançou um olhar inquisitivo — Por que ri? Se caísse ao chão, possivelmente voltaria a se machucar.

—Se apoiar todo meu peso em você, lady Dynna, quebraria-lhe e então nenhum dos dois poderia andar.

—Mas é a primeira vez que se põem em pé. Ainda esta débil e custará manter seu equilíbrio.

Brage guardou silêncio. Seria uma tortura pior que o contato do braço dela lhe rodeando a cintura. A curva de seu corpo, muito feminino e voluptuoso, encaixava no seu; seu toque e seu aroma provocaram uma quebra de onda de calor. Rodeou-lhe os ombros com o braço e apoiou uma mão no braço dela.

Dynna ficou rígida e quase estremeceu. Fazia muito tempo que um homem não a tocava com suavidade e afeto. Os manuseios de sir Edmund só lhe provocavam inquietação e

insegurança. Aborrecia o toque de suas mãos e ao recordá-lo, pôs-se a tremer.

—Tem alguma coisa errada, milady? —perguntou Brage ao notar seu tremor.

—Não. Não acontece nada. Tente dar uns passos. — respirou rapidamente, tentando distrair-se.

Brage obedeceu, fingindo certa dificuldade. Não queria que ela soubesse que já tinha conseguido caminhar sem ajuda.

Dynna não conseguia relaxar enquanto percorriam o quarto a passo lentos. Brage percebia sua tensão, e esta o desconcertou. Parou e a contemplou.

—Esta segura que nada a preocupa? —perguntou— Se preferir não fazer isto, posso voltar a me sentar.

Que ele interpretasse seu estado de ânimo a deixou perplexa. Conhecia muito poucos homens que tivessem em conta o que uma mulher pensava ou sentia. Warren tinha apreciado suas ideias e seus sentimentos, mas o considerava uma exceção. Então, contrariamente a seus desejos, pensou em Edmund.

—Muitas vezes nos vemos obrigados a fazer coisas que não desejamos fazer. —disse Dynna.

Brage franziu a testa e durante um instante vislumbrou a tristeza refletida em seu rosto.

—Posso caminhar sem ajuda, se for necessário.

—Não, quero lhe ajudar. Mas não creia que é o único prisioneiro nesta torre. —Dynna sabia que em algum momento

Brage recuperaria a liberdade e retornaria a seu lar, com sua família, enquanto que a obrigariam a casar-se com sir Edmund, um casamento que teria que suportar até a morte.

As palavras de Dynna o encheram de assombro. Voltou-se para ela e se desprende do braço que lhe rodeava a cintura.

—Diz tolices. —disse em tom zangado— Não há comparação possível. Você podem ir aonde a agradar, mas eu fui preso à parede e agora estou encerrado neste quarto.

—Algumas algemas são invisíveis.

—Seu futuro está em suas mãos; pode partir, se isso for o que quer.

Ela o olhou e soltou uma risadinha crispada, e pela primeira vez Brage viu que algo a atormentava.

—É o que procurava fazer quando seus homens me aprisionaram. —replicou em tom afetado pela emoção.

Ante essa confissão, Brage franziu a testa.

—Aquele dia estava fugindo... — perguntei-me por que iam disfarçada. Do que fugia? De uma situação ou de um homem?

—De um homem. De sir Edmund. Sou sua prometida por ordem de lorde Alfrick e logo me casarei com ele.

—É uma mulher muito excepcional para se casar com essa classe de homem.

Ambos se olharam nos olhos; o olhar de Brage era solene, o dela, angustiada. Com infinita ternura, o viking roçou sua face.

—Lamento que ao lhe capturar impedisse seu intento de alcançar a liberdade. — disse— Jamais quereria fazer mal algum.

Dynna o olhou fixamente; via-o como um homem, não como um prisioneiro viking. O desejo ardia no olhar dele e compreendeu que estava a ponto de beijá-la. Disse a si mesmo que devia afastar-se, escapar do controle que exercia sobre ela, mas não o fez.

Ao contemplá-la, Brage pensou que era a mulher mais bela do mundo. Notou sua incerteza e quis tratá-la com doçura. Inclinou-se e lhe beijou os lábios com suavidade e ternura.

Dynna soltou um grito sufocado. O desejo não era um algo desconhecido para ela; tinha desfrutado fazendo amor com Warren, uma experiência delicada. Mas aquilo... aquilo era algo diferente. Nunca havia sentido algo semelhante, e só com o toque de seus lábios.

Quando Brage se afastou, Dynna o olhou fixamente. Suas sobrancelhas escuras, seus olhos azuis e brilhantes, a linha dura e viril de sua mandíbula... Nunca tinha visto um homem mais bonito que Brage. A primeira vez que o tinha visto, seu rosto barbudo e coberto pelo visor do casco, intimidou-a. Mas agora, bem barbeado, com o cabelo curto e um aspecto saudável, não só lhe parecia poderoso mas também tremendamente bonito. Brage supunha um perigo para ela; entretanto, não era ameaçador.

Ao notar a intensidade de seus sentimentos, Dynna se precaveu de sua vulnerabilidade e retrocedeu; precisava distanciar-se dele.

Que ela se afastasse dele deliberadamente o fez refletir. Jamais teria imaginado que um beijo casto acenderia semelhante fogueira em suas vísceras. Lady Dynna era a mulher mais bela que tinha visto. Sabia que era valente assim que a conheceu e agora também sabia que era uma das mulheres mais boas e generosas que tinha conhecido. Seu beijo o tinha excitado mais que nenhum outro, e a olhou tratando de lhe ler o pensamento.

Dynna permanecia imóvel, turvada pelos sentimentos que a afligiam.

—Parece-me que esta se recuperando muito bem, cavalheiro viking. —disse — É evidente que se encontra melhor.

—Sim, é verdade. —respondeu Brage em voz baixa, mas com olhar alegre.

Dynna percebeu sua alegria e retrocedeu ainda mais.

—Então acredito que pode caminhar melhor do que supunha. Possivelmente deveria tentar voltar para a cama sem minha ajuda.

Brage virou-se, dirigiu-se à cama sem deixar de sorrir e lhe lançou um olhar muito eloqüente.

Dynna não pôde evitar ver-se na cama com ele: Tocando-o apaixonadamente, não curando-o; acariciando-o, não para refrescá-lo a não ser para avivar seu desejo. Virou-se e se pôs a

correr para a porta com toda a dignidade da que foi capaz e, ao sair ao corredor, ouviu a risada de Brage a suas costas.

Dynna saiu fingindo serenidade, posto que Perkin não devia inteirar-se de nada. Desceu as escadas sentindo-se ainda mais confusa e alterada que antes, quando as tinha subido. Os problemas a rodeavam em qualquer parte: Em primeiro lugar estava Edmund, e agora Brage.

Dynna desejava retornar a seu lar, onde sua mãe a aconselharia e a ajudaria, mas não havia maneira de retornar a esses dias afetuosos e familiares. O futuro se estendia a sua frente, lúgubre e frio.

Sabia que só ficava uma única fonte de ajuda. Passou junto ao grande salão e se dirigiu apressadamente à capela para orar. Deus era sua única esperança.

A capela era simples e estava envolta em sombras, só iluminada por algumas vela acesas no altar. Ajoelhou-se e orou com ardor, suplicando a ajuda divina, rogando que a resgatasse antes de casar-se com Edmund.

Permaneceu ajoelhada durante muito tempo. Sentir-se atraída por Brage a incomodava. Um beijo nunca tinha sido tão prometedor... Acaso seu destino seria casar-se com um homem a quem detestava? Alguma vez encontraria a paz? Tinha esperado obter uma resposta que a ajudasse a decidir seu futuro, mas para sua dor e desespero, a única resposta a suas súplicas foi o silêncio.

Quando por fim se dispôs a abandonar a capela, sentia-se tão abandonada como ao entrar. Era o que sempre tinha suspeitado, estava sozinha. Se queria salvar-se, teria que salvar a si mesma.

Ao estender a mão para abrir a porta, ouviu vozes no corredor e, ao reconhecer a de Edmund, ficou imóvel. Não queria encontrar-se com ele. Vê-lo mais uma vez naquele dia já era muito. Afastou-se da porta e aguardou que ele e seu acompanhante partissem. Quando passou junto à porta, ouviu sua voz com toda clareza.

—As coisas estão saindo com quase muita perfeição, meu amigo. —dizia Edmund.

—Por quê?

—Tanto o padre Corwin como o padre Osmar acabam de chegar à aldeia. Agora que retornaram, celebrará-se minhas bodas com a princesa. Já falei com o padre Corwin e deu seu assentimento para que a cerimônia se celebre antes de uma semana.

—A viúva de seu irmão é preciosa. Compreendo que esteja ansioso por a transformar em sua esposa.

—Quando me converter em lorde da torre, ela será uma formosa dama para nosso povo.

Para ouvir essas palavras, Dynna sentiu que lhe retorcia o estômago. Os sacerdotes tinham retornado! As bodas se celebraria dentro de uma semana! Tinha acreditado que as preces a ajudariam; mas ao parecer seu destino estava decidido e pôs-se a tremer.

—O que acontece com o Falcão Negro?

—Essa é a outra boa notícia. —respondeu Edmund — Hereld deve estar a ponto de chegar com informação sobre a troca. Meu pai se sentirá muito feliz uma vez que tenham pago o resgate, mas assim que nos tenhamos o ouro, encarregarei-me pessoalmente de acabar com a vida do viking e os seus.

—Pensa organizar outra armadilha?

—Quem poderia acreditar que somos tão ingênuos para liberar o saqueador que aterrorizou nossas terras? Surpreende-me que meu pai o tenha deixado com vida durante tanto tempo, mas conforme me disseram, Anslak insistirá em vê-lo com vida antes de nos entregar o ouro. Haverá arqueiros ocultos nos arredores, com as flechas apontando à cabeça do Falcão Negro. Morrerá junto com outros. Então recuperaremos uma parte do ouro que nos roubaram no passado.

—É um plano brilhante, sir Edmund, e guarda certo parecido com o que urdiram depois de que o viking traidor lhe informasse que o Falcão Negro nos atacaria. Uma vez feito, terão deixado satisfeitos a todos: Terá obtido ouro para seu reino e matado ao Falcão Negro, e isso é o que o delator queria que fizessem, verdade?

—Foi o único que exigiu em troca da informação proporcionada, detalhes do ataque do Falcão Negro em troca de sua morte. Quando nossas flechas tenham dado no alvo, terei completado minha parte do trato.

—O engano lhe dá muito bem.

—Ainda não fracassei ao planejar a derrota de meus rivais. —disse Edmund e soltou uma gargalhada — Desfruto rindo de meus inimigos e o terei obtido quando ver o Falcão Negro morto em chão saxão.

Edmund e o outro homem se afastaram.

Dynna ficou consternada. Sabia que sir Edmund era um homem frio, mas agora... Recordou a morte prematura de Warren e não pôde evitar se perguntar se ele teria tido algo haver com seu «acidente». A ideia a fez estremecer, porque saber que nunca averiguaria a verdade a assustava.

Lembrar de seu marido morto a fez pensar em Brage. Sir Edmund já tinha planejado sua morte. Suas mãos tremiam e seu coração batia freneticamente enquanto procurava pensar no que fazer. Tinha que fazer algo para salvar Brage. Não podia permitir que o assassinassem.

Entreabriu a porta da capela, comprovou que o corredor estava deserto e escapuliu até seu quarto. Uma vez lá dentro, fechou os ferrolhos e começou a caminhar de um lado a outro com passos nervosos, tratando de descobrir um modo de salvar Brage de uma morte certa.

Por fim, enquanto percorria o quarto, seu olhar se fixou na cesta com os remédios e teve uma ideia para lhe salvar a vida, tinha que tirar Brage da torre e conseguir que retornasse a sua terra. Para evitar converter-se na mulher de Edmund, tinha que recorrer a seus pais. Eles a protegeriam. Tal como havia dito a Brage com

antecedência, ambos eram prisioneiros. Agora teriam que escapar juntos.

O mais difícil seria tirar Brage da torre. Dynna recolheu a cesta e se dirigiu a sua pequena mesa onde começou a mesclar ervas e remédios. Preparou uma boa quantidade e se assegurou de que a mescla fosse potente. Suas mãos ainda tremiam, mas sabia que não tinha saída. Não podia deixar Brage morrer. Faria o que fosse necessário para salvá-lo do malvado plano urdido por Edmund.

Quando bateram na porta deu um pulo e exclamou:

—Quem é?

—Sou Matilda, milady. Tenho que falar com milady agora mesmo —disse em tom tremente.

Dynna notou o tom preocupado e se perguntou o que acontecia. Cobriu a mescla com um pano e abriu a porta. Matilda entrou apressadamente sem lhe dar tempo de falar.

— Vim assim que pude. Ouviu a notícia? —Ao ver a expressão da Dynna, soube a resposta — Soube que...?

—Os sacerdotes retornaram? Sim.

—O que faremos? Sir Edmund anunciou publicamente que as bodas será celebrada na semana que vem!

—Não faremos nada. —respondeu Dynna.

—Mas milady... —Matilda estava desconcertada. Lady Dynna não podia casar-se com esse homem. De maneira nenhuma!

Não se parecia com o príncipe Warren. Sir Edmund era cruel e malvado...

—Entretanto...

—Têm um plano? O que posso fazer para lhe ajudar? — Matilda viu o pano que cobria a terrina na mesa — Esta preparando alguma classe de beberagem? Com que fim? Para envenenar Edmund e assim resolver nossos problemas? —sugeriu em tom esperançoso.

—Não. —repôs Dynna — Mas esta beberagem só é necessária devido à volta dos sacerdotes.

—Que mais aconteceu?

Dynna lhe contou sobre a conversa mantida pelo Edmund e o outro homem.

Matilda soltou um grito sufocado.

Dynna inspirou procurando tranquilizar-se, preparando-se para o que estava a ponto de fazer.

—Não posso ficar de braços cruzados e deixar que o matem. —declarou.

—Farei o que puder para a ajudar.

—Não. Desta vez não quero que se veja implicada. Não posso a levar comigo.

—Mas milady...!

Dynna não se deixou persuadir.

—E tampouco posso dizer mais nada. —adicionou.

—Mas por que? Quero ficar com você. Quem a protegerá? Quem evitará que lhe façam mal?

—Sabe que os homens de sir Edmund nos vigiam dia e noite. Por isso necessito de sua ajuda. Se ambas desaparecermos ao mesmo tempo, suspeitariam imediatamente. Assim, a possibilidade de fugir sem que o notem será maior.

A Matilda não ficou mais remédio que assentir.

—Farei o que quiser, seja o que seja, mas têm que saber que preferiria a acompanhar para lhe ajudar. —disse.

Dynna sorriu a sua fiel companheira.

—Não só é minha criada, Matilda, também é minha amiga. À exceção de meus pais, é a pessoa em que mais confio. Por isso tem que ficar aqui e jurar que ignora meus planos. Não será uma mentira, e não lhe farão mal.

—Se essa for a melhor maneira de a ajudar, então o farei.

Dynna lhe agradeceu.

—Quando chegar o momento de escapar, deverá esconder a espada e o escudo do Falcão Negro no exterior da porta da torre.

—disse — Sei que não será fácil, mas espero que encontre o modo de fazê-lo.

—Encontrarei-o.

Olharam-se nos olhos e Matilda viu que lady Dynna estava decidida. De todo coração, desejou que seu plano tivesse êxito.

Dynna aguardou o momento oportuno. Se retornasse ao quarto de Brage agora, possivelmente suscitaria perguntas, posto que não tinha motivos para voltar até o dia seguinte.

Não se surpreendeu ao receber uma mensagem de sir Edmund «convidando-a» a acompanhá-lo durante o jantar. Imaginava o que a esperava. Como não queria dar motivos para duvidar dela ou criticá-la, colocou uma anágua celeste e por cima uma túnica bordada azul escuro, com broches dourados nos ombros, e pediu a Matilda que trançasse seu cabelo.

—Estará bem, milady? —perguntou Matilda em tom de preocupação quando Dynna se dispôs a descer para o Grande Salão e reunir-se com Edmund.

Dynna lhe assegurou que estava perfeitamente bem.

—Agora que sei o que tenho que enfrentar, e o que farei a respeito, sinto-me mais confiante. —afirmou.

—Tome cuidado.

—Não se inquiete. Serei muito cuidadosa. Esta noite, sir Edmund não terá motivos para desconfiar de mim.

Dynna se contemplou no espelho e ensaiou um sorriso agradável pela última vez. Sabia que estava preparada para enfrentar lorde Alfrick, sir Edmund e os sacerdotes. Continha a esperança de que sir Thomas estivesse presente, porque então teria alguém no salão com quem pudesse contar.

Quando Dynna apareceu na parte superior das escadas, sir Edmund estava bebendo uma taça de cerveja com seu pai. Fez alarde de deixar a taça de lado e acompanhá-la até a mesa.

—Esta preciosa, querida minha. —a elogiou e lhe agarrou a mão. Um brilho de aprovação iluminou seu olhar quando a percorreu de cima abaixo.

Ela teve que esforçar-se por dissimular o desgosto que lhe causava seu olhar predador, e lançou o sorriso bem ensaiado.

—Saber que esta noite temos hóspedes?—perguntou ele.

—Matilda me informou da volta dos sacerdotes. Voltar a vê-los será um prazer.

—Me alegro de que a agrade tanto como a mim. —disse, e baixou a voz para que só ela o ouvisse — falei com padre Corwin e consentiu em nos casar. Dentro de uma semana seremos marido e mulher.

—Isso foi o que me disseram. —Dynna não separou a vista do padre Corwin. Seus olhares se cruzaram e, durante um instante, pareceu-lhe ver algo mais que uma amabilidade cortês na expressão do sacerdote.

—Esta noite o anunciaremos oficialmente.

Ela assentiu com a cabeça.

—Boa noite, padre Corwin, padre Osmar. — os saudou gentilmente.

—Me alegro de em a ver, milady. Como está? — perguntou o padre Corwin. Tinha casado sir Warren e lady Dynna,

e sempre tinha sentido afeto por ela. A morte prematura de Warren o tinha entristecido muito.

—Encontro-me muito bem. —respondeu com rapidez.

—Parabéns por suas bodas iminente.

Dynna o agradeceu em tom formal, procurando esconder seus verdadeiros sentimentos.

Seguiram falando sobre temas gerais, das viagens do padre Corwin e o padre Osmar através da comarca para atender à população. Quando Edmund os interrompeu para que Dynna saudasse outra pessoa, padre Corwin aproveitou para examinar a ambos. Quando lhe informaram das bodas, sentiu-se preocupado. Conhecia muito bem Edmund e nunca tinha gostado dele. Warren tinha sido um homem bom e gentil, e um excelente marido, mas Edmund não o seria absolutamente.

Então, ao observá-los, padre Corwin se deu conta que ela não tinha escolhido casar-se com Edmund, tal como tinha suspeitado desde o começo. Asseguraria-se de falar com lady Dynna em privado essa mesma semana. Desejava sua felicidade e faria todo o possível por ajudá-la.

Lorde Alfrick anunciou que o jantar estava a ponto de começar e chamou o padre Corwin para que abençoasse a mesa. Tinham preparado um autêntico festim em honra do anúncio. Quando todos acabaram de comer, lorde Alfrick ficou de pé. Todos os ocupantes da sala ficaram em silêncio e esperaram suas palavras.

—Quero anunciar que dentro de sete dias será celebrada as bodas entre sir Edmund, meu filho, e lady Dynna. —anunciou em tom muito orgulhoso.

A sala estalou em gritos. Dynna conseguiu esboçar um sorriso educado durante os brindes, quando o que realmente queria era fugir da sala gritando. Estava impaciente por escapar. Só houve um momento no que quase perdeu a compostura: Quando seu olhar cruzou com o de sir Thomas por acidente. Notou que se preocupava com ela e isso quase foi sua perdição. Desviou o olhar o mais rapidamente que pode, porque não queria que visse sua dissimulada aflição.

Já era tarde quando manifestou que precisava retirar-se e ficou perplexa quando sir Edmund se mostrou o mais solícito.

—A acompanharei até seu quarto.

Dynna sabia que discutir seria inútil e se limitou a segurá-lo pelo braço. Quando chegaram diante da frente da porta de seu quarto, ele se deteve um momento para contemplá-la.

—Formaremos um bonito casal. —disse com voz pastosa — Me sentirei orgulhoso de a ter do meu lado.

—Só espero que me considere digna de você.

Edmund lhe lançou um sorriso de bêbado. Essa noite estava mais tranquila que de costume e isso o agradava.

—É bom que a chegada dos sacerdotes a tenha ajudado a compreender como são as coisas. —comentou— Talvez não terei que lhe domar tanto como acreditei.

Ela apertou as mandíbulas.

—O dever de uma esposa é agradar a seu marido. —
assentiu.

—E serei seu marido muito em breve, Dynna. Muito em breve... —Edmund inclinou a cabeça, estampou-lhe um beijo apaixonado na boca e a espremeu entre seus braços.

Com uma grande força de vontade, Dynna tolerou que a beijasse e a tocassem sem resistir.

Quando por fim a soltou, tinha a testa franzida.

—É um pouco fria, mas não importa. —disse ele. Cravou-lhe a vista e sua expressão se tornou lasciva — Vou a ensinar a corresponder minha paixão e suportará a uma provocação.

— Boa noite. —murmurou ela.

— Boa noite, prometida minha.

Antes de retornar ao Grande Salão, Edmund aguardou até que entrasse em seu quarto e fechasse a porta. A docilidade de Dynna o agradava e também que não tivesse mencionado a seu irmão morto durante toda a noite. Uma vez que fosse dele, encarregaria-se de apagar todas as lembranças de Warren da mente de Dynna. Os dias seguintes passariam com muita lentidão, mas a espera valia a pena.

Dynna sentia vontades de gritar, mas o temor de que alguém a ouvisse o impediu. Arrancou a roupa e se lavou para eliminar qualquer rastro das mãos de Edmund. Depois de colocar a camisola, deitou-se, mas sabia que não conciliaria o sonho. De algum modo, tinha que pensar em um plano para liberar Brage, começou a idear diversos planos para tirá-lo às escondidas da torre. Drogar ao guarda para que não lhe impedisse o passo seria simples, mas o mais difícil seria atravessar o Grande Salão sem ser vistos, igual tinha sido para ela e Matilda quando o tentaram.

Durante um momento, considerou a possibilidade de recorrer à ajuda de sir Thomas, mas descartou a ideia imediatamente. Sua honra o obrigava a manter-se fiel a lorde Alfrick e não podia fazer nada que comprometesse a palavra dada. Não, teria que fazê-lo sozinha. Fosse qual fosse o plano que forjasse, seria o seu.

Enquanto permanecia estendida tentando urdir um plano para salvá-lo, Dynna pensou em Brage. Levava a lembrança de seu beijo gravado no coração: Tinha sido suave e quente. O de Edmund, uma tortura.

Dynna se perguntou como reagiria ele ao que lhe proporia no dia seguinte. Não sabia se acreditaria, mas devia tentá-lo. De algum modo, tinha que o convencer que escapasse com ela. Ambos

necessitavam um do outro. Ela necessitava de sua força e ele seu conhecimento da torre, da comarca e de seus habitantes.

Juntos, podiam alcançar a liberdade.

CAPÍTULO 10

Brage passou uma noite inquieta. A lembrança de lady Dynna e o beijo impediram que conciliasse o sonho até a madrugada. Não tinha querido beijá-la, mas inclusive enquanto refletia sobre todos os motivos pelos quais tinha sido um engano, não conseguia esquecer o quanto foi maravilhoso.

Brage procurou deixar de pensar nela, mas foi em vão. Tinha visto sua valentia; sua coragem era maior que o de muitos guerreiros. Era uma curandeira de talento que tinha lutado por lhe salvar a vida quando outros o teriam deixado morrer. Dynna era uma mulher excepcional e não merecia o destino que queriam lhe impor. Casá-la com sir Edmund era uma crueldade que Brage não teria infligido ao mais detestado de seus inimigos. Perguntou-se se existiria um modo de ajudá-la, mas compreendeu que inclusive pensar nisso era inútil, ele era um prisioneiro, incapaz de ajudar a ninguém.

Então começou a pesar a possibilidade de escapar. Considerou que quando a porta se abrisse chegado o momento seria simples dominar ao guarda e ficar com sua arma. Armado com a espada, confiava em sua capacidade de escapar com vida da torre.

Então a lembrança da Dynna se interpôs em seus planos, mas descartou a ideia de levá-la consigo. Não tinha nem ideia do

que faria com ela e além disso iria pô-la em perigo. Queria escapar sozinho. Se lady Dynna o acompanhasse...

Brage se repreendeu mentalmente. Era impossível, não funcionaria. Ainda incapaz de dormir, levantou-se da cama e se aproximou da pequena janela. Com os olhos cravados na noite na campina, perguntou-se quando deveria fazer o intento.

Dynna não via a hora do amanhecer. Não se incomodou em tomar o café da manhã. Reuniu o necessário para barbear Brage e se dirigiu diretamente ao quarto da torre, procurando não parecer muito ansiosa. Saudou Clive, o homem que estava de guarda naquele dia, fingindo uma despreocupação que não sentia. Ao entrar no quarto, viu que Brage estava sentado de um lado da cama, igual ao dia anterior.

—Chegou cedo, milady. —comentou Brage. Sua lembrança não tinha deixado de rondá-lo quase toda a noite e agora, ao vê-la, pareceu-lhe ainda mais encantadora.

Dynna se aproximou porque queria evitar que Clive ouvisse suas palavras.

—Tenho que falar com você, mas tem que ser em voz baixa. —lhe disse — Falaremos enquanto o barbeio.

Brage notou que estava tensa e se perguntou o que iria lhe dizer. Ajeitou-se na cama apoiado em um braço e lhe deu um meio sorriso.

—Falaremos, se quiser. Se esqueça do barbeado. — respondeu.

—Devo ter um motivo para vê-lo, e o barbear é esse motivo.

—Se pudesse escolher, preferiria caminhar. —Seu olhar não se separou do seu.

—Os prisioneiros não escolhem. Dizem-lhe o que têm que fazer e quando. —disse ela, e sua voz expressava a amargura que a continha.

Ao recordar sua situação, o sorriso de Brage se apagou e seu olhar se tornou sombrio.

—É obvio, lady Dynna. Esqueci minha situação. Sou um cativo e estou a sua mercê. —perguntou-se se teria imaginado o beijo que compartilharam.

—Disso tenho que lhe falar.

—Do quê? Nada mudou. Você disse isso: Sou o prisioneiro de lorde Alfrick.

—É seu prisioneiro, no momento. —disse, fazendo insistência nas duas últimas palavras.

—O que quer dizer?

—Ontem de noite descobri que logo deixará de ser um prisioneiro; será morto. —Enquanto preparava a água para amaciar a barba, tentava comportar-se como se mantiveram uma conversa informal, se por acaso Clive aparecesse à porta, mas viu que Brage lhe dava um olhar agudo.

—O que ouviu, exatamente?

—Sir Edmund planeja lhe matar, sejam quais sejam os planos de seu pai...

—O que planeja lorde Alfrick?

Dynna umedeceu seu rosto e começou a barbeá-lo sem deixar de falar.

—Lorde Alfrick enviou um mensageiro para falar com seu pai, oferecendo o libertar em troca de quinhentas libras de ouro.

—A informação emocionou o viking — Quando descobriram que era o Falcão Negro, compreenderam que tinha um grande valor para os seus.

—Assim por isso permitiram que me curasse. — comentou Brage em tom pensativo.

—O mensageiro está a ponto de retornar com a resposta. Lorde Alfrick está convencido de que aceitarão o trato.

Brage se zangou. Seu maior desejo era recuperar a liberdade, mas o enfurecia que seu pai se visse obrigado a pagar por ele em ouro. A notícia só reforçou sua determinação de escapar quanto antes. Salvaria a si mesmo e evitaria que seu pai pagasse o resgate.

Dynna seguiu contando tudo o que tinha ouvido sem deixar de barbeá-lo:

—Entretanto, Edmund tem outros planos. Assim que obtenham o ouro, vai o matar e também a todos quem venham pagar o resgate.

Para ouvir aquilo, Brage ficou ainda mais tenso.

—Por que me diz isso? —inquiriu.

—Proponho-lhe um acordo.

—Que classe de acordo?

—Já lhe disse que aqui sou tão prisioneira como você e, igual descobri sua vida está a ponto de chegar no fim, também sei que a minha correrá o mesmo destino. Minha situação é desesperadora. O padre Corwin e o padre Osmar retornaram à aldeia antes do esperado. Ontem à noite, lorde Alfrick anunciou que Edmund e eu nos casaremos dentro de uma semana.

—E isso que relação tem com um acordo entre nós?

—Não me casarei com Edmund. —respondeu ela em tom cortante e elevou o queixo — Irei daqui antes do casamento. O acordo que lhe proponho é o seguinte: Tirarei-lhe da torre, a condição é que me acompanhe até a casa de meus pais. Uma vez que tenha encontrado refúgio ali, encarregarei-me de que possa retornar a seu lar são e salvo.

Brage a contemplou com expressão atônita. Compreendia sua necessidade de escapar de Edmund, mas ele devia escapar sozinho. O plano da Dynna era muito perigoso.

—Acaso não se dá conta de como rapidamente descobrirão sua ausência e que Edmund a buscará por toda parte quando descobrir que escapou?

—Por isso necessito que me acompanhe. Juntos, conseguiremos escapar do destino que estão a ponto de nos impor.

—Nego-me a fazer esse acordo com você.

Sua negativa a chocou e a zangou.

—Do contrário, como pensa se salvar? —insistiu Dynna

— Estou lhe oferecendo a liberdade. Se não me levar com você, eles o matarão.

—Não penso ficar aqui esperando que me matem. Já estava planejando escapar, mas não penso levá-la.

—Por que não? Conheço a comarca e os habitantes.

—Se escaparmos juntos, sir Edmund redobrá o esforço por nos apanhar. É uma mulher, só seria um estorvo.

—Caminharei tão rapidamente como você, viking. — respondeu ela e um brilho desafiante apareceu em seus olhos cinzas.

—Seria muito perigoso. Se estiver sozinho, posso me concentrar em lutar. Se me acompanhar, me preocuparia com você.

—Lutarei a seu lado.

—Poderia morrer. —advertiu Brage.

—Não me importa. Prefiro morrer agora, tentando chegar ao lar de meus pais, que me casar com Edmund e passar o resto de meus dias sofrendo. Onde me refugiaria? Que amor encontraria entre seus braços? —A ideia fez que soltasse uma gargalhada dura.

Suas apaixonadas palavras o fizeram duvidar. Recordou seu próprio desespero anterior, e que tivesse preferido a morte antes que as correntes e a humilhação de ser o prisioneiro de lorde Alfrick.

Dynna acabou de barbeá-lo e ficou de pé.

Brage a olhou fixamente, contemplando seu orgulho e sua beleza. A ideia de que se casasse com Edmund, que estivesse em seu poder, obrigada a cumprir seus desejos, a compartilhar seu leito, o fez chiar os dentes. Estava certo que sir Edmund era um homem rude. Brage queria ajudá-la, mas não queria a colocar em perigo. Se algo lhe acontecesse enquanto estava com ele...

—Não sabe o que esta dizendo, Lady Dynna. —disse ao fim.

—Não me casarei com sir Edmund. Abandonarei esta torre e me dirigirei a casa de meus pais, onde estarei a salvo. Ofereço-lhe a oportunidade de me acompanhar e obter sua liberdade. Tenho uma beberagem que servirá para drogar ao guarda; posso pegar sua espada e seu escudo e disponho dos meios para que ambos saíamos da torre. Sem minha ajuda, jamais escapará.

—Quando eu partir, irei sozinho. —repetiu Brage, esmigalhado pela ideia de a deixar a mercê de Edmund.

Dynna estava desesperada. Detestava coagir Brage para que a acompanhasse, mas não tinha outra opção.

—Se negar-se a me acompanhar, — disse, e seu rosto expressava uma fera determinação — encarregarei-me de que jamais escape desta torre. Ordenarei ao guarda que volte a lhe prender junto aos cães.

Ao ver-se encurralado, Brage conseguiu controlar sua raiva com muita dificuldade.

—Sabe como conseguir o que quer, milady —grunhiu.

—Só porque me obrigou. Farei o que seja necessário para sair daqui.

Olharam-se diretamente nos olhos, e Brage viu que sua determinação era implacável; ela o tinha obrigado a aceitar o acordo e duvidou entre admirar sua coragem ao enfrentá-lo ou zangar-se por ser manipulado.

—Bem, viking, temos um trato? Aceita minhas condições? Em última instância, beneficiará-lhe. Só terá que me acompanhar a casa de meus pais, depois ficará livre para ir.

Brage não tinha como recusar.

—De acordo. Bem, que plano têm? Quando partimos?

—Retornarei esta noite, quando Perkin esteja de guarda. Direi-lhe que tenho que o ajudar a fazer exercícios. Com a beberagem dormirá e, uma vez que durma, será fácil escapar deste quarto.

—E o Grande Salão? Como o atravessaremos sem ser descobertos?

—Quando chegar a noite, tudo estará planejado.

Brage aceitou a ideia de fugiriam juntos da torre com resignação. Perguntou-se quando tinham deixado de ser inimigos e, se não o eram, o que eram?

—Tenho que confiar em você? —perguntou.

—Não se preocupe. Amanhã pela manhã nos teremos libertado de lorde Alfrick e sir Edmund.

Brage estava inquieto, mas não podia fazer grande coisa. Ela tinha forjado os planos, ele não tinha participado, só tinha que chegar até o fim. A ideia lhe desgostava bastante.

Dynna notou sua expressão tensa e perguntou:

—Esta bastante recuperado para tentar, verdade?

—A mera ideia de recuperar minha liberdade me proporciona a força de cinco guerreiros. —Ao menos, Brage se alegrou de que seu plano por parecer debilitado estivesse funcionando.

—Retornarei mais tarde, quando estiver anoitecido.

Brage observou como partia, com a cabeça alta e porte aristocrático. Se não estivesse tão furioso pelas circunstâncias, teria considerado que era uma mulher magnífica.

Essa tarde, sentada em seu quarto, Dynna e Matilda compartilhavam uns tensos momentos.

—Pode cuidar deles e os esconder? —perguntou Dynna.

—Quando escurecer, conseguirei tirar da torre e os esconderei no arbusto perto das árvores, junto à primeira curva do caminho, mas e você, milady? Como tirará o viking da torre sem

que o descubram? O que direi na manhã seguinte, quando compreenderem que se foram?

—Quero que tome uma pequena dose da beberagem sonífera, esta noite, antes de se deitar. Assim poderá dizer que a obriguei a beber e que dormia profundamente e não sabia de nada. Servirá para convencê-los de sua inocência neste assunto.

Matilda assentiu. Queria ir com lady Dynna.

—Tomará cuidado, verdade? —perguntou-lhe.

—Esta é a última oportunidade que terei para retornar a minha casa. Não fica mais o que fazer senão tomar cuidado.

—E Brage? Não confie muito nele. Poderia ser perigoso.

—Sei que é de natureza selvagem, mas por isso mesmo me ser útil. Ânasia recuperar a liberdade, tanto como eu a minha, e por isso confio nele. —A angústia que sentia se refletia em seu olhar.

—Minhas preces lhes acompanharão.

—Temo que as precisarei. —sussurrou Dynna.

Mais tarde, depois de jantar, Dynna retornou ao quarto da torre, carregada com sua cesta de remédios e uma jarra de cerveja para Perkin. Perkin adorava a cerveja e Dynna tinha jogado uma boa dose de sua beberagem na jarra, dormiria como uma rocha durante horas. Não sabia com quanta rapidez sortiria efeito, mas assim que Perkin dormisse, ela e Brage disporiam do tempo suficiente para escapar.

Perkin, aborrecido, permanecia sentado no corredor na frente do quarto. O dia tinha sido longo e, quando subiu as escadas para render ao outro guarda, compreendeu que a noite o seria ainda mais. Estava comodamente sentado na cadeira perto da porta quando ouviu passos. Ficou de pé e foi investigar; agora que o Falcão Negro se encontrava melhor, não era habitual que alguém o visitasse durante a noite.

Perkin apareceu no pé da escada e viu lady Dynna.

—Boa noite, milady. Nesta noite solitária é um prazer.

Dynna lhe lançou o mais sedutor de seus sorrisos.

—Boa noite, Perkin. Trouxe-lhe um pouco de cerveja. Pensei que possivelmente você gostaria de beber um gole.

—Agradeço-lhe, milady. Será reparador. —disse e agarrou a jarra. Pensar nos outros e ocupar-se de suas necessidades era típico da Dynna.

—Que desfrute. Como se encontra nosso prisioneiro nesta noite?

—Não disse nenhuma palavra desde que substitui o outro guarda, mas é o normal. É um homem tranqüilo; a única coisa que me preocupa é que às vezes os tranqüilos são os mais perigosos.

—Sei. Alegrarei-me muito quando tiver retornado com os seus. —Falava completamente a sério.

—Quer entrar?

—Sim. Seu estado me inquietava. Esta tarde parecia um pouco fraco, assim seria melhor comprovar que não voltou a ter febre.

—Abrirei-lhe, milady. —Perkin deixou a jarra no chão e se apressou a abrir a porta — Quer que fique com você?

—Não. Estarei perfeitamente. Chamarei-o se o necessitar.

Ele ficou esperando que entrasse e depois jogou o ferrolho. Ainda sorria quando se acomodou na cadeira, agarrou a jarra e bebeu um bom sorvo. Era estupendo que lady Dynna se lembrasse dele. A cerveja estava fresca e desfrutou de cada gota.

—Cumpru com o prometido. —disse Brage uma vez que a porta se fechou a costas da Dynna.

—Por acaso duvidava?

—Não. —disse, sorrindo ao ver sua expressão feroz.

—Disse ao guarda que estava tarde estava débil e que por isso vim lhe ver tão tarde. Se ponha de pé, comprovaremos se pode andar. —sugeriu; queria falar de seus planos mas devia falar em voz baixa para que não a ouvissem.

—Você é a curandeira.

Dynna se aproximou dele e lhe rodeou a cintura com o braço. O contato com sua pele nua era embriagador, mas sabia que devia resistir à atração. Não era momento de pensar em coisas semelhantes, só em escapar.

—Pode percorrer o quarto? —perguntou, interpretando o papel de enfermeira solícita.

Brage não pôde evitar um sorriso e respondeu em voz baixa:

—Com sua ajuda, princesa, acredito que poderia sair caminhando desta torre.

Ela lhe devolveu o sorriso com certo nervosismo. Quase tinha chegado a hora de escapar e não podia dissimular sua angústia.

—Necessitamos de uma distração. —sussurrou, ao mesmo tempo que fingiam percorrer o quarto lento e dolorosamente — Joguei a poção na jarra de cerveja de Perkin.

—Poderia simular uma queda.

—Não acredito que seja necessário. Se limite a fingir que está muito fraco para retornar ao leito. Perkin virá me ajudar assim que o chame, mas aguardemos um minuto mais. Quero lhe dar tempo para beber toda a cerveja.

Brage estava ansioso por sair da torre, não tinha pensado em outra coisa. Agora que tinha chegado o momento, a ideia de abandonar a torre o entusiasmava, mas sabia que devia ter uns minutos mais de paciência.

—Me diga quando quiser que minhas forças fraquejem, milady.

Antes de que ela respondesse deram duas lentas voltas mais pelo quarto.

—Acredito que transcorreu o tempo suficiente. —disse por fim — Esta disposto?

—Mais que disposto. —Brage a olhou fixamente. O brilho prateado dos olhos cinzas da Dynna expressava sua férrea determinação, e teve piedade de qualquer homem que tentasse detê-la.

Deixou-se cair contra ela de propósito e ambos cambalearam.

—Esta bem? —perguntou Dynna, elevando a voz para que Perkin a ouvisse.

Brage tropeçou e se apoiou nela.

—É como se não pudesse me manter em pé...

—Perkin! —exclamou, aterrada porque não conseguia carregar com seu peso.

—Sim, milady? O quê...? —O guarda viu que lutava por sustentar o viking.

Dynna notou que Perkin não parecia sonolento absolutamente e se preocupou. Tinha acreditado que se bebesse da cerveja imediatamente lhe economizaria a necessidade de fingir. Se não tivesse sido assim, não poderiam escapar.

—De repente perdeu forças... Não posso sustentá-lo... —explicou Dynna. Brage tinha razão quando disse que ambos cairiam ao chão se ele apoiasse todo seu peso nela. Já sabia que era um homem forte e poderoso, mas até esse momento não tinha compreendido até que ponto.

Perkin deixou a arma de lado e foi resgatar à princesa. Agarrou o braço saudável de Brage, apoiou-o em seu ombro e acompanhou ao robusto viking até a cama.

Brage soltou um gemido que parecia autêntico.

—Parece sofrer dores, milady. —comentou o guarda.

—Sei. —repôs ela — Lorde Alfrick se desgostará se piorar. É importante que siga gozando de boa saúde.

Sob o peso de Brage, Perkin cambaleou algumas vezes e sua própria debilidade o desconcertou. Quando por fim ajudou a recostar-se, Perkin se sentiu estranhamente enjoado.

O guarda se voltou para a Dynna e ela sorriu.

—Obrigado por sua ajuda. —lhe disse — Não sei se teria feito sem você.

—Ficará bem? Necessita de algo mais? —perguntou o guarda; de repente experimentou uma tremenda sonolência.

—Não. Tudo está bem.

Perkin se dispôs a abandonar o quarto, pensando que lady Dynna era muito valente. Quando estava a ponto de alcançar a porta, cambaleou. Apoiou-se contra a parede e lançou um olhar desconcertado a lady Dynna.

—Milady... —Então caiu ao chão, soltou um suave gemido e ficou imóvel.

Dynna observou fascinada o efeito da beberagem. Esperava que Perkin não tivesse se machucado, e se apressou a comprovar que só dormia e não estava ferido.

—Perkin? —disse e lhe roçou o ombro.

Mas este não se moveu.

—Encontra-se bem? —perguntou Brage.

—Deve ter bebido toda a jarra para dormir tão profundamente —respondeu ela, olhando por cima do ombro — Quando despertar estará bem, não se machucou.

Tratou de levantar o guarda, mas não pôde.

—Me ajude, quero estendê-lo na cama.

Brage se aproximou, ajoelhou-se a seu lado e agarrou ao guarda nos braços; quando Dynna tentou o ajudar, afastou-a.

Atônita, observou como transportava ao robusto guarda até a cama. Ao ver que tinha recuperado as forças até esse ponto ficou nervosa, durante todos esses dias tinha estado brincando com ela... Dynna sentiu um ponto de desconfiança, se a tinha enganado a respeito de sua capacidade física para escapar, que mais podia ter escondido? Pensou em fugir sozinha, enquanto ainda pudesse, mas se apegou a seu plano original por necessidade. Juntos, a possibilidade de alcançar o refúgio da casa paterna era muito maior.

Brage se endireitou e se voltou para ela, e então viu sua expressão.

—Eu lhe disse que a perspectiva da liberdade me daria a força de cinco vikings.

—Sim, já o vejo.

Seus olhares se encontraram. Brage viu as chamas que ardiam em seus olhos e soube que estava furiosa.

—O atemos e o amordacemos. —disse o viking — Assim, se acordar antes de hora, não poderá dar o alarme.

—Não lhe faça mal. Perkin é um homem bondoso e não nos fez nada de mau.

Brage rasgou a manta e usou as tiras para prender e amordaçar ao guarda. Perkin não se moveu. Enquanto Brage lhe amarrava os pulsos e os tornozelos com as partes da manta, Dynna abriu a cesta e tirou a túnica e as botas de couro suave proporcionadas pela Matilda e as estendeu.

Brage colocou a túnica; ficava apertada mas lhe cobria o peito. As botas eram de seu tamanho. Depois atravessou o quarto, agarrou a espada de Perkin e a levantou, desfrutando do prazer de voltar a estar armado. Era uma boa espada, e se alegrou. Se viesse a ser obrigado a lutar, queria estar melhor armado possível. Posto que não dispunha de sua própria espada, teria que conformar-se com aquela.

Dynna o observou enquanto empunhava a espada e viu o resplendor feroz em seu olhar, o mesmo que tinha visto a primeira vez. Já não lhe parecia um prisioneiro, agora voltava a ser o guerreiro viking e ao compreender o que tinha feito Dynna engoliu saliva.

Brage notou seu olhar e se voltou para ela. Permaneceram em silêncio, contemplando-se fixamente e compreendendo que a ousada aventura que estavam a ponto de empreender podia ser mortífera.

—Esta certa de que quer me acompanhar? —perguntou Brage.

—Estou certa. —respondeu ela sem duvidar nem um instante.

Mantiveram o olhar uns segundos mais, sabendo que seu destino estava escrito.

—Vamos, em marcha. —disse ele por fim.

Saíram do quarto às escondidas e fecharam a porta com chave antes de descer as escadas e empreender a primeira fase de sua fuga.

Avançaram em silêncio, procurando esconder-se entre as sombras, e ao aproximar-se da capela ouviram passos. Dynna sofreu um instante de pânico, porque não havia onde esconder-se e, desesperada agarrou o braço de Brage e indicou a porta da capela. Deslizaram-se dentro do escuro recinto, esperando e aguçando os ouvidos até que os passos se aproximaram e passaram junto a eles.

Quando voltou a reinar o silêncio, Dynna soltou um suspiro. Só então notou o tremor de suas mãos e que Brage estava justo atrás dela com a espada empunhada. Seu olhar oscilou entre ele e a arma.

—Nego-me a retornar ao quarto e ficar preso. —disse Brage.

—Estou preocupada... Não acreditei que a esta hora da noite alguém andaria por aí. Acreditei...

—Lady Dynna? Necessita ajuda?

Voltaram-se sobressaltados ao escutar a voz. O padre Corwin, que tinha estado dedicado a suas preces quando a porta se abriu e Dynna entrou acompanhada por um estranho, só demorou um instante em compreender o que acontecia.

A pergunta do padre Corwin atravessou o silêncio da capela. Dynna soltou um grito sufocado e Brage deu um passo para o sacerdote, disposto a lutar.

—Padre... Brage... Não... —agarrrou-o pelo braço para detê-lo — Não imaginei que alguém estaria aqui...

Corwin reconheceu o tom angustiado de sua voz e compreendeu. Que tivesse aceito a proposta matrimonial do Edmund sem protestar o tinha surpreendido.

—Não tema, lady Dynna, não suponho uma ameaça para você. —disse, ajoelhando-se e sem levantar os olhos.

—Tenho que abandonar este lugar, padre Corwin. Não posso ficar aqui, não posso me casar com Edmund.

—Não tema. Não vi nada fora do comum nesta noite.

Dynna sentiu um grande alívio. Ele tinha o poder de pôr ponto final a sua fuga e tinha optado por não fazê-lo.

—Obrigada.

—Dynna? —Brage ainda estava disposto a arremeter e ao lhe falar não separou os olhos do sacerdote.

—Não passa nada. — o acalmou ela — O padre Corwin é um amigo.

Brage duvidava, mas não disse nada. Não obstante, estava disposto a tudo enquanto aguardava o desenvolvimento dos acontecimentos.

O padre Corwin notou a ferocidade do homem que a acompanhava e de certo modo se alegrou de que estivesse ali para protegê-la. Ela necessitaria alguém que a defendesse, e se sentiu orgulhoso de que Dynna ousasse desafiar a sir Edmund.

—Tome cuidado ao atravessar o Grande Salão. —lhe disse o sacerdote — Haverá olhos observando. Entretanto, se eu partisse a esta hora, ninguém me deteria nem me interrogaria.

—Iria conosco?

—Não posso, mas procure encontrar aquilo que Deus dispôs para sua salvação. —disse, indicando a capela e a porta que dava ao pequeno quarto onde ele dormia.

As palavras do sacerdote a desconcertaram e compreendeu que continham um significado escuso. Percorreu a capela em busca de algo que pudesse lhe servir de ajuda enquanto Brage vigiava junto à porta. Quando parou em frente a porta que dava ao quarto de padre Corwin, viu que em cima de sua estreita cama havia dois hábitos pregados.

—Referia-se a isto! —sussurrou e as agarrou.

—Que a paz esteja com você, minha filha. —respondeu o sacerdote, manteve os olhos fechados e prosseguiu com suas orações.

Dynna retornou apressadamente junto de Brage, que não compreendia o que estava fazendo.

—Tome! Ponha isso. — ordenou-lhe.

—O que é?

—É o vestimento de um sacerdote. Ponha o capuz e se alguém lhe dirigir a palavra, assinta com a cabeça e siga caminhando. Simule que faz orações.

Brage colocou a longa vestimenta e cobriu a cabeça com o capuz.

—Bem... Eu porei a outra. Assim, se alguém nos vir, acreditará que somos padre Corwin e o padre Osmar. A condição de guardar silêncio, ninguém suspeitará de nós.

Brage escondeu a espada de Perkin entre as dobras da roupa e Dynna se envolveu na outra. Uma vez mais, estavam preparados para escapar.

—Há algo que possa fazer por você, padre? —implorou Dynna — O que seja?

—Siga salva e feliz, lady Dynna. É o desejo de Deus.

—Obrigada, padre...

Antes de abrir a porta para dirigir-se ao Grande Salão, ela e Brage trocaram um último olhar.

CAPÍTULO 11

Enquanto desciam a escada, pensava na promessa do bom sacerdote de que rezaria por eles. Dynna acrescentou seus próprios rogos, enquanto que Brage elevou uma prece a Odín, suplicando que os conduzisse fora da torre. Uma vez na campina, sentia-se capaz de enfrentar a qualquer inimigo.

—Quase chegamos. —murmurou Dynna quando alcançaram a última curva da escada.

Brage inspirou profundamente, tratando de tranquilizar-se, e aferrou com mais força a espada escondida sobre a roupa, disposto a tudo. Não recordava o aspecto do Grande Salão, porque a febre o tinha tornado impreciso e continuou avançando atrás de Dynna nesses críticos lances.

Dynna ansiava se colocar a correr e deixar para trás o salão, mas sabia que não devia chamar a atenção, assim avançou com passos lentos, tal como o teriam feito padre Corwin e o padre Osmar.

Quando começaram a atravessar a sala, espiou por debaixo do capuz e viu quatro ou cinco homens sentados a mesa. Quando passaram a três metros deles, seu tremor aumentou e sustentou o fôlego, aterrada.

—Boa noite, padre Corwin e padre Osmar. —exclamou um dos homens.

Dynna notou que Brage apertava a espada oculta e quase sucumbiu ao pânico, temendo um enfrentamento, mas não se deixou intimidar e saudou o homem com uma silenciosa inclinação da cabeça. Brage a imitou e seguiram avançando. Dynna temeu que o homem os seguisse ou duvidasse de seu disfarce. Cada passo que davam para a porta era uma tortura; cada segundo que passava estava cheio de dolorosa espera. Não soltou um suspiro de alívio até que ouviu os homens, que voltavam a falar de temas intracedentes.

Tanto Brage como Dynna sabiam que ainda os esperava a pior das provas. Teriam que passar junto ao guarda postado na porta principal, e se alguém os esquadriharia seria ele.

Brage não soltou o punho da espada. Uma vez superada a primeira prova sem incidentes e vislumbrando a liberdade, estava disposto a silenciar a qualquer que o desafiasse. Apertava as mandíbulas com feroz determinação e esticava o corpo enquanto permanecia alerta, preparado para enfrentar-se a qualquer indício de um problema.

Dynna via a noite escura do outro lado da porta principal da torre e sabia que quase estavam a salvo. Trinta metros mais e teriam escapado da horrorosa torre, só trinta metros mais... Abaixou a cabeça para que ninguém visse seu rosto e comprovou que as largas e longas mangas da roupa que cobriam suas mãos.

Cada passo que davam os aproximava da parte mais difícil do trajeto. Dynna estava convencida de que, se conseguissem atravessar a porta principal, conseguiriam chegar até o lar de seus pais.

—Boa noite, padre Corwin, padre Osmar. —os saudou o guarda quando se aproximaram.

Ambos assentiram com a cabeça e seguiram avançando... esperando e rezando.

—Problemas na aldeia, padre? —perguntou o guarda, sem surpreender-se de que dois sacerdotes se dirigissem à aldeia a essas horas. Estavam acostumados a fazê-lo para atender a seus paroquianos quando surgia a necessidade.

Brage e Dynna ficaram tensos, conscientes de que deviam responder. Claro que Dynna não podia falar, fazê-lo tivesse posto fim a qualquer esperança. Rezou com mais ardor que nunca, com a esperança de que Brage soubesse o que e como responder.

Brage se deteve e falou com uma voz tão profunda como a do padre Corwin, e igualmente autoritária:

—Informaram-nos que há um doente, assim temos que ir rezar com a família.

Dynna conteve o fôlego e aguardou a reação do guarda. Supunha que os encararia, mas se surpreendeu quando o homem abaixou o rosto.

—Espero que tudo vá bem. —comentou.

—Ao igual a nós. Boa noite. —acrescentou Brage.

Saíram fora sob o céu coalhado de estrelas e, quando estavam a ponto de acelerar o passo para distanciar-se da torre o mais rapidamente possível, o guarda os chamou.

—Padre Corwin?

Ambos se detiveram. Brage se manteve de costas à torre e desembaiou a espada, disposto a dar morte a qualquer que tentasse detê-lo.

—Sim? —respondeu.

—Ouvirá confissões amanhã?

Brage ignorava do que estava falando e olhou a Dynna de soslaio, com a esperança de que lhe indicasse o que dizer. Para ouvir a pergunta do guarda, Dynna tinha empalidecido, lhe fez um nó na garganta e acreditou que o fim se aproximava. Olhou Brage e viu que esperava que lhe desse uma indicação. Angustiada, assentiu com a cabeça.

—Amanhã as ouviremos. —disse Brage — Venha ver-me pela manhã.

—Obrigado, padre. Assim o farei.

Brage lançou um meio sorriso a Dynna e voltou a esconder a espada sob a roupa.

—Esta disposto a ir à aldeia, padre? —perguntou-lhe.

Dynna assentiu e lhe devolveu o tenso sorriso.

Agora que tinham conseguido fugir, ambos saborearam a liberdade. Era uma sensação embriagadora, sobre tudo para o

Brage. Quis deter-se e soltar um grito de júbilo, mas não o fez e seguiu caminhando lentamente.

—Para onde, milady?

Dynna ainda não ousava falar, assim assinalou em direção à aldeia. À medida que se afastavam da torre, o coração batia apressadamente e se sentiu muito animada. Desta vez não haveria invasores vikings que a raptassem e frustrariam seus planos! Esta vez conseguiria ficar a salvo! Sobreviveria graças a seu engenho e faria tudo o que estava em seu poder para evitar que sir Edmund a apanhasse, quando saísse em sua busca no dia seguinte..., e sabia que a buscaria. Mas não retornaria junto a ele. Tinha recuperado a liberdade e não pensava perdê-la. Dynna não pôs-se a correr, em que pese a seus desejos de fazê-lo. Seguiu caminhando tranqüilamente; o guarda diria que ambos os sacerdotes tinham ido à aldeia tarde de noite e não tinham retornado durante seu turno de guarda.

Não voltaram a falar até que deixaram atrás a primeira curva do caminho.

—Ali! Temos que procurar ali. —disse Dynna ao ver o arbusto e as árvores, onde Matilda tinha prometido ocultar o escudo e a espada do Brage. Não sabia como a criada teria feito para tirar da torre ou se o teria obtido, mas confiava que sim. Matilda jamais tinha falhado quando Dynna a necessitava.

—O que procuramos? —perguntou ele.

Depois da explicação, abriu-se passo entre os arbustos em busca de seu bem mais prezado. Quando viu o grande pacote envolto em um tecido e escondido atrás de uma árvore, quase soltou um grito de júbilo dedicado ao Odín. Deixou a arma de Perkin de lado e arrancou o tecido. Quando voltou a segurar a espada de dourado punho na mão, uma chama ardeu em seu peito. Houve um momento em que acreditou que nunca voltaria a segurá-la. Recolheu o escudo, e inclinando a cabeça para trás, elevou ambos ao céu em oferenda aos deuses que o tinham protegido e concedido sua liberdade. Depois de um instante de silenciosa contemplação, Brage se sentiu vivo, forte e preparado para entrar em batalha. Tirou a vestimenta do sacerdote e permaneceu de pé ante a Dynna

Dynna guardou silêncio ao observar Brage. Voltava a ser o orgulhoso guerreiro viking com o que se encontrou a primeira vez. Sob os raios chapeados da lua, parecia um guerreiro poderoso e invencível e compreendeu como tinha adquirido sua temível reputação. Tinha um aspecto magnífico e se sentiu fascinada por sua força e sua atitude.

Algo se agitou em seu interior, mas reprimiu a atração. Ela não significava nada para ele, só a tinha acompanhado durante a fuga porque o tinha obrigado a fazê-lo, e por nenhum outro motivo.

Mas enquanto refletia a respeito, lhe ocorreu que, agora que estava armado e em liberdade, já não a necessitava para nada.

Se decidia empreender o caminho a sós, ela não poderia impedir-lhe nem sequer ameaçando-o informando a sir Edmund de sua fuga, posto que ele sabia que ela jamais retornaria à torre.

Brage contemplou a Dynna sob a luz da lua, ainda envolta na vestimenta, e pensou que nunca tinha estado mais formosa. Tinha o valor de uma dúzia de guerreiros vikings, possuía o engenho suficiente para enganar ao inimigo mais poderoso, e entretanto só era uma mulher. Seu aspecto era delicado, mas ele sabia que era forte. Parecia frágil, mas ele sabia que era uma leoa. Recordou seu beijo e soube que possuía o poder de seduzir inclusive ao mais forte dos guerreiros para alcançar seu propósito. Ele estava ali, não?

Brage sentiu um intenso desejo de tocá-la, de abraçá-la e elogiá-la por seu plano. Nenhuma outra mulher o tinha afetado assim. Quando se lançava ao ataque, só pensava na aventura; entretanto, não tirava a Dynna da cabeça e agora tinham escapado juntos, algo que ele tinha jurado que não permitiria. Não tratou de compreender, só se concentrou em idealizar uma maneira de pôr a maior distância entre eles e a torre assim que amanhecesse.

—Por que não tira a vestimenta, Dynna? Possivelmente entorpeça nossa fuga.

—OH... —Ela tinha suposto que lhe diria que as arrumasse sozinha, e se desconcertou ao descobrir que estava esperando que se tirasse a roupa. A tirou com rapidez.

—Algo vai mau? —perguntou Brage, ao ver sua expressão desconcertada.

—Não, nada. —respondeu, e sentiu um grande alívio ao saber que ele não partiria sozinho.

—Parece preocupada.

Dynna sabia que ele era capaz de interpretar seu estado de ânimo, assim respondeu com sinceridade:

—Acreditei que possivelmente seguiria caminho sozinho, posto que já dispõe de sua espada e seu escudo.

—Duvidou que cumpriria com minha parte do acordo? — Então foi o vez de Brage de mostrar-se surpreso e decepcionado.

—Não estava certa.

—Dei-lhe minha palavra. Tínhamos um trato. —repôs ele.

—Então será melhor que partamos. Temos que nos dirigir ao oeste.

—A que distância se encontra o arroio mais próximo?

—Por que? —disse sem compreender. Queria atravessar o terreno aberto o mais rapidamente possível durante a noite, mas ao parecer ele tinha outra ideia.

—Não cabe dúvida de que seu príncipe virá acompanhado de cães quando sair para nos buscar. Será melhor se escondermos nosso rastro logo, dissolvê-lo na água para que não nos encontrem.

Dynna aprovou sua decisão e voltou em marcha.

Avançaram junto ao caminho, mas sem pisá-lo. Quando alcançaram a curva de onde se apreciava a torre por última vez, Dynna se voltou para dar um último olhar ao que antigamente fora seu lar. Já não parecia acolhedor e quente; agora se elevava em meio da noite, escura e sinistra, tão ameaçadora como Edmund e, ao pensar nele e no horror que supunha ser sua esposa, estremeceu-se.

—Partamos. —insistiu com rapidez e fez o sinal da cruz — Espero que jamais volte a ver esse lugar.

Ao seguir seus passos, Brage conteve a mesma esperança.

O céu nublou e a noite ficou mais escura, dificultando sua marcha, mas não deixaram de avançar. Quase uma hora depois, quando chegaram ao arroio, Brage entrou nas águas que chegavam até seus joelhos, seguido de Dynna. A água estava gelada, mas ela não protestou, só se concentrou em lhe seguir os passos. Brage insistiu em que permanecessem em meio da corrente.

—Se os deuses nos acompanharem, haverá uma tormenta antes de que amanheça. —disse Brage, esquadrinhando o céu. As nuvens pareciam ameaçadoras — Uma chuva intensa ajudará a apagar nossos rastros e não poderão nos encontrar. —acrescentou.

—E se não chover?

—Então será melhor que tenhamos percorrido a maior distância possível antes de que se faça dia. Nos perseguirão a cavalo.

A idéia a deixou gelada, ainda mais que as águas, e um tremor incontável a sacudiu ao recordar como Edmund a tinha levado a cavalo durante a primeira batalha. Então só pretendia humilhá-la. Não lhe tinha feito mal, mas desta vez não acreditou que atuasse com a mesma indulgência. Tinha ajudado a escapar ao prisioneiro e tinha fugido com ele. Se Edmund conseguia apanhá-la, não sentiria compaixão.

—Posso caminhar mais depressa. —disse ao Brage, dando uma olhada para trás; de repente se sentiu perseguida — Temos que nos apressar.

Lançou um olhar sobressaltado, porque até esse momento tinham avançado a um passo regular e se perguntou se ela conseguiria manter-se se ele caminhasse ao seu próprio ritmo.

—Esta segura?

Ela assentiu, e uma vez saídos do arroio aceleraram o passo e se dirigiram para o oeste.

Dynna empreendeu caminho a campo rápido. Não queria encontrar com ninguém, porque desta vez não podia permitir-se nenhum engano. Tinha que chegar ao lar de seus pais, pois eram os únicos que podiam salvá-la.

Seguiram caminhando durante toda a noite, atravessando terras de cultivo e entupidos bosques. Um par de horas antes do amanhecer, Brage se deteve e se voltou para ela. Fazia horas que estavam em caminho, e Dynna respirava com dificuldade.

—Precisa descansar? —perguntou.

—Não! Não nos detenhamos. —insistiu ela — Fica pouco tempo, logo será de dia.

Sua resistência o surpreendeu e o agradou, de maneira que prosseguiram sem descansar.

Pouco antes do amanhecer começou a trovejar, advertindo os da tormenta que se formava. Procuraram proteção sob umas árvores cujos ramos inclinados os protegeram dos elementos e de ser descobertos.

Começou a chover, um toró torrencial que lavou a campina. Os raios iluminavam o céu e os trovões retumbavam a seu redor. Ambos permaneceram sentados sob as árvores separadas por uns metros, encolhidos para proteger-se da chuva e escutando a fúria da natureza.

—De verdade acredita que isto nos ajudará? —perguntou Dynna, procurando controlar o tremor que a sacudia, mas com cada rajada do vento que acompanhava a tormenta sentia ainda mais frio.

—Sim. Qualquer de nossos rastros desaparecerá. O terreno já era bastante abrupto, mas a tormenta nos proporcionará mais tempo.

—Bem. Edmund adivinhará aonde nos dirigimos e tratará de nos encontrar antes de que consigamos nos reunimos com meus pais. Mas uma vez sob o amparo de meu pai, estaremos a salvo. — Teve um novo estremecimento ante a ideia do que aconteceria se Edmund a encontrasse antes que alcançasse seu lar.

Brage a olhou e ficou paralisado, o vestido empapado lhe rodeava o corpo e ao ver a curva de seus seios deu um nó na sua garganta. Eram firmes e arredondados e, unido à lembrança de seu beijo, notou que o invadia uma quebra de onda de calor e voltou a surpreender-se por sua reação. Estavam fugindo para salvar a vida, e entretanto, em vez de considerá-la uma companheira, cada vez mais pensava nela como mulher..., uma mulher muito atraente. Distinguiu o contorno de seu corpo e só então notou que tremia.

—Sente-se a meu lado. —disse.— Terá menos frio se sentar junto a mim, Dynna.

—Não... Eu... —Vacilou, pois pretendia manter distância entre ambos.

Então caiu um raio e, ao ver sua expressão desconfiada, Brage disse:

—Deveria aprender a confiar em mim. Jamais obriguei a uma mulher a fazer algo contra sua vontade, e não penso começar a fazê-lo com você.

Dynna sabia que tinha razão. Se iam viajar juntos, tinha que confiar nele. Poderia a ter abandonado, mas cumpriu com o combinado.

—De acordo. —assentiu, e se aproximou dele.

Dynna tratou de manter certa distância entre os dois, mas Brage lhe rodeou os ombros com o braço, atraiu-a para si, elevou o escudo e protegeu a ambos da chuva.

Embora resistisse, uma vez que Dynna se apertou contra seu corpo quente e musculoso, descobriu que ansiava aproximar-se ainda mais. Sabia que era absurdo, mas era a primeira vez que se sentia a salvo e protegida depois da morte de Warren. Apoiou as costas contra o peito de Brage e lhe rodeou os ombros com o braço.

Lentamente, deixou de estremecer e o calor do corpo dele a envolveu.

—Acredita que nos apanharão? —perguntou, necessitando que ele a tranquilizasse.

—Não, se depender de mim. —respondeu Brage sem titubear —Conseguimos escapulir da torre sem ser vistos e depois desencadeou a tormenta. Ao parecer, esta noite a sorte nos acompanha.

—Suporia uma mudança. —respondeu ela, recordando a morte do Warren e sua captura pelos vikings quando estava a ponto de alcançar a liberdade.

Falou em tom tão triste que Brage lhe lançou um olhar compassivo.

—Suporia uma mudança para ambos. — disse.

Dynna notou que a olhava e levantou os olhos. Quando seus olhares se encontraram, uma rajada de chuva os açoitou. Se aconchegou um junto ao outro e sorriram.

—Ao menos tivemos sorte. Possivelmente juntos, nossa sorte mudará. —comentou Dynna.

—Penso me encarregar de que assim seja. —Brage falou em tom convencido. Tinha seu escudo e sua espada. Estava a sós com Dynna, enfrentando à natureza e sir Edmund, e não tinha intenção de perder nenhuma das duas batalhas. Só tinha que acompanhá-la a casa de seus pais; depois poderia partir.

De repente, os planos e a marcha noturna a afetaram, Dynna se sentiu invadida pelo cansaço e, sem poder evitá-lo, soltou um suspiro.

Brage se deu conta que estava esgotada. Tinha-a obrigado a caminhar a passo de guerreiro e ela o tinha seguido sem pigarrear. Até o mais resistente dos vikings teria que descansar depois de semelhante caminhada.

—Descanse um pouco. —lhe sugeriu — Não tem sentido seguir avançando até que o tempo não melhore.

—Mas tenho que permanecer alerta. E se vier alguém? —disse ela em tom de preocupação.

—Eu me mantereí em guarda. Durma enquanto pode.

—Não. —replicou Dynna e se endireitou. Recordava que no princípio ele se negou que o acompanhasse e estava decidida a

lhe seguir o ritmo. Negava-se a deixar-se mimar — Somos companheiros. Eu também me mantereí em guarda.

—Não é necessário que ambos permaneçamos acordados. —insistiu Brage.

—Ou aceita que nos alternemos ou eu permanecerei acordada e ambos nos manteremos em guarda.

Brage notou sua expressão determinada, essa que começava a acostumar-se, o queixo levantado e o brilho desafiador em seus olhos, e compreendeu que discutir seria inútil.

—De acordo. —concedeu — Descanse; eu procurarei dormir quando tiver despertado.

Ela assentiu e se recostou contra ele para afastar-se da chuva. Seu lento respirar e o batimento do coração de seu coração tiveram um efeito tranqüilizador e Dynna adormeceu.

Brage não se moveu e permaneceu em guarda, procurando protegê-la da tormenta. O corpo da Dynna apoiado contra o seu lhe parecia delicado, quase frágil; não obstante, era inteligente, rápida e de uma coragem extraordinária, nunca tinha encontrado com uma mulher dessas características. As que tinha conhecido com antecedência, em vez de falar com os homens de igual a igual e tratá-los com sinceridade, confiavam em sua astúcia feminina para conseguir seus propósitos.

Dynna despertava sua curiosidade. Era viúva, mas não tinha perdido certa inocência. Quanto mais tempo passava junto a

ela, quanto mais a conhecia, maior era seu desejo de evitar que lhe fizessem mal. Sobre tudo Edmund.

Quando Dynna dormiu profundamente, Brage o notou. Inclusive apoiada contra seu peito tinha conservado uma postura rígida, mas agora, enquanto dormia, relaxou-se por completo e, ao contemplá-la com a cabeça apoiada contra seu ombro, sentiu um intenso desejo de protegê-la. Face à escuridão, sua pele parecia luminosa e quis roçar a suavidade de sua face, mas resistiu, não queria perturbar seu sonho. Percorreu seu corpo com o olhar, a curva de seus quadris, e instintivamente a abraçou com mais força. Era formosa, inclusive envolta no vestido sujo e empapado. As mulheres que tinha conhecido sempre vestiam objetos elegantes, perfumavam-se e levavam jóias para atraí-lo. Graças a sua têmpera e sua coragem, Dynna o atraía mais que nenhuma outra.

Ao recordar o beijo que trocaram sentiu uma opressão no peito e se perguntou se naquele instante enlevado só tinha sido um momento fora do tempo, intensificado devido ao perigoso de sua situação, ou se significou tanto como ele tinha acreditado. Queria sabê-lo, queria averiguá-lo. Mas ainda não era o momento adequado.

Decidido a protegê-la dos terrores que a ameaçava, Brage a embalou entre seus braços sem desprender-se de sua espada, porque não estava disposto a arriscar a vida dela. Protegeria-a com a se fosse sua.

—Diz que o Falcão Negro escapou? —Edmund cravou o olhar no criado chamado Hammond, de pé do outro lado do quarto. Estava furioso — Como ocorreu? Onde está Perkin? Traga-o a mim. Tenho que lhe falar!

—Um dos outros homens o está ajudando a descer, milorde. —disse Hammond.

—Está ferido? Houve uma briga? Por que ninguém ouviu nada?

—Possivelmente Perkin possa explicar. Isso tudo é muito estranho...

O guarda apareceu na porta do quarto, apoiado em Clive para não cair.

—É verdade o que diz Hammond, Perkin? Que o Falcão Negro escapou? —perguntou Edmund.

—Sim, milorde. Ontem à noite o Falcão Negro não se encontrava bem. Lady Dynna estava com ele; estava muito débil e não podia manter-se em pé. Entrei no quarto para o ajudar a deitar-se.

—Dynna estava no quarto?

—Sim, milorde. Quando despertei era manhã, o prisioneiro tinha desaparecido e eu estava preso e amordaçado, preso no quarto.

—Enganaram-lhe! —grunhiu Edmund.

—Mas parecia doente e muito débil...

—Estou certo que o prisioneiro se encontrava bem, seu idiota! Escapou!

—E lady Dynna, milorde? —Perkin adorava a Dynna e temia que lhe tivesse acontecido algo — Possivelmente a levou consigo, talvez tenha lhe feito mal...

—Comprovarei onde está lady Dynna. —disse Edmund apertando os lábios. Queria lhe dizer o que acreditava que tinha ocorrido, mas se conteve; o guarda não tinha por que saber ainda. Primeiro devia comprovar que suas suspeitas eram certas.

—Irei procurá-la. — se ofereceu Perkin, mas quando se dispunha a abandonar o quarto, gemeu e segurou a cabeça — Não me encontro bem. Dói-me a cabeça...

—Talvez devesse cortá-la então deixaria de doer! — soltou Edmund em tom malvado.

Perkin não duvidou nem um instante de que, se quisesse, sir Edmund cumpriria com a ameaça.

—Não compreendo, milorde. Como pôde ter acontecido? Por que não despertei quando me prendeu? Nem sequer o recorde. Só tenho uma lembrança imprecisa... e esta dor insuportável... — disse, e esfregou as têmporas tratando de compreender.

Edmund sabia o que tinha acontecido e quando falou, com muita dificuldade conseguiu controlar a raiva que o inundava.

—Vão em busca de lady Dynna e a tragam para mim. — disse ao Hammond e Clive.

—Sim, milorde. —responderam e partiram apressadamente.

Edmund fez caso omissso do enfermo Perkin e caminhou de um lado a outro, aguardando e perguntando-se encontrariam Dynna, embora sabia que ela também tinha desaparecido. Recordou os dias passados e como calma se mostrava. Essa mudança de atitude deveria o ter advertido de que tramava algo. Estava acostumado a seu caráter indômito, a lutar com ela em cada momento. Tinha-o deixado em ridículo e a ideia fazia seu sangue ferver.

—Sir Edmund? Lady Dynna não estava em seu quarto. Procurei Matilda com a esperança de que soubesse onde se encontrava; curiosamente, a criada ainda estava dormindo. — informou Hammond; Clive permanecia atrás dele, inquieto.

—Despertem à criada agora mesmo! —ordenou Edmund em tom duro.

Quase arrastaram a uma drogada e sonolenta Matilda ante sua presença. Edmund enfrentou ela e Perkin.

—Sim, milorde? —disse Matilda, franzindo o cenho e entortando os olhos. Doía-lhe a cabeça e sentia uma grande letargia. Era como se arrastasse pedras.

—Onde está sua ama? —perguntou Edmund.

—Dormindo talvez, milorde? —respondeu Matilda—. Ai..., dói-me a cabeça...!

—Sua resposta não me agrada. —resmungou ele — Onde está lady Dynna?

—Não sei. — respondeu e não mentia — Ontem à noite, quando a vi, preparava-se para ir para a cama. Costumo deixá-la, se não me necessitar. Por que, milorde? —acrescentou, lhe lançando um olhar curioso e ligeiramente inquieto — Aconteceu algo?

—O Falcão Negro escapou e ao que parece, lady Dynna se foi com ele.

Matilda simulou estar chocada pela notícia, mas em realidade se alegrava de que sua ama tivesse conseguido escapar.

—Não está na torre. —prosseguiu Edmund, aproximando-se da desventurada criada — Quero que me diga o que sabe a respeito disto. É sua fiel criada. Quero saber tudo o que disse sobre o prisioneiro.

Matilda o contemplou com expressão desconcertada.

—Só sou sua criada, milorde. Quase não me disse nada sobre o Falcão Negro. Só sei que já não tinha febre e que suas feridas cicatrizavam. Ela fez que abandonasse o leito, mas ignoro se ele se recuperou.

—É evidente que se recuperou! —gritou Edmund; tinha vontades de estrangular à criada — Se recuperou a tal ponto que de algum modo conseguiu sair andando da torre sem ser visto! Ontem à noite um viking passou do nosso lado e ninguém o notou! Por sorte não massacrou a todos enquanto dormíamos!

—Eu estive acordado e em pé até tarde, —disse Hammond — mas não observei nada estranho, milorde. Tudo estava tranqüilo.

—Revistem a torre, do teto até o subsolo. —ordenou Edmund — Revistem cada canto, cada sombra, qualquer possível esconderijo. Comproven de vez, e depois voltem a comprová-lo e me enviem o guarda que esteve postado na porta ontem à noite.

—Sim, milorde. —Hammond abandonou o quarto, seguido de Clive.

Edmund se voltou para o guarda.

—Bebeu algo ontem à noite, Perkin? Algo fora do habitual? —Depois se dirigiu a Matilda — E você, Matilda?

—Tomei uma taça de cerveja com a comida, milorde, como sempre. —respondeu Perkin. Concentrou-se, procurando recordar o que mais tinha acontecido e então recordou que Dynna lhe trouxe uma jarra de cerveja.

—Ninguém lhe deu de beber ou comer algo diferente? —perguntou Edmund.

—Lady Dynna... —soltou Perkin, embora detestava a ideia de que uma mulher tão encantadora tivesse feito algo assim.

—O que fez nossa bela Dynna?

—Trouxe-me uma jarra de cerveja, ontem à noite quando foi ver o prisioneiro.

—Ah, assim lady Dynna, nossa curaneiora que utiliza beberagens e remédios, deu-te de beber... —Edmund lhe lançou um sorriso cúmplice o ódio resplandecia em seu olhar ao pensar em suas maquinações — E você, Matilda? O que lhe deu de beber sua ama?

— Antes de deixá-la, bebi uma pequena taça de vinho no quarto de minha ama.

Ante a confirmação de suas suspeitas, a expressão de Edmund se tornou ainda mais feroz.

—Tem alguma idéia de onde poderia encontrar-se agora mesmo?

—Não, milord. Dormi profundamente toda a noite. Esta manhã nem sequer me dava conta de que era muito tarde. Estou acostumada a me levantar a alvorada.

—Vá procurar junto com outros. Encontra a sua ama e me traga se valoriza sua vida, conviria rogar que a encontrem na torre.

—Aonde poderia ter ido?

—Sim, aonde, dado que o viking desapareceu! —rugiu Edmund, vermelho de raiva. Ainda não tinham informado a seu pai da fuga do viking, e não queria lhe dizer nada antes de saber todos os detalhes.

CAPÍTULO 12

Edmund se aproximou da janela de seu quarto com os punhos apertados. Ao contemplar a paisagem empapada pela chuva amaldiçoou o tempo, que não dava amostras de melhorar. Até onde alcançava a vista, nuvens escuras cobriam o céu. Se Dynna e o Falcão Negro tinham conseguido fugir da torre, rastreá-los resultaria impossível. A chuva, que não tinha deixado de cair de madrugada, teria apagado seus rastros.

Edmund se sentia profundamente humilhado e fez ranger os dentes, preso de uma fúria silenciosa. Sempre tinha sabido que Dynna era uma mulher gênio forte, mas dessa vez tinha ido muito longe. Encontraria-a, e então...

Franziu o cenho ao pensar no castigo ao que a submeteria. Tinha planejado honrá-la convertendo-a em sua esposa, mas já não. Ao escapar com o viking, ela tinha escrito seu próprio destino. Ficaria com ela e com seu dote, mas não se casariam. Tinha demonstrado que era indigna de ser sua dama. A levaria ao leito e a usaria como lhe viesse em vontade. Antes a desejava, agora só o aborrecia. Tinha planejado lhe ensinar a obedecer, agora a faria sofrer, castigaria-a e a humilharia acima de tudo o mundo.

Então pensou em seu pai e a ira de Edmund deu passo a um calafrio, lorde Alfrick estaria furioso ante a perda de seu prisioneiro. Logo, Hereld retornaria com notícias de Anslak. Sem o

Falcão Negro, não teria nenhuma troca. Devia encontrá-lo e estava convencido de que quando o fizesse, também encontraria a sua «prometida».

Estava seguro de que seu pai não se oporia a suas intenções com respeito à Dynna. A fim de contas, ela tinha quebrado seus meticulosos planos liberando o viking.

A lembrança do interesse que Dynna demonstrou pelo viking desde o começo apressava a Edmund e se perguntou se teria se deitado com ele quando o visitava a sós, no quarto com chave. A possibilidade incrementou sua cólera. Acabaria por ver morto ao Falcão Negro! Mataria-o lento e dolorosamente ante o olhar da Dynna; obrigaria-a a arrastar-se ante ele, suplicando compaixão e perdão e desfrutaria de cada instante.

A imagem o agradou e sorriu pela primeira vez aquela manhã, um sorriso que não guardava a menor relação com a alegria ou o júbilo. Dynna pagaria pelo que tinha feito.

—Algo o agradou, meu filho? —perguntou lorde Alfrick entrando no quarto acompanhado de sir Thomas. Encontrou-se com um criado na escada, que lhe informou onde encontrar Edmund.

—Sorria porque imaginava que o Falcão Negro estava morto. —Edmund se voltou para seu pai, a conversação que se veria obrigado a manter não tinha nenhuma graça.

—Não esqueça, meu filho, que o Falcão Negro deve estar vivo para poder fazer a troca. —lhe advertiu seu pai.

—Compreendo. — O fato o desgostava — Tenho que lhe dar uma notícia, mas não é boa.

—Não sei de que fala. — disse Alfrick com expressão inquisidora — Que notícia? Acaso Hereld retornou com a negativa de Anslak a pagar?

Quem dera fosse tão simples, pensou Edmund.

—Não. Hereld ainda não retornou de sua viagem.

—Então o que preocupa?

—Acabam de me informar de que o Falcão Negro escapou.

Durante uns segundos reinou o silêncio, logo lorde Alfrick rugiu:

—O quê?

—Diz que o Falcão Negro desapareceu? —perguntou sir Thomas a sua vez.

—Como é possível? —exclamou Alfrick — E Perkin? Não estava vigiando a porta? Mataram-no?

—Perkin não está morto, pai.

—Teria sido melhor para ele que estivesse! —gritou lorde Alfrick, encolerizado.

—Não, pai. Ao parecer, drogaram-no, dormiu após tomar uma beberagem preparada por minha amada prometida. — disse Edmund em tom violento.

—Diz que Dynna ajudou Falcão Negro a escapar? — perguntou Alfrick.

—Isso é o que parece.

—Onde está? —grunhiu seu pai.

—Ela também desapareceu. —respondeu Edmund em tom abrupto — Estão revistando a torre, mas acredito que ela drogou a quem poderia interpor-se em seu caminho e fugiu com o viking em algum momento da passada noite.

Lorde Alfrick estava tão indignado como seu filho.

—Em qualquer momento haverá notícias sobre a troca. Hereld retornará nos próximos dias. Encontre o viking, Edmund! Utilize qualquer recurso, mas encontra-o. E me traga ele de volta. — disse, com os olhos brilhantes de ira.

—Sim, pai.

—Sir Thomas. —Lorde Alfrick se dirigiu a seu homem de confiança.

—Sim, milorde.

—Acompanhe meu filho e lhe ajude o quanto for necessário. Devo achar o Falcão Negro antes de que os vikings cheguem com o resgate. Tem que ser encontrado!

Nesse momento, Hammond retornou para informar sobre o registro da torre. Edmund lhe ordenou que respondesse com rapidez.

—Lamento lhe dizer que não encontramos nada, sir Edmund. Não há rastros de lady Dynna nem do prisioneiro. O único a faltar é o escudo e a espada do Falcão Negro, e também de Perkin.

Disseram-lhe que podia partir justo quando apareceu outro homem.

—Milorde, sir Edmund, sou Angus. —se apresentou — Ontem à noite estava de guarda na porta principal.

—Observou algo estranho? Tarde, possivelmente depois de meia-noite?

—Não, milorde. Foi uma noite tranqüila. As únicas pessoas a saírem da torre foram padre Corwin e o padre Osmar, a caminho da aldeia.

—O padre Corwin e o padre Osmar? —disse lorde Alfrick em tom duro — por que os piedosos padres teriam que abandonar a torre em semelhante hora?

—Disseram que iam visitar um doente. Observei-os um momento, e se dirigiram à aldeia.

—Quando retornaram? —Alfrick desconfiou imediatamente.

—Não sei. Não os vi.

—Pode ir. —Lorde Alfrick se dirigiu a seu filho e sir Thomas— Edmund, vá em busca dos sacerdotes e os traga. Receberei-os em minha câmara privada junto ao Grande Salão.

Edmund saiu do quarto com passo firme e se dirigiu à capela.

Lorde Alfrick olhou a sir Thomas.

—Se Dynna tiver escapado, —disse — há um só lugar aonde iria, é a casa de seus pais. Procuraremos nessa direção. Quero recuperar o Falcão Negro.

—E Dynna?

—Já não significa nada para mim. Envergonhou a meu filho rompendo sua promessa de casar-se com ele.

—E se o viking a tomou como refém? —perguntou sir Thomas, preocupado pela princesa. A ideia que lhe fizessem mal seria insuportável.

—Esqueceu que tanto Perkin como Matilda foram drogados? Ela é perita em ervas e beberagens curativas. Ela planejou. Sabia exatamente o que estava fazendo.

Sir Tomas olhou fixamente, via que estava realmente zangado e que desejava castigar tanto ao prisioneiro como Dynna. Sir Thomas queria advogar por ela, mas não disse nada. Não podia reconhecer abertamente, mas compreendia a decisão de Dynna de voltar a escapar para evitar as bodas. Lady Dynna tinha amado Warren, mas Edmund... Edmund não se parecia com seu irmão absolutamente; sir Thomas ainda lamentava a morte inesperada do jovem. Às vezes observava a maldade de Edmund e se perguntava

sobre as circunstâncias em torno da morte de Warren no acidente de caça...

Lorde Alfrick e sir Thomas abandonaram o quarto e desceram à câmara privada junto ao Grande Salaão para aguardar a chegada dos sacerdotes. O padre Corwin e o padre Osmar não demoraram em reunir-se com eles, acompanhados de Edmund.

—O que aconteceu, milorde? —perguntou padre Corwin ao ver a expressão tensa de Alfrick.

Este lhe deu a notícia.

—Diz que o viking se foi e levou lady Dynna como refém? —foi o comentário espantado do padre Osmar.

—Não. Acredito que ajudou a planejar sua fuga.

—Lady Dynna? —O padre Corwin parecia chocado — Mas como?

—Disso queria lhe falar. Ontem à noite, quando partiram rumo à aldeia, Angus vigiava a porta da torre. Pergunto se viram algo estranho ao retornar.

—Sinto muito, milorde, mas não compreendo. —O padre Osmar lhe lançou um olhar desconcertado — Ontem à noite não fui à aldeia.

—Nem eu. —acrescentou padre Corwin; não mentia — Orei na capela até tarde e logo me retirei.

Lorde Alfrick lançou um olhar eloquente a Edmund e sir Thomas.

—Angus, o que levavam os padres ontem à noite, quando abandonaram a torre?

—Suas habituais vestimentas escuras, milorde.

—Isso é impossível. —disse o padre Osmar.

—Me digam, têm mais de uma vestimenta?

—Tenho várias. Estão em meu quarto. — respondeu o padre Corwin.

—Eu também tenho várias. —acrescentou o outro sacerdote — por que pergunta?

—Angus está certo de que ontem à noite viu sair duas pessoas, ou ao menos a duas pessoas vestidas como vocês. Comprovemos se suas roupas ainda estão em seus quartos.

Dirigiram-se a toda pressa aos quartos dos sacerdotes e abriram a porta do padre Corwin; depois de revistá-la, comprovaram que faltavam duas vestimentas.

—Não senti falta esta manhã, posto que já tinha preparado a roupa que poria hoje. —lhe explicou o sacerdote.

—E não viram nem ouviram nada incomum durante toda a noite? —perguntou Edmund em tom duro.

—Nada absolutamente. Orei até muito tarde e depois me retirei. —Não mentia. Que lady Dynna fosse à capela não era incomum, pois estava acostumado a rezar ali com freqüência. Ao contemplar a sir Edmund, soube que ela rezava para livrar-se dele.

Desejava de todo coração que conseguisse chegar sã e salva aonde quer que se dirigia. Merecia ser feliz.

—Esta certo? —insistiu Edmund, com a esperança de que recordasse algo estranho passado a altas horas da noite.

—É obvio que o estou. Acaso acredita que eu mentiria? —respondeu em tom desafiante; detestava Edmund, mas sabia que não devia manifestar seus sentimentos abertamente.

—Edmund não duvidava de sua sinceridade, padre. Só anseia encontrar a lady Dynna. —atravessou lorde Alfrick — E você, padre Osmar, o que fazia ontem à noite?

—Retirei-me muito cedo. Estava fatigado, o dia foi muito longo.

Lorde Alfrick assentiu, aceitando suas palavras.

—Necessita algo mais de nós, milorde? —perguntou o padre Corwin.

—Só suas preces. Roguem que deixe de chover para que possamos encontrar ao Falcão Negro antes de que chegue seu pai com o ouro do resgate.

Os sacerdotes abandonaram o lugar com a cabeça inclinada em atitude reverente.

—Sigo pensando que é estranho que sua criada ignorasse seu plano de escapar. —disse Edmund.

—Por que lady Dynna teria que lhe administrar a poção se Matilda conhecia seus planos? —Thomas tentou desviar a suspeita

da criada. Sabia que Edmund tinha muito mau gênio e não queria que Matilda pagasse pela fuga da Dynna.

—É verdade. —assentiu lorde Alfrick — Não esbanje seu tempo com a criada. É mais importante que iniciemos a busca de ambos o quanto antes. É evidente que abandonaram a torre antes do amanhecer, levam uma vantagem considerável. O Falcão Negro volta a estar armado, assim não resultará fácil apanhá-lo com vida, mas temos que fazê-lo.

—Dynna procurará retornar junto a sua família, não tem outro lugar aonde ir. Assim que diminua a chuva cavalgarei em busca deles. Não retornarei até obtê-lo. —disse Edmund em tom áspero e se dirigiu rapidamente aos estábulos para preparar-se. Voltou a amaldiçoar a Dynna e à chuva que lhe dificultava a empreitada.

—Cavalgarei junto a sir Edmund assim que melhore o tempo. Requer algo mais de mim? —perguntou sir Thomas, dirigindo-se a seu senhor. Seu oferecimento parecia normal, mas além de encontrar a Dynna e ao viking tinha outros motivos para querer acompanhá-lo.

—Não. Pode partir.

—Se me necessitarem, estarei no Grande Salão, esperando que passe a tormenta.

Uma vez que partiu, lorde Alfrick permaneceu em sua câmara privada, ruminando o ocorrido e planejando uma estratégia

para haver com o Anslak, em caso de que chegasse para realizar a troca antes que encontrassem a seu filho.

Sir Thomas entrou no Grande Salão e viu que o padre Corwin se dispunha a subir as escadas que conduziam à capela.

—Padre Corwin... —chamou-o — Tem tempo para beber uma jarra de cerveja antes de iniciar suas orações?

—Agradaria-me. —Trocaram um olhar de cumplicidade e tomaram assento ante uma das mesas — Parece preocupado, sir Thomas. —prosseguiu o sacerdote — Precisa falar comigo? Há algo que aflige sua alma?

—Não, padre. —disse soltando uma risadinha — Não estou em pecado, só desfruto da paz oferecida por sua companhia.

—E eu da sua.

—Sinto predileção por lady Dynna. Me preocupa o que possa lhe acontecer.

O sacerdote deu uma olhada em torno para assegurar-se de que podia falar sem ser ouvido. Logo se dirigiu a sir Thomas em voz baixa:

—Eu também estou preocupado. Edmund só pensa em sua humilhação, mas eu só posso pensar na dor que Dynna sofreria se casasse com ele. Antes já a tratava com dureza, mas agora...

—Sei. É uma mulher muito boa para que a obriguem a casar-se com ele. Warren era um bom marido, mas este... —Sir

Thomas sabia que referir-se ao Edmund desse modo não estava bem, mas não podia evitá-lo.

—Warren amava a Dynna. Foi um marido bondoso e fiel. A teria feito feliz... se tivesse seguido com vida... —O padre Corwin se interrompeu, para que sir Thomas soubesse que ele também tinha dúvidas a respeito da morte prematura de Warren.

Seus olhares se encontraram e ambos compreenderam que tinham achado uma alma gêmea. Guardaram silêncio, ao mesmo tempo que se perguntavam o que podiam fazer para ajudar Dynna.

—Rogaremos a Deus que esteja a salvo. —disse padre Corwin por fim.

—É meu maior desejo. —disse sir Thomas, assentindo com ar pensativo — Queria voltar a vê-la feliz.

—Eu também.

O constante rumor da chuva dorminava e Brage se obrigou a permanecer alerta. O tempo transcorria com lentidão e o céu cinza começava amanhecer. Teria gostado de descansar, mas agora não podia permitir-se. Dormiria quando o perigo fosse menor. Agora não era o momento.

Brage recordou que Dynna tinha insistido em compartilhar a guarda e não duvidava de seu desejo em ajudar. Sabia que era tão preparada e engenhosa como qualquer homem, mas se os descobriam seria necessário recorrer à força bruta para

conservar a vida e a liberdade, e ela não era o bastante forte como para brandir uma espada e enfrentar a Edmund e a seus homens.

Dynna dormia entre seus braços. Brage sabia que devia estar exausta para dormir tão profundamente. Dedicou-se a contemplá-la e seu olhar acariciou a curva de seu pescoço e o delicado contorno de sua face. As manchas escuras sob seus olhos testemunhavam seu cansaço e não se sentiu culpado por deixá-la dormir. Para manter-se ao mesmo tempo dele precisava descansar. Seguiu rodeando-a com o braço, protegendo-a, lhe dando calor e consolo sem deixar de permanecer alerta.

Mais tarde, quando a chuva se transformou em uma garoa, Brage soube que deviam voltar a se colocar em marcha. Detestava despertá-la, mas não tinha outra opção. Se queriam conservar a liberdade, não podiam ficar no mesmo lugar durante muito tempo.

—Milady. —disse em voz baixa e lhe roçou a bochecha — amanheceu e devemos seguir.

Dynna despertou, sobressaltada. Tinha sonhado que voltava a estar em casa com sua mãe, sã, salva e amada. Despertar sob a chuva no meio da lama e o perigo causou comoção. O que a tranqüilizou foi a presença de Brage e então recordou sua promessa.

—Não me despertou para meu turno de guarda. — protestou.

—A noite foi tranqüila. Sob a chuva reinava o silêncio.

—Isso não foi o que acordamos.

—Ainda não sinto a necessidade de descansar. — respondeu Brage — Venha, temos que nos pôr em marcha enquanto ainda há tempo.

Dynna se deu conta de que seguir discutindo era em vão e, embora não gostava de reconhecê-lo, inclusive a si mesma, sua necessidade de dormir tinha sido muito grande. Suas roupas empapadas eram um estorvo, mas tudo não era em vão pelo fato de estar livre de Edmund.

—Estou preparada. —disse — Nos dirigiremos ao norte e depois outra vez ao oeste.

Então observou um brilho parecido de respeito no olhar dele. Não sabia o que esperava dela, mas Dynna tinha prometido que seguiria seu ritmo.

Abandonaram o refúgio das árvores e uma vez mais avançaram a campo, afastando-se da torre. A garoa era persistente e não cessou até bem na entrada da manhã, quando o céu começou a limpar.

—Possivelmente agora seque meu vestido. —comentou Dynna; seu vestido empapado de água a incomodava.

Brage ia empapado, mas estava acostumado ao desconforto. As palavras da Dynna eram uma afirmação, não uma queixa, mas compreendeu que devia encontrar roupa seca para ela. Até esse momento se mantiveram afastados de qualquer moradia, mas então Brage se encaminhou para o que, ao longe, parecia uma pequena granja.

—Me espere aqui. —disse quando pararam em um lugar alto a certa distância da casa. Divisou um homem e uma mulher trabalhando nos campos, longe da casa, e considerou que podia aproximar-se sem perigo.

—O que pretende fazer? —perguntou ela, nervosa ante a idéia de que os descobrissem.

—Obter comida, Dynna. Aqui tem que ter.

Dynna tinha estado faminta desde que despertou, mas tinha ficado calada. Culpava a si mesma por não ter pensado em levar comida.

—E se lhe apanham?

Brage lhe lançou um olhar incrédulo. Era um saqueador acostumado. Como podia duvidar de sua capacidade de obter comida?

—Se tranqüilize. Ninguém me verá. —respondeu.

Desprendeuse do escudo, indicou-lhe que não se levantasse e avançou cautelosamente com a espada na mão. De maneira furtiva entrou casa de uma só ambiente, observado nervosamente Dynna no alto.

Tinha suspeitado que a família seria pobre e não estava errado. Apropriou-se de um pedaço de pão duro e uma parte de queijo e logo revistou seus escassos bens e encontrou o necessário para acender um fogo. Envolheu tudo em um pano e, quando se dispunha a sair da casa, viu um pequeno baú aos pés da cama. Abriu-o e encontrou um vestido rústico muito folgado para Dynna

e uma túnica e calças de homem que pareciam menores. Ao menos estavam secos, e sem pensar duas vezes também os levou, saiu da casa sem ser visto e retornou junto à Dynna.

—Temos que ir, —lhe disse — se retornam à casa antes de pôr-do-sol podem descobrir o roubo.

—Encontrou mantimentos? —perguntou ela, com a vista cravada no pacote.

—O bastante para um dois dias. Voltarei a roubar mais se for necessário. —respondeu ele.

Dynna pensou que o padre Corwin se sentiria consternado pelo roubo, mas sem a ousadia de Brage teriam passado fome. Estava impaciente por afastar-se, parar e e comer.

Antes de procurar um lugar para descansar, Brage se assegurou de que tivessem percorrido uma distância considerável. Por fim descobriu um lugar tranquilo na beirada de um pequeno riacho, o bastante afastado para lhe proporcionar o refúgio necessário.

Brage estendeu-lhe a roupa.

—Não sei se servirá bem, mas ao menos está seca. —disse, observando o vestido úmido e coberto de lodo de Dynna.

—Colocar roupa seca será maravilhoso, agradeço que tenha pensado nisso. —respondeu ela, reprimindo o desejo de lhe dar um abraço.

—Não é bonita, mas dará o calor enquanto a sua seca.

O sorriso que Dynna lhe deu era tão atraente que Brage ficou comoveu. Estava certo que se tivesse dado o mais elegante dos vestidos e as jóias mais opulentas, não teria ficado mais encantadora. Era a primeira vez que a via feliz e isso o agradou, e também saber que ele era a causa.

Dynna agarrou os rústicos objetos de lã e tratou de esconder-se atrás de uns arbustos. Lançou-lhe um tímido olhar por cima do ombro, porque sabia que ele podia vê-la.

—Não tema, lady Dynna, virarei de costas para lhe dar a necessária privacidade. —disse, antes que ela pudesse pedir-lhe porque tinha visto seu olhar de incerteza, mas consciente de que lhe custaria esforço cumpri-lo.

Dynna o agradeceu em voz baixa, voltou-se e tirou o úmido vestido, grudado a seu corpo como uma segunda pele; despojar-se dele foi um grande alívio. Só permaneceu nua um momento, até que colocou o rústico objeto do camponês. O tecido era áspero e arranhava sua pele, mas não protestou porque estava seca e a abrigava. Como a túnica era curta, deu-se conta de que era um objeto masculino, muito mais curto que um feminino e que deixava suas pernas nuas, assim colocou as calças e ajustou a cintura. Era a primeira vez que colocava calças e a sensação era estranha. Recolheu sua roupa úmida e surgiu de detrás dos arbustos.

Brage aguardava com paciência. Tinha ouvido como tirava o vestido molhado e sabia que nesse momento estava nua no

meio do bosque e a imaginou como uma ninfa, uma criatura do bosque delicada e formosa.

A imagem quase fez que soltasse um gemido; a ideia de Dynna nua e próxima acendeu seu ardor. Recordou o beijo, a suavidade de seu corpo apoiado contra o seu enquanto ela dormia e o sorriso que oferecido quando lhe estendeu a roupa seca. Brage a desejava com um anseio feroz que punha a prova seu controle.

Tentou reprimir os sentimentos que despertava e se concentrou em vigiar o terreno aberto para comprovar se apareciam Edmund e seus homens. Tratou de distrair-se com outras ideias e notou que sua camisa também estava molhada. A tirou e a pendurou em cima de um arbusto para que secasse. O dia era temperado e não teria frio com o peito nu.

Justo depois de pôr a secar a camisa, Dynna saiu do bosque.

—Troquei-me. —anunciou.

Ao ouvir sua voz, Brage já não pôde seguir esperando e se virou para contemplá-la. Olharam-se nos olhos significativamente.

Brage tinha acreditado que vê-la vestida com uma túnica e umas calças masculinas não o excitaria, mas estava errado.

Dynna não afastou a vista do torso nu do viking e os batimentos de coração de seu coração aceleraram. Disse a si que essa sensação era ridícula: Ela o tinha lavado e cuidado durante dias sem sentir nada similar, mas seu largo peito resultava tão

atraente que descobriu que queria tocá-lo..., não para curá-lo a não ser para amá-lo, como a Warren.

—Está de acordo com as roupas? —conseguiu perguntar Brage.

—Sim, obrigada. Mas me pergunto se alguma vez tinha visto uma mulher levando roupa de homem.

—Não, mas seu aspecto não me desagrada. —disse em tom muito eloqüente.

Dynna se ruborizou.

—Sua camisa também estava molhada? —gaguejou.

—Sim. Me de suas coisas e, enquanto comemos, as porei para secar junto às minhas.

Estendeu suas roupas molhadas. Depois de pendurá-las nos arbustos, sentaram-se e Brage tirou o pão e o queijo do pacote. Arrancou uma boa parte para ele e outro para Dynna; depois cortou duas partes de queijo e envolveu o resto para consumi-lo mais adiante.

Dynna aceitou o pão e o queijo com entusiasmo. Embora era o mais modesto dos alimentos, pareceu-lhe absolutamente delicioso.

Observou Brage enquanto comia e se deu conta de que não tinha dificuldade para mover o ombro ferido; atuava como se estivesse completamente curado e sua força e capacidade de recuperação a maravilharam.

—Encontra-se bem? —perguntou.

—Assim é. É uma boa curandeira. Duvido que outro me tivesse curado tão bem como você.

—É um talento que aprendi com minha mãe.

—Então agradeço que sua mãe lhe tenha ensinado isso.

Seus olhares se encontraram, e nenhum dos dois o desviou. Era como se passasse uma eternidade enquanto se contemplavam mutuamente, presas da fascinação. Já não eram um guerreiro viking e uma mulher saxã: Inimigos jurados. Agora eram um homem e uma mulher, e compreendê-lo abraçou a alma.

O primeiro a romper o silêncio foi Brage. Era um guerreiro, e não podia esquecer que o perigo estava muito próximo. Embora ela o atraía mais que nenhuma outra mulher, sabia que sua segurança era o mais importante. Deviam manter a distância entre eles e sir Edmund. Por hora não devia pensar em outra coisa.

—Temos que nos pôr em marcha. —disse—
Seguramente que Edmund já cavalga atravessando o campo em busca de nós.

Ao ouvir mencionar o nome de Edmund Dynna retornou ao presente e ficou de pé.

—Têm razão. —respondeu— Já descansamos o bastante.

Recolheu os mantimentos e as roupas úmidas enquanto Brage agarrava sua espada e seu escudo. Empreenderam a marcha, a passo mais rápido agora que tinham comido.

Seguiram caminhando toda a tarde sem descanso, sempre em direção ao lar de Dynna. Justo antes do anoitecer o sol voltou a brilhar.

Que não se encontrassem com ninguém supôs um alívio para Dynna. Então compreendeu que se ela e Matilda tivessem seguido por essa rota a primeira vez, teriam alcançado mais rápido a casa de seus pais.

Ao recordar a sua criada, Dynna se perguntou como teria ido a jovem ao enfrentar à ira de sir Edmund. Estava convencida de que tanto lorde Alfrick como Edmund ficaram encolerizado ao descobrir que ela tinha fugido com Brage, e esperou que não a tivesse pego Matilda. Uma vez alcançada a casa de seus pais, mandaria chamar a sua fiel criada. Enquanto isso, rogou que não lhe ocorresse nada mau e que conseguisse permanecer a salvo.

—Tem algo que a preocupa? —perguntou Brage, observando sua expressão sombria.

—Matilda, minha criada. Temo que sofra uma desgraça porque a abandonei e a deixei exposta à ira de ambos.

—A empregada sabe aonde nos dirigimos?

—Não. Não lhe contei meu plano, para não a colocar em perigo, mas Edmund é capaz de uma grande crueldade.

—É a você a quem quer. Não perderá tempo com ela, uma vez que se convença de que não pode lhe ajudar.

—Isso espero.

—E por isso seguiremos caminhando até que o sol se ponha. Os dias seguintes serão os mais perigosos.

Ela assentiu.

—Não tema, não lhe falharei. Disse que seguirei seu passo, e o farei.

Uma vez mais, Brage admirou seu valor e o olhar que lhe lançou disse que sua resposta o agradava. Seguiram avançando, afastando-se cada vez mais dos demônios que os perseguiam.

Acabava de cair o sol quando ouviram o rugido de um rio profundo e correntoso, e Dynna sentiu um grande desânimo. Sabia que deviam cruzar outro rio, mas não acreditou que o nível da água estaria tão alto e que seria tão turbulento. As chuvas do norte deviam ter sido mais intensas esse ano.

Dynna e Brage se aproximaram da beirada e contemplaram as águas. Brage examinou ambas as beiradas e procurou descobrir o melhor lugar para atravessar o rio, cujas águas lhe chegavam à cintura. A corrente parecia perigosa e sabia que se perdessem o equilíbrio, seria difícil recuperá-lo.

—Talvez deveríamos acampar nesta borda e atravessar o rio amanhã. —comentou Dynna; aborrecida com a ideia de voltar a molhar-se. O arroio era tão profundo e a corrente tão poderosa que não poderiam impedi-lo. Pela manhã o nível da água teria baixado e cruzar seria mais fácil.

—Ainda tem bastante luz para atravessá-lo. —respondeu ele sem olhá-la, assim não notou sua angústia. Brage tinha sido

criado rodeado de rios como aquele. Sabia que atravessá-lo não seria simples, mas também que o obteriam se tomavam cuidado.

Deixou Dynna na borda e procurou o lugar menos perigoso. Demorou uns minutos em meio da penumbra, mas por fim o encontrou. A borda era alta, mas nesse lugar a corrente parecia menos ameaçadora. Foi em busca de Dynna e a conduziu até o lugar.

—Me siga. — disse, deslizou-se para baixo pelo aterro e se dispôs a olhar as tumultuosas águas.

Dynna soube que não tinha outra solução. Manter-se afastada de Edmund era mais importante que qualquer inconveniente passageiro. Começou a descer pelo aterro para unir-se a Brage, mas não tinha contado com que fosse tão escorregadio e se deslizou até a beirada rapidamente.

—Não se mova. —ordenou Brage, entrou no rio e comprovou que não era muito perigoso para ela.

Avançou lenta e cautelosamente através da corrente, sustentando a espada e o escudo por cima da água, e se alegrou de que o nível não superasse a cintura. A ribeira oposta era menos alta; deixou a espada e o escudo ali e retornou em busca de Dynna.

—Agarre minha mão e a ajudarei. —disse ao aproximar-se da beirada onde ela o aguardava.

Estendeu-lhe a mão, de pé e com a água até as coxas. Embora nesse ponto a profundidade não fosse um perigo, a corrente era poderosa e não queria pô-la em perigo. Quando ela esticou o

braço para agarrar sua mão, fazendo malabarismos com o pacote da roupa e os mantimentos, escorregou, perdeu o equilíbrio e esteve a ponto de cair na água.

Brage reagiu instintivamente, agarrou-a nos braços e a abraçou, evitando que se molhasse.

—Esta bem? —perguntou.

Dynna o olhou aos olhos; que a tivesse resgatado a tinha deixado sem fôlego, mas também se devia a algo mais. —Sim.

Brage ficou imóvel no meio das frias águas, inconsciente de tudo que o rodeava exceto do peso precioso de Dynna entre seus braços. Ao olhá-la nos olhos, viu que refletiam um desejo igual ao dele e não pôde deter-se..., não esta vez. Inclinou a cabeça e seus lábios procuraram apaixonadamente os dela.

CAPÍTULO 13

O beijo despertou o fogo longamente reprimido e a paixão e a chama do desejo se acendeu. Dynna correspondeu sem reserva, rodeou-lhe o pescoço com os braços e devolveu o beijo. A intensidade do abraço embriagador chocou a ambos.

Trocaram olhares apaixonados enquanto Brage atravessa o arroio evitando que Dynna se molhasse, embora só tivesse olhos para ela. Quando alcançaram a ribeira oposta não parou, mas sim se dirigiu em linha reta para umas árvores, onde a estendeu em um leito de suave erva.

Brage tombou a seu lado e voltou a beijá-la, em ousada proclamação de seu desejo. Dynna soltou um gemido. Warren tinha sido um amante terno e gentil, mas seus beijos nunca a tinham excitado até esse ponto. Quando Brage de repente se afastou, ela abriu os olhos perguntando o motivo, disposta a suplicar que não a deixasse.

—Brage? —sussurrou com voz rouca e lhe estendeu os braços.

O viking teve que fazer um esforço por não esquecer sua missão, mas sabia qual era seu dever.

—Voltarei imediatamente. — disse.

Dynna era tudo o que desejava e necessitava, mas por isso devia protegê-la e permanecer sempre alerta, de maneira que voltou

a cruzar o rio até a outra borda, recolheu seu escudo e sua espada e retornou junto a ela com rapidez.

Dynna observou sua volta, iluminado pela luz do entardecer, e uma ardorosa ansiedade a embargou. Alto e de largos ombros, quando se aproximou dela com a espada na mão tinha um aspecto quase selvagem. A barba tinha crescido e lhe dava um aspecto ainda mais perigoso. O pulso acelerou, Brage era muito masculino. Suas calças, empapadas após atravessar o arroio, estavam grudadas a suas pernas largas e poderosas como uma segunda pele e Dynna, que conhecia os homens, comprovou quanto a desejava, mas em vez de envergonhar-se, sentiu-se contente. Entretanto, quando ele deixou a arma no chão, a consciência do perigo que corriam ameaçou apagar sua paixão.

Brage notou o brilho de temor em seu olhar e se ajoelhou junto a ela.

—A meu lado esta a salvo. Ninguém lhe fará mal enquanto eu siga com vida. —jurou e seu olhar expressava a intensidade de seus sentimentos.

—Sei. —disse ela em voz baixa.

—Não sei o que nos trará o manhã, mas temos esta noite... —continuou ele.

—Compartilhemos até o final. —murmurou Dynna e lhe acariciou a face.

O suave toque da mão dela o fez resfolegar. Tirou as roupas empapados, pois não queria umedecer as dela, e ao atraí-la

para si e notar a suavidade de seu corpo soltou um gemido. Contemplou-a na penumbra e viu que o rosto da Dynna expressava o mesmo desejo que o seu.

—Esta noite é minha. —disse e a beijou apaixonadamente.

Dynna o abraçou e suas mãos percorreram o corpo do viking, memorizando seus poderosos músculos.

Dado que a ameaça de ser descobertos pendia sobre suas cabeças, ela compreendeu que possivelmente seria a única noite que passariam juntos, e estava decidida a compartilhar sua paixão com Brage. Tinha-o desejado no desde o primeiro instante, embora até agora não tivesse admitido para si mesma. Pertenciam a dois mundos diferentes e seguiriam fazendo-o, mas nesses momentos estavam juntos e isso era que importava.

Seu ardor mútuo aumentava a cada minuto que passava e não estavam dispostos a renunciar a isso. A incerteza do futuro que enfrentavam aumentava a urgência da situação.

Brage a acariciou com muita suavidade por cima dos rústicos objetos de camponês que cobriam seu corpo, mas desejava uma proximidade ainda maior. Queria tocar sua pele nua e sedosa, queria penetrar em sua aveludada intimidade. Queria fazê-la sua e, resmungando com impaciência, afastou-se e a ajudou a despir-se.

Dynna se alegrou de desprender-se da roupa. Queria apertar-se contra ele, sentir como seu ardor enfraquecia suas carnes e a pressão de seu torso duro contra seus peitos sensíveis.

Quando Brage tirou sua túnica, ela arqueou o corpo e sua recompensa foi o grunhido de apreciação que soltou ao ver seus seios nus pela primeira vez. Quando Brage os acariciou e seus lábios roçaram a carne tenra, Dynna soltou um grito sufocado e lhe pressionou a cabeça contra seus seios, embriagada pelo toque íntimo.

Brage voltou a deitá-la sobre a erva e ela o atraiu para si e rodeou o corpo com seus braços. Quando ele se afastou, sentiu-se perdida durante um instante, mas o olhar de desejo ardente que lhe lançou fez que compreendesse que a separação só seria momentânea. Brage tirou suas calças de homem, deixando nua suas pernas longas e esbeltas. Acariciou-as, desfrutando de sua elástica firmeza.

—É muito bela, Dynna. —disse; em seu olhar ardiam as chamas da paixão e outro sentimento que ainda era incapaz de dar nome. Nunca tinha desejado tanto a uma mulher.

—Alegra-me que lhe pareça isso. Você também me parece belo. —respondeu ela com voz enrouquecida e lhe estendeu os braços.

—Os homens não são belos.

—Você é.

Brage se alegrou a barreira de roupa tivesse desaparecido quando seus corpos se uniram. Dynna o acariciou e o beijou, lhe provocando reações cuja intensidade surpreendeu Brage. Ambos

ansiavam fundir-se amorosamente um com o outro, esperando encontrar consolo e paz.

Quando por fim se dispôs a possuí-la, Dynna estava preparada. Abriu-se a sua virilidade, acolhendo-a no mais profundo de seu corpo, rodeou-lhe os quadris com as pernas e corcoveou ao ritmo da paixão do viking. A generosidade com que Dynna o amava quase o deixou sem sentido enquanto a penetrava profundamente, retirava-se e voltava a penetrá-la. Unir-se a ela era puro êxtase.

Quando seus lábios se encontraram, uniram-se no frenesi. Suas mãos não permaneceram inativas, moviam ritmicamente. Ela o desejava, desejava o que estava acontecendo. Não sabia o que traria o amanhã, e nesse precoso instante não tinha importância. A única coisa que importava era Brage.

Brage nunca tinha tido uma paixão tão livre e selvagem. Ignorava se devia ao desespero da situação ou ao que ambos sentiam o um pelo outro, e que era indiferente. Estava fascinado, perdido em um oceano de sensualidade enfeitiçada que lhe provocava uma excitação maior do que tivesse acreditado ser possível.

Ser possuída por Brage era tão excitante que Dynna se abandonou à sensação. Sentir seu calor no interior de seu corpo a enlouquecia de gozo e o abraçou agitando os quadris, procurando lhe dar agradar. As carícias e os beijos de Brage geravam um desejo ardente em suas entranhas e Dynna se apertou ainda mais

estritamente. Quando ele voltou a lhe beijar o seio, o êxtase que crescia em seu interior estalou e se prendeu a ele enquanto as sensações daquele clímax perfeito agitavam seu corpo.

Brage notou sua expressão satisfeita e a beijou. Devolveu o beijo enquanto ele seguia movendo-se até estremecer-se de prazer assim que alcançou sua própria excitação. Abraçou-a, ofegando. Nunca tinha experimentado um gozo tão perfeito.

Juntos, retornaram à realidade sem deixar de abraçar-se, com os membros entrelaçados. Ficaram em silêncio; nenhum dos dois sentia a necessidade de falar. Seus corpos tinham expressado suas necessidades com uma eloquência muito maior que as palavras.

—Não sabia que podia ser tão doce... —murmurou Dynna por fim, uma vez recuperadas as forças.

—Eu tampouco. —respondeu ele, apoiou-se sobre os cotovelos e a contemplou.

O movimento fez que seus quadris pressionassem os dela com mais força e ambos trocaram um olhar maravilhado. Brage teria preferido permanecer perdido na bruma do amor, mas à medida que sua paixão se desvanecia, recuperou o juízo. Separou-se de Dynna e ficou mais perto de sua espada.

Mas Dynna não queria separar-se dele e se estendeu a seu lado. Brage a abraçou e ela apoiou a cabeça em seu ombro, apalpou-lhe o peito e notou o pesado pulsar de seu coração.

—Agora quem se alegra de ser uma curandeira de talento sou eu. —disse.

Ele soltou uma suave gargalhada.

—Pode me sarar sempre que o desejar.

—Seria um prazer. —respondeu Dynna em tom sedutor.

—Mas sofro uma dor horrível, mulher.

Dynna acreditou que sua ferida tinha voltado a abrir enquanto faziam amor; levantou-se preocupada e examinou o ombro, acreditando que voltava a lhe doer.

—Não, milady. O que me dói não é o ombro a não ser isto. —disse Brage, agarrou-lhe a mão e a levou aos lábios — Acredito que um beijo me curaria.

Dynna compreendeu que brincava, e com olhos brilhantes se encarregou de curar sua dor, beijando-o.

Brage não suspeitou que um mero beijo bastaria para voltar a excitá-lo tão rápido, mas assim foi. Durante um momento, pensou que ela era uma bruxa que o tinha enfeitiçado, mas quando Dynna montou em cima dele e o acolheu no mais íntimo de seu corpo, já não pensou em nada.

Mais tarde, quando Dynna dormia a seu lado, Brage se deu conta da intensidade de seus sentimentos por ela. Tinha cumprido com sua promessa, tinha-o igualado em tudo. Velou seu sonho, sabendo que era a única mulher que lhe tinha demonstrado tanta valentia e sinceridade. Não tinha se mostrado virginal e tímida

enquanto faziam o amor e saber que tinha lhe proporcionado prazer o agradava.

Inclusive agora, depois de possuí-la em duas oportunidades, o desejo voltou a renascer em suas entranhas ao pensar em voltar a desfrutar de sua paixão. Não estava disposto a esbanjar nem um minuto da noite escura, assim a despertou com um beijo e começou a acariciá-la uma vez mais.

Quando por fim ambos ficaram exaustos, Brage abraçou e a protegeu durante o que restava da noite.

Dynna despertou quando a aurora tingia o céu e as aves iniciavam seus cantos. Manteve os olhos fechados e se aconchegou contra o peito de Brage. A sensação de sentir-se protegida e segura entre seus braços era maravilhosa.

Não se sentia culpada pelo que tinham compartilhado. Tinha desejado fazer amor. Embora o futuro de ambos fosse incerto, ao menos ficaria a lembrança dessa noite. Moveu-se e Brage despertou imediatamente.

—O que aconteceu? —perguntou ele, ficando em guarda e agarrando a espada.

—É de madrugada. —respondeu ela em voz baixa; não queria desprender-se de seu abraço.

—Então temos que nos pôr em marcha, e rápido.

Brage se dispôs a vestir-se mas o doce corpo de Dynna apertado contra o seu era uma tentação irresistível.

Dynna percebeu sua reação e lhe lançou um sorriso sedutor. Warren tinha sido um bom amante, mas nunca tão apaixonado como Brage.

—Temos que partir agora mesmo...? —perguntou.

Por resposta recebeu um grunhido de frustração, ao mesmo tempo que a lógica lutava contra o desejo. O sentido que sempre tinha mantido o guerreiro com vida lhe dizia que devia refrear-se para poder protegê-la, mas foi a segurança de Dynna o que lhe proporcionou a força para resistir a seu maior desejo.

O beijo foi profundo e selvagem e seu abraço informou que não a afastava.

—Não posso arriscar sua vida, meu amor. —disse em um tom que delatava seu conflito interior — Temos que seguir caminhando enquanto possamos.

As lágrimas ardiam nos olhos de Dynna quando elevou a mão para lhe acariciar a face. Era o primeiro a pensar em sua segurança e sua felicidade a todo o resto. Que esse homem, esse viking que antes tinha sido seu prisioneiro, protegesse-a com sua vida a comovia.

—Só demorarei um momento em me preparar. — anunciou ela. Ficou de pé e o beijou com doçura e suavidade, depois abandonou o refúgio de seus braços e foi lavar se à beira do riacho. Considerou levar seu próprio vestido, mas ainda estava úmido, assim se conformou ficando com as roupas roubadas e se vestiu com rapidez.

Brage também se vestiu, sem deixar de vigiar a Dynna. Teve que reprimir o desejo de aproximar-se da borda e ajudá-la a lavar-se. Não podia esquecer sua pele sedosa e o doce peso de seus peitos sob suas mãos. Contra sua vontade, seu corpo voltou a inflamar-se e procurou pensar na comida.

Cortou uma parte de pão e queijo para ambos e comeram enquanto seguiam caminhando, deixando atrás seu paraíso compartilhado. Juntos, aventuraram-se para o desconhecido.

Era pela tarde quando Edmund e seus homens cavalgaram até a pequena casa. Depois de olhar em torno uns minutos, por fim descobriram ao granjeiro e a sua mulher trabalhando nos campos. Edmund fez caso omissso do fato de pisotear os cultivos que trabalhavam em cuidar. A único coisa que importava era encontrar Dynna e ao viking... e logo.

—Viram a um homem e uma mulher? —perguntou-lhe.

O camponês o olhou fixamente e se perguntou por que teria ido a eles.

—Não vimos a ninguém, milorde.

—E não ocorreu nada incomum?

Então sua mulher o interrompeu:

—Diga-lhe Dorcas. Diga dos mantimentos e os objetos que sentimos falta.

—Mantimentos? Objetos? —repetiu sir Thomas.

—Ontem, enquanto trabalhávamos nos campos, alguém entrou na casa e levou pão e queijo da despensa. — explicou o homem — junto com minha outra túnica e minhas calças. Foi estranho, não vimos ninguém e tampouco ouvimos nada.

—Não havia rastros? Nenhum indício da direção que empreenderam os ladrões?

—Nenhum, milorde. Quando retornamos a casa era quase de noite, e pela manhã, as possíveis pisadas se apagaram.

Edmund deu uma olhada a seus homens.

—Se desdobrem em todas direções. —lhe ordenou — Reviste tudo. Encontrem.

Sir Thomas afirmou com a cabeça. Uma vez cessada a chuva, tinham cavalgado da manhã a noite e seus cavalos começavam a cansar-se, mas não abandonariam a busca até encontrar ao Falcão Negro.

Sir Edmund tinha certeza que Hereld retornaria a qualquer momento, e sem dúvida, os vikings não demorariam para seguir seus passos para pagar o resgate. O tempo estava acabando, não podiam cometer mais enganos. Tinham que encontrar o Falcão Negro.

Era quase de noite quando um dos homens alcançou o lugar por onde Brage e Dynna tinham atravessado o rio.

—Aqui, sir Edmund! —exclamou— Foi aqui por onde cruzaram!

Enquanto Edmund examinava o terreno, a ânsia por encontrá-los aumentou e cavalgou até a beirada oposta. Desde que abandonaram a torre, pela primeira vez sentia que estavam a ponto de os alcançar.

Sua frustração tinha sido grande. Procurou utilizar os cães mas, justo como tinha temido, a chuva tinha apagado os rastros e foram inúteis. A partir de então, não ficou mais remédio que registrar todas as rotas possíveis que conduziam ao lar dos pais de Dynna; só era questão de tempo que o viking voltasse a estar sob seu controle e Dynna, em seu leito.

—Quer que sigamos procurando ou que acampemos e prossigamos a busca amanhã cedo? —perguntou sir Thomas, cavalgando até Edmund que permanecia na clareira montado em seu cavalo.

Edmund queria continuar, mas temeu que escuresse muito, possivelmente não encontrariam os rastros.

—Acamparemos aqui e cavalgaremos pela alvorada. —anunciou.

—Direi aos homens. —respondeu sir Thomas.

Quando voltou a estar sozinho, Edmund desmontou e deu uma olhada em torno. Dynna tinha passado por ali fazia pouco. Edmund esboçou um sorriso cruel. Logo a teria recuperado e seria dele. A ideia de saber que se encontrava tão próxima impediu que dormisse em um sono profundo. Recordou que seu pai lhe tinha

ordenado que retornasse com o viking o antes possível e jurou que não descansaria até encontrar o Falcão Negro.

Dynna e Brage avançaram rapidamente através da campina, distanciando-se da torre, mas ambos sabiam que por mais quilômetros que percorressem, o perigo podia espreitá-los atrás da seguinte colina.

Brage teve que fazer um esforço por concentrar-se na fuga. Durante um saque, nunca tinha deixado que uma mulher irrompesse em seus pensamentos, entretanto, não deixava de pensar em Dynna. A lembrança de seu amor estava gravado a fogo em sua alma e o perseguia. Nenhuma outra mulher se entregou a ele com tanta sinceridade nem o tinha satisfeito tão completamente. Descobriu que não queria separar-se dela, que desejava tocá-la cada vez que se apresentava a oportunidade. Eram emoções desconhecidas e devia lutar contra elas; não podia permitir que o distraíssem, devia permanecer alerta.

Dynna tinha seguido caminhando ao mesmo tempo das largas passadas de Brage. Estava exausta, mas sabia que, como ela, o impulsionava a necessidade de ficar a salvo, assim não protestou nem tratou de diminuir a marcha. De vez em quando, Brage lhe lançava uma olhada para comprovar que se estava bem, e seus olhares se encontravam. Nesse momento, Dynna notava que ele

recordava todo o acontecido entre ambos e lhe dava de presente um silencioso sorriso. Com isso bastava, as palavras eram desnecessárias. Brage seguiu adiante, optando pela rota mais difícil para enganar a quem ousasse persegui-los.

Perto do meio-dia se pararam para beber as limpas e frescas águas de um rio, descansar um momento e compartilhar o pão e o queijo. Brage tinha estado pensando em Warren; queria saber mais a respeito dele.

—Me fale de seu marido, Dynna. —perguntou em tom indiferente, mas a última coisa que sentia era indiferença.

—O que quer saber? —repôs ela cautelosamente.

—Que classe de homem era? Seguro que não se parecia com o Edmund, verdade?

—Eram tão diferentes como é o deslumbrante sol matinal da escura e tenebrosa noite. —respondeu com rapidez, apressando-se a sair em defesa de Warren — Meu marido era um homem bondoso, de bom coração e generoso com todos seus seres queridos.

—Faz muito que morreu?

—Menos de um ano. Perdeu a vida inesperadamente, em um acidente de caça. Sempre lamentei não ter podido me despedir dele.

Brage observou seu olhar triste e perguntou:

—Amava-o?

—Foi bondoso comigo, terno e amigo.

—Mas o amava? Queria se casar com ele? —Embora ignorasse o motivo, para ele era muito importante conhecer os autênticos sentimentos de Dynna com respeito a seu marido morto.

Antes da noite anterior, Dynna teria respondido afirmativamente, mas depois das horas de esplendor nos braços do Brage, já não estava certa de nada. Lutando para encontrar a resposta a sua pergunta, respondeu:

—As bodas com Warren foi arrumada em benefício das terras de ambos, mas não foi inconveniente me casar com ele.

Sua resposta evasiva não limpou as dúvidas de Brage a respeito dos sentimentos dela. Ao parecer, Dynna não podia ou não queria lhe dizer o que ele ansiava saber. Se tivesse amado a sir Warren, teria confessado, verdade? Amar a seu marido não supunha uma vergonha, mas de algum modo a ideia de que ela fora incapaz de lhe dar uma resposta direta o encheu de felicidade.

Depois de responder às perguntas de Brage, Dynna começou a se perguntar a respeito de seu passado. De repente imaginou que talvez tinha uma esposa que o esperava. A ideia a consternou.

—Agora sou eu quem tem que lhe fazer uma pergunta. — disse por fim, dispondo-se para ouvir as palavras que esperava: Que uma mulher que o amava cuidava de seu lar enquanto ele se dedicava a saquear.

—O que quer saber? —perguntou ele, elevando as sobrancelhas. Antes de lhe fazer a temida pergunta, Dynna tomou ar — Acaso lhe preocupa algo?

—Se esta comprometido com outra, o que aconteceu entre nós seria um pecado, tanto perante Deus como diante dos homens.

Sua sinceridade lhe provocou um sorriso.

—Não tema, Minha Dynna. Não tenho uma esposa que conta os dias até minha volta ou que choraria minha morte.

Dynna não tratou de dissimular sua satisfação e o sorriso que lhe iluminou o rosto fez que uma quebra de onda de desejo invadissem Brage. Não pôde evitar aproximar-se dela e abraçá-la. Antes de beijá-la, contemplou-a durante uns momentos. Ela correspondeu sem reserva alguma e lhe rodeou o pescoço com os braços. Quando Brage interrompeu o beijo, a paixão voltou a consumi-los e a única coisa que os manteve separados foi saber que, a plena luz do dia, podiam descobri-los.

—Temos que seguir. —disse ele em tom pesaroso.

Recolheram seus escassas pertences e seguiram viagem, em direção ao refúgio que os esperava.

Só se detiveram ao cair da tarde. A escuridão começava a cobrir os campos enquanto acabavam com os restos de pão e queijo. Ambos estavam esperando recordar o abraço que tinham compartilhado durante o almoço.

O desejo ardente de fazer amor com Brage tinha consternado a Dynna. Tinha-o seguido toda a tarde sem afastar os

olhos dele, maravilhada por sua força e sua resistência, seus movimentos fluídos inclusive ao atravessar o mais abrupto dos terrenos, pelo movimento dos músculos de seus braços e suas pernas. De vez em quando, seu olhar azul e penetrante se cruzava com o seu, Dynna notava o ardor que tinha visto a noite passada e soube que não tinha sido um sonho.

Dynna ficou de pé e, em silêncio, estendeu seu vestido na erva. Brage se sentiu confuso.

—Acaso o vestido ainda está molhado e por isso o estende para que seque? Porque nesse caso, o orvalho o umedecerá ainda mais antes de que amanheça.

—Já está seco, meu senhor viking.

—Não quer voltar a levá-lo? —Brage acreditou que, uma vez seco, voltaria a colocá-lo. A malha era muito fina e muito mais suave que as roupas do camponês.

—Tenho descoberto que é muito mais fácil manter no seu ritmo indo de calças. Embora tema que Matilda não aprovaria meu descaramento. —disse, sorrindo ao ver que ele mantinha os olhos cravados em suas pernas.

Brage lhe devolveu o sorriso. Uma vez mais, demonstrava ser muito distinta das mulheres que conhecia. Não dava importância a seu aspecto, só a cumprir com o que tinha prometido: Que não seria um obstáculo para ele. Brage se aproximou e a abraçou.

—Eu aprovo seu descaramento de todo coração. —disse e elevou o queixo para beijá-la. Agora que estava entre seus braços, sentia-se completo — Assim joga esse vestido?

—Só preparei um leito para o agradar. —respondeu com voz enrouquecida.

Ao ouvir suas palavras, o olhar de Brage se acendeu e as chamas da paixão o consumiram. Um calafrio de excitação percorreu as costas dela. Ele voltou a beijá-la e Dynna sucumbiu ao toque de seus lábios.

Depois de se estender no simples leito, abraçaram-se arrastados pela voragem de desejo que tinha aumentado durante todo o dia. Acariciaram-se e se apressaram em tirar a roupa que se interpunha entre ambos e, quando por fim as roupas que os separavam desapareceram, seus corpos se uniram.

Brage se inundou no profundo corpo de Dynna. Sabia que com o tempo o separariam dela e isso aumentava o desespero com a que faziam amor, como se ambos quisessem desfrutar desses breves momentos de liberdade. Abraçaram-se, unidos em espírito e em desejo, até alcançar a cúpula do êxtase. Depois desabaram juntos, esgotados mas satisfeitos.

Dynna levantou os olhos e contemplou o céu coalhado de estrelas. Não sabia como tinha chegado a entregar-se tão livremente a um homem que fazia só uns dias era seu inimigo. Mas protegida

entre seus braços, não se sentia ameaçada, que nada poderia lhe fazer mau enquanto estivesse com ele.

Seu coração se encheu de angústia ao compreender que só disporiam de um breve tempo para estar juntos. Ele retornaria com os seus e ela também.

—Quero mais, Brage. —sussurrou, sentindo uma ousadia maior que nunca, porque era a primeira vez que se atrevia a dizer semelhantes palavras a um homem.

As palavras foram suficientes para ele. Estendeu-se em cima dela e a possuiu com um único movimento. Ela o aceitou completamente, desfrutando do prazer da união. As mãos de Brage exploraram suas carnes sedosas, deixando um rastro ardente, voltando a excitá-la até que ambos se moveram ao uníssono em busca da máxima satisfação.

Brage desejava lhe dizer que ele também a desejava, mas não pôde. Logo teriam que separar-se. Não podia levá-la consigo na viagem de volta a seu lar. Seria muito perigoso. Era muito melhor acompanhá-la até o lar de seus pais e deixá-la ali, sabendo que estaria a salvo. Não seria fácil abandoná-la, mas não tinha outra opção.

Fizeram amor com rapidez e violência e, depois de uma de onda de prazer, ficaram sem fôlego. Permaneceram estendidos e abraçados em silêncio, felizes pela beleza de seu amor, com os corações pulsando ao uníssono.

Depois dormiram.

Quando despertaram ao amanhecer, o desejo de ficar no meio do bosque compartilhando sua intimidade resultava quase entristecedor, mas ambos sabiam que era impossível. Não podiam esquecer a ameaça que era Edmund.

Brage estreitou Dynna entre seus braços durante um longo momento, depois recolheram suas coisas e continuaram o caminho.

Ao atravessar vários espaços abertos, ambos ficaram nervosos e não baixaram guarda. Os mantimentos já tinham acabado e logo Brage deveria ir buscar mais.

Pouco depois do meio-dia, Brage divisou os cavaleiros. Ainda estavam longe mas se dirigiam para eles.

—É Edmund... —Dynna soltou um grito sufocado ao reconhecer seu corcel. Pôs-se a tremer, mas sabia que esse não era o momento de deixar que seus temores anulassem seu julgamento. Encontravam-se nos confins de um bosque e Brage a agarrou pelo braço e a arrastou para o amparo da densa folhagem.

—Viram-nos? —perguntou ela, ofegando depois do esforço de correr a toda velocidade através do emaranhado bosque. A carreira fez que recordasse aquele primeiro dia horroroso, quando os homens de Brage a tinham apanhado e a Matilda. Sua única esperança era que desta vez não tivesse o mesmo destino.

—Não sei, mas não correrei nenhum risco.

Brage seguiu correndo sem olhar atrás, dirigindo-se aos matagais mais entupidos. Sabia que ali seria complicado seguirem seus rastros e que os cavalos teriam dificuldades para avançar. Na

frente deles se elevava um enorme rochedo e, embora não oferecesse muito amparo, ao menos cobriria as costas quando ele se enfrentasse a seus atacantes.

—Se proteja ali! —ordenou.

Dynna já estava exausta, mas se negava o abandonar. Edmund lhe pisava nos calcanhares e o terror de que voltasse a apanhá-la proporcionou a força necessária.

Brage a empurrou dentro da zona protegida, disposto a defendê-la. Sustentava a espada com tanta força que seus nódulos ficaram brancos ao mesmo tempo que a tensão da batalha próxima o inundava. Perguntou-se quantos homens o atacariam, mas sabia que não ia retornar à torre para que o matassem. Melhor morrer ali empunhando a arma e ir a Valhala em vez de converter-se na vítima do plano ardiloso e mortífero dos saxões.

—Estão perto. —advertiu em voz baixa — Se cale. Qualquer ruído nos delatará...

Enquanto permaneciam um junto ao outro, ouviram o ruído dos cascos de um corcel que abria passo através do bosque em direção a eles. Ouviram o rangido de ramos roda e o rumor das folhas.

Dynna conteve o fôlego, suplicando a Deus que os protegesse da crueldade e a astúcia de Edmund.

Brage não dispunha de tempo para suplicar a seus deuses. Concentrou-se nos passos do cavalo e aguardou, esticando os músculos. Seus sentidos lhe advertiram do perigo e olhou em volta,

procurando descobrir a seus perseguidores. Se podia, seria o primeiro em atacar. Era a única possibilidade de sobreviver. Se conseguisse matar um dos homens de Edmund, poderia apoderar-se de sua arma e seu cavalo. Então estaria nas mesmas condições que outros, e possivelmente conseguiria os afastar de Dynna, lhe dando tempo para escapar. Ouviu que o cavalo se detinha e aguardou. Logo ouviu como voltava a ficar em movimento e se aproximava mais e mais...

Quando o cavaleiro estava a ponto de aparecer, Brage elevou a espada. Ouviu o relincho do corcel e compreendeu que os saxões os descobriram. Não haveria escapatória, nem refúgio, nem volta ao lar.

Brage se preparou, preparado para entrar em combate.

Dynna tremia de medo ao mesmo tempo que seu perseguidor se aproximava. O homem de Edmund estava muito próximo. Quem dera fossem invisíveis, pensou. Quem dera tivessem asas para pôr-se a voar daquele lugar que se converteu em uma armadilha mortal em vez de um refúgio. Ansiava ficar a salvo, junto com Brage. Não queria que perdesse a vida protegendo-a.

A ideia de que podia morrer desesperava Dynna e quase estendeu o braço para tocá-lo, para tranquilizá-lo, mas nesse preciso instante apareceu o cavalo e teve que reprimir um grito de terror.

Brage estava em tensão. Toda a fuga tinha sido inútil. Todos seus planos tinham sido em vão.

Ouviu como o corcel parava em frente de seu esconderijo e elevou a espada, disposto a matar ao que os tinha encontrado. Se tinha que morrer, não lhe facilitaria a tarefa.

CAPÍTULO 14

Tudo ocorreu em um instante. Quando Brage se dispunha a dar um golpe mortal, Dynna se equilibrou sobre ele e o agarrou pelo braço que sustentava a espada. Brage escapou, decidido a lutar contra o cavaleiro, mas ao elevar a vista se deteve, era sir Thomas, e os olhava diretamente.

Brage o contemplou com expressão desafiante, sem soltar a arma. O semblante de sir Thomas era amistoso, mas lhe lançou um olhar de advertência; logo deu uma olhada em Dynna e constatou que estava ilesa.

Dynna lhe devolveu o olhar sem piscar, um olhar que expressava que estava ali porque assim o tinha eleito.

Sir Thomas duvidou entre sorrir aliviado por a ter encontrado e franzir o cenho, preocupado por sua situação. Alegrou-se ao ver que não tinha sofrido nenhum dano, mas a proximidade de Edmund o alarmava. Queria vê-la livre de Edmund, mas sua honra o obrigava a ser fiel a lorde Alfrick. Desviou a vista, não queria que seu rosto revelasse o que sentia ao ter descoberto.

—Se eu quisesse abandonar este lugar, continuaria ao longo do terreno baixo até alcançar a ponta. —Falava em voz baixa, sem mal mover os lábios —Dali, avançaria em linha reta ao

longo de Woodford Way até a fonte de Brightwell. Hoje seria o caminho menos perigoso.

—A fonte de Brightwell? —sussurrou Dynna.

—Encontra-se para o norte e o oeste. —prosseguiu sir Thomas — E se um homem quiser a ajudar de um amigo, procuraria conduzir a seus inimigos na direção oposta.

As lágrimas umedecessem os olhos de Dynna, comovida pela ajuda.

—Obrigada, sir Thomas. —murmurou.

—Viram-nos? —O grito de sir Edmund ressonou muito perto.

Brage e Dynna ficaram imóveis, com os músculos em tensão, aguardando a resposta de sir Thomas e observando-o fixamente. Podia salvá-los ou lhe causar a morte.

Não tiveram que esperar muito.

—Não. Acreditei ver algo que se movia, mas estava errado. —respondeu sir Thomas em tom normal.

—Milorde! Olhe o que encontrei brincando de correr pelo bosque! —O grito de outro dos homens de Edmund ressonou ao longe.

Brage e Dynna ouviram como os cavalos se afastavam de seu esconderijo.

—Depois de tudo, parece que sim vimos a alguém que se dirigia para cá. — gritou sir Thomas enquanto observava ao homem que empurrava a dois meninos para sir Edmund. Antes de

esporear o cavalo para reunir-se com outros, dirigiu-se a Brage resmungando em voz baixa — Lhe advirto isso, viking. Procure que ninguém faça mal a Dynna. Me aborreceria dedicar o resto de minha vida o perseguir.

A ameaça de sir Thomas chocou Brage; respeitava-o o bastante para saber que falava a sério. Sir Thomas era um bom amigo, mas também seria um inimigo implacável. Não teve tempo de lhe responder, porque um segundo depois sir Thomas fez virar seu cavalo e se afastou.

Como ainda estavam em perigo, Brage empurrou Dynna dentro do esconderijo e lhe deu as costas, protegendo o corpo dela com o seu enquanto observavam em que direção cavalgariam sir Edmund e seus homens.

Quando sir Thomas se aproximou, Edmund resmungava maldições. Ao acreditar que tinha encurralado ao Falcão Negro e a Dynna se sentiu muito animado, convencido que retornaria junto a seu pai com o viking como prisioneiro, com tempo de sobra para realizar a troca. Mas só tinha perdido o tempo perseguindo dois meninos através do bosque, e quando os arrastaram ante ele lhe lançou um olhar furioso.

—Viram a um homem alto de cabelos escuros e a uma mulher de olhos cinzas que viajavam juntos a pé? —perguntou-lhes. Pode ser que não tivesse encontrado a quem procurava, mas talvez obteria alguma informação desses dois.

—Não, milorde. —respondeu o mais alto dos meninos em tom nervoso — Só vimos aos nossos e a ninguém mais.

—A que distância está sua aldeia? —perguntou sir Edmund.

—Está junto ao rio.

—O levaremos ali, para comprovar se os outros viram a quem procuro. —Edmund estava zangado, mas não derrotado. Não descansaria até voltar a apanhar a Dynna e ao viking — Tragam-nos. —disse a dois de seus homens — Cavalguemos.

Brage aguardou que o som dos cascos se desvanecesse e sentiu alívio ao comprovar que cavalgavam em direção oposta. Entretanto, tanto ele como Dynna permaneceram imóveis durante o que parecia uma eternidade. O coração batia com força e resfolegavam, mas não se moveram.

Quando deixaram de ouvir os cascos, Brage disse:

—Fique aqui enquanto comprovo que não há perigo.

—Tome cuidado... —repôs Dynna e pôs-se a tremer.

Brage se aventurou ao exterior com muita cautela e percorreu com a vista o bosque que os rodeava, tentando ver algum rastro de sir Edmund ou de seus homens, mas constatou que estavam a sós no bosque.

Se virou para Dynna e então comprovou que estava pálida, o terror a invadia. Mostrou-se tão valente durante tanto tempo que, ao vê-la tão aterrada, lhe cortou o coração e exclamou:

—Não há perigo.

Ao ouvir suas palavras, Dynna correu para ele. Queria tocá-lo, assegurar-se de que se encontrava bem. Poderiam o ter matado! Salvou-se pelos cabelos... Durante aqueles breves minutos temeu ver como derrubariam Brage na frente de seus olhos e a possibilidade a tinha deixado chocada e esgotada.

—Se nos tivesse encontrado qualquer outro dos homens do Edmund, lhe teria matado... —A ideia ainda a aterrorizava.

—Pode ser que tentasse... —disse Brage, com uma ferocidade que fez que ela recordasse que era um guerreiro viking, selvagem, decidido e sem temor.

—Sir Thomas salvou aos nós dois.

—Esse homem deve sentir uma profunda afeição por você.

—É um homem de honra. Foi um amigo para Warren, e agora é para mim. É bondoso e de bom coração. Poria minha vida em suas mãos.

—Não foi a primeira vez que lhe defendeu de sir Edmund. —comentou Brage.

—Como sabe?

—Aquela noite na torre, quando Edmund a teria golpeado se sir Thomas não tivesse intervido, estava-lhe observando.

Dynna se estremeceu ao recordar aquele momento atroz e também por o quanto próxima tinha estado de voltar a cair em mãos de Edmund fazia uns minutos.

O temor que escurecia seu olhar afetou Brage, e uma desacostumada onda de ternura o invadiu. Aproximou-se dela e lhe acariciou os cabelos.

—Observar a cena foi duro para mim, quando estava preso. —disse, olhando-a nos olhos — Alegrei-me que fosse em sua ajuda.

—Edmund é um homem cruel. Teria desfrutado me batendo.

Dynna voltou a tremer e Brage a estreitou entre seus braços.

—Não se preocupe. —a tranqüilizou — Enquanto eu esteja a seu lado, ninguém lhe fará mal.

A confiança de Brage renovou suas forças, o temor que sentia diminuiu. Levantar o olhar para contemplá-lo, soube que a seu lado sempre estaria protegida.

—Teve um momento em que acreditei que me detestava. —declarou ela — Me separou de você e disse que não queria que mãos saxãs o tocassem.

Ao recordar o prazer que suas mãos tinham lhe proporcionado, Brage sorriu.

—Detestava aos seus, não a você, milady. Desde a primeira vez que a vi junto ao Ulf, suspeitei que não fosse uma criada. Logo, quando meu irmão me contou que o atacaram com uma adaga, soube que era uma mulher audaz.

—Matilda e eu estávamos desesperadas. Tínhamos que escapar...

—É valente, inteligente e bela. Nunca conheci uma mulher como você. —disse, e a beijou com suavidade.

O toque de seus lábios lhe levantou o ânimo.

—A princípio o temia. —murmurou.

—E agora, doce Dynna? —perguntou ele com voz baixa e sensual.

Sua resposta foi um beijo apaixonado. Ambos permaneceram abraçados, em silenciosa celebração por seguir juntos e a salvo... de momento.

Por fim, e a contra gosto, separaram-se. Se fosse por ele jamais soltaria Dynna, mas sir Edmund ainda podia estar perto. Não podiam arriscar-se.

—Temos que seguir adiante enquanto possamos.

Ela assentiu.

—Se Edmund nos seguiu até aqui, talvez suspeite aonde nos dirigimos. —disse.

—A que distância se encontra seu lar?

—Andando, e se o tempo não trocar, levaremos quatro dias.

—E a cavalo?

—Dois dias, não muito. Mas não dispomos de cavalos.

Ele a olhou de soslaio.

—Então não só necessitamos mais comida, também temos que achar um cavalo. Se queremos alcançar o lar de seus pais antes de Edmund, devemos nos apressar.

A ideia de roubar um cavalo além da comida desgostava a Dynna, mas sabia que era um assunto crucial e esperou que lhe perdoassem.

—Perto de Woodford Way há várias granjas pequenas. Ali talvez encontraremos um cavalo. —Odiava planejar um roubo, mas não tinham outra opção.

Antes de encaminhar-se ao terreno baixo compartilharam um último abraço.

—Espero que sir Thomas consiga manter afastado Edmund. — comentou Brage.

—Ele fará todo o possível para nos ajudar, sem trair sua honra.

A frustração de sir Edmund ia aumentando. Acabavam de dedicar uma hora a interrogar a todos os habitantes da aldeia sobre Dynna e o Falcão Negro, mas foi um empenho inútil. Ninguém os tinha visto. Era como se Dynna e o viking tivessem desaparecido por completo. Mas Edmund sabia que isso era impossível.

—Têm que estar em algum lugar próximo. O que ela pode fazer é refugiar-se na casa de seus pais. —disse Edmund em tom

colérico enquanto permanecia junto a sir Thomas nos confins da aldeia, com a vista cravada na bucólica campina. Sabia que ela estava ali fora, em alguma parte.

—Possivelmente nos tenhamos equivocado, milorde. Talvez lady Dynna não se dirigiu para cá.

—O que quer dizer?

—Nesta ocasião é diferente da primeira vez que fugiu. Desta vez a acompanha o viking. Ele quer retornar a sua terra natal. Acredito que suspeitariam que o primeiro lugar que os buscariam seria no lar de sua família, assim evitariam dirigir-se para lá.

Sir Thomas procurava evitar que sir Edmund se dirigisse ao autêntico destino de Dynna.

Edmund lhe lançou um olhar zangado. Enfurecia-o que lhe recordasse que Dynna já tinha fugido dele em outra oportunidade. Duvidava da lealdade de sir Thomas e decidiu que, depois da morte de seu pai, desfaria-se desse homem.

—E eu lhe digo que é o primeiro lugar a que se dirigirão. —insistiu — Onde mais achariam a assistência necessária para ajudar ao viking a escapar a sua terra natal?

—Mas deve saber, milorde, que ele é um saqueador viking que sabe viver da terra. O Falcão Negro não seria tão parvo para acompanhar Dynna até ali. E tampouco esqueça que ela não é sua refém. É uma mulher inteligente e saberá onde a buscarão. Não os encontraremos na casa de seus pais. —argumentou.

—Pode ser que tenha razão, e se meu pai estivesse aqui, estou convencido que seguiria seu conselho. Mas não é assim e desta vez me deixarei guiar por meu instinto.

A frustração embargava a sir Thomas, mas já não podia dizer mais. Se seguia tratando de convencer a sir Edmund de dirigir-se em direção oposta chamaria a atenção sobre si mesmo, assim deixou de insistir e se resignou a seguir sir Edmund aonde fosse. Trataria de proteger a Dynna se a descobrisse, mas não podia fazer muito mais.

—Venha, sir Thomas. Reúna os homens. Cavalgaremos para o lar da Dynna.

Sir Thomas obedeceu. Ao repartir as ordens aos homens sua única esperança era que Dynna e Falcão Negro tivessem seguido suas indicações e se mantiveram a salvo, a distância deles.

Essa noite, em meio da escuridão, Brage deixou Dynna em seu esconderijo e se arrastou até a pequena granja. Fazia uns minutos que a luz da casa tinha se apagado e era hora de pegar o cavalo que necessitavam com tanta urgência.

Quando se aproximou, o cavalo ficou quieto e, aliviado, comprovou que se tratava de um corcel domado e bem treinado. Seu alívio foi ainda maior quando a égua não protestou ao lhe pôr o

cabresto. Não tratou de montá-la mas sim a conduziu fora do curral lenta e silenciosamente.

Dynna tinha ficado esperando sua volta; cada instante de separação lhe parecia eterno e se sentiu muito animada quando Brage voltou conduzindo o cavalo.

—Não teve problemas? —perguntou.

—Não. Tudo estava tranquilo. A égua não resistiu. — disse acariciando o pescoço do animal.

O respeito que lhe inspirava aumentou.

—Então cavalguemos. — respondeu— Embora seja de noite, neste lance o trajeto ao longo do Woodford Way não é perigoso.

Montaram sem sela na égua e Brage acomodou a Dynna diante dele. Avançaram lentamente, não queriam que ninguém os ouvisse.

Por muito que se esforçou por se concentrar em cavalgar, Brage não conseguiu evitar o prazer de montar abraçado Dynna; ia apoiada contra seu peito, as coxas apertadas contra as suas e os quadris encaixados nos seus. Se não tivessem estado fugindo para salvar a vida, possivelmente teria permitido deixar-se distrair pela proximidade dela. Em vez disso obrigou a concentrar-se em cavalgar.

Sentada diante de Brage com as costas presas a seu duro peito, Dynna voltou a pensar em Warren. Brage não se parecia com seu marido absolutamente, e entretanto a atraía de um modo

elementar que ia contra toda lógica. Só fazia quinze dias que se conheciam; entretanto, era como se o conhecesse sempre. Warren nunca lhe tinha despertado semelhantes sentimentos. Tinha sentido afeto por ele, era um bom marido e se davam bem, mas jamais tinha existido essa tensão entre eles..., essa paixão que aumentava com cada carícia e cada beijo.

Brage cavalgava a passo firme e não se deteve até que o terreno se tornou mais abrupto. Tinham trocaram escassas palavras, não queriam pôr em perigo sua segurança. Quando por fim procurou um lugar para descansar voltou a ser em um bosque que os esconderia.

Depois de deslizar do lombo do cavalo, Brage estendeu os braços e a ajudou a desmontar. Quando seu corpo roçou o dela o contato foi arrombador, inclusive depois das muitas horas de montar abraçados. Ambos esqueceram o cansaço e se amaram, ansiosos por fundir um com o outro.

Uma vez satisfeita sua selvagem paixão, permaneceram estendidos junto ao outro, desfrutando dos momentos de descanso.

—Me fale de sua família, Dynna. —disse Brage. Sabia que logo se enfrentaria a ela, queria estar preparado.

—Só tenho mãe e pai. Tinha um irmão menor, mas morreu faz muitos anos.

—Amavam-no. —Era uma afirmação, não uma pergunta, porque Brage tinha notado a tristeza de sua voz.

—Muitíssimo.

Guardaram silêncio um momento, recordando suas próprias perdas.

—E você, senhor viking? Como é sua família? — perguntou Dynna, porque precisava saber mais coisas dele — Só sei que é o Falcão Negro, filho do Anslak e pouco mais, exceto que têm um irmão chamado Ulf.

—Ulf é meu meio-irmão, o filho da amante de meu pai. —respondeu — É mais velho que eu.

—São amigos?

—Parece surpreendida.

—Segundo minha experiência, frequentemente os herdeiros legítimos maltratam aos filhos das amantes.

—De jovens, Ulf e eu estávamos acostumados a competir. Ambos queríamos impressionar a nosso pai com nossa força e destreza, mas agora ele se orgulha de me proteger. Entretanto, quando voltar a vê-lo lhe direi quão mau o fez a última vez.

Brage se interrompeu e uma ideia desagradável lhe passou pela mente. Franziu a testa, procurando convencer-se de que era impossível, mas não o obteve. De jovens, ele e Ulf tinham brigado por tudo, procurando determinar qual dos dois era o predileto de seu pai. Acaso as risadas de Ulf quando Brage o derrotava só encobriam seus autênticos sentimentos? pensá-lo rompia o coração, mas...

—E o resto de sua família? —continuou Dynna.

—Minha mãe morreu quando eu era menino. — respondeu.

—É graças a ela que têm o cabelo escuro?

—Era irlandesa, uma escrava até que meu pai a libertou e se casou com ela. Desde aí meu apelido de Falcão Negro.

—Assim que seu título não se deve a seu coração a não ser a seus cabelos? —brincou Dynna com voz sensual.

—Crê que meu coração era negro?

—As histórias de suas pilhagens são conhecidas em toda a comarca. Muitos acreditam que sua alma e seu coração são negros como o breu. Outros afirmam que não têm perdão. É o Falcão Negro, o mais feroz de todos os saqueadores vikings.

Brage a estreitou entre seus braços.

—Quer que saqueie seu porto, princesa? Seu bem mais precioso?

—Já acabou com minha resistência, senhor viking. Só fica me submeter ao poder que exerce sobre mim. —disse, deslizou-lhe os braços ao redor do pescoço e o beijou — Ser criado sem uma mãe que se ocupasse de suas necessidades deve ter sido difícil para você.

Brage encolheu de ombros ao tempo que Dynna apoiava a cabeça em seu ombro.

—Não o notei. Tinha a meu pai. Mais adiante, meu pai se casou com Tove e tiveram um filho: Kristoffer.

—Assim têm dois meio-irmãos. Kristoffer também navega com você?

—Faz pouco tempo. É jovem e ânsia alcançar sua própria glória. —Brage sorriu ao recordar o entusiasmo de Kristoffer antes de empreender o ataque. Navegar com ele e com o Ulf o tinha excitado e fez uma careta ao pensar quanto teria sofrido o jovem ao ver que o poderoso Falcão Negro caía derrotado. Alegrou-se de que o pouco experiente jovem não tivesse sofrido feridas durante a batalha; ao recordar voltou a pensar na traição e a suspeita o corroía.

Dynna, estendida junto a ele, notou que ficava tenso.

—Tem algo que o preocupa? —perguntou.

—Estava pensando que entre meus homens há um traidor. —reconheceu.

—Lembro que falou disso quando estava com febre. Sabe quem é?

Brage repassou mentalmente todo o ocorrido. Tratou de evocar as conversações com Ulf enquanto navegavam, procurando recordar qualquer comentário sutil ou ação que revelassem que ele era o traidor, e então vieram à memória suas palavras: «Se não fosse por umas poucas palavras soltas ante os deuses, seria eu quem encabeçaria este ataque. Em vez disso, fui relegado por nosso pai para o cobrir as costas...»

Uma pontada de dor o tinha atravessado ao pronunciar aquelas palavras, não em tom de graça a não ser soltas por alguém que o invejava e queria ocupar sua posição. Ulf... Não podia ser Ulf, e entretanto... quem mais poderia ter sido?

—Temo que sim. —replicou entre dentes — E anseio que chegue o dia em que possa me vingar do niding!

—O que significa niding? —Dynna nunca tinha ouvido essa palavra.

—É um termo viking que descreve a alguém que é desleal e covarde, e este é ambas as coisas. —Mas ao dizê-lo, a ideia lhe pareceu repugnante. Ulf, o homem em quem tinha acreditado durante anos, seu irmão e seu amigo... um traidor?

—Por que alguém teria que lhe trair? Por acaso todos seus homens não compartilham a pilhagem?

—Sim.

—Então por que o trairiam?

—Eu mesmo me perguntei isso. Por que, com efeito? Averiguarei a resposta antes que o homem caia morto a meus pés. Meus homens eram os melhores entre todos os guerreiros, e agora muitos morreram por sua culpa! —Obteria sua vingança; logo voltaria a estar em seu lar e descobriria o traidor.

—Lamento seu sofrimento. O culpado deve o odiar, porque do contrário, por que causaria tanto dor e tristeza a outros?

—Não sei. Sempre fui um homem de honra, e acreditei que quem me seguia, também.

—Sir Edmund e lorde Alfrick sabiam que atacariam com quatro semanas de antecipação. Por isso dispuseram de tempo suficiente para recorrer à ajuda de seus vizinhos. Seja quem for que revelou seus planos a lorde Alfrick, teve que fazê-lo muito antes.

Brage fez memória das semanas anteriores a fazer-se ao mar. Muitos de seus homens tinham estado em suas granjas, longe da aldeia de Anslak. Ulf e vários outros tinham estado ausentes durante um tempo. Inclusive o jovem Kristoffer, comercializando no Hedeby. Nada disso supunha uma prova condenatória.

—Quem dera tivesse estado presente quando meu pai recebeu a notícia de que eu seguia com vida. — se lamentou Brage — A reação de cada um deles teria seria muito eloqüente.

—Possivelmente jamais averigüe quem foi o autêntico traidor.

—Pode ser, —disse Brage, encolhendo os ombros — mas acredito sabê-lo. Descobrirei a verdade com o tempo. Não me apressarei a chegar a uma conclusão sem provas.

Então se deu conta de que nunca tinha falado com uma mulher sobre isso. Sempre tinham sido distantes. Adorava-as por sua suavidade e a satisfação física que seus corpos lhe proporcionavam, mas não tinha amado a nenhuma nem mantido uma conversa íntima com elas..., até esse momento, com a Dynna. Tinha lhe falado como falaria com seu pai e isso uma revelação e se maravilhou pela confiança que ela inspirava. Tinham iniciado

aquela aventura em desacordo: Ele sem confiar nela, ela obrigando-o a cumprir contra sua vontade, e agora...

A ideia que a atração mútua possivelmente era algo mais que uma paixão física causada pelo desespero que ambos compartilhavam o intrigava. Era como se de repente visse Dynna com outros olhos, não só era valente e inteligente, também era terna e sensível.

Junto a ela, Brage não conseguiu resistir à tentação. A suave curva de seus seios contra o seu e a doce curva de sua coxa foi um incentivo mais que suficiente. Elevou-a e a beijou com uma paixão que surpreendeu a ambos. Devolveu seus beijos e as carícias, e saber que ela o desejava tanto como ele, o encheu de satisfação.

Que Brage queria voltar a possuí-la a encheu de deleite. Tinha notado sua dor ao lhe falar da traição e quis aliviar sua tortura. Embora suas palavras pareciam servir de consolo, agora o que desejava para entreter-se era seu corpo e se entregou a ele generosamente.

Quando uniram seus corpos o prazer foi delicioso e ambos compartilharam seus mais profundos desejos. Depois dormiram, abraçados, saciados e contentes.

Anslak estava de pé na proa de sua nave, os olhos cravados no horizonte ocidental. Logo alcançariam as terras que procuravam. Logo teriam recuperado Brage. Tinha zarpado cinco naves, cada uma tripulada por ao menos cinquenta guerreiros. Se lhe preparavam uma emboscada quando fossem buscar Brage, estariam preparados.

Anslak deu uma olhada em Kristoffer, que ia na proa da nave de Brage. Kristoffer tinha celebrado a notícia de que iriam resgatar a seu irmão com tanto desenfreno que tiveram que carregá-lo nos braços até a nave, mas agora, à medida que se aproximavam da costa, dirigia a seus homens com mão e olhar firme e estava disposto a fazer o que fosse necessário para assegurar que seu irmão retornasse são e salvo.

Anslak dirigiu o olhar a um terceiro drakkar ao comando de Ulf e viu que seu filho maior falava com seus homens. Ulf era um excelente cabeça e um feroz guerreiro. Tinha sido o melhor amigo de Brage e Anslak sabia quanto sofreu quando acreditaram que seu irmão estava morto.

Também Tove se alegrou ao saber que Brage estava vivo e lhe prometeu que a sua volta seria celebrada uma festa interminável.

Anslak se sentiria satisfeito quando Brage voltasse a pilotar sua própria nave e só esperava que lorde Alfrick não o tivesse tratado muito mal. Logo saberiam e, em caso de que assim fosse, pagariam-lhe com a mesma moeda.

Hereld foi recebido em audiência por lorde Alfrick assim que chegou.

—Que notícias traz de Anslak o viking? —perguntou lorde Alfrick.

—Foi ao mar um dia depois de minha partida. — respondeu Hereld e rapidamente lhe disse onde se encontraria o viking com eles.

—Uma boa eleição. —disse lorde Alfrick em tom pensativo—. Esse lugar oferece escassas oportunidades para uma emboscada.

—Estará ali de madrugada, depois de amanhã. Antes de pagar o ouro do resgate quer comprovar que seu filho está vivo e ileso.

—Bem. —repôs lorde Alfrick em tom abrupto.

—Cumpri com suas ordens, milorde. —prosseguiu Hereld, uma maneira sutil de o informar que esperava o pagamento prometido.

—Sim, o fez. —Alfrick indicou a um de seus homens que se aproximasse com um pequeno cofre — E receberá sua recompensa. Pagarei a metade agora e a outra metade quando tiverem me pago o resgate.

Lorde Alfrick agarrou o cofre e o entregou a Hereld.

—É um homem justo e honesto, milorde. —Ao notar o peso do pequeno cofre, Hereld se prostrou — Levar sua mensagem a Anslak foi uma honra e contarei louvores do senhor na frente de todos. Não só é um feroz e poderoso guerreiro, também é um homem de palavra. —acrescentou, e fez uma reverência.

—Descobrirá que quando tudo tenha acabado, sua honra será ainda maior. Pode ir, mas não se afaste. Quero que depois de amanhã, quando chegar Anslak, acompanhe-me.

—Sim, milorde. Ali estarei. —respondeu Hereld. Seguro de que agora tudo se desenvolveria sem complicações, abraçou o cofre e abandonou o quarto.

Alfrick o observou enquanto partia, quase divertido por sua atitude. A única coisa que importava a Hereld era obter benefícios. Ao menos, frente a alguém tão descarado, as pessoas sabiam o que esperar.

Então voltou a pensar no Falcão Negro e no resgate e, não pela primeira vez, amaldiçoou a situação em que se encontrava. Os vikings desembarcariam na costa em um dia, esperando recuperar a um dos seus. A única esperança de Alfrick era que Edmund tivesse retornado com o prisioneiro. Do contrário, veria-se obrigado a idealizar o modo de apaziguar Anslak e evitar o derramamento de sangue. Hereld tinha dito que o chefe viking não era um homem compassivo. Se decidia não dar crédito que o Falcão Negro tinha escapado, possivelmente aconteceria uma terrível batalha..., uma em que ele sairia derrotado. Alfrick sabia que devia encontrar um

modo de evitar que se enfrentassem e só esperava que fosse capaz de fazê-lo.

CAPÍTULO 15

Hereld, sir Roland e diversos amigos deste desfrutavam de uma taça de hidromel no Grande Salão. Todo o acontecido o tinha deixado de muito bom humor e não via a hora de que se realizasse a troca para cobrar o resto da recompensa prometida.

—Onde está sir Edmund e sir Thomas? —perguntou a sir Roland, já que não os tinha visto desde que retornou à torre.

Sir Roland lhe lançou um olhar surpreso.

—É que não sabe? Acaso lorde Alfrick não conto o que aconteceu?

—Me dizer o quê? —De repente o tom do outro inquietou Hereld.

—Que o Falcão Negro escapou.

—Que fez o quê? —exclamou Hereld em tom estupefato. Lorde Alfrick tinha dito que queria que o acompanhasse quando se encontrasse com o Anslak ao dia seguinte, mas Hereld sabia que seria suicida se não dispuham do prisioneiro para realizar a troca.

—Ao que parece, lady Dynna o ajudou a escapar e o acompanhou com o fim de evitar o casamento com sir Edmund. Faz dias que sir Edmund esteve procurando na campina em busca de ambos. Até agora não tivemos notícias. Quando se supõe que chegara os vikings?

—Chegarão depois de amanhã. Fixou-se um lugar de reunião. Estão mais que dispostos a pagar o resgate para recuperar o Falcão Negro.

—E o que farão se o Falcão Negro não aparecer? — perguntou um dos homens.

—Não saberia dizê-lo. —Hereld mentia, porque não queria que soubessem quão assustado estava ante essa possibilidade — Pode que se alegrem que tenha escapado.

—Isso seria o melhor. —comentou sir Roland.

—Sim, é verdade. —assentiu Hereld e esvaziou a taça de hidromel de um gole.

Contemplou aos homens que o rodeavam e se perguntou se saberiam que só restavam umas horas de vida. Se o Falcão Negro não aparecesse, Anslak se enfureceria e o que aconteceria depois disso não seria nada agradável.

Hereld ficou de pé, fingindo estar cansado.

—Voltar a lhe ver foi um prazer, —disse— mas a viagem foi longa e tenho que me retirar. O verei amanhã.

Outros lhe desejaram boa noite em tom indiferente.

Hereld agarrou o cofre e abandonou o Grande Salão simulando tranqüilidade. Voltou a dirigir-se a sua nave procurando dissimular seu nervosismo, mas assim que subiu a bordo ordenou a seus homens que zarpassem.

—O que acontece, Hereld? Por que retornou da torre tão logo? —perguntou um.

—Temos que nos dirigir ao sul, nesta mesma noite.

—Mas por quê?

Hereld lhe explicou a situação em que se encontravam.

—O Falcão Negro já não é prisioneiro de lorde Alfrick e não quero estar perto da torre quando Anslak descobrir o ocorrido.

—Deu-lhe a recompensa que lorde Alfrick prometeu?

—A metade, me conformarei com isso, a condição de seguir vivo para desfrutá-la. Zarpemos agora, antes que amanheça. Quero me pôr fora do alcance de lorde Alfrick antes que descubra que fugi.

Enquanto iam para o mar, Hereld considerou que suas cem libras de ouro e a soma contida no cofre que lhe entregou lorde Alfrick eram um pagamento razoável, mas pensava que não valia a vida.

Brage e Dynna se levantaram na alvorada e cavalgaram todo o dia. Sentiam-se famintos e o cavalo estava cansado, mas não se detiveram. Apenas tomaram um breve descanso. A torre de seus pais estava a seu alcance e cavalgariam toda a noite se fosse necessário. Precisavam chegar antes de Edmund.

Pouco depois de remontar uma colina, Brage vislumbrou a torre do pai de Dynna e suas extensas propriedades pela primeira vez.

—Chegamos... —exclamou ela, e as lágrimas banharam suas bochechas ao ver o lar familiar.

—É verdade, mas pode ser que Edmund também se encontre ali. —comentou Brage; ainda não estava disposto a baixar o guarda.

—Não vejo indícios de sua presença ou de seus homens.

—Poderiam encontrar-se no interior. Temos que ser precavidos e não nos apressar a entrar.

Dynna sabia que tinha razão.

—Aguardemos até que escureça, —sugeriu — há uma entrada secreta. Adiantarei-me e comprovarei que podemos entrar sem correr perigo.

Brage assentiu.

—As terras de seu pai, são extensas?

—Sim, mas não tanto como as de lorde Alfrick. Por isso meu pai aprovou e fomentou meu casamento com Warren. Supôs uma medida diplomática proveitosa, porque a aliança nos reforçou.

—O que opinará seu pai na sua volta ao lar?

—Compreenderá. Enquanto que Warren gozava de sua aprovação, todos sabiam que se Edmund tivesse pedido minha mão a teria negado.

—Seu pai é um homem sábio.

Dynna assentiu e acrescentou:

—Agora estaremos a salvo. —Nesse lugar, ela tinha desfrutado do afeto e aceitação mais absoluta. Ali tinham transcorrido os dias mais felizes de sua vida. Estava em seu lar.

—Esta certa de que seus pais me darão as boas-vindas? — quis saber Brage.

—Confiam em mim. Você me ajudou nisso, senhor viking. Eles ajudarão.

Brage esperou que estivesse certa. Nesse momento compreendeu até que ponto a denúncia do traidor o tinha afetado. Agora desconfiava de todos, disposto a encontrar enganos e traições, e se perguntou se algum dia voltaria a recuperar a confiança em outros.

—Venha, mostrarei-lhe onde pode se esconder até que tenha escurecido o bastante para que eu possa entrar. —acrescentou Dynna.

Conduziu Brage a uma zona atrás da torre e permaneceram escondidos até que caiu a noite.

—Talvez demore um pouco, mas não tema, retornarei por você. —prometeu Dynna.

Contemplaram-se na penumbra; Brage a abraçou e se beijaram antes de separar-se: Ambos sabiam que seu vínculo mudaria quando ela tivesse atravessado o portal da torre.

—Tome cuidado, Dynna. —lhe advertiu.

—Terei. —Depois partiu e se encaminhou para a pequena porta oculta.

Tal como Dynna tinha suposto, sir Eaton, o mais antigo dos homens ao serviço de seu pai, estava de guarda na frente da porta.

—Lady Dynna! —exclamou, surpreso e desconcertado quando ela apareceu em meio da escuridão. Olhou-a fixamente, com expressão perplexa. Era ela, não cabia dúvida, mas levava roupas de moço.

—Sir Eaton! Felizes os olhos que lhe vêem. —o saudou com uma cálida sorriso.

—Eu também me alegro de lhe ver, milady, mas o que esta fazendo aqui? —Quando Dynna visitava a torre não acostumava entrar por ali, mas sim cavalgava orgulhosamente através da porta principal.

—É uma longa história e agora não tenho tempo de lhe contar isso, me diga, sir Eaton, alguém veio à torre hoje?

—Acudiram toda classe de pessoas, como de costume. — respondeu ele, ainda perplexo.

—Quem me preocupa é Edmund, o irmão de meu marido morto, e seus homens. Chegaram hoje?

—Oh, não, milady. Saberá. Ninguém desse estilo chegou à torre.

—Graças a Deus. —respondeu Dynna, muito aliviada. Agora podia retornar junto com Brage.

—Aonde vai, lady Dynna? Não pode partir assim...

—Voltarei imediatamente. Vos rogo que informe a meus pais de que retornei e me acompanha alguém em quem confio. Lhes diga que é importante que me reúna com eles agora mesmo.

—Sim, milady. —Sir Eaton a seguiu com o olhar e logo se apressou a cumprir suas ordens.

Dynna retornou a toda pressa ao lugar onde a aguardava Brage com o cavalo.

—Podemos entrar sem perigo. —lhe disse — Edmund ainda não chegou.

—Temos que agradecer a sir Thomas. —respondeu Brage, e empreenderam caminho à torre conduzindo ao cavalo.

Brage acalentava a esperança de que sir Thomas tivesse conseguido encaminhar sir Edmund em direção oposta à torre. Nesse caso, disporia do tempo necessário para empreender a volta a seu lar. Não obstante, se chegasse em um ou dois dias, escapar seria mais difícil mas não impossível. Seja como fosse, agora isso não tinha importância, porque o importante era que tinham alcançado a torre sem ser apanhados, e que seus pais a protegeriam.

Brage seguiu Dynna através da estreita porta e alcançou o interior da fortaleza. Um dos homens de seu pai foi a seu chamado e se cuidou do cavalo.

Sir Eaton saiu a seu encontro quando se aproximaram da sala. Ao ver o homem alto que levava o escudo e a espada viking quase desmaiou a sua para defender-se. Dynna notou que estava nervoso e se interpôs entre eles.

—Não tema, sir Eaton. Este é Brage e desde que abandonei as terras de lorde Alfrick foi meu protetor.

—Mas é um viking, milady! —protestou sir Eaton, com a vista cravada no Brage.

—É, mas está aqui como amigo, não como um inimigo.

—O que você diga, milady. —disse, retrocedendo e lhe franqueando o passo — Seus pais lhe aguardam em sua câmara privada.

Com a cabeça erguida, Dynna fez passar Brage e ignorou as olhadas curiosas dos homens de seu pai que ocupavam o Grande Salão.

—Por aqui— disse, avançando com passo majestoso e seguida por Brage, que jogou uma olhada em torno da torre. Embora ampla e limpa, não era do mesmo tamanho que a de lorde Alfrick.

Dynna se deteve ante uma porta fechada e chamou uma vez antes de ser convidada a entrar. Ao abrir viu sua mãe, de pé junto a seu pai ao outro lado da sala. Incapaz de conter-se, correu para eles e virtualmente se jogou em braços de sua mãe.

—Mamãe! —exclamou com as bochechas banhadas em lágrimas — voltei para meu lar!

—Filha querida, tenho sentido uma grande angustia por você. —Lady Audrey estreitou a sua filha nos braços e derramou lágrimas de alegria. Só tinha visto Dynna uma vez após a morte de Warren, justo depois do acidente. Quis levar Dynna para casa, mas

lorde Alfrick não cedeu a seu desejo e o proibiu — Acreditei que nunca voltaria a vê-lá.

—Nem eu a você, mamãe. —disse ela — Teve momentos em que não sabia se conseguiria chegar até aqui.

Lorde Garman, o pai de Dynna, pigarreou para que as duas mulheres a quem mais queria no mundo deixassem de chorar e lançou um olhar a Brage.

—Trouxe uma visita, filha. Quem é este viking?

—Papai, mamãe, este é Brage. Ajudou-me a escapar da torre de lorde Alfrick.

—O quê? Teve que escapar, e nada menos que com um viking? Que classe de tolice é esta? Acaso ao ser a viúva de Warren não foi apreciada e cuidada? —perguntou lorde Garman, zangado e perplexo.

—Não, papai. Foi horroroso. Lorde Alfrick mandou que me casasse com Edmund. O sacerdote tinha chegado e as bodas seriam celebradas em dois dias. —lhe explicou — O sinto, papai, mas não podia fazê-lo. Edmund não é o homem que foi Warren.

—Ambos conhecemos seu caráter, mas não tinha necessidade de fugir dali, verdade?

—Sim. Era a única maneira de me salvar. Faz várias semanas, Matilda e eu tratamos de escapar mas fomos apanhadas pelos vikings quando desembarcaram para atacar.

—Recebemos notícias do ataque, a respeito da derrota que lorde Alfrick infligiu aos vikings e da captura do... —Garman adotou uma expressão de suspeita e se voltou para Brage.

—Sim, papai. É o Falcão Negro.

—E o trouxe aqui? —Garman estava indignado.

—Veio como amigo. Depois da batalha, Alfrick me ordenou que o curasse. Por acaso, descobri que Edmund planejava devolvê-lo aos seus depois de cobrar um resgate e, uma vez que ficasse com o ouro, pensava matá-lo antes que pudesse retornar a seu lar. Foi então que compreendi o que devia fazer.

Dynna olhou Brage, que permanecia em silêncio.

—Se viu obrigada a escapar, acompanhada pelo Falcão Negro... —seu pai acabou a oração em tom incrédulo.

—Não se zangue, papai. Não suportava a ideia de que Edmund me tocasse. Teria preferido morrer antes de me casar com ele. É um homem que goza com a crueldade.

Garman tinha tratado com Edmund no passado e sabia a classe de homem que era.

—Está bem, minha filha. Compreendo-o. —disse e a abraçou.

—Supliquei a Brage que me ajudasse a escapar da torre. Prometi-lhe que em troca de me acompanhar até aqui sã e salva, ajudaríamos a retornar a sua terra natal.

Audrey e Garman contemplaram o viking. Era alto, moreno e bonito, de expressão feroz e porte orgulhoso. Não era de

estranhar que gozasse de uma fama tão terrível... Sua presença era intimidante.

—Estamos agradecidos por acompanhar a nossa filha a casa, Brage. —disse Audrey, e depois se apresentou e a seu marido ao viking.

Brage assentiu com a cabeça, agradecendo as palavras de Audrey. Agora sabia de onde procedia a beleza de Dynna. Embora já mostrasse cabelos brancos, a mãe de Dynna era uma mulher formosa, alta, magra e encantadora.

—É bom que tenhamos chegado aqui sãos e salvos e lhe agradeço as boas-vindas. —respondeu Brage.

—Dynna sabe julgar a outros. Será tratado como um dos nossos. —disse lorde Garman.

—O que necessitará para sua viagem ao lar? —perguntou Audrey.

—Uma nave pequena e ajuda para tripulá-la. Eu também tenho que escapar do destino que lorde Alfrick e Edmund planejaram para mim.

—Conte com isso. —respondeu Garman — Amanhã nos dirigiremos à costa e disporemos de um meio de transporte.

Dynna lançou um sorriso a Brage, encantada de que seus pais se mostrassem tão calmos a respeito da situação. Audrey notou o olhar que sua filha lançou ao viking e compreendeu o que suas palavras não manifestavam.

—Há algo mais... —começou ela— Algo decisivo, papai.

—O que é, minha filha?

—Se Edmund vier aqui, não deve inteirar-se de nossa presença porque do contrário, seria capaz de algo.

—Manteremos em segredo, Dynna. Agora venha, comamos e falemos das medidas a tomar para que Brage possa ir ao mar.

—Enquanto falam, levarei Dynna para cima para que possa tomar um banho e colocar roupa mais adequada. Também disporei roupa limpa para você, Brage. —disse a mãe.

Brage observou como Dynna subia as escadas e não a perdeu de vista até que desapareceu. Garman não deixou de notar seu interesse.

—Agradeço-lhe sua ajuda. —disse ao pai de Dynna — Não estava muito seguro de como me receberiam.

—Qualquer homem que evita que minha filha sofra dano merece minha eterna gratidão. Venha, vamos beber uma jarra de cerveja enquanto aguardamos sua volta. Pode deixar sua espada e o escudo aqui. Não corre perigo enquanto permaneça em minha torre.

Brage quis acreditar, mas se negava a abandonar suas armas depois de ter sido destituído delas durante tanto tempo. Além disso, Edmund seguia um perigo.

—Levarei-as comigo. —disse com determinação.

Lorde Garman assentiu e o acompanhou até a mesa do Grande Salão. Brage deixou o escudo e a espada à mão.

Lorde Garman o notou, mas não disse nada. Via que o viking era um excelente guerreiro e desejou dispor de vários homens como ele que lhe ajudassem a proteger a torre. Suas próprias defesas eram inadequadas; seus homens preferiam dedicar-se ao cultivo da terra em vez de lutar. Suas terras não estavam próximas à costa, assim não tinham sofrido os mesmos devastadores saques vikings que outros. Garman sabia que se alguma vez sofresse um ataque ou um sítio, não seriam capazes de oferecer muita resistência. Por isso tinha permitido que Dynna se casasse com Warren em primeiro lugar. Lorde Alfrick era capaz de reunir um exército poderoso e, estendo-o como aliado, poucos ousariam atacá-lo a ele.

—Obrigada, mamãe. —disse Dynna quando entraram no quarto que tinha ocupado de solteira.

—Por que me agradece, céu?

—Por compreender minha necessidade de escapar.

Por fim, Dynna começava a relaxar. Estar em companhia de seus pais lhe proporcionava a desejada segurança. Ali, junto a sua família, ninguém podia lhe fazer mal.

—Me conte todo o ocorrido, filha. —Audrey insistiu em que lhe falasse de sua desgraça e de sua fuga.

Dynna lhe contou tudo, de principio ao fim: A decisão de lorde Alfrick de casá-la com Edmund contra sua vontade, e sua decisão de escapar com Brage.

—Mas onde está Matilda? Se a levou com você a primeira vez, por que não a acompanhou nesta ocasião? Parece-me inimaginável que a deixasse partir sozinha. —Audrey sabia que a criada lhe era muito fiel a sua filha.

Dynna contou como tinha escapado e que tinha mantido seu plano em segredo de propósito, para evitar pôr em perigo Matilda.

—E o que passa com este Brage? —perguntou, recordando como o tinha cuidadoso — O que significa o viking para você?

—Nada, mãe. —Notou que o rubor lhe cobria as faces. Nunca tinha conseguido mentir para sua mãe.

Audrey continuou como se não a tivesse ouvido:

—Sente algo por ele. Que classe de homem é?

A perspicácia de sua mãe não surpreendeu Dynna, sempre parecia saber o que pensava e sentia.

—Não sei o que sinto por ele, mamãe. É um homem feroz e selvagem, mas também terno e afetuoso. —respondeu com expressão pensativa, que logo se tornou quase triste.

—E o que mais? —perguntou Audrey, porque sabia que Dynna não tinha revelado tudo, nem a ela e possivelmente tampouco a si mesma.

—Temo que amanhã, quando partir, nunca voltarei a vê-lo.
—disse, elevando a vista e contemplando a sua mãe — Não sei se poderei suportá-lo.

—Então significa algo para você. —Audrey compreendia perfeitamente. O viking era muito bonito e tinham estado juntos e a sós durante muitos dias.

—Sim, é verdade, —disse Dynna, lhe lançando um olhar desesperada —, mas não o compreendo. O que sinto por ele é tão distinto do que sentia por Warren... A intensidade de meus sentimentos é quase aterradora; há momentos em que acredito já ter imaginado tudo, mas depois...

—Depois, o quê?

—Depois volta a me tocar, e sei que o que sinto por ele não é um sonho.

—Amanhã pela manhã, uma vez que tenha partido, é quase seguro que não voltarão a se encontrar. Pertencem a mundos diferentes.

—Sei. —A ideia lhe provocava uma profunda angústia, mas sabia que deveria deixá-lo partir — Não posso impedir-lhe.

Sua mãe assentiu com a cabeça.

—Sabe o que sente ele por você? —perguntou.

—Não me disse nada, exceto me considera valente e que nunca conheceu a uma mulher como eu. —disse, suspirando— Mas não me sinto valente quando penso que tenho que me separar dele para sempre.

—Então temos que ver o que acontecerá nesta noite.
Melhor também, compreenderá que você é importante para ele.

—Isso seria maravilhoso...

Audrey se limitou a sorrir. Sua filha merecia a felicidade e se unir-se a esse viking a proporcionava, que assim fosse. Uma trégua entre eles e os vikings também seria muito positiva: Tanto para o comércio para pôr fim à ameaça de uma guerra, por não falar do júbilo que brilhava no olhar de sua filha ao pensar em seu guerreiro.

Audrey decidiu que falaria do tema com Garman mais tarde, quando estivessem a sós.

Dynna tomou um rápido banho, esfregou o corpo e o cabelo para tirar a sujeira acumulada depois dos muitos dias de viagem. Ajudada por sua mãe, penteou sua longa e emaranhado cabelo e logo colocou uma das túnicas de sua mãe e um sobrevestido bordado. Era de uma suave cor rosa que aumentava o brilho de seus olhos cinzas e o rubor de suas bochechas expostas ao sol.

—Está preciosa. Vêem, se olhe no espelho. —a animou sua mãe e lhe indicou que se colocasse diante do espelho de bronze.

Seu aspecto a agradou e Dynna abraçou a sua mãe.

—Retornamos ao salão?

—Os homens nos esperam. —respondeu sua mãe. Ambas saíram do quarto e desceram as escadas que conduziam a Grande Sala.

Era como se Brage notasse a presença de Dynna; elevou a cabeça, dirigiu o olhar para as escadas e viu descer a ambas as mulheres. Guardou silêncio e contemplou Dynna, que lhe pareceu mais formosa que nunca e não desprendeu os olhos dela. Nesse instante compreendeu que ir ao mar sem ela não seria fácil.

As mulheres se sentaram perante a mesa e Garman indicou aos criados que servissem a comida. Dynna e Brage comeram com grande apetite, porque quase não tinham provado nada durante todo o dia.

—Viajaremos até a costa pela manhã. —anunciou lorde Garman— Se o tempo estiver propício, dentro de um dia Brage disporá de uma nave.

Dynna conseguiu sorrir, mas sem alegria, e virou-se para Brage.

—É bom que retorne a seu lar. Sei quanto sente falta dele, e também a sua família.

—Será bom voltar a vê-los, mas não descansarei até descobrir quem me traiu.

O que o impulsionava era o desejo de vingança, o mesmo que o manteve com vida quando outros homens de menor valia tivessem sucumbido a suas feridas. Dynna não disse nada mais, estava aflita.

Durante o resto da comida conversaram animadamente e, quando chegou a hora de retirar-se, Dynna quis passar uns minutos a sós com Brage.

—Será melhor que Brage se aloje no quarto da torre, é separada e poucos conhecem sua existência. —disse Garman — Se houver problemas, poderá esconder-se ali.

Dynna quase desejou que seu pai lhe desse um quarto mais próximo ao seu, mas por seu próprio bem era melhor que seus quartos estivessem afastados. O que ambos deviam dizer-se, teria que ser dito nessa mesma noite. Porque no dia seguinte ele teria partido.

—Acompanharei-o até seu quarto. —disse Dynna a seus pais.

—Direi às criadas que lhe preparem um banho e roupa limpa. —ofereceu Audrey.

Brage voltou a lhe agradecer, ficou de pé, recolheu a espada e o escudo e seguiu Dynna.

Ambos se dirigiram às escadas e as subiram lentamente.

—Logo tudo terá acabado e empreenderá o caminho para sua casa. —disse Dynna em voz baixa.

—Acreditei que seria impossível abandonar este lugar sem liberar uma batalha.

—Possivelmente tenha momentos em que as coisas se desenvolvem como é devido. Talvez os finais felizes existem. — Dynna falou sem olhá-lo, a dor que lhe provocava a separação era muito grande.

Ambos alcançaram o quarto situado no alto da torre e permaneceram de pé, a sós.

—Virá pela manhã para se despedir junto com seu pai?

—Não poderia deixar que parta sem lhe dizer adeus.

Brage se aproximou dela, abraçou-a e se fundiram em um beijo ardente. Quando a criada bateu na porta, Dynna se afastou. Cravou o olhar nos traços amados para memorizá-los e gravar-lhe no coração. A criada voltou a chamar e lhe abriu a porta.

—Tenho que lhe desejar boa noite, senhor viking. — disse, enquanto as criadas entravam para lhe preparar o banho.

—Boa noite, Dynna. —repôs Brage e ficou olhando como partia do quarto. De sua vida. Pareceu-lhe ver uma lágrima em sua face, mas não estava certo disso.

Quando as criadas cumpriram sua tarefa e partiram, Brage se inundou na tina e se lavou. Estava de mau humor. Voltaram a bater na porta e uma das criadas entrou.

—Perguntava-me se necessita algo mais. —perguntou a criada; oferecia-lhe algo mais que seus serviços. O viking era um homem bonito e se ele desejasse, ela não teria inconveniente em consolá-lo.

—Não. Vá. Quero ficar sozinho. —Não desejava um sexo rápido com uma criada e se surpreendeu ao comprovar que a ideia o desgostava. Só havia uma mulher que desejava ter em seu leito, só uma que despertava seu ardor, e essa era Dynna.

Brage amaldiçoou em voz baixa. O desejo de vingança o impulsionava a retornar junto aos seus e descobrir o traidor. Mas, embora procurou concentrar-se na necessidade de que o culpado

pagasse suas dívidas, não conseguiu tirar Dynna de seus pensamentos.

Dynna... apareceu sua imagem: Dynna a valente... Dynna a curandeira... Dynna a amante... Voltou a amaldiçoar. Por acaso era impossível esquecer a atração que sentia por ela, igual a tinha esquecido às outras mulheres de sua vida?

Com o olhar perdido, Brage recordou sua coragem e sua beleza, sua reação ante suas carícias e seus beijos, e descobriu que desejava voltar a estreitá-la entre seus braços, acariciá-la e fazer amor nessa mesma noite, em uma cama autêntica e confortável, não em meio da natureza. Queria ir ao seu quarto mas sabia que não devia, não nessa noite e em casa de seus pais.

Terminou de banhar-se e tratou de dormir, mas não pôde. Acostumou-se a fazê-lo a seu lado. Quanto mais pensava em Dynna, quanto mais aumentava o desejo de estar junto a ela. Pensou na volta a seu lar, em reunir-se com sua família, mas a perspectiva não lhe proporcionava alegria a menos que Dynna estivesse com ele.

Incapaz de descansar, Brage se levantou e começou a caminhar de um lado a outro. Que classe de mulher era aquela feiticeira que o perseguia inclusive quando se preparava para jogar-se no mar, retornar a seu lar e recuperar a liberdade? Deteve-se ante uma das estreitas janelas da torre e contemplou o espaçoso céu noturno. As estrelas brilhavam e a lua era chapeada. Era uma noite para os amantes e entretanto ele estava sozinho, como Dynna.

De algum modo, nesse momento Brage compreendeu que era uma noite para amantes. Eles tinham sido amantes. Estavam destinados a estar juntos: Ele, o intrépido Falcão Negro, e ela, a valente saxã que o tinha domado. Por fim reconheceu por si mesmo, amava Dynna. Nunca havia dito essas palavras a nenhuma mulher. Nunca tinha se declarado, mas agora o faria, porque a amava e só queria a ela.

Brage sentiu o impulso de dirigir-se ao seu quarto e lhe confessar seu amor. Queria dizer-lhe que o acompanhasse a sua terra natal e se transformasse em sua esposa. Queria tê-la a seu lado, todos os dias e todas as noites. Então a imaginou com o filho de ambos enchendo seu ventre e, para seu grande assombro, descobriu que a ideia o agradava. Estavam destinados a estar juntos e a ideia de separar-se parecia intolerável.

Então sentiu um enorme alívio e uma grande espera. No dia seguinte, antes de abandonar a torre com seu pai, declararia seu amor a Dynna. Pediria-lhe que se convertesse em sua esposa.

Por fim Brage se tranqüilizou. Voltou a deitar na cama e dormiu, ansiando que chegasse o alvorecer para vê-la e lhe expressar seus sentimentos. Levaria-a consigo a seu lar, porque não podia imaginar a vida sem ela.

Dynna se mexia na cama. Depois de deixar Brage, tinha compreendido a intensidade dos sentimentos que despertava. Amava-o como nunca tinha amado a nenhum outro. A ideia de o perder rompia o coração. A morte tirou Warren, mas Brage.... Brage estava vivo! Seu único temor era que partisse sem saber que ela o amava.

Dynna não demorou para decidir o que devia fazer. Não seria fácil, nunca tinha ousado proclamar seu amor a um homem. Com Warren não foi necessário, mas era Warren. Agora era Brage, o homem cujas carícias acendiam sua alma, o homem que queria amar durante toda sua vida. Não suportava a ideia de que pela manhã a abandonasse. Ignorava o que ele diria quando lhe manifestasse seu amor e dissesse a ele que não queria que partisse, mas não podia deixar acontecer o momento sem expressar seus sentimentos.

Tal como tinha descoberto depois da morte de Warren, a vida era muito breve e freqüentemente cruel. Dynna sabia que, enquanto pudesse, devia apegar-se à felicidade. Levantaria-se antes que amanhecesse e diria a Brage que o amava. Não podia deixá-lo partir e, depois de tomar essa decisão, deitou-se e conseguiu conciliar o sonho, porque no fim sabia o que queria e como consegui-lo.

O desastre ocorreu sem aviso prévio. A paz reinava na torre, mas um instante depois os homens de sir Edmund

atravessaram a porta e quando sir Eaton e vários dos homens de lorde Garman trataram de lhe fechar o passo, acharam a morte.

—Foi tão fácil como tinha calculado. —se vangloriou sir Edmund ao entrar no Grande Salão. Tinha irrompido com tanta rapidez que ninguém deu o alarme.

Sir Thomas conseguiu controlar-se, mas ansiava derrubar o homem sanguinário que encabeçava o ataque. Tinha tratado de convencer Edmund de que não recorresse à força para entrar na torre, procurou lhe dizer que se Dynna e o viking não se encontravam ali, as conseqüências seriam graves, mas sir Edmund teimou até tal ponto em que se achariam ali que não quis atender a razões. Assim a sir Thomas não ficava outra coisa que tratar de encontrar Dynna e mantê-la fora de perigo.

Seguiu a Edmund, que subia a escada de dois em dois. Encontrar o quarto principal não foi difícil e irromperam nele, sobressaltando lady Audrey e lorde Garman, que dormiam profundamente. Lorde Garman tratou de levantar-se, mas um dos homens de sir Edmund o impediu lhe pressionando o peito com a espada.

—Onde estão? —gritou sir Edmund, aproximando-se dos pés da cama.

—Onde estão quem? —perguntou lorde Garman—. E o que significa isto?

—Não se faça de inocente. Quero saber onde escondeu sua filha e o viking que ajudou a escapar.

—Não sei do que esta falando.

—Não minta, lorde Garman. Não lhe convém...

—Não me ameace!

—Farei algo mais que lhe ameaçar. —grunhiu Edmund e apoiou a mão no punho de sua espada — Quero o viking e Dynna, e os quero agora.

Como lorde Garman não respondeu com a suficiente rapidez,

Edmund fez um gesto a seu homem e este pressionou a espada com mais força contra o peito de lorde Garman e o obrigou a cair de costas.

Lady Audrey os contemplava com olhar aterrado e se virou para sir Edmund.

—Por que faz isto? Somos os aliados de seu pai. Por que ataca nosso lar? Só tinha que pedir permissão e teríamos convidado para entrar.

—Não me interessa seu convite. Enquanto me entretinham me servindo cerveja e vinho, o viking e Dynna teriam escapado. Mas sei que estão aqui.

—Não sei do que esta falando. —insistiu lorde Garman.

Sir Edmund lhe lançou um olhar incrédulo.

—Se não ficar mais o que fazer, revistarei esta torre pedra por pedra até encontrá-los. Seria muito mais simples que me dissesse onde estão.

Audrey e Garman trocaram um olhar, mas guardaram silêncio.

—Revistem todas os quartos. —ordenou o cavaleiro.

Os homens se apressaram a cumprir suas ordens. Sir Thomas se assegurou de encabeçar a busca. Se encontrassem Dynna seria ele quem a levaria na frente de Edmund. Não permitiria que outras mãos a tocassem.

Só tiveram que registrar três quartos antes de encontrar Dynna. Sir Thomas abriu a porta de par em par e enfrentou a ela.

—Sir Thomas! —Dynna se levantou, cobrindo o peito com o cobertor.

—Deve me acompanhar. —disse sir Thomas em tom severo, para evitar que os homens duvidassem de sua lealdade.

—Por quê? O que aconteceu?

—Edmund está no quarto de seus pais e quer que tragam você e o viking na frente dele. Deve me acompanhar, ou me verei obrigado a lhe arrastar. —Detestava dizer essas palavras, mas não tinha opção. Seria melhor que a levasse, e não os outros.

Dynna assentiu e abandonou o leito procurando conservar a calma. Tremiam-lhe os joelhos mas se envolveu em um xale e avançou majestosamente diante de sir Thomas. Sabia que ele a ajudaria tanto quanto pudesse.

Sir Edmund ainda vigiava Garman e Audrey quando ouviu os gritos triunfais de seus homens ressonando no corredor.

Cravou o olhar na porta e, quando Dynna entrou no quarto seguida de sir Thomas e outros, esboçou um amplo sorriso.

—Assim não sabiam nada de sua filha, lorde Garman? — disse com ironia — Meu pai sentirá um grande interesse quando souber que mentiram.

—Como se atreve a irromper no lar de meus pais e nos maltratar? —exclamou Dynna quando a arrastaram para frente de Edmund.

—Já lhe disse, doce Dynna, que me atreveria a muito por você. Onde está o viking?

—Não sei.

—Por algum motivo, sinto-me incapaz de dar crédito a suas palavras. Quero saber onde está. Não tenho tempo para as adivinhações. Se valoriza a vida de seus pais, responderá com rapidez e me dirá a verdade. Uma vez mais, onde está o viking?

—Se foi. —respondeu Dynna em tom tenso, com a esperança de que Brage tivesse notado a chegada dos invasores e conseguido escapar.

—Foi? Quando partiu?

—Nesta noite. Partiu justo depois da meia-noite. Estou certa que está caminho de seu lar.

—Mentira! —gritou Edmund enfurecido, e a esbofeteou violentamente — Tem que estar aqui!

—Digo-lhe que partiu. —repetiu ela, esperando convencê-lo. Ardia-lhe a face, mas não se encolheu.

O rosto do Edmund expressava o ódio mais absoluto.

—Pois não acredito. Me tragam sua mãe. —disse a um de seus homens.

Um deles arrastou Audrey da cama; Edmund desembaiou sua adaga e, enquanto o homem a aprisionava, pressionou a folha afiada contra a garganta de Audrey.

—Estão se excedendo! —Lorde Garman tratou de levantar-se para ir em ajuda de sua mulher, mas o outro homem o impediu com a espada.

—Bem, minha encantada prometida, saiba que acabar com a vida de sua mãe não me causará nenhuma dor. Sei que a ama mais que a ninguém. A verá morrer para salvar ao viking? Provocará sua morte por negar a me entregar ao Falcão Negro?

—Não seria capaz... —Dynna soltou um grito afogado.

—Claro que sim. —disse e um fio de sangue brotou da garganta de Audrey — Se tiver que matar todos os ocupantes da torre... que assim seja. Logo direi que foram os vikings. Não ficaria ninguém com vida para me contradizer. —acrescentou e soltou uma gargalhada ardilosa ao ver o desespero da Dynna.

Audrey soltou um gemido apavorado. Sempre tinha sabido que Edmund estava louco, mas não que era capaz de comportar-se como um bárbaro. Lorde Garman observava a cena da cama, sem poder fazer nada. Estava acostumado a proteger aos seus e a incapacidade de salvar sua mulher e sua filha de Edmund o enchia de ira. Pensou que talvez poderia mover-se lentamente e

atacar ao homem que o ameaçava com a espada, mas Edmund o notou.

—Se mover um só milímetro, lorde Garman, farei que lhe atravessem com a espada... depois de observar como corto o pescoço de sua mulher!

Voltou-se para esta e disse:

—Bem, onde está o viking?

Dynna não sabia o que fazer. Dois de seus seres queridos estavam a ponto de morrer porque negava a revelar onde se encontrava Brage, mas se dizia onde se escondia, Edmund acabaria por matá-lo. Apertou as mãos para evitar que tremessem. Como sacrificar Brage para salvar a seus pais? O que lhe restava?

—Direi-lhe o que quer saber! —exclamou lorde Garman, sabendo que não lhe restava nada. Uma vez deitados, Audrey tinha revelado quanto amava sua filha a Brage, de maneira que podia imaginar sua dor ao ter que escolher entre salvar suas vidas ou de Brage.

—Ah, um homem sensato. Agrada-me. —repôs Edmund— Se sua filha me disser onde está, talvez lhe perdoe a vida. Quero que seja ela quem me diga onde se encontra o Falcão Negro. E bem, minha amada? —burlou-se — Deixará morrer seus pais ou me dirá isso?

A decisão lhe provocava náuseas, mas não podia fazer outra coisa e lhe disse o que queria saber.

Edmund empurrou Audrey de um tranco.

—Vigiem até minha volta! —ordenou a seus homens e pôs-se a correr, teimado em encontrar ao Falcão Negro.

Audrey desabou nos braços de seu marido, soluçando. Dynna se aproximou deles apressadamente. Dois homens permaneceram no quarto, vigiando-os.

Espada em mão, sir Edmund subiu as escadas que davam à habitação da torre. Sir Thomas e outros lhe pisavam nos calcanhares. Encontraram o quarto sem nenhuma dificuldade e, antes de vencer o último obstáculo, trocaram olhares triunfais. Então sir Edmund derrubou a porta com grande estrondo.

CAPÍTULO 16

Quando a porta se abriu violentamente, Brage despertou imediatamente, empunhou a espada que jazia a seu lado e se preparou para entrar em batalha. A ira o embargou ao ver Edmund avançando para ele e assim compreendeu que os tinham descoberto o consumo a preocupação por Dynna. Estava a salvo? Tinha conseguido evitar Edmund?

Brage se lançou ao ataque brandindo a espada, mas Edmund se defendeu da feroz investida. Se tivessem estado ao ar livre, Brage não teria tido dificuldade para acabar com ele, mas como estava preso no pequeno quarto em que irrompia um número cada vez maior dos homens de Edmund, a morte parecia sua única saída.

Seguiu lutando sem deixar de pensar em Dynna, cada vez mais decidido a matar Edmund antes que o derrubassem. Embora possivelmente fosse o único que pudesse fazer por ela, salvaria-a de Edmund.

Os homens que entraram no quarto estavam armados e preparados. Não tinham deixado de perseguir o viking e ansiavam apanhá-lo. Observaram Edmund enquanto este liberava sua batalha mais importante.

—Quero o matar, viking! —grunhiu Edmund, voltando a lançar-se contra Brage, investindo e atacando ao mesmo tempo que tratava de apertá-lo contra a parede.

—Tenta-o, saxão. —o desafiou Brage, e suas espadas entrechocaram.

Sir Thomas os observava da porta. Viu o anseio de sangue em seus olhares e soube que a luta seria a morte e, por mais que desejasse a vitória de Brage, não podia permitir que acontecesse. Quase não restava tempo, deviam retornar junto a sir Alfrick imediatamente.

—Esquece seu propósito, sir Edmund! Cesse de lutar! —ordenou sir Thomas e entrou no quarto desembainhando sua espada. Sabia que sua intromissão zangaria Edmund, mas lhe era indiferente.

Ao ouvir suas palavras, Edmund fez chiar os dentes porque sabia que sir Thomas tinha razão.

Brage queria seguir lutando, estava disposto a brigar até a morte, mas sir Thomas se interpôs entre ele e sir Edmund com a espada na mão.

—Baixe a arma, viking.

Brage a apertou ainda com mais força.

—Ou melhor nosso amigo deseja morrer. —comentou sir Edmund — Nesse caso, estarei encantado de agradá-lo.

—Diz tolices. —o corrigiu sir Thomas — Temos que abandonar a torre agora mesmo e retornar junto a seu pai.

Quando o homem maior o repreendeu uma vez mais, sir Edmund voltou a zangar-se, mas sabia que tinha razão e baixou a espada.

—Me dê sua arma. —disse sir Thomas a Brage.

Ambos trocaram um olhar e, lenoa e cautelosamente, Brage a entregou.

Dois dos homens de Edmund o agarraram e começaram a arrastá-lo para fora do quarto. Ao passar junto a Edmund, este ordenou:

—Não o mate, mas faça o necessário para que não nos cause problemas.

Quando tiveram assentido e partiram, Edmund se aproximou de sir Thomas com os olhos brilhando de ira e a respiração entrecortada.

—Só o direi uma vez. Jamais volte a me repreender ante meus homens!

—Limitei-me a lhe advertir, posto que sou o conselheiro de seu pai. —respondeu. Notou a ira no olhar de Edmund e não embainhou a espada— Seu pai me disse que me assegurasse de que o viking retornasse com vida, para poder realizar a troca. Limite-me a seguir as ordens de milorde.

Edmund notou o olhar inflexível de sir Thomas e sua atitude agressiva. Só dispunha de um modo de guardar as aparências e o aproveitou. Sorriu reprimindo sua ira.

—Têm razão. Vivo, o Falcão Negro tem muito mais valor para nós que morto. Retornemos às terras de meu pai para conseguirmos o ouro. —disse, e passou junto a sir Thomas sem olhá-lo. Dirigiu-se ao quarto dos pais da Dynna, onde alguns homens aguardavam sua volta na frente da porta — Quatro me acompanharão, outros têm que aguardar junto aos cavalos, logo partiremos. —Os homens o seguiram e entraram no quarto, onde outros dois homens seguiam vigiando lady Audrey e lorde Garman — O viking é nosso. —anunciou Edmund.

—Brage está vivo? —perguntou Dynna, incapaz de esconder sua tortura. Aguardava as notícias, presa do terror. Queria saber a verdade e quando se virou para Edmund, as lágrimas lhe escorriam pelos olhos.

—Por que se preocupa com a vida de um miserável viking, meu doce? —grunhiu Edmund, enfurecido ao compreender o que significava sua angústia — Não tema, querida minha, o Falcão Negro está vivo e me encarregarei de que siga com vida até que tenhamos cobrado o resgate exigido. —acrescentou em tom sarcástico. Logo se dirigiu a seus homens — Vocês seis permanecerão aqui vigiando-os até que eu retorne. Mantenham milorde e milady presos em seu quarto até a noite, logo soltem. Dois de vocês permanecerão com Dynna em seu quarto para «protegê-la» de dia e de noite. Não quero que saia dele e não quero que fique a sós com um de vocês. Compreenderam?

—Sim, sir Edmund. —responderam ao unísson.

—Bem. Obedeçam minhas ordens ao pé da letra; saberei se não o fazem. Uma vez realizado a troca do viking pelo ouro, retornarei por Dynna.

Os homens estavam temerosos; tinham visto o que acontecia a quem o desobedecia e não queriam correr a mesma sorte.

—Venha comigo, Dynna. Tenho que falar com você a sós. —Sem aguardar sua resposta, agarrou-a dolorosamente do braço, quase a arrastou para fora do quarto e fechou a porta atrás deles.

Dynna refreou sua fúria e obedeceu, posto que não queria causar mais problemas a seus pais. Não falou até que alcançaram a sala:

—O que quer de mim? Fugi da torre porque não desejo me casar com você. Nada mudou.

—Ah, mas é que tudo mudou e temos que falar de muitas coisas.

—Não há nada de que falar.

—Têm que sabê-lo, Dynna... —disse em tom feroz e a atraiu para si —É minha. Sou seu dono. —Seu olhar era frio e ameaçador — Quando tiver acabado o assunto do viking retornarei por você, mas não creia que compartilharei meu nome e meu título com você. Deixe de se preocupar, não a tomarei por esposa. Agora será minha puta. Satisfará minhas necessidades e cumprirá com meus desejos. Será menos que a última das escravas. Usarei-lhe,

porque seu corpo é exuberante, mas jamais desfrutará da honra de levar meu nome, e tampouco de minha posição.

—Antes prefiro morrer. Prefiro a morte antes que a desonra. —replicou ela. O coração lhe batia com força e as ideias se amontoavam em sua cabeça.

Edmund a esbofeteou com todas suas forças e Dynna caiu de joelhos.

—Não desfrutará de semelhante prazer. Assegurarei-me de que sofra enquanto me agrade. Talvez, quando eu tiver me cansado de você, serei eu quem lhe conceda esse alívio. —grunhiu, olhando-a fixamente enquanto Dynna, com atitude impertinente, permanecia ajoelhada a seus pés. Seus olhos cinzas brilhavam como a prata e tinha os lábios ensangüentados e inchados. Edmund desejou derrubá-la e apoderar-se daquilo que tanto ansiava possuir. Queria açoitá-la até dobrá-la, desejava-a com um anseio que não poderia saciar nem em cem anos, mas não dispunha do tempo suficiente.

—A morte seria um prazer, comparado a compartilhar seu leito. —se reafirmou ela.

Edmund soltou uma fria gargalhada.

—Há muitas mulheres que estariam em desacordo com você..., muitas que estariam encantadas de ocupar seu lugar.

—Conheci as carícias de um homem. É um animal. Brage é dez vezes mais homem que você!

Ele a agarrou pelos pulsos, obrigou-a a ficar de pé e a esmagou contra seu peito. Agora que ela confirmava o que sempre tinha suspeitado, sua ira se transbordou.

—É uma pena que não disponha do tempo necessário para lhe demonstre o quanto está errada!

A Dynna já não importava o que lhe faria. Seu mundo tinha sido destruído.

—Os dias de sua vida não lhe alcançarão para demonstrar que estou errada!

Edmund a apertou com violência ainda maior e se esfregou contra ela, para que soubesse o que faria quando retornasse.

—Ninguém poderia me dizer as coisas que me disse e seguir com vida. Não deixara de lutar contra mim, mas isso acabou. Domarei-lhe e a treinarei. A verei dócil a meus pés. É minha. Só prolongarei até que tenha encarregado de entregar o viking a meu pai. Se as circunstâncias fossem outras, ficaria e lhe demonstraria que seu desafio terminou.

Dynna notou a dureza de sua virilidade e se sentiu enojada. A potência de Brage a tinha excitado, mas Edmund lhe causava repugnância.

—Detesto-lhe!

Edmund sorriu.

—E me detestará ainda mais antes de que tenha acabado com você. Voltarei. E pretendo lhe encontrar disposta quando retornar.

Separou-a de um tranco e abriu a porta para deixá-la passar. Chamou dois guardas e ordenou que saíssem ao corredor. Depois de indicar como deviam tratar Dynna durante sua ausência, partiu sem olhar para trás.

Quando Edmund saiu aos jardins, o viking estava preso a um cavalo, inconsciente.

—Resistiu a nos acompanhar. —disse um dos homens.

Edmund se limitou a sorrir e fez caso omissso do olhar de desaprovação que lhe lançou sir Thomas. O viking estava como Edmund queria que estivesse.

Dispuseram-se a empreender a cavalgada. Sir Edmund elevou a vista e viu Dynna, observando-o de uma das janelas da torre. Lançou-lhe uma saudação triunfal e montou em seu corcel.

—Temos que retornar a nossa torre. —disse a seus homens— Fica pouco tempo, teremos que cavalgar como o vento.

Abandonaram a torre; a suas costas deixavam a morte, a destruição e a desesperança.

—Venha, lady Dynna, temos que ir. — disse Balder, um dos homens de Edmund e lhe indicou que o seguisse.

Ela assentiu com gesto cortante e se afastou da janela.

—Aonde a levam, Dynna? —perguntou sua mãe em tom preocupado.

—Recebemos instruções de mantê-la presa em seu quarto até que sir Edmund retorne. —respondeu Balder.

—Irei com ela —declarou sua mãe com voz firme. Temia pela vida de sua filha e não queria deixá-la a sós com os homens de Edmund.

—Não. Deve permanecer em seu quarto até amanhã. Só então poderão sair.

—Como se atreve? —rugiu sir Garman, furioso e humilhado pelo trato recebido por parte dos homens de seu suposto aliado.

—Recebemos ordens de sir Edmund e não as desobedeceremos.

Lorde Garman compreendeu que os impulsionava o medo e discutir seria inútil. Um dia pareceria uma eternidade, mas chegaria a seu fim. Os guardas saíram do quarto e fecharam a porta com cadeados.

—Garman? —Audrey pronunciou seu nome em tom dúbio.

—Aguardaremos o momento oportuno, meu amor. —disse ele, aproximou-se e a abraçou — Amanhã poderá visitar Dynna livremente.

—Mas não lhe acontecerá nada mau? E o que passará com Brage?

—Estou certo que Edmund não quer que façam mal a Dynna, mas quanto ao viking... duvido que siga com vida.

Acomodaram-se no quarto em silêncio, esperando pelo dia. Estavam cativos em seu próprio lar, prisioneiros da vingança e o ódio de Edmund.

Enquanto isso, Dynna entrou em seu quarto. Quando se dispunha a fechar a porta, dois homens a seguiram.

—O que significa isto? —perguntou alarmada—. Por acaso não desfrutarei de nenhuma intimidade?

—Não, milady. Lorde Edmund ordenou que lhe acompanhassemos constantemente, que não lhe percamos de vista.

—Mas isso é ridículo!

—São seus desejos, e devemos cumpri-los. —via-se que os homens tampouco compreendiam o motivo de sua preocupação. O que podia ter feito ela para despertar a desconfiança de Edmund a tal ponto? Entretanto, sabiam que era melhor não questionar seus motivos. Fariam o que lhe ordenassem, posto que não desejavam sofrer as conseqüências da raiva de Edmund.

—Mas... —começou Dynna.

—O assunto está decidido —a interrompeu Balder—. Permaneceremos aqui com você até que ele retorne. Será melhor que o aceite.

Dynna notou a determinação dos dois homens e compreendeu que estava presa. Possivelmente mais tarde lhe ocorreria um modo de ajudar Brage.

Fecharam a porta com chave. Balder agarrou a chave e ambos os homens se sentaram no outro lado do quarto.

Dynna desabou na cama, cobriu-se com as mantas e tratou de controlar o pranto enquanto recordava todo o ocorrido. Levaram Brage, preso e indefeso. Tinha visto como o prendiam no lombo do cavalo. Só ficava a esperança de que sir Thomas conseguisse o ajudar e elevou suas preces suplicando que Brage se livrasse do destino que Edmund lhe tinha preparado. Devia ter algo que ela pudesse fazer...

Durante o resto da noite Dynna permaneceu acordada, silêncio, procurando passar por cima que dois robustos guardas que a vigiavam e tratando de idelizar um modo de salvar Brage.

Quando Brage despertou, descobriu que pendurava através do lombo do cavalo e que estava preso, agitando-se com cada passo do animal. Permaneceu imóvel durante um minuto, procurando tranqüilizar-se. Sir Thomas, que conduzia o cavalo, viu que Brage se movia e não disse nada. Mas um dos homens o notou e exclamou:

—Está acordado, sir Edmund!

Ao ouvir o grito, sir Edmund deteve os cavaleiros, desmontou e se aproximou do cavalo conduzido por sir Thomas. Agarrou Brage pelo cabelo, levantou-lhe a cabeça e o olhou nos olhos.

—Bem, despertou por fim... O famoso e temido Falcão Negro está acordado. —Um sorriso cruel e desdenhoso lhe enrugou os lábios magros— Tentou escapar de mim, mas fracassou. Encontrei-o, viking, e volta a ser meu prisioneiro, graças à encantada Dynna.

—Dynna? —Brage não pôde evitar perguntar—. O que aconteceu a ela? O que lhe tem feito?

Ao ver o olhar inquisidor de Brage, Edmund sorriu, baixou a voz e disse:

—Ah, sim. Foi Dynna quem me disse onde se escondia. Mostrou-se muito disposta a cooperar. Ela e eu fizemos um trato.

Até esse momento, Brage não tinha dado crédito às palavras de Edmund, mas quando este mencionou um trato, amaldiçoou-se por ser um imbecil.

—Um trato?

—Sim, informaria-me de seu paradeiro, em troca de poder ficar com seus pais. Convenci-a enquanto estávamos na cama. Suplicou que lhe permitisse ficar na torre, assim fizemos um trato. Poderá permanecer junto a seus pais, a condição de compartilhar meu leito quando me agrada. Assim como vê, ela obteve o que queria, e você volta a estar em meu poder.

A ira se apoderou do Brage. Tudo o que dizia Edmund encaixava: Dynna lhe havia dito que faria o necessário para salvar-se, e isso foi o que fez. por que acreditou que entre ambos existia algo mais que a mera conveniência? Uma vez alcançado o lar de seus pais, já não o necessitava.

Edmund notou o brilho de cólera no olhar de Brage e compreendeu que tinha posto o dedo na ferida. Isso o agradava.

—Dynna sempre compreendeu como são as coisas com muita rapidez. —prosseguiu — Sempre soube como utilizar a outros, como tem feito com você.

Brage amaldiçoou a Dynna em silêncio. Tinha-o traído para salvar-se. Compreendeu que devia a ter deixado na frente da porta da torre de seu pai e seguir viagem a sós. Era a segunda vez que alguém em quem confiava o traía, e sua única esperança era que um dia pagariam suas culpas...

—Sir Thomas. —exclamou Edmund, e se separou de Brage—, deixe que o viking monte, mas prendam suas mãos à costas e sigam conduzindo seu cavalo. Não quero problemas durante a viagem de volta. Temos que nos apressar, não podemos nos atrasar.

Sir Thomas se apressou a soltar Brage e o descer do cavalo. Logo o prendeu novamente e o ajudou a montar. Dada a proximidade de Edmund, não teve oportunidade de lhe falar.

Depois seguiram cavalgando. Edmund estava decidido a alcançar a torre de seu pai o mais breve possível. Sabia que deviam se apressar.

Anslak examinou o lugar de desembarque com olhar crítico. Supunha que haveria problemas; não confiava em que os saxões cumprissem com sua palavra, mas não notou indícios de uma armadilha. Indicou a Ulf e Kristoffer que aproximassem suas naves da sua.

—Quero que desembarque comigo, Ulf. Kristoffer, pegue a nave de Brage e duas mais, e permaneça em alto mar. Se tivermos algum problema, lhe indicarei baixando a vela de minha nave.

Anslak e Ulf navegaram para a costa, enquanto que Kristoffer mantinha afastadas as naves sob seu mando.

Kristoffer permaneceu na proa do drakkar de Brage, observando os movimentos dos outros dois. Queria estar preparado em caso de que seu pai necessitasse dele. Embora os homens de seu irmão tinham obedecido suas ordens durante a navegação, sabia que se alegrariam de recuperar a seu chefe. Perguntou-se quanto maus tratos teria sofrido seu irmão nas mãos dos saxões e quando estaria o bastante recuperado para voltar ao mar. Sabia que a resposta não demoraria para chegar.

O momento da troca estava próximo quando as naves de Anslak e Ulf atracaram na costa. Os homens que os seguiam estavam preparados para lutar. Recordavam a última vez que desembarcaram nesse lugar e estavam mais que dispostos a derramar sangue saxão para compensar as baixas sofridas naquela oportunidade.

—Não lutarão a menos que lhe ordene isso. —lhe disse Anslak— Faremos a troca e levaremos Brage são e salvo. É nosso único propósito e é a única coisa que faremos.

Os homens manifestaram seu acordo com um grunhido. Compreendiam seu desejo de atuar com cautela, mas preferiam lutar.

Ordenou a dois homens que levassem o ouro à proa da nave, mas lhe disse que não o descarregassem até que vissem que Brage estava com eles.

—A metade de vocês permanecerão na nave, outros nos seguirão, mas a certa distância.

Os homens conheciam o plano e estavam preparados.

—Vêem, Ulf. Vamos em busca de Brage para levá-lo para casa. —disse Anslak e ambos subiram a costa em direção ao prado situado mais à frente, enquanto o resto dos homens ficavam um pouco mais atrás.

—Desembarcaram, lorde Alfrick! Os vikings chegaram tal como disseram! —gritou um dos anciões que montava guarda.

Alfrick se preparou para o que viria. Esperava que Anslak fosse um homem paciente e inteligente, um homem razoável. O exército que tinha reunido para lutar contra os vikings durante a incursão do Falcão Negro tinha sido debandado e o grosso de suas forças tinha cavalgado junto a Edmund para procurar Dynna e o viking. De fato, a torre dispunha do número habitual de homens para defendê-la, mas se acontecesse uma batalha, não seriam suficientes. Como não queria que Anslak o descobrisse, tinha apostado em todos os anciões e jovens que conseguiu reunir em posições estratégicas, para que parecesse que todos seus homens estavam realmente ali.

—Onde está Hereld? O traga ante a porta principal. —ordenou Alfrick ao tempo que descia as escadas da Grande Sala.

O criado se apressou a cumprir com o pedido do lorde, mas logo retornou com a notícia que Alfrick não desejava ouvir.

—Sinto muito, milorde, mas Hereld abandonou a torre ontem e não retornou. Um dos homens me disse que zarpou ontem à noite, com a maré.

—Fez o quê? —perguntou Alfrick atônito. Havia-lhe dito ao mercador que queria vê-lo seu lado quando enfrentasse os vikings. Depois da reunião, o mercado devia receber a outra parte do pagamento prometido, assim acreditou que estaria presente.

Acaso Hereld tinha fugido devido ao temor que lhe infundiam Anslak e seus homens?

—Hereld partiu, milorde. —repetiu o criado.

—Chama três guardas; reuniremo-nos com Anslak e outros sem Hereld.

Alfrick abaixou a cabeça de seus escassos homens. Igual a outros, levava uma espada ao cinto, mas no bosque não havia arqueiros para matar aos vikings de uma posição segura e tampouco homens montados armados com espadas dispostos a atacar da torre. Alfrick se perguntou onde estava Edmund enquanto se aventurava a sair ao encontro de Anslak e lhe transmitir a temida mensagem.

Anslak avançou para o lugar combinado para o encontro com Alfrick; não sentia temor, mas sim excitação e cautela. Estavam a ponto de liberar Brage... Podia imaginar sua fúria após ter permanecido prisioneiro durante tanto tempo, mas agora recuperaria a liberdade, e isso era a única coisa que importava. Logo teria recuperado seu filho.

—Não vejo nada incomum. —comentou Anslak à medida que ele e Ulf se aproximavam do ponto da reunião.

—Nem eu. Tudo está tranquilo..., possivelmente muito tranquilo.

—Já veremos. Se planejam nos atacar nos defenderemos, mas hoje a vingança não resulta necessária, só quero recuperar a meu filho são e salvo. Isso foi prometido por Hereld e isso é o que espero.

—Os saxões se aproximam. —anunciou Ulf, e levou a mão à espada.

—Tranqüilo, Ulf. Não faça gestos ameaçadores. Queremos recuperar a seu irmão com vida. —adverteu Anslak.

—Não vejo Brage.

—Nos detenhamos neste lugar. É aberto e o terreno é plano. —Anslak parou e aguardou a que Alfrick e seus homens se aproximassem.

—O saúdo, Anslak —exclamou Alfrick.

—Vim por meu filho, tal como me indicou Hereld o mercador. Exijo vê-lo agora mesmo! —A voz do Anslak era firme e sonora.

Alfrick parou poucos metros dos vikings e disse a quem o acompanhava:

—Dado que Edmund não voltou, não há modo de evitar este momento. Devo lhe dizer a verdade.

—Há alguma maneira de o deter? Conseguir que aguarde uns dois dias? —perguntou um homem em voz baixa.

—E então, quando Edmund não retorne, o que faremos? —replicou Alfrick — Não, é hora de dizer a verdade. Não há nenhuma garantia de que Edmund encontre o Falcão Negro, por acontecer de não trazê-lo aqui a tempo para cobrar o resgate.

Anslak viu que Alfrick falava com seus homens.

—O que diz, saxão? Aguardo sua resposta. Onde está meu filho? —voltou a perguntar.

—Sou lorde Alfrick. Sou quem enviou o mercador para que lhe informasse das condições da troca.

—Sim, sabemos quem é. Temos o ouro. Quando aparecer meu filho faremos a troca. —disse, mas notou que algo não ia bem.

Alfrick tomou ar.

—Tenho que lhe explicar o que aconteceu.

—O que diz? O que aconteceu? —perguntou Ulf, zangado pelas evasivas do Alfrick e preocupado porque não havia rastros do Brage— Onde está meu irmão?

—Não sei.

—O quê? —Anslak e Ulf foram às nuvens. Tinham-lhe assegurado que Brage se encontrava ali, recuperando-se de suas feridas e agora...

—O Falcão Negro escapou da torre faz vários dias. — explicou Alfrick — Após não o vimos nem temos tido notícias dele. Meus homens o estão procurando, mas sem êxito. Fugiu.

Anslak não dava crédito às palavras do saxão.

—Não lhe acredito. Matou-o? Onde está seu corpo? Quero vê-lo antes de acabar com você.

—Não é necessário derramar sangue. Não está morto.

—Onde está Hereld? Me tragam Hereld. Não confio na palavra de um saxão.

—Hereld partiu. Asseguro-lhe que...

—Não me assegurem nada, não lhe acredito. —grunhiu Anslak e desembaiou a espada — Hereld fez afirmações e

promessas em seu nome: Disse que meu filho estava aqui, vivo, aguardando minha chegada, e que me entregariam ele em troca de seiscentas libras de ouro...

—De quanto? —Alfrick estava consternado.

—De seiscentas libras de ouro. Cem por antecipado e o resto agora.

—Só pedi quinhentas libras de ouro! —Com razão o patife tinha fugido, pensou Alfrick.

—Isso só demonstra que é um mentiroso! Tudo o que me disse era mentira! Pagará por seus embustes!

—Não se apresse! Que seus homens revistem a torre, assim verá que não minto.

—Revistemos a torre! Derrubaremos-la se for necessário, mas encontraremos a meu filho! —Anslak franziu o cenho ao contemplar ao mentiroso cão saxão.

—Se estivesse aqui o entregaria, mas não posso lhe dar o que não tenho.

Anslak estava furioso. Brage tinha que estar ali, em alguma parte, e ele o encontraria. Não se incomodou em ordenar ao Ulf que atacasse, ele mesmo deu a ordem.

Os que permaneciam na borda o viram e transmitiram o sinal a Kristoffer, que imediatamente dirigiu as naves para a costa.

A ferocidade das palavras de Anslak equivalia a que sentia Ulf. Brage devia estar ali. Tomariam a esse tal lorde Alfrick

como refém e o manteriam prisioneiro enquanto registravam a torre.

A luta estourou quando Anslak e Ulf se equilibraram sobre Alfrick e sua reduzida escolta. Alfrick lutou com vontade, mas não pôde com os furiosos vikings: Anslak o desarmou com rapidez e Ulf fez o mesmo com os outros.

Uma multidão de vikings se aproximava da costa.

—Agora, lorde Alfrick, revistaremos sua torre e comprovaremos se esta mentindo. —adverteu Anslak em tom colérico. Encontraria Brage com vida ou aos responsáveis por sua morte!

Empreenderam caminho à torre e quando seus ocupantes viram que lorde Alfrick era o prisioneiro dos vikings, não souberam o que fazer.

—Deixem as portas abertas. —ordenou Alfrick—. Os vikings revistarão a torre.

No interior reinava o terror. Com lorde Alfrick e seus homens prisioneiros, e sir Thomas e Edmund ausentes, ninguém os defendia e ninguém os dirigia. Quando os vikings atravessaram a porta, os defensores saxões deixaram as armas no chão. Reuniram-nos e os prenderam junto com seu senhor e começaram a procurar Brage. Os vikings tinham ido encontrar o Falcão Negro, e não se dariam por satisfeitos até ter revistado cada centímetro da torre e averiguado o que tinha sido dele.

Anslak os conduziu até o Grande Salão, Ulf e Kristoffer lhe pisavam nos calcanhares.

—Ulf, revista os quartos da torre com alguns homens. Kristoffer, reúne aos seus e revista os jardins. Quero que revistem cada centímetro. Quero saber o que aconteceu a meu filho. — bramou, e em seus olhos azuis brilhava a ira e a inquietação. Não abandonaria aquele lugar até obter as respostas que procurava.

—O que faremos com o prêmio, pai, se é que o encontramos? —perguntou Kristoffer.

—Tragam-me ou melhor, em vez de pagar com ouro, levaremos um pouco. —repôs Anslak — Aguardarei aqui até que retornem. Se encontrarem a alguém que saiba algo de Brage, tragam-me eu os interrogarei sobre sua ausência.

Dividiram-se em dois grupos e iniciaram o registro. Os criados saxões se encurralaram nos cantos, os vikings os aterravam. Depois das histórias que tinham ouvido sobre eles, temiam por suas vidas.

Ulf abriu a porta de um quarto situado no alto da torre de um chute e a registrou de cima abaixo em busca de algum rastro de seu irmão, mas não encontrou nada. A porta de um dos quartos estava com grades no interior e acalentou uma esperança momentânea de encontrar Brage em seu interior. Com a ajuda de dois de seus homens a derrubou esparramando partes de madeira.

O quarto estava em penumbra e ao princípio não viu ninguém.

—Revistem o quarto ao fundo. —ordenou em tom brusco.

Três dos homens o fizeram e arrastaram a uma mulher que se escondia sob a cama. A mulher começou a lutar assim que a tocaram e durante o alvoroço lhe rasgaram o vestido, e seus peitos ficaram descoberto. Os homens, animados por sua resistência, começaram a manuseá-la.

—Basta! —gritou Ulf de repente — Parte !Eu a interrogarei!

Sua reação desconcertou aos homens, mas abandonaram o quarto com rapidez, deixando Ulf a sós com a mulher.

Ulf a contemplou com expressão atônita. A mulher ruiva que permanecia de pé ante ele, tratando de cobrir-se com a parte superior do vestido, era inconfundível, uma das empregadas saxãs que tinham capturado antes do desventurado ataque.

—O que faz aqui? —perguntou-lhe, aproximando-se dela. Ao contemplá-la, pensou que estava muito bonita com as bochechas avermelhadas e o brilho desafiante de seu olhar.

—Me escondo de você e de seus homens. —replicou em tom altivo, e elevou o queixo para olhar ao gigante, ao que recordava perfeitamente atrás de seu primeiro intento fracassado de escapar.

—E uma vez mais, a encontrei. Talvez deveria praticar isso de se esconder.

Matilda lhe lançou um olhar furioso.

—Se os vikings ficassem em suas próprias terras, a vida aqui seria muito pacífica.

—Onde está o Falcão Negro? —perguntou, obrigando-se a desviar o olhar de seus peitos e recordando por que se encontrava ali.

—Quem dera soubesse. —respondeu Matilda — Então poderia lhe dizer que assim partiria e voltaria de onde veio.

—Tome cuidado, mulher. —grunhiu Ulf.

—Meu nome é Matilda.

—Não me provoque. Viemos para levar a meu irmão, mas todos mentem. Seu senhor é nosso prisioneiro, tomamos a torre. Me diga onde está meu irmão e talvez a deixe com vida.

—Não me assusta, viking. Me mate, se não sobrar mais nada, mas morta não o servirei.

—E do que poderia me servir? —replicou Ulf, maravilhado ante a coragem da criada. A maioria das mulheres se encolhiam de medo na sua presença: Sua estatura, seu peso e sua cicatriz as assustavam. Mas aquela não parecia temê-lo. Ulf sabia que ela e a outra mulher que tinham capturado não eram umas simples camponesas.

—Ao que parece, seu irmão e milady fugiram da torre faz uns dias. Não sei onde se encontram agora, mas sim aonde minha senhora planejava dirigir-se.

—«Milady»?

—Sim, lady Dynna, a viúva de sir Warren, filho de lorde Alfrick. Sou sua criada, fui desde que ela era uma menina. Foi ela quem me acompanhava aquele dia que tomaram prisioneiras. Também é a curandeira que cuidou de Brage.

Ao ouvir que pronunciava o nome de batismo de seu irmão, soube que dizia a verdade.

—Prossegue.

Matilda lhe contou tudo sobre o plano de Dynna para fugir da torre e levar Brage.

—Embora não me disse aonde se dirigiam, para evitar que a raiva de Edmund caísse sobre mim, —acrescentou — acredito que só há um lugar ao que poderia ter ido.

—Qual é?

—O lar familiar.

—Conhece o caminho?

—Sim.

—Então nos acompanhará a mim e a meus homens até lá. Partiremos agora mesmo.

—Mas é muito longe... Está a vários dias de marcha.

—Nos estábulos há cavalos. Cavalgaremos. Encontraremos a meu irmão. Onde estão os outros defensores da torre que nos atacaram aquele dia?

—Em sua maioria, provinham das terras vizinhas e retornaram a seus lares. Sir Edmund e sir Thomas encabeçaram o grupo que partiu em busca de Brage e Dynna.

—Sabe se os recapturaram?

—Não recebemos notícias. Antes de que chegassem, todos esperavam que sir Edmund retornasse com o Falcão Negro, mas fracassou em seu empenho e agora seu pai pagou por isso.

—Quem dera tenha fracassado por completo. Quem sabe encontremos a meu irmão são e salvo. Vêem, dirá a Anslak, meu pai, tudo o que me contou e então cavalgaremos em sua busca.

Estendeu a mão para agarrá-la pelo antebraço, e Matilda acreditou que não lhe faria mal, que só apertava seu braço para evitar que escapasse, mas se surpreendeu quando a tocou com suavidade. Contemplou sua mão grande e logo seu rosto, e viu o orgulho refletido nele. A primeira vez que o tinha visto naquele dia enquanto escapavam, considerou que sua cicatriz era horrorosa. Agora despertava sua curiosidade. Aquele Ulf era um homem interessante.

CAPÍTULO 17

—Por que nos conta todas essas coisas? Por que iria contra seu senhor? —perguntou Anslak após escutar o relato da Matilda.

—Só sou uma humilde criada. Sempre fui e serei leal a lady Dynna. A únioca coisa que me importa é sua felicidade, e ela não será feliz com alguém como Edmund. —respondeu Matilda com toda sinceridade. Não tinha nada que perder.

—Pois então vamos em busca deles. —Anslak estava ansioso por encontrar Brage, sobre tudo agora, depois de inteirar-se de que os saxões também o estavam procurando — Mas lhe advirto, mulher, se tentar nos enganar ou nos estender uma armadilha, será primeira em morrer.

Matilda enfrentou a ele com atitude orgulhosa:

—Não temo sua cólera, porque não lhe trairei. Anseio a derrota de Edmund tanto como você. É um homem cruel que não merece a honra de ser o senhor de seu povo.

Pode ser que só fosse uma criada, mas Anslak começou a sentir respeito por ela. Era tão valente como algumas das vikingas; ao dar uma olhada em Ulf, surpreendeu-se ao comprovar que a contemplava com o mesmo respeito que ele.

—Vá em busca de Kristoffer, —disse a Ulf — lhe diga que vá ao estábulo e que prepare os cavalos. Cavalgaremos dentro de uma hora.

Uma vez que Ulf partiu, Anslak olhou a Matilda.

—Diz que Brage estava se recuperando? —perguntou-lhe.

—Sofreu uma ferida no ombro e uma outra pouco importante na cabeça, mas parecia encontrar-se bem. Para ter conseguido escapar com lady Dynna e evitar ser capturado por sir Edmund durante tantos dias, deve ter estado menos fraco do que acreditamos.

Sua resposta agradou Anslak, mas se limitou a soltar um grunhido, pois não queria que ela soubesse quanta importância lhe dava. Se seu filho tivesse conseguido evitar Edmund, tudo iria bem. O mais difícil seria encontrá-lo; Brage sempre tinha amado a natureza selvagem e Anslak sabia que, se via obrigado a fazê-lo, era capaz de esconder-se no bosque e viver da terra durante dias.

Uns minutos depois, Ulf retornou e informou que Kristoffer tinha os cavalos preparados assim que decidissem partir. Anslak saiu para reunir-se com seu filho caçula, enquanto que Ulf permaneceu junto à Matilda.

—Tem algo que devo saber, Matilda. —disse Ulf.

—O que é? —respondeu ela em tom cauteloso.

—O que fazia você e sua ama vestidas como camponesas no meio do campo, na manhã que as encontramos?

Matilda decidiu que o melhor seria lhe responder com absoluta sinceridade:

—Lady Dynna ia casar se contra sua vontade com sir Edmund, o irmão de seu marido morto. Tinha a esperança de retornar ao lar de sua família e procurar o amparo de seu pai. Com esse fim, disfarçadas de camponesas escapamos da torre na noite anterior a seu ataque. Mas acabou que sir Edmund nos encontrou justo depois do início da batalha e nos obrigou a retornar.

—Assim Brage tinha razão ao acreditar que sua ama era algo mais que uma criada. —comentou Ulf.

—Às vezes, as criadas gozam de maior liberdade que as senhoras. Ela era virtualmente uma prisioneira quando Edmund nos obrigou a retornar. Lady Dynna arriscou tudo para conseguir a liberdade de ambos. Espero que estejam sãos e salvos.

—Se tiverem feito mal a Brage, estas terras será um autêntico inferno.

—Pois então esperemos que o encontremos ileso, para que os inocentes não paguem pelas ações realizadas por sir Edmund.

—Não sei quanto tempo estaremos fora, mas o deixo a cargo da torre. —disse Anslak, dirigindo-se a Kristoffer — Ocupa-a em nosso nome, porque agora a reivindicamos como nossa.

Deixarei um terço dos homens, conto com você para vigiá-la.
Poderá fazê-lo?

Que lhe pedissem que assumisse semelhante
responsabilidade excitou Kris, por fim ganhou o lugar que lhe
correspondia. Seu pai o encarregava de vigiar a lorde Alfrick e
outros prisioneiros, e cumpriria com seu dever.

—Me ocuparei da fortaleza até sua volta.

Anslak deu-lhe uma palmada no ombro.

—Um dia igualará a seus irmãos em ousadia. Ore aos
deuses que encontremos Brage vivo e ileso.

—Farei-o. —repôs Kristoffer em tom solene.

—Agora vá e reúne a seus homens para assegurar a torre.
Voltaremos o antes possível.

—Boa sorte, pai. —Kristoffer partiu apressadamente para
fazer-se cargo da tarefa.

Ulf e Matilda ouviram o chamado de Anslak do exterior e
foram reunir-se com ele e com outros que se preparavam para ir no
caminho.

—Kris não cavalga conosco? —perguntou Ulf, olhando
em torno em busca de seu irmão menor.

—Ficará aqui, vigiando a torre com um terço dos homens.

—Estou seguro de que a tarefa o agrada. —disse Ulf com
um sorriso; sabia que Kristoffer ansiava converter-se em chefe e
seguir os passos dele e Brage.

—Assim parece. Esperemos que se desempenhe tão bem como o fariam você e Brage.

—Fará-o. É seu filho —repôs Ulf.

—Bem, vamos em busca do desaparecido e o levemos para casa.

—Em marcha!

Os estábulos não continham muitos cavalos, assim poucos dispunham de uma montaria, enquanto que outros os seguiram a pé.

O exército que abandonou a torre aquele dia era temível. Todos os camponeses que os viam vir tremiam aterrorizados e corriam a esconder-se. Os vikings seguiram avançando até que se fez de noite e acamparam em uma clareira que lhe oferecia uma boa vista da zona. Não acenderam fogueiras, porque queriam evitar que Edmund e seus homens os descobrissem, em caso de que se encontrassem nos arredores.

Depois de reunir-se com seu pai, Ulf descobriu Matilda sentada a sós. Tinha encolhido os joelhos e as rodeava com os braços para proteger do frio da noite.

Ulf estendeu sua capa no chão e lhe indicou que se deitasse em cima.

—Aí tem sua cama. Descansa enquanto pode. —lhe disse.

—Cede-me sua própria capa só para que esteja cômoda?
—Sua consideração a comoveu... durante um momento.

Essa hipótese provocou o sorriso de Ulf.

—Não, mulher. Eu também devo descansar.
Compartilharei minha capa contigo.

Matilda tinha passado quase todo o dia em estreita companhia de Ulf, montando a seu lado ou falando com ele, e a tinha tratado com muita amabilidade. Mas não estava disposta a compartilhar cama com ele.

—Ficarei aqui sentada para passar a noite, e você viking, pode descansar a sós. —respondeu.

Sua audácia voltou a surpreender a Ulf, mas desta vez não permitiria que resistisse. Queria mantê-la ao alcance de sua mão, se por acaso mudasse de opinião e tratasse de escapulir-se durante a noite. Não é que não se sentisse atraído por ela, mas o mais importante era encontrar Brage com vida. Depois pensaria nela como uma mulher. Por hora era seu guia e não se separaria dela, tal como tinha mandado seu pai.

—Aceitar seu plano seria fácil, Matilda, mas não funcionará. Meu pai me pediu que a vigiasse, e o farei. Dorme a meu lado ou me verei obrigado a arrastar até aqui. —disse, em um tom que não deixava lugar a dúvidas — O que teme? Que a tomarei pela força? —acrescentou — Tem que saber, Matilda, que neste mundo há muitas mulheres. Você só é uma delas. Não tenho necessidade de tomar algo que não me oferecem de bom grado.

—Mas todo mundo sabe que os vikings são uns brutos...

—Acaso a tratei assim?

—Não, mas...

—Quem mentiu e enganou foi seu senhor. Nós acudimos de boa fé, para pagar o resgate e recuperar a meu irmão. Se a violação e a pilhagem tivessem sido o motivo para tomar a torre, teria sido simples, posto que não houve resistência. Mas você está aqui, a salvo e ilesa, igual aos ocupantes da torre. Esta noite te ofereço minha capa só para a proteger e nada mais. Se deite ao meu lado e acabemos com esta discussão inútil. Já se faz tarde e temos que partir de madrugada.

Matilda poderia ter seguido discutindo com ele, mas Ulf pesava ao menos cinqüenta quilos a mais que ela. Não duvidou nem um instante que, se quisesse, ele podia recolhê-la e depositá-la a seu lado, assim optou por ficar de pé e sentar-se na capa de Ulf.

Que tivesse obedecido suas ordens sem obrigá-lo a lutar agradou Ulf. Não queria zangá-la, só queria mantê-la perto. Solto um grunhido de satisfação e tomou assento a seu lado.

—Se deite, mulher. E relaxe.

Ulf se estendeu de lado, cobriu a ambos com a capa, deslizou um braço ao redor da cintura de Matilda e a apertou contra seu peito.

No princípio, Matilda ficou tensa ante esse contato íntimo com o homenzarrão, mas ao comprovar que não tinha outras intenções começou a relaxar. O dia tinha sido longo e estava esgotada. O calor do corpo de Ulf e sua proximidade a tranquilizavam e lhe proporcionavam segurança. Finalmente dormiu.

Quando Ulf notou que ela relaxava recordou à potranca que tinha em seu lar. Sabia que um toque e uma palavra suaves, uma mão firme e segura geravam confiança. Treinar ao brioso corcel tinha levado muitas semanas, mas valeu a pena. Posto que o sistema tinha funcionado com o cavalo, tentaria empregar o mesmo com Matilda, porque seus cabelos vermelhos e sua inteligência eram muito atraentes. Ao tempo que desfrutava do contato com o corpo sensual e esbelto pressionado contra o seu, Ulf decidiu que valia o esforço. Uma vez que tivessem resgatado Brage e retornassem a casa, levaria Matilda consigo. Possivelmente resistiria durante um tempo, mas Ulf se asseguraria de que, uma vez chegados a seu lar, ela mudasse de opinião.

Quando Matilda despertou justo antes do amanhecer, comprovou que Ulf já não dormia a seu lado e se surpreendeu ao ver que tinha dormido tão profundamente que não notou nada quando ele partiu. A ideia era inquietante; não compreendia por que confiava naquele guerreiro viking, mas seu instinto lhe dizia que, enquanto estivesse a seu lado, não sofreria mal algum.

Matilda agitou a capa para desprender a terra e foi em busca de Ulf. Estava unido em uma conversação com seu pai e, ao aproximar-se, ambos calaram e esperaram que se unisse a eles.

—Me diga, serve, a que distância se encontra a torre que procuramos? —perguntou Ulf.

—Daqui, a três dias de distância, se cavalgarmos com rapidez.

—E onde se encontraria esse tal Edmund, se estivesse procurando a sua senhora e a meu filho? —perguntou Anslak.

—Estou certa que primeiro teria cavalgado até a torre, mas depois... —Matilda queria ser de maior ajuda, mas só podia conjecturar o que Edmund faria depois —já cavalga de retorno com o Brage nesta direção, ou talvez alcançou a torre e eles não estavam ali. Não sei.

Anslak dirigiu o olhar na direção que tinham empreendido.

—Temos que partir imediatamente. Cada minuto de espera suporá um perigo maior para Brage.

Ulf deu as ordens aos homens e logo todos se dispuseram a iniciar a busca, mas foi em vão. Interrogaram a um granjeiro e descobriram que Edmund e seus homens tinham pasado por ali fazia vários dias. Mas agora não havia nem rastro deles.

Essa noite acamparam junto a um rio e decidiram que seguiriam avançando assim que amanhecesse.

—Ulf, pegue vários homens e explora os arredores antes que levantemos o acampamento. —ordenou Anslak — Não sei se estamos nos aproximando deles ou não, mas sempre é melhor atuar com cautela.

— Levarei Parr e Upton. São bons, e saberão no que se têm que fixar.

Ulf voltou a descansar junto à Matilda, ambos envoltos em sua capa. Desta vez, quando ele se levantou antes do amanhecer, ela despertou.

—Aonde vai? —perguntou, temendo que algo tivesse ocorrido.

—Tenho que explorar o terreno e me assegurar de saber com o que nos encontraremos.

—Leve a capa. Não a precisarei. —disse, ajoelhou-se e a estendeu.

—Conserva-a. Logo retornarei. Não se afaste de meu pai, ele a protegerá.

Pareceu-lhe tão formosa enquanto o contemplava de joelhos que não pôde evitar inclinar-se para lhe acariciar a face.

—É encantadora, Matilda.

Suas palavras e sua carícia a surpreenderam até tal ponto que só pôde contemplá-lo em silêncio. Lhe lançou um breve sorriso e logo partiu. Matilda o seguiu com o olhar.

Parr e Upton o aguardavam. Montaram e cavalgaram velozes, decididos a explorar o terreno.

Toparam com os saxões por acaso. Quando Ulf os descobriu, dois dos homens de Edmund também estavam explorando a zona. Ulf e outros trataram de capturá-los para interrogá-los, mas os homens desembaiaram as espadas. A luta foi feroz, e depois de um momento ambos os saxões estavam mortos no chão.

—Eram saxões e estavam armados. Edmund deve estar perto. —disse Ulf, lamentando que não conseguissem apanhá-los com vida — Comprovemos onde acamparam e quantos são. Se os deuses nos acompanharem, possivelmente possamos atacá-los quando sair o sol.

O céu começou a clarear para o este enquanto seguiam avançando silenciosamente. Quando se dispunham a subir uma colina baixa, Ulf refreou seu cavalo.

—Fique aqui com meu corcel. —disse ao Upton e ao Parr — Seguirei a pé para dar uma olhada. Não quero que nos vejam.

Ulf escalou a colina procurando não ser visto e examinou o panorama. Permaneceu imóvel um bom momento, observando sir Edmund e a seus homens que ocupavam o vale ao pé da colina. Depois se agachou, queria permanecer escondido enquanto procurava estimar seu número. Ao percorrer a zona com a vista descobriu seu irmão, um pacote com cordas no outro extremo do acampamento. Ulf abandonou o esconderijo e pôs-se a correr para onde o esperavam Upton e Parr.

Relatou-lhe o que tinha visto e depois lhe deu suas ordens.

—Temos que tomá-los por surpresa antes que empreendam viagem, do contrário não haverá maneira de proteger Brage. —disse.

Subiu a toda pressa no cavalo e os três retornaram ao galope aonde Anslak os aguardava.

—Encontramos! —gritou Ulf.

Matilda ouviu seus gritos e se aproximou para averiguar o que tinham descoberto. Estava junto a Anslak quando Ulf refreou seu cavalo e desmontou.

—E lady Dynna? Estava com eles? Viu-a? —exclamou Matilda e pôs-se a correr para o Ulf, ansiosa por saber o que lhe tinha ocorrido a sua senhora.

Ulf nem sequer tinha pensado na saxã. O único que lhe importava era que seu irmão estava vivo.

—Não a vi, mas isso não significa que não se encontre no acampamento. Ainda estava bastante escuro.

Matilda não se tranqüilizou; se algo lhe tivesse ocorrido a Dynna a angustiava.

—Avancemos agora, enquanto ainda estão acampados e não suspeitam nada. —Anslak chamou a seus homens, que o rodearam para saber o que tinham descoberto Ulf e outros dois.

Ansiosos por liberar Brage, os que dispunham de cavalos correram para buscá-los. Outros recolheram suas armas e se dispuseram a ficar em marcha.

—O que faremos com a Matilda? —perguntou Ulf, dirigindo-se a seu pai — Não quero que lhe façam mal.

A atitude de seu filho desconcertou ao Anslak; logo se dirigiu a jovem:

—Ficará aqui até que retornemos.

—Não, não posso. —protestou ela — E se lady Dynna estiver com os outros? E se me necessitar?

—Ocuparemos-nos dela. Fique aqui, longe do massacre.
—insistiu Anslak em tom severo.

—Mas...

Ulf silenciou seus protestos lhe lançando um olhar estrito.

—Retornarei por você assim que possa.

—Ulf... Há algo... —Matilda o agarrou do braço. Ante seu olhar inquisidor, prosseguiu — Há um homem que foi um amigo para a Dynna e que tratou a seu irmão com bondade. Chama-se sir Thomas. Rogo-te que dentro do possível, encarregue-te de que não lhe façam mal.

Suas palavras de preocupação por outro homem causaram uma pontada de inquietação ao guerreiro e se perguntou o que sentia Matilda por ele.

—Acaso aprecia a esse homem?

—Muitíssimo. —respondeu ela, porque sabia que sir Thomas tinha defendido a Dynna.

Ulf assentiu com a cabeça e logo se afastou, colocando o casco.

Matilda o observou e então compreendeu que talvez sofreria feridas ou inclusive morreria na batalha iminente. Seguiu-o, queria voltar a lhe falar, mas Ulf avançava a passo rápido. Não conseguiu lhe alcançar e por fim teve que soltar um grito para chamar sua atenção. Quando Ulf estava a ponto de montar, ouviu a voz dela. —Ulf!

Dirigiu o olhar para trás, perguntando-se o que queria.

—Tome cuidado... —disse-lhe Matilda.

Ele voltou a assentir, mas se sentia curiosamente agradado. Fez virar seu corcel e cavalgou até ficar à cabeça dos homens. Cavalaria junto a seu pai quando entrassem em batalha. Hoje salvaria a seu irmão.

Brage estava sentado em silêncio, observando aos saxões acampados a seu redor e perguntando-se o que aconteceria quando dentro de um dia chegassem à torre; e também se seu pai os aguardaria ali com o ouro que tinham exigido por seu resgate, e se ele sobreviveria a troca.

Durante esses momentos de indefesa, tinha aprendido a converter sua ira em determinação. Devia cobrar uma grande vingança e a cobraria assim que recuperasse a liberdade. O difícil seria sobreviver à traição de Edmund; de algum modo devia encontrar a maneira de advertir disso a seu pai.

A noite lhe tinha parecido eterna. Procurou dormir na dura terra, mas não conseguiu. Seus pensamentos tinham sido muito ferozes, muito inquietantes. Não conseguiu esquecer a traição de Dynna e ardia em desejos de vingar-se. Um dia voltaria a encontrá-la, e então... Brage tinha tentado distrair-se pensando em seu lar, mas a ideia da traição e sua necessidade de vingar-se não o abandonavam. Assim que retornasse, o primeiro que faria seria

encontrar ao traidor responsável pela morte de tantos de seus homens.

Brage tinha dado voltas na dura terra, tratando de encontrar a resposta à adivinhação que o atormentava. Uma e outra vez, rememorou tudo o que recordava e que lhe indicaria quem o tinha traído, e uma e outra vez teve que enfrentar-se ao feito de que só parecia haver uma única pessoa que podia havê-lo feito, Ulf. Ulf, que possuía informação antecipada, Ulf, que supostamente devia lhe proteger as costas.

De meninos, a competência entre ambos tinha sido quase feroz em seu esforço por ganhar o favor de seu pai. Muitas vezes, suas batalhas juvenis acabavam em pranchas, porque Ulf o igualava em tudo. Entretanto, quem obteve mais elogios de seu pai foi ele, porque era o filho de sua esposa mais amada. Ulf não tinha sido deixado de lado, mas não gozava do mesmo favor que os outros dois filhos do Anslak, e agora esse fato parecia o mais condenatório. Onde tinha estado Ulf durante a batalha? Onde estava agora? Apoderando-se de sua nave? Conduzindo a seus homens durante uma incursão?

Brage pensou em seu irmão caçula e começou a preocupar-se. Se para Ulf tinha sido tão fácil desfazer-se dele, seria fácil desfazer-se também de Kris. Se esse fosse seu plano, a morte de Kris converteria Ulf no único filho e herdeiro, apesar de que não era filho legítimo. Embora algum dia Kris seria um excelente

guerreiro, ainda era jovem e inexperiente. Não estava no mesmo nível que o feroz Ulf.

Brage cravou o olhar no céu e notou que para o este começava a clarear. Logo chegaria o alvorecer, logo chegariam à torre de Alfrick. A ideia não lhe fazia bem.

O primeiro indício de que acontecia algo foi um grito apavorado.

—Vikings!

Ao ouvi-lo, o acampamento sumiu no caos. Todas os olhares se dirigiram à colina e pela primeira vez viram os vikings montados, superando o topo e avançando a galope.

—Se virem! —gritou sir Thomas e desembaiou sua adaga. Brage notou o tom urgente de sua voz e obedeceu. Sentiu-se agradecido quando o saxão cortou as cordas que o prendiam, sir Thomas era um homem verdadeiramente honorável — Já está, viking, volta a estar livre. Se salve! —disse-lhe sir Thomas.

Brage se virou e durante um instante, seus olhares se cruzaram e ambos viram o respeito refletido na do outro.

—Parte ! —acrescentou o cavalheiro.

Brage pôs-se a correr ao mesmo tempo que sir Thomas enfrentava à batalha, e começou a procurar uma arma. Queria participar da luta.

Sir Thomas agarrou sua espada, preparado para entrar em batalha. Lançou-se para frente disposto a morrer junto a seus homens, mas era muito tarde. Outros saxões não queriam cavalgar

nem lutar. A batalha foi breve e o resultado, mortífero. Tudo acabou quase antes de ter começado.

Quatro furiosos vikings rodearam a sir Thomas quase imediatamente, apontando-o com suas espadas.

—Baixe as armas. —ordenou Ulf ao mesmo tempo que se aproximavam de sir Thomas. Este queria lançar-se ao ataque, mas pensou melhor e deixou a espada no chão — Onde está? Onde está o Falcão Negro?

—O pus em liberdade.

Ulf deu um passo adiante e pressionou a ponta da espada contra a garganta de sir Thomas.

—Diga a verdade, ou lhe matarei agora mesmo.

—Ulf! Aguarda! Pare!

Ulf reconheceu a voz imediatamente, olhou em torno e viu Brage correndo para ele. Então se sentiu invadido pelo alívio e uma grande alegria.

—Brage está vivo! —gritou para que todos o ouvissem, afastou a espada da garganta de sir Thomas e se virou para lhe dar as boas-vindas a seu irmão.

—Não façam mal a este homem! —insistiu Brage, detendo-se ante eles. Notou que seu irmão parecia feliz e se perguntou quando teria convertido em um ator tão consumado.

—Mas é o saxão que o mantinha prisioneiro. — argumentou Ulf — O vi da colina, enquanto explorava.

—Também é o saxão que me salvou a vida. —replicou Brage e se voltou para sir Thomas — paguei a dívida que tinha com você. Agora estamos em paz, sir Thomas... Uma vida por outra.

Sir Thomas assentiu, mas não disse nada. Ulf contemplou ao homem maior com interesse.

Em torno deles, a escassa resistência chegou a seu fim. A batalha tinha acabado. Os corpos dos saxões mortos e moribundos estavam esparramados pelo acampamento. Edmund jazia de barriga para baixo no lugar onde encontrou a morte tratando de escapar.

Anslak deixou de lutar e, quando levantou o olhar, viu Ulf junto a Brage. Ao cavalgar para eles, seu olhar se cruzou com a de seu filho. Assim que Anslak desmontou, fundiram-se em um abraço. O chefe viking não tratou de esconder seus sentimentos ao encontrar seu filho com vida. As lágrimas lhe ardiam nos olhos ao afastá-lo e contemplá-lo.

—Encontra-se bem? —perguntou com a voz rouca pela emoção.

—Sim, agora que você está aqui. —respondeu Brage, lhe lançando um sorriso. Perguntou-se se esse momento chegaria alguma vez, e agora se sentia agradecido.

—Não sabíamos o que pensar quando desembarcamos e você não estava ali para realizar a troca.

—Descobri que Edmund planejava me matar, inclusive depois de cobrar o ouro, assim quando se apresentou a

oportunidade de escapar, aproveitei-a. E a torre? O que encontrou ali?

—Só a Matilda, a criada. Foi ela quem disse a verdade a respeito do ocorrido ao Ulf. Conduziu-nos até aqui e agora aguarda no lugar onde acampamos.

—Assim que tomaram a fortaleza de Alfrick?

—Sim. Alfrick é nosso prisioneiro. Deixei Kristoffer no comando.

—Kris está na torre e se encontra bem... —disse Brage, aliviado de que seu irmão caçula estivesse ileso.

—Está se transformando em um excelente guerreiro. Demonstrou-o durante as últimas semanas, embora lhe falte muito para igualar a você e Ulf.

Brage voltou a olhar em volta, viu que Edmund estava morto no chão e se alegrou de que nunca voltasse a atormentar a ninguém.

—Que tenha morrido enquanto fugia da batalha é de justiça. Era um covarde e merecia a morte de um covarde.

—Retornemos a casa. Obtivemos o que queríamos. —disse Anslak, preparando-se para voltar para os drakkar.

—Não, pai, tenho que fazer uma coisa mais antes de voltar ao mar.

—O que é?

—Tenho que retornar... —dirigiu o olhar na direção onde se encontrava o lar da Dynna apertando as mandíbulas— Há alguém a quem devo enfrentar.

—Quem é essa pessoa que é mais importante que retornar a seu próprio lar?

Brage soltou uma gargalhada malévola.

—O que me impulsiona a voltar não é nenhum sentimento terno, pai. Volto para me vingar. —assegurou, lançando um olhar eloqüente a Ulf— Nas últimas semanas fui traído não uma mas duas vezes e me encarregarei de que os traidores paguem por sua traição.

Ulf foi o primeiro em desviar o olhar.

—Tenho que ir ver Matilda. Logo me reunirei com vocês. —virou-se e abraçou Brage — Me alegro de que esteja são e salvo.

—Eu também. —repôs Brage.

Quando Ulf partiu, Brage prosseguiu:

—Pai, esse homem, sir Thomas, salvou-me a vida. É um homem bom e justo. Se o deixássemos a cargo da torre, seria respeitado.

—Considera-o um amigo, não um inimigo?

—Sei que é um amigo. Talvez seria bom comercializar com estas terras.

—Conversaremos com ele. Um aliado saxão seria algo incomum, mas proveitoso.

Matilda tinha esperado a volta de Ulf durante o que lhe pareceu uma eternidade. O lugar onde estava sentada era sombreado e confortável, mas não conseguia desprender-se da ideia que algo terrível tinha ocorrido.

Debatia-se entre dois sentimentos. Aqueles homens eram os vikings, temidos invasores, e entretanto pareciam mais civilizados que Edmund. E Ulf... Ao pensar nele não conseguiu reprimir um sorriso. Em que pese a sua envergadura, sua amabilidade não tinha deixado de surpreendê-la muitas vezes. Procurou convencer-se a si mesma de que não importava o que acontecesse a nenhum deles, desde que condição de lady Dynna se encontrasse bem. Adorava a Dynna e precisava assegurar-se de que estava sã e salva. Parecia-lhe inimaginável que sir Edmund a deixasse partir após persegui-la febrilmente durante tantos meses e elevou suas orações, rogando que sua senhora não tivesse sofrido dano algum. Queria reunir-se com ela no lar de seus pais e viver ali para sempre, em paz. Não obstante, enquanto esperava não pôde evitar perguntar-se se Ulf teria sobrevivido à batalha e se retornaria por ela...

O galope de um cavalo a distraiu. Matilda não sabia se saía ao encontro do cavaleiro ou tratava de esconder-se até ver quem era. Optou pelo segundo e se escondeu entre as árvores junto à beirada do rio. Acuada, observou ao cavalo que remontava a

colina próxima e só então soltou um suspiro de alívio ao ver que se tratava de Ulf.

—Está bem! Ganhou a batalha? —exclamou, esquecendo a cautela e correndo a seu encontro.

Ulf havia sentido-se inquieto ao superar o topo e não ver rastro de Matilda, e temeu que tivesse fugido, mas então a viu emergir entre as árvores e esporeou a seu cavalo. Sem deter-se, recolheu-a com o braço e a sentou diante dele no lombo do cavalo.

—Meu irmão vive!—A alegria de Ulf não tinha limites e então não pôde evitar beijá-la.

O beijo a desconcertou, mas não o rechaçou. Era um guerreiro vitorioso retornando com boas notícias e além disso, reconheceu-se a si mesma, o beijo não foi desagradável.

Quando Ulf separou os lábios dos seus a contemplou e notou o resplendor de seu olhar, sua expressão satisfeita. Desejava-a, tinha-a desejado desde o começo e a levaria a sua casa. Mas antes que pudesse pronunciar palavra, Matilda começou a lhe fazer perguntas:

—E lady Dynna? Estava no acampamento?

—Não. Sua senhora não estava com eles. Brage não a mencionou, mas agora cavalgaremos até o lar de sua família.

—Irei com você. —declarou ela — Tenho que averiguar o que ocorreu a minha senhora.

Ulf assentiu e foram se reunir com outros.

Depois de averiguar como mal defendida estava a outra torre, Anslak ordenou a metade de seus homens que permanecessem com sir Thomas e vigiassem aos sobreviventes da batalha até que eles retornassem. Viu que Ulf voltava com a criada e disse aos homens que se preparassem para empreender a marcha.

Enquanto se aproximavam de Anslak e Brage, Matilda disse a Ulf que devia falar com Brage um momento.

—Ele tem que saber onde se encontra Dynna.

Ulf assentiu e se aproximou de seu irmão.

—Brage... —exclamou Matilda enquanto Ulf lhe ajudava a desmontar.

Brage se virou para ela e lhe deu um olhar duro e glacial. Não fosse o calor do sol, Matilda assim mesmo estremeceu.

—Me alegro de que esteja bem, mas tenho que sabê-lo. — insistiu a criada — Onde está minha senhora? Conseguiu escapar sã e salva ou acaso Edmund lhe fez mal?

A resposta de Brage foi lacônica.

—Sua senhora, —respondeu e quase cuspiu as palavras — está na torre de seu pai, aguardando que eu faça justiça.

CAPÍTULO 18

—Que faça justiça? —Matilda o olhou com expressão perplexa — Não compreendo. Por acaso não sofreu já o bastante nas mãos de sir Edmund? Por acaso não lhe salvou a vida?

—Só para voltar a usá-la como objeto por sua própria comodidade.

—O quê esta dizendo?

—Que sua senhora é tão falsária como Edmund. Que ele tenha morrido e não tivessem tempo para casar-se é uma pena, posto que se tivessem levado muito bem.

O tom duro de Brage consternou a Matilda.

—Está errado com respeito a lady Dynna... —protestou, mas Brage a interrompeu.

—Basta! Não quero seguir lhe escutando. Retornemos à torre de lorde Garman. Levará uma cavalgada de um dia.

Brage montou em um dos cavalos dos saxões e Matilda recuperou o seu. Muitos de quem tinha partido a pé agora montavam e avançaram com rapidez. Brage cavalgava em cabeça junto a seu pai, enquanto que Ulf o fazia um pouco mais atrás ao lado de Matilda. A criada só falou depois de um momento.

—Não compreendo o que pode ter ocorrido entre eles. — disse, jogando uma olhada ao Ulf — Brage falou de embustes;

entretanto, não entendo como poderia o ter enganado. Se tivesse querido vê-lo morto, só tinha que deixá-lo para trás quando escapou.

—É verdade. Só fica esperar. De todos os modos, nossa opinião não conta absolutamente.

—Não permanecerei de braços cruzados se alguém tenta fazer mal a minha senhora. —afirmou Matilda, porque sabia o que faria todo o necessário para evitá-lo.

Ulf a olhou de soslaio e contemplou a dureza de seu perfil, e também sua atitude decidida. Era uma lutadora, era teimosa e sua têmpera a adorava.

Dynna estava sentada em seu quarto, consciente da presença permanente de Balder e de Ives, os dois guardas sentados ao outro lado do quarto. Desde que Edmund partiu não tinha conseguido recuperar a tranqüilidade. Mais ainda não saber e não poder fazer outra coisa, sentia-se consumida pela culpa.

Todos os dias, rogava ferventemente que Brage se encontrasse bem, que seu pai estivesse aguardando na torre de Alfrick com o resgate e que a troca se realizasse sem incidentes. Mas como sabia que Edmund era tão traiçoeiro como uma serpente, não confiava nele absolutamente. Detestava encontrar-se tão indefesa e as travas impostas a irritavam. Se tivesse gozado de um

instante de liberdade, teria encontrado a maneira de ajudar Brage, mas estava presa em seu quarto e seus pais só podiam visitá-la uma vez ao dia.

Que seus pais não tivessem sofrido dano a alegrava. No dia seguinte, depois da marcha de Edmund, lorde Garman e lady Audrey tinham recuperado a liberdade, mas não Dynna. Os guardas cumpriam as ordens de Edmund ao pé da letra, devido a ameaça do que lhe faria se ela escapasse. Não tinham a intenção de correrem o menor risco e ela pagava as conseqüências.

Freqüentemente, Dynna imaginava que Anslak pagaria o resgate e que Brage retornaria à torre por ela. Amava-o. Nunca amaria a outro e se perguntou se algum dia voltariam a estarem juntos. Recordava as horas passadas junto à beira do rio...

Uns golpes repentinos e apressados na porta a arrancaram de seu pensamento enquanto os guardas corriam para abrir.

—O que acontece? —perguntou Balder ao abrir a porta de par em par.

—Cavaleiros! E se dirigem para aqui! —disse o outro saxão em tom excitado.

—Talvez é sir Edmund que já está retornando? —comentou Ives.

—Não, é muito cedo. Não podem ter alcançado a fortaleza de Alfrick e retornado em só uns poucos dias.

—Quem, então?

Os três homens empalideceram.

—A quantos viu? —perguntou Balder.

—A mais de uma centena...

—Os vikings... —comentou Ives em voz alta, manifestando o que nenhum queria pensar.

—Se forem os vikings, o que podemos fazer? Nós seis não bastamos para conservar o domínio sobre a torre!

—E se forem os vikings, o que aconteceu a sir Edmund? E ao lorde Alfrick?

Os homens trocaram um olhar, compreendendo o que teria acontecido.

Balder lutou contra o temor que ameaçava amedrontando-os a todos. Endireitou os ombros e lançou um olhar furioso aos outros.

—A honra nos obriga a ser fiéis a sir Edmund e lorde Alfrick. —afirmou — Devemos cumprir com nosso dever, proteger a lady Dynna até que sir Edmund retorne.

—Mas e se...?

Balder lhe lançou um olhar que o fez calar.

—Temos que defender esta fortaleza o melhor que possamos. Ordenou que elevem a ponte?

—Sim. Fiz todo o possível, embora só somos seis. Prendi a lorde Garman e lady Audrey em seu quarto e, se prendermos a lady Dynna também com eles, não teremos que nos preocupar com eles.

—Acredita que um de nós deveria ficar com ela? — perguntou Ivés, recordando que Edmund tinha insistido em que não deixassem de vigiá-la.

—Não acredito que seja necessário.

Todos compreenderam a que se referia, assim abandonaram o quarto e fecharam com chave por fora.

Dynna correu para a porta e tratou de abri-la, mas foi inútil. Estava presa em seu quarto, incapaz de ajudar a ninguém e tampouco de escapar. A futilidade absoluta de sua situação a enfurecia, mas sabia que ficava uma faísca de esperança, se os vikings cavalgavam para ali, então possivelmente Brage tinha sobrevivido... Talvez retornava por ela. Dynna se prendeu a essa ideia e se dirigiu à janela para vigiar.

Brage não demorou quase nada em superar as patéticas defesas da fortaleza de lorde Garman. Não estava seguro de quantos homens tinham deixado ali para defendê-la, mas seu número tinha sido escasso. Enviou ao grosso de seus homens à frente com o fim de manter ocupados aos guardas restantes de Edmund, enquanto ele, seu pai e Ulf, mais um reduzido grupo de homens tentavam acessar através da porta secreta utilizada por ele e pela Dynna. Tal como Brage tinha suspeitado, só havia um homem vigiando-a e abrir passo ao interior foi muito simples. Uma vez que

o desarmaram e entraram, encerraram rapidamente a luta com outros. Entre todos os guardas, Balder foi quem demonstrou maior valor, mas foi inútil, os vikings os superavam em número e os dominaram com rapidez, até que finalmente todos caíram prisioneiros. Baixaram a ponte levadiça e outros vikings entraram na torre.

Posto que antigamente tinha sido seu lar, Matilda conhecia muito bem a fortaleza de lorde Garman. Assim que atravessaram a ponte, desembarcou do cavalo, atravessou a sala e subiu as escadas.

Brage a seguiu. Ignorava onde poderiam ter se escondido Dynna e seus pais, mas tinha a intenção de encontrá-los.

Quando Matilda alcançou o quarto de Dynna, descobriu que a porta estava fechada com cadeados.

—Lady Dynna, —exclamou, esmurando a porta — esta aí?

—Matilda? —A voz da Dynna transbordava esperança — Graças a Deus que é você! Me tire daqui! O que aconteceu? Brage está aqui? Encontra-se bem?

—A chave não está, mas irei...

—Se afaste, mulher.

Ao ouvir a voz de Brage, Matilda se sobressaltou e se apressou a afastar-se.

Brage deu um passo adiante e, de um único e violento chute, rompeu os cadeados. Logo só teve que empurrar a porta para entrar no quarto.

Durante um instante, Dynna sentiu terror, mas ao ver que quem entrava era Brage, a alegria lhe iluminou o rosto. Estava são e salvo, e tinha retornado por ela! Ao contemplá-lo, o amor por ele lhe encheu o coração. Era tão incrivelmente bonito que não via o momento de beijá-lo e abraçá-lo.

—Esta aqui! Esta vivo! —exclamou.

Sentia-se embargada pela felicidade. Esqueceu todos seus temores e correu para ele. Diria-lhe que o amava, prometeria-lhe sua eterna devoção. Explicaria-lhe como tinha sido horrorosa o que teve que fazer e quanto se alegrava de que estivesse ileso e livre!

Brage permaneceu imóvel. Durante um momento, recordou a calidez e entrega de Dynna, mas então o assaltou a lembrança de sua traição, de suas mentiras, e o invadiu a dor. Contemplou seu sorriso e sua felicidade, e se perguntou como tinha conseguido converter-se em uma mentirosa tão consumada. Tinha-o entregue a Edmund para satisfazer seus próprios fins e agora simulava que se alegrava de vê-lo com vida. A ideia o enfurecia.

Brage não se moveu até que Dynna tentou abraçá-lo. Então a agarrou pelos pulsos e a obrigou a ajoelhar-se na sua frente.

—Brage...? —exclamou ela em tom perplexo.

—Sim, é verdade, estou vivo, mas não graças a você. — resmungou, e suas palavras gotejavam ódio.

—Não compreendo... —Suas palavras a desconcertaram e as lágrimas caíram por sua face.

Ele fez caso omissso disso e prosseguiu:

—A estas alturas, deveria estar acostumado à astúcia e a traição, mas graças a você aprendi outra lição: Nunca voltarei a confiar em alguém que pronuncia doces mentiras para me trair.

Brage lhe lançou um olhar furioso, desprezando-a e desprezando a si mesmo. Porque em que pese a detestá-la, descobriu que ainda a desejava e esse sentimento incrementou sua raiva. Ao ouvir suas palavras, Dynna ficou pálida e Brage compreendeu que não se equivocou.

—Me vendeu a Edmund em troca de sua própria liberdade, Dynna.

—Não! Não é verdade!

—Foi a meu leito para se liberar de Edmund, e ao seu para se libertar de mim! —grunhiu, prendendo-se com maior violência ainda.

A estava machucando e ela soltou um suave gemido, mas ele não a soltou.

—Brage... Deve me escutar...

—Não, não quero ouvir mais mentiras de seus lábios!

—Mas existia um motivo... —Tinha que lhe dizer a verdade: Que Edmund ameaçou matando a sua mãe se não lhe revelava o esconderijo de Brage.

Mas este não lhe deu a oportunidade e replicou em tom frio:

—Os traidores sempre acreditam que algo justifica sua traição.

Dynna chorava. A frieza de Brage partia seu coração. Por que se negava a escutá-la? Se só lhe permitisse explicar-se, compreenderia...

Umas lágrimas cristalinas deixavam um rastro nas pálidas faces de Dynna, mas não comoveram Brage. Tinha endurecido seu coração contra ela.

—Economize suas lágrimas para alguém que acreditará nelas. —lhe espetou — Comprou sua liberdade com seu corpo e agora pretende fazer o mesmo com seu pranto. Não funcionará. Esbanjou tudo. Já não lhe tratarei com carinho, agora será minha escrava. Se levante, quero abandonar este lugar. Estou farto das terras saxas e de seu povo.

Enquanto Dynna soluçava, Brage a olhou fixamente; depois se voltou e descobriu a Matilda de pé na soleira, observando-os.

—Traga-a. Poderá montar contigo. —disse em tom duro.

Matilda assentiu e se apressou a correr para Dynna enquanto Brage abandonava o quarto para reunir-se com outros.

—Lady Dynna. —murmurou e a abraçou — Não chore. Tudo se arrumará.

Dynna elevou o olhar e contemplou sua amiga com o rosto banhado em lágrimas.

—OH, Matilda! O que tenho que fazer? Acredita que sou tão traiçoeira como o que o delatou a lorde Alfrick.

—Sabemos que isso não é verdade, milady.

—Edmund estava disposto a matar a minha mãe. Segurava uma faca contra sua garganta! Teria-a matado, a menos que lhe dissesse onde se escondia Brage... —Matilda compreendeu a situação horrorosa em que se encontrou e o dilema ao que se enfrentou — Mas Brage acredita que...

—A única coisa que sabe é o que lhe disse sir Edmund, milady.

—Sir Edmund mentiu, mas acredita que Brage me escutará algum dia? Conhece Edmund. Não compreende que o enganou? Se Brage se negar a escutar minha versão, a vida junto a ele será um inferno como viver junto a Edmund. Entre nós não terá amor nem confiança. Só odeio...

—Agora não pode fazer nada para lhe fazer mudar de ideia. A ira o cega. Possivelmente com o tempo...

—E se segue negando-se a me escutar?

—Agora não deve pensar nisso, milady. Está nos esperando. Só deve ter presente que o que fez foi salvar a vida de sua mãe.

Lentamente, Dynna ficou de pé. Sabia que Matilda tinha razão, mas isso não aliviou a dor de perder a confiança de Brage.

—Tempo ao tempo. —disse com voz entristecida — É a única coisa que se pode fazer.

Enquanto se dispunham a reunir-se com Brage, um sombrio futuro se estendia na frente de ambas.

Antes de abandonar o lar familiar, Dynna conseguiu visitar seus pais durante uns segundos.

—Acompanha-os por sua própria vontade, filha? — perguntou lorde Garman olhando-a fixamente.

Dynna queria romper a chorar, mas se controlou e, ao responder afirmativamente, olhou a seu pai aos olhos.

Chorosa, Audrey a abraçou.

—Se cuide, minha filha. Sentirei saudades.

—Não me farão mal, mamãe. Não tema.

Enquanto ambas se abraçavam, chegou a ordem de ficar em marcha e Matilda veio buscar a sua ama.

—Temos que ir, milady. Brage nos espera.

—Cuida de minha filha, Matilda. —disse Audrey.

—Sempre o tenho feito, e seguirei fazendo-o. — prometeu.

Dynna abraçou a seu pai pela última vez e saiu apressadamente junto à Matilda.

—Por que mentiu? —perguntou esta.

—Se meu pai descobrisse que Brage está zangado comigo e que pensa me converter em sua escrava, teria lutado e morto para me salvar. É melhor assim.

O silêncio da Matilda lhe informou que aprovava sua decisão. Logo, montou atrás de sua criada e deixou atrás a sua família e sua vida para sempre.

As largas horas de viagem se fizeram exaustivas e monótonas. Durante o dia, Brage ignorava Dynna por completo, mas de noite insistia em que dormisse a seu lado. Embora não a tocava, Dynna —a diferença de Brage— não conseguia dormir profundamente. Os dias e quilômetros passavam. Dynna só se sentia cômoda junto à Matilda ou quando conseguia trocar algumas palavras com sir Thomas, que partia com outros prisioneiros saxões de volta às terras de Alfrick.

Quando por fim avistaram a torre, todos se alegraram de que a marcha tivesse chegado a seu fim e que o resultado fora o êxito. Era no meio da manhã e planejaram embarcar rumo ao lar nessa mesma noite, antes do pôr-do-sol. Ansiavam retornar a casa.

À medida que se aproximavam, Matilda contemplava a torre e se perguntava o que ocorreria agora.

—Não sei se deixarão que a acompanhe, lady Dynna, mas falarei com Ulf. Não acredito que seja o momento de perguntar a Brage.

—Não, eu tampouco acredito. —assentiu Dynna, dando uma olhada no guerreiro que cavalgava com ar tão orgulhoso, junto a seu pai e seu irmão. Antes lhe tinha parecido magnífico, mas depois da vitória era o conquistador: Poderoso e invencível. Tinha sobrevivido a tudo e segundo sua opinião, não graças a ela.

—Rogo que Ulf permita que me acompanhe.

—Eu também. Viver aqui separada de você seria atroz.

Ambas guardaram silêncio; sabiam que as próximas horas determinariam sua vida para sempre. Uma vez que refrearam os cavalos e desmontaram ante a torre de Alfrick, Brage se aproximou de Dynna.

—Podem ir a seu quarto e recolher algumas coisas. — disse — Logo nos embarcaremos e pretendo que estejam aqui me esperando quando me dispuser a partir.

Enquanto Dynna ia reunir seus pertences, Matilda foi em busca de Ulf.

—Tenho que falar com você. —disse, ao encontrá-lo junto a seu pai.

Depois de terminar de falar com Anslak, Ulf se virou para ela.

—Ignoro quais são seus planos, —prosseguiu Matilda, uma vez que lhe emprestou atenção— mas te rogo que me leve contigo. Devo permanecer ao lado de lady Dynna. Cuidei dela desde que era uma menina e não suportaria me separar dela.

Ulf notou que seu olhar suplicante albergava um sentimento intenso e sorriu por dentro. Não tinha a menor intenção de abandoná-la, mas compreendeu que podia aproveitar a situação em benefício próprio.

—Por que teria que me importar o bem-estar de lady Dynna?

—Peço-lhe isso por mim, Ulf. Sem minha senhora, aqui não há nada que me retenha.

Lhe lançou um sorriso bondoso, recordando os brios da potranca e sabendo que a bondade causava confiança.

—Navegará conosco.

Matilda lhe sorriu, cheia de felicidade, o primeiro sorriso feliz que tinha mostrado e, agradecida, roçou-lhe o braço.

O efeito que lhe causou o sorriso e o toque dela surpreendeu ao Ulf. Queria abraçá-la e beijá-la, fazer amor todo o dia e toda a noite, mas era muito preparado para dar rédea solta a seus desejos nesse momento. Tempo ao tempo, pensou. Não queria dar uma rápida queda com a Matilda, queria mais..., queria-a a seu lado.

—Foi uma luta dura, pai, mas ganhamos. —disse Kristoffer a Anslak quando se encontraram.

—Diz que lorde Alfrick e todos os prisioneiros morreram? —perguntou seu pai. Estava pasmado.

—De algum modo conseguiram escapar, e os apanhamos justo quando abandonavam a torre.

—Fez o certo. —respondeu Anslak — tornou a demonstrar sua força e valentia, meu filho.

—Obrigado, pai. Se o desejar, ficarei aqui e me encarregarei da fortaleza. —propôs Kristoffer — Me proporcione um bom número de homens e ocuparei estas terras para você, para sempre.

Anslak sabia que Kris se decepcionaria, posto que ele já tinha tomado outra decisão.

—Não, filho. Não o quero deixar aqui, quero que embarque comigo. Tal como sugeriu Brage, deixaremos a fortaleza a cargo de um homem chamado sir Thomas.

—Assim Brage está disposto a entregar seu prêmio a um dos conquistados? —Kris olhou a seu pai como se fosse louco.

—Penso lhe entregar o conquistado a um amigo, Kris. —o repreendeu Brage; não queria ofender ao moço, queria que compreendesse o motivo depois da decisão.

—Em que pese a todos os homens aos que eles deram morte, considera amigo a um saxão? —desafiou-o Kris.

—Quem o conhece respeita a sir Thomas. Salvou-me a vida quando outros queriam me matar. —continuou Brage— É muito melhor que deixemos a mando um dos seus. Sir Thomas se converterá em um aliado em umas terras onde não temos nenhum. Daqui em diante, em vez de saquear comercializaremos com ele.

Kris compreendeu que seu pai e Brage já tinham tomado a decisão sem consultá-lo, e que não ficava outra coisa que aceitá-la, mas não tinha por que gostar.

—Nesse caso, reunirei aos homens e me prepararei para voltar ao mar. —assentiu.

—Eu pilotarei minha nave. —disse Brage— Será bom voltar a me reunir com meus homens.

—Você pode navegar comigo, Kris. —atravessou Anslak
— Me reunirei com você assim que tudo esteja pronto.

Brage e Anslak foram em busca de sir Thomas, que aguardava junto aos outros prisioneiros saxões à espera de seu destino.

—Queríamos falar com você, sir Thomas. —disse Brage.

Sir Thomas desconfiava, mas ficou de pé e se aproximou deles. Estava preparado para escutar sua decisão. Não esperava misericórdia; tinha lutado contra os vikings e derramado seu sangue. Todos sabiam que os vikings eram muito vingativos. Junto com os outros homens, tinha tentado adivinhar o que lhe fariam e o melhor que esperavam era ser vendidos como escravos.

—Meu filho e eu tomamos uma decisão. —lhe disse Anslak, observando-o atentamente— Ao que parecr, Brage considera que seria muito melhor lhe ter como aliado que como inimigo.

—Não compreendo. —disse sir Thomas em tom perplexo.

—Considera que você deveria governar a torre de lorde Alfrick. O que opina?

—Governar a torre? —Thomas não saía de seu assombro.

—Conforme me disse meu filho, arriscou a vida por salvar a sua. Agora lhe entrego esta fortaleza e estas terras, junto com a vida de outros prisioneiros.

—Pede-me que ocupe o lugar de lorde Alfrick? —disse, contemplando-os atônito.

—Sim, assim é. Daqui em diante, desejamos comercializar com vocês, não lutar. O que lhe parece nossa proposta?

—Farei-o! E lhe estou muito agradecido! —exclamou, recordando quanto tinham sofrido todos sob sir Edmund e sabendo que era capaz de melhorar a vida dos seus.

—Bem. As terras são suas. Governem bem e com justiça, meu amigo. —disse Brage.

—Agora navegaremos de retorno ao lar. Façam que estas terras prosperem. —acrescentou Anslak.

—Farei, e outra vez, obrigado.

—Graças a você... por salvar a meu filho —respondeu Anslak com sinceridade. Logo se afastou, deixando ao Brage e sir Thomas a sós.

—E o que acontecerá com lady Dynna? Ficará aqui? —perguntou o cavaleiro em tom de preocupação.

A sensação cálida que Brage experimentava se desvaneceu ante a menção do nome dela.

—Dynna virá comigo. —afirmou.

—Será bondoso com ela?

Brage lhe lançou um olhar gelada.

—Não abuse de nossa amizade. Quem me entregou ao Edmund foi Dynna.

Sir Thomas advertiu o intenso ódio que gotejava sua voz. Ele sabia o que tinha acontecido naquela noite no quarto, entre os pais de Dynna e Edmund, e era evidente que Brage o ignorava.

—Temo que a julga mal. —disse, tratando de lhe explicar o ocorrido — Lady Dynna jamais haveria...

Brage o interrompeu, negava-se a escutar uma só palavra em sua defesa.

—É de esperar que a defenda. Sempre o têm feito, mas não tente desta vez. O que fez não merece defesa alguma.

—Há momentos nos que alguém deveria usar o coração e não a cabeça ao tomar decisões.

—Se pensasse como você, faz tempo que estaria morto. —Como não queria seguir falando de Dynna, Brage se afastou. Ele sabia como era ela.

—Reflita sobre minhas palavras, viking. —exclamou sir Thomas, seguindo-o com o olhar. Esperava que Brage reconhecesse a verdade e aprendesse o poder do perdão.

Depois foi em busca de Dynna; queria lhe relatar o ocorrido e despedir-se dela, e a encontrou quando se dispunha a abandonar a torre com a Matilda.

—Sabia que um dia deixaria este lugar para sempre, mas nunca pensei que seria para viajar às terras do norte. —disse ela ao

atravessar a porta por última vez. Já se tinha despedido dos sacerdotes e os criados, e se encaminhava para um futuro que não prometia nenhuma felicidade.

—Ao menos partimos juntas. —repôs Matilda.

Dynna se deteve, lançou-lhe um olhar tenro e carinhoso a sua fiel companheira e lhe tocou a mão.

—É uma amiga fiel, Matilda. É o único motivo pelo que poderei suportar o que está a ponto de acontecer.

—Lady Dynna...

Ambas as mulheres se viraram e viram que sir Thomas se aproximava.

—Sir Thomas! —Dynna deixou cair os vultos e se jogou em seus braços e o estreitou com mais força que alguma vez— O que lhe ocorreu? Temi o que fariam os vikings uma vez que chegássemos aqui.

—Brage é um homem justo e generoso, igual a seu pai. —Ao ver seu olhar surpreendido, contou-lhe o que Brage e Anslak faziam por ele— E puseram em liberdade aos outros, em troca de um futuro comércio. —acrescentou.

—OH, sir Thomas, isso é maravilhoso! Ninguém inspira tanta lealdade e devoção em seus homens como você.

—Agradeço ser merecedor de sua confiança.

Dynna desejou voltar a gozar da confiança de Brage, mas sabia que era muito tarde.

—Me alegro de que seja feliz aqui, amigo meu. —disse ao Thomas.

—Eu também desejo sua felicidade, milady.

—Acredito que isso já não é possível.

—Não se inquiete. —disse ele, ao ver a tristeza de seu olhar— Às vezes Brage parece um homem duro, mas acredito que há esperanças.

Dynna soltou uma gargalhada suave e abatida.

—Quem dera tivesse razão, sir Thomas, porque então poderia conter a esperança de que minha vida terá um sentido. Agora ele me detesta. Seu coração está indisposto comigo e nada mudará essa circunstância.

—Confie em que o tempo tudo cura. Ama-o? —perguntou, posto que tinha notado o amor que sentiam o um pelo outro e queria assegurar-se de não estar equivocado.

—Planejava lhe dizer a verdade a respeito de meus sentimentos. —disse Dynna elevando a vista —, aquela manhã, antes de que retornasse a seu lar. Mas então chegou Edmund e a oportunidade se perdeu para sempre.

—Agora mesmo é um homem zangado, lady Dynna, e com razão. Foi traído por um dos seus e muitos de seus homens morreram. Quer vingar-se pelo mal que lhe têm feito. Compreendo sua necessidade, mas duvido que consiga descobrir a identidade do traidor. —Sir Thomas recordou aquela noite remota, quando o traidor veio a visitá-los e lhe falou em voz baixa, com o rosto

oculto. Ele mesmo seria incapaz de identificá-lo, inclusive se estivesse frente a ele — Justo quando acreditou poder retornar a seu lar, acabou por acreditar que tinha sido traído por você.

—Mas eu devia salvar a vida de minha mãe...

—Quem sabe que mentiras lhe contou Edmund? O único que sabe é Brage, e neste momento se nega a falar disso ou a prestar ouvidos a explicação alguma.

A astúcia de Edmund seguia atormentando-a, inclusive depois de morto.

—Farei o que você diz, porque é a única coisa que posso fazer. —admitiu Dynna.

Desta vez foi ele quem a estreitou entre seus braços.

—Vão, eles aguardam. —lhe disse.

Dynna dirigiu o olhar para onde todos se reuniram.

—Sentirei sua falta, milady. —acrescentou Thomas, de todo coração.

—E eu de você, meu amigo. Sempre. —respondeu ela e o beijou na enrugada face.

Sir Thomas observou como Dynna e Matilda empreendiam o caminho para a costa, onde aguardavam as naves. Rogou que encontrasse a felicidade junto a Brage, era uma mulher bela e bondosa que merecia viver rodeada de amor para sempre.

Dynna e Matilda embarcaram na nave de Brage e trataram de acomodar-se longe dos homens que empunhavam os remos.

Tinham ouvido falar como os vikings da viagem de volta e averiguaram que demorariam quase uma semana em chegar à aldeia de Anslak, o lar de Brage.

À medida que os drakkar se afastavam da beirada, viram como a costa se perdia de vista, e ambas guardaram silêncio, embargadas por um torvelinho de emoções. Se não encontravam a felicidade, rogaram achar ao menos a paz naquelas terras tão afastadas de sua terra natal.

Os dias transcorriam lentamente enquanto navegavam para o norte. Dynna observava Brage percorrendo a nave, cômodo em seu papel de chefe. Viu que os homens cumpriam suas ordens e o respeitavam. Não cabia dúvida de que era um chefe em quem confiavam, um homem entre os homens.

Cada vez que Brage lhe dirigia o olhar, ela baixava o seu, porque não queria ver o ódio glacial refletido em seus olhos.

De noite, Brage deitava a seu lado, mas sem tocá-la. Uma noite despertou e descobriu que estava encostada contra ele. Brage desejava tocá-la, acariciar seus cabelos sedosos e inundar-se em seu corpo, mas lutou contra seu desejo. Não voltaria a cair na armadilha. A próxima vez que a possuísse seria friamente, sem sentimentos, um sexo breve que não comprometesse seu coração.

Logo se levantou e passou o resto da noite caminhando de um lado a outro.

Dynna sentia a ansia de tocá-lo, de estar entre seus braços e sentir seus beijos, mas ele não se insinuava e de dia apenas lhe dirigia a palavra, exceto de maneira casual. Pela manhã, ao despertar, ele já tinha se afastado para realizar suas tarefas e Dynna sentia um imenso vazio interior, como se lhe faltasse uma parte essencial do coração.

Durante o terceiro dia de navegação, Dynna notou que Matilda dirigia o olhar para outra nave.

—O que tem essa nave que a interessa tanto? — perguntou.

Matilda ruborizou ligeiramente.

—É o que comanda Ulf, milady.

—Ulf? Sente algo por ele?

Matilda assentiu.

—E ele o que sente por você? —acrescentou Dynna.

—Não sei, mas foi a quem supliquei que me deixasse a acompanhar, e aqui estou.

—Me recorde que o agradeça quando desembarcarmos.

—Farei-o. Acredito que eu mesma voltarei a lhe agradecer. —respondeu e seu olhar voltou a deslizar-se para a figura do homem alto e de largos ombros, de pé na proa da nave longínqua. Um lento sorriso lhe curvou os lábios.

—Me alegro de que encontre um pouco de felicidade, dada nossa situação.

—Temi que você e eu teríamos que nos separar. Não poderia haver ficado em terra, observando como a levavam ao mar.

—Minha única esperança é que, com o tempo, eu também encontre a felicidade. Você ouviu as palavras de Brage, aquele dia em meu quarto quando disse que me transformaria em sua escrava quando tiver retornado a seu lar.

—Possivelmente mude de parecer.

—Temo que minha vida tenha acabado, Matilda. Junto a Edmund, minha vida teria sido desgraçada e agora parece que junto a Brage, também o será. Não deixarei de tentar que compreenda a situação e suplicar que um dia me escute.

Viu Brage com a extremidade do olho e se virou para observá-lo. Sorria e ria. Quanto ansiava que o sorriso estivesse dirigido a ela!

Dynna desviou o olhar e contemplou o mar. De algum modo descobriria a maneira de lhe demonstrar que o amava.

CAPÍTULO 19

Brage estava de pé na proa da nave, contemplando sua terra natal. Das altas montanhas até as claras águas do fiorde, sua beleza nunca deixava de comovê-lo. Teria celebrado sua volta com alegria, se não fora porque estava concentrado naquilo que o tinha obcecado durante as últimas semanas. Tinha chegado o momento, logo descobriria ao traidor.

Durante a maior parte do trajeto, Brage tinha observado seus homens com a esperança de descobrir um indício que lhe permitisse identificar a outro que não fosse Ulf, mas não o obteve. Embora os homens comentaram que durante o primeiro ataque tinham sido traídos, nenhum sabia quem os tinha delatado aos saxões.

Brage dirigiu o olhar à nave de Ulf e viu seu irmão na cobertura de proa: Parecia um grande chefe, um orgulhoso viking, um guerreiro feroz, mas acaso poderia ter sido o conspirador? O culpado da morte dos homens do Brage?

Como se notasse o olhar de seu irmão, Ulf se voltou para ele e, ao ver que Brage o estava observando, elevou o braço para saudá-lo. Brage viu que sorria e se perguntou quanto esforço haveria simular semelhante alegria.

Brage desviou o olhar e a dirigiu para Dynna, que estava de pé perto da popa junto à Matilda, observando a paisagem.

Embora tinha dormido a seu lado todas as noites, não tinha deixado de tratá-la com uma indiferença fria durante a viagem. Não esquecia a paixão que ambos tinham compartilhado, e saber que a amava e que tinha estado a ponto de dizer-lhe o perturbava. Foi um parvo que se deixou enfeitiçar por seu amor e suas mentiras. Não podia negar que ainda a desejava e, uma vez instalado em seu lar, voltaria a desfrutar de seu corpo, mas jamais voltaria a confiar nela, porque cada beijo e cada carícia seria uma nova traição.

Brage ouviu o som dos chifres anunciando sua chegada e dirigiu a vista para a aldeia. Aproximavam-se da zona de desembarque. Via os homens e mulheres correndo ao encontro das naves e então compreendeu que as semanas de tortura realmente tinham chegado a seu fim: tinha acabado, era livre. Estava em casa!

—O que acredita que ocorrerá agora, lady Dynna? — perguntou Matilda em tom nervoso. As naves se aproximavam lentamente à borda e outra vida estava a ponto de começar para elas. A ideia era aterradora.

—Tenho que me converter na escrava de Brage. — respondeu Dynna afligida, dirigindo um olhar a Brage na proa. Estava desconsolada e sabia que ele já não albergava sentimentos tenros por ela.

—Tudo poderia ter saído pior. —disse Matilda, procurando animá-la. Dynna ficou perplexa — Sir Edmund poderia ter saído vitorioso, poderia enfrentar um inferno em vida a seu lado.

Dynna lhe lançou um sorriso lânguido.

—O que diz é verdade. —respondeu — Talvez ser a escrava de Brage não será tão horrível como parece... —Mas recordou o prazer que antigamente lhe provocaram suas carícias, recordou seu calidez e sua ternura. Como sua escrava, nunca mais voltaria a desfrutar delas. Sua pena aumentaria dia após dia, ao tempo que lutava por conviver com seu amor por ele.

Enquanto o drakkar de Brage se aproximava da borda, permaneceram uma junto à outra, dispostas a enfrentar ao futuro naquela terra estranha.

Quando os aldeãos viram que Brage ocupava a proa de sua nave, soltaram um rugido de entusiasmo. Estava vivo! Tal como Anslak jurou, tinha retornado com ele! A notícia se difundiu com rapidez e começaram a chegar cada vez mais aldeãos para lhe dar as boas-vindas ao lar.

Brage se dispunha a abandonar a nave, mas pensou melhor e se dirigiu a Parr:

—Leva às mulheres a minha casa. Eu irei falar com meu pai.

Brage desembarcou e foi reunir-se com seu pai e Kris na beirada. Quando abriu lugar entre a multidão, ouviu que uma mulher o chamava por seu nome.

Inger tinha ouvido o chamado dos chifres e foi uma das primeiras em alcançar o topo da colina que dava ao fiorde. Ao ver que era Anslak quem retornava, correu até a beirada para averiguar o que tinha ocorrido com o Brage. Ao ver que estava vivo, logo que conseguiu controlar-se e, sem ter em conta aos presentes, lançou-se em seus braços.

Antes de poder pronunciar uma só palavra, Brage se encontrou com a bela mulher loira entre os braços e com seus lábios pressionando os seus.

Permitiu-se desfrutar do abraço e logo tratou de desprender-se dela.

—Inger... —disse em tom suave—, me alegro em a ver.

—OH, Brage! Agradeço aos deuses que tenha retornado são e salvo! —exclamou, lhe roçando os ombros e o peito e contemplando-o com olhar encantado. Sentia-se radiante, Brage tinha voltado para ela, tal como tinha esperado — Esta noite celebraremos sua volta! —acrescentou, lhe lançando um olhar sugestivo.

—Celebraremos uma grande festa em meu lar! — interrompeu-a Anslak; suas palavras evitaram que Brage tivesse que responder a Inger — Mas agora Brage tem que me acompanhar. Estou seguro de que Tove quer lhe ver...

Inger ficou de beicinho, mas não deixava de estar encantada de que Brage tivesse retornado. Tinha planos importantes para essa noite. Queria Brage como marido e faria todo o possível por seduzi-lo. Quando Brage se afastou para saudar a mulher de Anslak, seguiu-o com o olhar.

Tove tinha estado ocupada e foi uma das últimas em inteirar-se da chegada das naves. Pôs-se a correr pelo aterro para seu marido, seu filho legítimo e Brage.

—Retornou, e com o Falcão Negro! —disse com um amplo sorriso e depois beijou a seu marido e a Kristoffer. Logo se virou para Brage e o contemplou com orgulho — Me alegro de que se encontre bem. Não desfrutamos de um instante de tranqüilidade desde aquele dia horrível, quando Ulf e Kris retornaram com a notícia da derrota sofrida ante Alfrick. É bom que tenha voltado para o lar.

Ao recordar a batalha perdida, Brage se entristeceu, mas conseguiu lhe sorrir.

—É bom estar em casa. —disse.

—Vêem para casa. Começaremos os preparativos para a festa em sua honra. Fluirão o hidromel e a cerveja e possivelmente seu pai abra o tonel de excelente vinho que trouxe do oeste no inverno passado. —Tove o agarrou do braço e o levou.

Brage se afastou com ela, acompanhado de seu pai e Kristoffer, contente de ter sido resgatado sem dificuldades da possessiva Inger.

As outras naves atracavam e uma multidão desembarcou em meio da felicidade pela volta do Ulf e Kristoffer. A nave do Ulf foi a última em alcançar a borda e muitos homens já tinham partido para reunir-se com sua família quando o turvo guerreiro desembarcou. Ficou na praia, com a vista cravada em seu pai, Brage e outros; depois se virou e descobriu Inger atrás dele.

—Agradeço-te que o tenha trazido de volta para mim, Ulf. —disse a mulher, sorrindo e agradecida pelos acontecimentos do dia.

—Não o trouxe de volta só para você, Inger. — a repreendeu Ulf com uma risadinha, tinha visto o brilho nos olhos da mulher e se perguntou se Brage seguia a salvo, agora que estava em casa.

—Não tem importância. Logo será meu, já o verá. — Quando se dispunha a partir, viu que Parr ajudava a duas mulheres a descer da nave do Brage e se deteve, as olhando fixamente. Uma era alta, preciosa e de cabelos escuros e, embora suas roupas delatavam o desgaste dos largos dias de navegação, a qualidade de seus traços anunciava que era de bom berço. A cabeleira da outra era da cor de um pôr-do-sol estival; Inger viu que ia vestida como uma criada e decidiu que não tinha importância. Mas a dos cabelos escuros a inquietava e, dirigindo-se ao Ulf, exclamou sem separar a vista delas — Quem são essas mulheres a bordo da nave do Falcão Negro?

Ulf conhecia muito bem a Inger, e não estava disposto a lhe dar muita informação.

—Duas escravas, o premio de Brage. —repôs.

—Escravas?

Inger soltou uma gargalhada de alívio, mas a ideia de que vivessem no lar de Brage lhe incomodava, assim que se aproximou delas para lhes falar e assegurar-se de que soubessem qual era o lugar que correspondia.

Quando Inger se aproximou, Dynna e Matilda carregavam seus escassas pertences e seguiam Parr terra adentro. Dynna tinha visto como a mulher se lançava sobre Brage e o beijava diante de todo mundo, e teve que esforçar-se por controlar o ciúmes que lhe provocou. Nesse momento Parr ordenou que o acompanhasse, assim Dynna recordou que já não era uma dama elegante, mas sim se converteria na escrava do viking. Se sua força de vontade tivesse sido menor teria soltado um grito; em troca adotou uma postura ainda mais orgulhosa enquanto seguia Parr até o lar de Brage, embora seguia sem compreender o que pretendia aquela mulher.

—Desejo falar com as escravas de Brage. —declarou Inger, de pé ante o Parr.

—Brage me disse que as levasse a sua casa e devo fazê-lo. —respondeu ele.

—Não levará muito tempo. —lhe assegurou e lançou um doce sorriso.

Parr encolheu os ombros, porque sabia que gozava de certo favor por parte do Falcão Negro.

Inger se aproximou de Matilda, olhou-a como se olha um cavalo que se deseja comprar e depois foi a vez de Dynna. Ao cruzar seu olhar com a outra, que evidentemente era uma dama, disse em tom desdenhoso:

—Agora são escravas. Estão submetidas aos desejos de Brage, mas não esqueçam que lhe pertencem. Só são uma posse dele, nada mais.

—Somos conscientes da posição que ocupamos aqui. — replicou Dynna com uma dignidade e uma elegância que assombrou inclusive a ela mesma, tendo em sua conta estado de ânimo atual. Tinha visto como essa mulher beijava Brage, e agora se via obrigada a suportar seus insultos.

—Se por acaso não o recordar, —continuou Inger — me deixe que te diga que para o Brage é menos importante que seu escudo ou sua espada, tem menos valor para ele que seu cavalo ou sua nave.

Dynna fez chiar os dentes ao escutar o sermão da arrogante viking.

—Suspeito que nenhuma mulher poderia ser mais importante para ele que sua nave. —replicou.

—Ah, pois está errada. Não demorará para cumprir minhas ordens além das do Brage, porque quando nos tivermos

casado, eu serei sua ama. —arrebitou Inger, pavoneando-se ante aquela mulher cuja segurança em si mesma a chateava.

Dynna lhe lançou um sorriso frio.

—Quando chegar o dia em que se converta na mulher de Brage, a respeitarei. —afirmou — Até então só farei o que mande meu amo, e este me disse que devo acompanhar Parr. —Elevando a cabeça com atitude majestosa, Dynna se afastou.

Parr tinha observado a cena quase divertido. Todos na aldeia sabiam que Inger queria casar-se com o Brage e, quando Dynna se negou a deixar-se intimidar, sua coragem o impressionou.

Que a despachasse daquele modo irritou Inger. Quando estava a ponto de agarrar à empregada saxã pelos cabelos, a voz do Ulf ressonou a suas costas:

—Pensaria duas vezes antes de fazer mal a um dos bens de meu irmão, Inger. —Tinha acabado suas tarefas e se dirigia para ver Matilda quando escutou a troca de palavras entre as duas.

—Tratou-me com arrogância. —protestou a vikinga.

—É uma dama.

—Era uma dama. —insistiu a outra— Agora só é uma escrava.

—Mas é escrava de Brage. —disse Ulf e se voltou para a Dynna e Matilda — Venha. A levarei até a casa de meu irmão. Pode partir, Parr.

Parr se encaminhou a sua casa para encontrar-se com sua própria família, enquanto que Inger, vermelha de fúria ante a intromissão, afastou-se com rapidez.

—Indicarei o caminho a seu novo lar. —disse Ulf de caminho à aldeia.

—Está longe? —perguntou Matilda.

—Não, encontra-se do outro lado da aldeia, perto do bosque.

—O que há mais à frente do bosque? —perguntou Dynna.

—Não se importe, lady Dynna. Não escapará. —replicou Ulf, acreditando que estava pensando em fugir.

Dynna guardou silêncio. Pensando sobre sua vida futura, perguntou se esta seria um inferno caso Brage se casasse com Inger.

Sentado ante a mesa em casa de Anslak, Brage bebia cerveja em companhia de seu pai e Kristoffer.

—Ulf e Kristoffer suspeitam que foi traído antes da incursão. Acredita que é assim? —perguntou Anslak.

—Sim. Alfrick estava esperando. Tinha planejado a batalha. Não o pegamos de surpresa, porque de algum modo sabia que viríamos.

Anslak franziu o sobrecenho; seu rosto expressava ódio pelo traidor.

—Mas quem faria algo assim quando todos os que navegam com você saem beneficiados?

—Não estou certo.

—Quem desejaria lhe ver morto? Tem um inimigo semelhante? —perguntou Kristoffer.

—Acreditei que não, mas devo estar errado.

—Então quem? —insistiu Anslak.

—Tenho suspeitas, mas tenho que saber mais. Talvez nesta noite, durante a celebração, o traidor se delatará por si mesmo. Não descansarei até encontrá-lo. —jurou Brage — Mas por agora retornarei a casa para me encarregar de minhas escravas.

Ficou de pé e Anslak o seguiu ao ensolarado exterior.

—Falando de suas «escravas», de verdade acredita que fez bem em trazer lady Dynna aqui? Você mesmo disse que foi ela quem o entregou ao filho de sir Alfrick. Para que as trouxeste aqui, a seu lar? Não teria sido melhor vendê-la no mercado de escravos?

—Não confio nela, mas a ideia de nos separar me é insuportável.

—Não compreendo.

—Eu tampouco. Durante um tempo acreditei amá-la, mas agora só sei que a desejo, e que ao mesmo tempo detesto o que fez.

—O que sabe a respeito?

—Edmund me disse que ela me tinha delatado.

—E acreditou nele? Um homem que era seu pior inimigo?

—Tinha as provas em minha mão. —respondeu Brage em tom irado — Voltava a ser seu prisioneiro, preso na torre do pai de Dynna.

—Pois vá se ocupar de suas escravas, mas retorna quando anoiteça. Não começaremos a celebrar até que chegue. —disse Anslak, e logo guardou um silêncio prudente. Recordou a época em que Mira, a mãe de Brage, tinha sido uma escrava, e a paixão que ambos compartilharam. Anslak comprou sua liberdade, só para poder tomá-la como esposa. Embora apreciava muito a Tove, não tinha amado a outra mulher como amou a Mira.

Lentamente, Brage atravessou a aldeia perdido em seus pensamentos. Desde que tinha recuperado a liberdade, era a primeira vez que se dava conta de que tinha acreditado em tudo o que Edmund lhe disse. Recordou todas suas palavras, procurando separar a verdade da mentira: «Dynna sempre compreendeu como são as coisas com rapidez. Sempre soube como utilizar aos outros».

Brage tratou de conciliar suas afirmações com o que sabia dela; tinha visto a devoção que sir Thomas sentia por ela. Dynna tinha ido à aldeia para ocupar-se dos feridos e os moribundos; em que pese a ele era seu inimigo, tinha tratado de curar suas próprias feridas. Brage enrugou a frente, preso da confusão.

Quando entrou em sua casa ainda franzia a testa, e sua irritação aumentou ao ver Ulf na sala em companhia da Dynna e Matilda.

—Parr partiu? —perguntou.

—Devia ir ver sua família. Ofereci-me às acompanhar até aqui. —lhe explicou Ulf — Não sabia qual seria o quarto delas, assim deixo essa decisão a você. Verei-o esta noite.

Ulf notou que Brage estava aflito. Queria dizer algo, lhe sugerir que contasse o que o preocupava, mas notou uma inusitada atitude reservada em seu irmão, assim que partiu sem dizer nada.

A casa de Brage era ampla, muito grande para um homem sozinho. Consistia em uma sala central destinada a cozinhar e receber visitas e três quartos anexas menores.

—Poderá ocupar o quarto de trás, Matilda. —disse. Esta se dirigiu a dar uma olhada ao quarto que seria seu, deixando a sós Dynna e Brage — E você, Dynna, dormirá aqui. —prosseguiu, com olhar inescrutável. Conduziu-a ao seu próprio quarto escassamente mobiliado, mas que continha uma ampla cama, uma mesinha e um grande baú para guardar objetos.

—Assim tenho que compartilhar seu quarto e sua cama. —comentou Dynna, surpreendida de que a quisesse a seu lado.

—Sim.

—E o que acontecera quando se casar com Inger e a trazer aqui, a seu leito nupcial?

—Não tenho intenção de me casar com Inger.

—Dado que você não acredita em mim, eu tampouco acreditarei em você.

Então Brage se aproximou dela e a abraçou. Disse a si mesmo que não a desejava, que seu pai tinha razão: Que devia

vendê-la no mercado de escravos. Não era muito tarde para submetê-la a esse destino. Mas quando os seios dela roçaram seu torso, notou a dureza na virilha e compreendeu a verdade. Maldita seja! Apesar de tudo o que ela tinha feito, ainda a amava!

Seus lábios procuraram os de Dynna com um ardor que lhe disse que a desejava, e devolveu o beijo com a mesma paixão. Era a primeira vez que a tocava desde aquele dia fatal na torre de seu pai. Desejava estar perto dele, sentir sua força viril, estreitá-lo entre seus braços e saborear seu beijo. Se Brage se negava a escutar suas palavras, possivelmente escutasse a seu coração.

Brage a levantou e a depositou na cama, contemplando-a com um olhar cheio de paixão. Seu corpo exigia que a possuísse, seu coração ansiava unir-se a ela, mas não conseguia tirar da cabeça sua traição nem as palavras de Edmund. Deteve-se e ficou olhando-a, paralisado por suas mentiras.

—Brage? —Dynna levantou a vista e ao ver que o desejo se esfumou em seu olhar, estremeceu. Ele a contemplava com expressão fria.

—Posso lhe possuir quando e onde me agrada, mas agora não desejo fazê-lo. —disse, afastando-se —Se prepare para ir a casa de meu pai; esta noite será celebrada uma festa em minha honra e volta. Você e Matilda ajudarão aos criados de minha mãe. —acrescentou, deu-lhe as costas e abandonou a casa.

Dynna o seguiu com o olhar. Debatia-se entre a ira pela frieza e crueldade de seu trato e a sensação de estar sozinha e

perdida. Ao ouvir a voz da Matilda chamando-a, levantou-se e saiu do quarto.

—Aonde foi Brage? —perguntou a criada.

—Não sei. Só me disse umas palavras e depois partiu. —

Dynna lhe contou o planejado para elas nessa noite.

—Quer tomar um banho? Encontrei uma tina no outro quarto.

O rosto de Dynna se iluminou ao pensar em desprender-se da sujeira depois da longa viagem por mar.

—Sim, por favor. Possivelmente seja o último luxo que possa me dar.

—Não acreditará que Brage se oporá que se banhe, verdade?

—Embora se opor, agora mesmo não me importa. Até a mais humilde das criadas tem que lavar-se. Se quiser que esta noite o sirvamos, quererá que estejamos limpas, não?

Matilda foi procurar água enquanto sua senhora rebuscava entre seus escassos vestidos. Escolheu uma túnica larga violeta escuro e uma mais clara como sobrevestido. Quando Matilda a chamou, estava mais que disposta a tirar a imundície acumulada durante tantos dias.

Dynna deslizou dentro da tina meio cheia e suspirou.

—É maravilhoso. —disse, inundou-se na água quente, inclinou a cabeça para trás, apoiou-a na borda e fechou os olhos.

—No tamborete a seu lado há uns panos. Se me necessitar, estarei no quarto principal. —disse Matilda. Logo perguntou — Sabe de quanto tempo dispomos?

—Brage não disse, mas acredito que ao menos de umas horas, antes de ir nos ocupar de servi-lo.

—Bem. Isso me dará tempo a tomar um banho quando tiver acabado.

Matilda estava segura de que Ulf assistiria à celebração e queria limpar-se para ele. Então deixou Dynna a sós e fechou a porta para lhe proporcionar tranquilidade. Dynna aproveitou o momento para desfrutar da água morna e fingir que nada de tudo aquilo tinha ocorrido, que não pertencia a nenhum homem e que sua vida ainda se estendia na sua frente. Quando a água começou a esfriar, lavou-se e logo se levantou para enxaguar o cabelo. Sentia-se muito reconfortada.

Dynna acabava de sair da tina e envolvia os cabelos com um pano quando ouviu que a porta se abrir a suas costas. Virou-se, caso tratasse de Matilda e ficou imóvel ao descobrir o olhar penetrante de Brage, de pé na soleira.

Ao retornar à casa e não ver Dynna, Brage tinha temido que tivesse escapado. Furioso, perguntou a Matilda onde estava e, ao descobrir que se encontrava no outro quarto, o imenso alívio que sentiu o chateou. Atravessou a sala a grandes passos, sem escutar as palavras de Matilda sobre o banho. A imagem esplendorosamente nua de Dynna o enfeitiçou.

—Até uma humilde escrava deveria ter direito a certa intimidade. —disse Dynna.

Como uma labareda, percorreu seu corpo com o olhar e Dynna quase notou seu calor. Recolheu outro pano, envolveu-se nele e o olhou com expressão altiva.

—Partiremos antes de uma hora. —grunhiu Brage.

—Estarei preparada.

—Vista-se. —Brage se voltou e fechou a porta atrás dele, mas permaneceu ao outro lado, lutando contra o imperioso desejo de derrubar a porta e possuí-la. Vê-la nua ante ele tinha aceso sua paixão, e teve que esforçar-se por controlá-la. Por fim, respirando entrecortadamente, abandonou a casa.

Uns minutos depois Matilda bateu na porta e entrou para ajudar Dynna a pentear-se e vestir-se. Logo ela também tomou um rápido banho.

—Estamos dispostas a partir, se você estiver. —disse Dynna a Brage, que tinha retornado e estava sentado na sala principal.

Brage levantou os olhos e viu as duas mulheres aproximando-se. Dedicou-se a tratar de compreender o que sentia por Dynna. Não podia negar que a desejava, posto que seu corpo não deixava de recordar-lhe. Mas que estivesse ali, tão perto dele, já estava era uma tortura. Na nave, a presença dos homens tinha evitado que pensasse constantemente em sua proximidade, mas agora estavam em sua casa e dormiria em sua cama. A lembrança

dela fazia uns momentos, quando o olhou com expressão cálida e disposta, e depois vê-la nua na sua frente o fez engolir saliva. Não compreendia como podia seguir sentindo o mesmo por ela, sabendo o que tinha feito.

—Partamos. A noite promete ser longa. —disse em tom brusco, ficou de pé e saiu da casa; elas o seguiram.

O barulho que surgia da casa de Anslak se ouvia a distância. Quando Brage, Dynna e Matilda chegaram estava cheia de gente e a multidão se esparramava pelos jardins.

—Chegou o Falcão Negro! —exclamou um dos aldeãos, e todos soltaram sonoros gritos.

—Deixem passar! Brage está aqui!

A multidão se afastou e Brage entrou no lar paterno. Quem o conhecia lhe aplaudia nas costas e lhe deram uma calorosa boas-vindas. Dynna caminhava atrás e notou o afeto que todos lhe tinham e também que ele parecia apreciar a todos quem dirigia a palavra. Quando ela e Matilda entraram na casa, ambas notaram as olhadas curiosas dos vikings.

—Tove! —exclamou Brage, dirigindo-se à mulher de seu pai quando por fim alcançou a lotada sala principal —Trouxe estas mulheres para que lhe ajudem. Poderá as empregar como melhor te pareça.

Tove tinha ouvido a história da traição da mulher de cabelos escuros e sabia muito bem onde as poria a trabalhar.

—Venham comigo. —ordenou e indicou a ambas que se dirigissem à cozinha. Ali as tarefas eram calorosas e exaustivas, adequadas para escravas como elas. Embora parecessem damas, já não o eram.

Ulf já estava ali, sentado a um lado com alguns dos homens, desfrutando de uma jarra de cerveja. Alegrava-se de que seu irmão tivesse voltado para o lar e também da presença de Matilda. Planejava comprá-la de Brage e mais adiante ele e seu irmão fariam do preço. Queria-a para si. Quase não tinha pensado em outra coisa durante a viagem e agora que estavam instalados, o momento tinha chegado.

Seguiu a Matilda com o olhar quando esta atravessou a sala. Como se o notasse, virou-se para ele e lhe sorriu. A inesperada sensação de felicidade que o inundou surpreendeu a Ulf e lhe devolveu o sorriso, enquanto Matilda desaparecia na cozinha junto com Tove e Dynna.

Brage se aproximou da mesa situada no centro do salão, onde tomou assento junto a seu pai e Kristoffer. Serviram-lhe uma jarra de vinho e todos se dedicaram a beber.

Transcorreu quase uma hora antes de que trouxessem a comida. Dynna, Matilda e diversas escravas de Tove carregavam com grandes fontes transbordantes de carne de cervo e pato assado. Depois serviram fumegantes panelas de sopa e bandejas de pão quente. Era um festim digno de um herói e o júbilo reinava na casa.

Brage estava sentado na frente da mesa enquanto serviam a comida, conversando com quem o rodeava. Mas não pôde deixar de observar a Dynna movendo-se através da sala. Acreditou que a humilharia ao obrigá-la a servir, mas ela desempenhava a tarefa com facilidade, brincando com os homens que lhe faziam comentários e evitando com habilidade aos que tratavam de lhe por as mãos quando passava a seu lado. Ao observar isto, Brage se zangou, e quando Dynna passou junto a sua mesa a chamou.

Dynna parou na sua frente, lhe lançando um olhar inquisitivo. Tinha carregado cuidadosamente a pesada bandeja e acreditou que o estava fazendo bem. Ignorava o que podia ter feito para zangá-lo.

—De agora em diante, só servirá aos desta mesa. — ordenou de maneira cortante; seu pai o olhou com curiosidade.

—Se isso for o que deseja... —respondeu ela em tom submisso. Logo foi à cozinha para informar a Tove da ordem recebida. Brage a seguiu com o olhar até que desapareceu e depois esvaziou a jarra de vinho de um gole. Quando outra criada passou a seu lado, agarrou uma de cerveja e começou a beber.

Anslak os tinha observado a ambos.

—A empregada é traiçoeira, mas formosa. Ficará com ela? —perguntou-lhe.

—Até que me canse. —respondeu Brage.

Mas a lembrança de fazer o amor com ela não o abandonava e se perguntou se chegaria o dia em que se cansasse,

face à traição. Não podia esquecer que Dynna tinha o salvado a vida quando foi tomado prisioneiro pela primeira vez. Não tinha revelado sua identidade e procurou cuidar dele até que sir Edmund a impediu. Tinha-lhe ajudado a escapar, embora isso servisse a seus propósitos. Sacudiu a cabeça para deixar de pensar nela.

—E a outra? Ao parecer, Ulf quer ficar com ela. — continuou seu pai.

Ao olhar a seu irmão, Brage encolheu os ombros e seu olhar se endureceu quando viu que Ulf rodeava a cintura de Matilda e a sentava no seu colo. A moça não resistiu, mas sim sorriu, rodeou-lhe o pescoço com os braços e o beijou. Ulf parecia estar passando bem e o pingo de suspeita que Brage continha, fez só aumentar de repente durante este tempo.

Ulf dirigiu a vista para ele e seus olhares se encontraram através do salão lotado. Ulf ria, mas suas gargalhadas se apagaram ao ver a expressão de seu irmão.

—O que faremos a respeito do traidor? Suspeita de alguém? —perguntou Anslak.

Ante a menção daquilo que lhe causava tanta preocupação, Brage ficou ainda mais tenso.

—Talvez deveria agradecer ao traidor. —disse, bebendo um gole de cerveja — É o motivo pelo qual ainda estou vivo, posto que a necessidade de encontrá-lo foi o que fez que seguisse lutando por me manter com vida. Quero vê-lo sofrer por sua traição.

—A vingança é um sentimento atroz. —assentiu seu pai.

—Em efeito. —resmungou Brage e voltou a olhar para Ulf, que estava entretido em uma conversa com seus homens.

—Olha-o. —disse Parr a Ulf — Aí está, sentado junto a Anslak como se nada tivesse acontecido.

—Sofreu feridas, esteve preso, e entretanto agora se encontra perfeitamente bem. —acrescentou outro, sobressaltado ante a força e a destreza de Brage.

—É o Falcão Negro. —se limitou a responder Ulf. Sempre soube como era valente e forte seu irmão. Inclusive de meninos, quando era mais alto uma cabeça e ao menos vinte quilos de peso, na maioria dos casos Brage o igualava em poder e de vez em quando até o tinha derrotado.

—Nunca devemos duvidar dele, Ulf, mas naquele dia durante o ataque... Eu também o vi cair e acreditei que estava morto. Que ainda esteja entre nós é um milagre. —Ao recordar aquele dia, Parr adotou uma expressão preocupada.

Ulf voltou a olhar a Brage e comprovou que seu irmão o observava estranhamente inexpressivo.

—Que siga com vida é um autêntico milagre. —assentiu.

Uma vez que tiveram servido a comida, as mulheres se dedicaram a servir cerveja, hidromel e vinho aos convidados. Dynna aproximou uma bandeja com jarras de cerveja e Brage se serviu outra e a esvaziou de um gole.

—Estou desfrutando da celebração, Brage. —ronronou Inger, aproximando-se da mesa e lhe lançando um sorriso coquete.

—Me alegro. —se limitou a lhe responder. Tinha observado que movia para ele através da multidão desejando encontrar o modo de evitá-la. Era uma mulher atraente, mas não a amava e sua atitude insinuante não despertava seu interesse.

Depois de servir cerveja a Brage, Dynna permaneceu de pé a seu lado, tal como lhe tinha sido ordenado. Sua presença irritou Inger.

—Me traga uma taça de vinho, mulher. —lhe disse em tom imperioso.

—Ela ficará aqui. —atalhou Brage com rapidez — Se quiser vinho, vá buscá-lo você mesma.

—Só é uma criada! —A crueldade de Brage fez que ruborizasse.

—Ela é minha criada. —replicou ele — Está aqui para cumprir minhas ordens.

Inger se sentia humilhada. Sabia que Anslak e Kristoffer a observavam e que, ao escutar as palavras secas de Brage, outros compreenderam que a estava evitando de propósito. Afastou-se apressadamente e sua esperança de casar-se com ele se desvaneceu.

Brage estava de um humor negro. O bate-papo de Inger e sua atitude lisonjeira o impacientavam. Quanto mais pensava na traição de Ulf, tanto maior era sua ira e quando viu que atravessava o salão em direção a eles, preparou-se para enfrentar-se a ele. Tinha aguardado esse momento. Enfrentaria ao embusteiro de seu irmão diante de todos e demonstraria que era um maldito traiçoeiro.

—Por que está tão sério esta noite, irmão meu? — perguntou Ulf, detendo-se ante a mesa e bebendo um gole de sua jarra de cerveja.

—Acaso é tão difícil de compreender quando sei que um traidor participa da celebração?

Ulf olhou em torno.

—Pensa na traição, precisamente nesta noite quando deveria celebrar sua volta?

—Quase não pensei em outra coisa desde que vi morrer a meus homens e caí prisioneiro dos saxões.

Anslak e Kristoffer não podiam fingir que não ouviam suas palavras e aguçaram os ouvidos.

—Em quem pensa? —prosseguiu Ulf— Sabe quem é? Porque nesse caso, ajudarei-o a matá-lo.

—Dispus de muitas horas para refletir a respeito. E sei quem tiraria maior proveito se eu morresse. —A expressão de Brage era dura quando ficou de pé lentamente e olhou Ulf de cima abaixo.

—Quem é o traidor? —perguntou Ulf, notando sua ira e compreendendo-a. Os homens de Brage tinham morrido por causa do traidor e Brage não era um homem indulgente — Eu o apanharei.

—É você.

CAPÍTULO 20

Pálido e atônito, Ulf olhou fixamente Brage, doído pela acusação.

—Questiona minha lealdade? Acredita que seria capaz de o trair? É meu irmão! Lutei a seu lado e agora me acusa disto! Como pode insinuar semelhante coisa?

—Fiz mais que insinuar. —replicou Brage em tom furioso, rodeando a mesa e enfrentando Ulf — Afirmo que foi você!

Consternada a multidão guardava silêncio, todos mantinham a vista cravada nos irmãos.

Dynna seguia de pé atrás da mesa, observando a confrontação.

—Não falará a sério, verdade? —disse Ulf.

—Você conhecia todos meus planos. —o acusou Brage.

—Igual a outros. —se defendeu.

—É o que maior proveito obteria se eu desaparecesse. Comandaria a meus homens; daria procuração de minha nave. Se eu saísse do caminho, nosso pai o apreciaria ainda mais. — prosseguiu Brage e, olhando ao redor, viu que a espada de seu pai e a de Kristoffer estavam apoiadas contra a parede.

Aproximou-se, recolheu-as com gesto colérico e jogou a arma de Anslak para Ulf. Era uma bonita espada de punho dourado. Cada um dos filhos legítimos tinha recebido uma. Brage brandiu a de Kristoffer, cujo punho era a cabeça com jóias de um dragão.

—Aí tem a espada de meu pai. Sempre quis possuí-la. Usa-a!

As palavras de Brage deixaram perplexo Ulf e lhe lançou um olhar atônito. Agarrou a espada e a sustentou com a mão direita, mas quando Brage se lançou contra ele disposto a lutar, Ulf compreendeu que não podia machucar a quem tinha jurado proteger. Endireitou a cabeça e disse:

—Não lutarei contigo, Brage. —Logo cravou a espada na mesa à vista de todos.

Brage avançou com a espada na mão.

—Recolhe sua arma. Luta como um homem.

Ulf se limitou a olhá-lo fixamente.

—É verdade que depois da batalha, ao acreditar que estava morto, senti-me culpado, mas a culpa estava causada por meu fracasso, porque tinha jurado o proteger. Deixei que lhe fizessem mal, a você e a outros. Aquele dia, preferi morrer no campo de batalha, tivesse preferido ir a Valhala a viver sabendo que tinha lhe falhado, assim se não fica mais nada, me mate. Atravesse meu coração com a espada, posto que já o atravessaste com suas palavras, mas tem que saber o seguinte: Estou disposto a morrer aqui, sem honra, antes que permitir que acredite que o trai.

Prefiro sacrificar minha vida para que conheça a verdade, irmão.
Não fui eu quem o delatou a lorde Alfrick.

Que o negasse enfureceu Brage ainda mais e se aproximou dele com olhar assassino. Queria matar ao traidor, agora mesmo. Ao parecer, estava disposto a cravar a espada em Ulf.

Matilda se encontrava na cozinha quando notou que no salão principal reinava o silêncio. Apareceu à porta e viu Brage enfrentando Ulf. Quando parecia estar a ponto de atacá-lo, Matilda gritou:

—Não! Aguarde! Não foi Ulf! —Todos os ocupantes do salão soltaram um grito sufocado e se viraram para olhar para Matilda, que pôs-se a correr e se colocou entre os dois homens — Não o faça, Brage. Sei que não foi Ulf. Eu estava ali naquela noite!

—Onde diz que estava? —exclamou Brage.

—O que está dizendo, Matilda? —perguntou Dynna.

—Aquela noite, eu estava no Grande Salão quando chegou o viking e informou do ataque iminente.

—Sabe quem é o traidor? —Anslak ficou de pé e se aproximou de seus dois filhos.

—Observei e escutei e, quando o homem partiu, segui-o. —respondeu ela apressadamente.

—Quem é o traidor? —gritou Brage— nos diga seu nome!

—Não sei com exatidão. Só sei que não era Ulf. Era mais baixo e menos robusta. Levava uma barba loira, e...

Matilda olhou em torno, procurando descobrir o rosto que tinha visto aquela noite sob a luz da lua, mas foi em vão. Então dirigiu o olhar à espada que segurava Brage e soltou um grito sufocado.

—A espada! É a que levava o homem! Vi o brilho da cabeça de dragão e lembro pensar que parecia malvada, com esses olhos como gemas resplandecentes!

Quando Brage cravou a vista na arma de Kristoffer, fez-se um silêncio atônito. Virou-se lentamente e viu que seu irmão ficava de pé e retrocedia.

—Está louca! —chiou Kris — O que pode ganhar dizendo tais mentiras? Acaso sua ama não é uma mentirosa e agora demonstra que ela também o é?

—Kristoffer! —Anslak arrancou sua espada da mesa.

Kris lhe lançou um olhar cheio de ódio.

E então, ao ver seu perfil, Matilda reconheceu Kristoffer.

—Foi ele! Agora o reconheço! Foi ele quem visitou lorde Alfrick naquela noite!

Kris tratou de escapar, mas Ulf o perseguiu, e também Anslak e Brage. Só conseguiu alcançar o centro do salão, onde vários homens o agarraram e o arrastaram na frente deles.

Brage o olhou, chocado, invadido pela tristeza e a dor.

—Por que, Kristoffer? Todos esses bons homens mortos... Eram seus amigos...

—Amigos! —espetou-lhe Kristoffer, deu um passo adiante e golpeou a mesa com os punhos. Lançou um olhar furioso aos três: Ao Brage, Ulf e seu pai. — Sua nave! Sua espada! Seu escudo! Seus amigos! Tudo era seu, Brage! A única coisa que importa a todos é o Falcão Negro. Que jamais comete um erro.

—O que está dizendo? —rugiu Anslak, controlando-se com muita dificuldade — Você fez isso? Transformou-se em traidor, advertiu Alfrick do ataque planejado por seu irmão?

—Sim, fiz! E se tivesse funcionado, teria sido seu único herdeiro. Tanto Brage como Ulf teriam morrido e eu teria tomado as naves e os homens de Brage e teria me convertido em alguém ainda mais bem-sucedido que o Falcão Negro.

Anslak não pôde evitar esbofeteá-lo.

—É um niding, um miserável e um covarde. Eu mesmo o mataria, mas não merece morrer com honra! Nego-me a lhe outorgar essa honra a um covarde! Condeno-o ao desterro durante o que sobrar de sua vida. Vai. Não quero voltar a lhe ver nunca mais. Já não é sangue de meu sangue! —exclamou em tom enojado.

—Acaso acredita que me importa? Depois de viver à sombra do magnífico Falcão Negro durante todos estes anos, não me importa o desterro! Nunca fiz nada para ganhar seus elogios! Nunca o agradei, como agradava Brage!

Seu ódio, desencadeado pela primeira vez, era algo maligno que o consumia. Anslak jamais tinha suspeitado que o

jovem Kris contivesse sentimentos tão violentos, nem que fosse capaz de semelhante loucura.

—Tirem-no de minha vista! —bramou o pai — Só tenho dois filhos. Só tenho a Ulf e Brage.

Brage se separou de Kris e se aproximou de Ulf, seu irmão, seu amigo, seu aliado.

—Fui muito injusto com você, Ulf. —disse com expressão grave.

Ulf o olhou diretamente aos olhos e o respeitou por ter o valor de reconhecer seu engano. Não tinha deixado de sentir-se culpado por ter sido incapaz de salvar a vida de seu irmão naquele dia. A ideia o tinha afligido e não conseguia tirar da cabeça.

—E eu não cumpri com meu juramento de cuidar de suas costas. Acreditei que estava morto; no princípio, tivesse preferido que quem tivesse morrido no campo de batalha fosse eu. Depois, quando averiguamos que estava vivo, foi quase pior, posto que ao lhe abandonar tinha condenado a ser um prisioneiro.

—Não, você não teve a culpa. Não me falhou, fui eu quem falhou, duvidando de você depois de todos estes anos... — Brage lhe pôs a mão no ombro — Estava errado. Sinto muito.

—A traição e o ódio conspiraram contra nós. É meu irmão. É meu amigo.

—Para demonstrar meu agradecimento lhe daria tudo o que tenho. Só tem que me dizer o que quer, irmão, e será seu. — disse Brage.

—Não precisa me oferecer nada. Só foi um mal-entendido. Tudo está bem entre nós.

Brage tinha estado disposto a lhe entregar seu drakkar, sua espada e seu lar, e que Ulf se negasse a aceitar um presente só serve para reforçar todas as coisas boas que sabia dele. Ambos se fundiram em um abraço.

Quando se separaram, Ulf sorriu e disse:

—Há algo que sim queria pedir.

—O que é?

—Venderia a sua escrava Matilda? Quero libertá-la para poder tomá-la como esposa.

—Vende-la, não. A liberto agora mesmo. Parece. Anuncio ante todos que Matilda é livre, mas acredito que será você quem deve convertê-la em sua mulher. Isso não está em meu poder.

Os dois irmãos se abraçaram uma vez mais e a paz voltou a reinar entre eles.

Ulf indicou a Matilda que se aproximasse. O rubor cobria suas faces e o coração palpitava com força quando se jogou em seus braços e o estreitou.

—Tinha tanto medo de que algo acontecesse. Sabia que não podia ser o traidor. Seu coração é muito puro. —disse ela, contemplando-o, adorando seu rosto coberto de cicatrizes, sua alma bondosa e seu bom coração.

Suas palavras o comoveram.

—E bem, mulher? Agora é livre. Casará-se comigo?

Matilda olhou a seu feroz guerreiro e sorriu com doçura.
—Casarei-me com você, Ulf. Serei uma boa esposa para ti.

Todos os presentes soltaram um grito de alegria, mas Kristoffer, ainda preso pelos outros, interrompeu o ambiente festivo.

—Dão-me asco! —disse em tom frio, quando já não pôde suportar as palavras de Brage e Ulf — Sempre estavam juntos. Só me toleraram porque compartilhamos o mesmo pai, nunca por mim mesmo! E recordem: Meu plano quase funcionou!

—É um parvo, Kris! —espetou Brage— Nenhum dos dois queria tirar algo de você. Queríamos te ensinar a ser um homem de honra e ganhar batalhas.

O olhar de Kristoffer destilava ódio.

—Procuraram me tirar do meio para reivindicar toda a glória e as riquezas para vós!

—Estou farto de suas horrivéis palavras e de sua maldade! —bramou Anslak — Tirem-no desta casa e mantenham preso por toda a noite. Pela manhã, o levem a campina e ali vagará sem família nem amigos. Esse será seu destino. Talvez então compreenda o que perdeu.

Dois dos homens levaram Kristoffer, que não protestou nem resistiu.

Dynna tinha temido que Brage não saísse ileso. Observou-o, sabendo que o amava e, ao ver que se reconciliava com Ulf,

compreendeu que nunca tinha conhecido a um homem melhor que ele. Seu único desejo foi que houvesse algum modo de lhe demonstrar que a tinham obrigado a traí-lo.

Então notou que Kristoffer se afastava violentamente dos homens que o seguravam; viu como agarrava a adaga de um deles e se voltava, disposto a jogá-lo contra Brage.

—Brage! Não! —gritou, e correu para ele com a intenção de evitar que o ferissem.

Outros também ouviram seu grito de advertência; Brage notou a urgência do grito e se virou, disposto a enfrentar ao problema. E então viu que a adaga destinada a ele se cravava nas costas de Dynna quando ela se interpunha entre ele e a arma.

—Brage... —a voz da Dynna era um fôlego, seu olhar se encontrou com a dele e desabou.

—Dynna... —Agarrou-a e a depositou no chão enquanto o caos se instalava ao redor.

Os vikings atacaram Kristoffer e arrastaram seu corpo inconsciente para fora da casa. Logo o prenderam em um armazém, atado e amordaçado.

Quando Matilda se ajoelhou a seu lado, Brage embalava Dynna entre os braços.

—Lady Dynna... —Matilda chorava ao contemplá-la.

Brage a acomodou em seu colo e viu o sangue que lhe manchava as mãos. Arrancou a adaga da ferida e o jogou em um lado.

—Esta sangrando... —murmurou com um nó na garganta
— Me salvou a vida...

Dynna abriu os olhos e o contemplou.

—É muito melhor que tenha sido meu sangue que foi
derramado. Teria dado minha vida por você. Teria dado aquela
noite na torre, mas não me deram opção. Se não dissesse onde se
escondia, Edmund teria matado a minha mãe.

Brage a olhou fixamente e começou a compreender o
horrível fato que enfrentou. Edmund os tinha manipulado e tinha
mentido aos dois.

—Sinto muito... Não sabia... —murmurou— fui um idiota
ao não acreditar em você.

—Eu te amo. —sussurrou ela e logo seus olhos se
fecharam.

—Dynna? —exclamou Brage, apavorado. Durante um
instante acreditou que tinha morrido em seus braços e a estreitou
junto a seu coração — Dynna... Não...

Então notou que ela ainda respirava e fez o seguinte
juramento:

—Não a deixarei morrer, Dynna. Quero-lhe a meu lado...
para sempre.

Brage ordenou que fossem em busca da curandeira,
elevou Dynna em braços e se abriu lugar entre a multidão, que se
afastou para deixar que a levasse ao quarto de seu pai, onde a
estendeu na cama, ajoelhou-se e agarrou sua mão.

—Eu te amo, Dynna. Se sobreviver, nunca deixarei que ninguém volte a lhe fazer mal. Juro-o.

Brage permaneceu a seu lado até que teve que afastar-se da cama quando apareceu Olga, a melhor das curandeiras vikings, mas se negou a abandonar o quarto e aguardou, observando tudo o que acontecia. Em certo momento levantou os olhos e viu Ulf na soleira. Foi com ele.

—Estará perfeitamente. —o tranqüilizou Ulf.

—Tem que estar. Sabia que a amava, mas até agora ignorava o quanto... Agora que temo perdê-la —disse Brage, e dirigiu seu olhar atormentado a seu irmão.

—Edmund era um homem malvado. Não teria se detido ante nada para obter o que queria e se não podia possuí-la, queria assegurar-se de que ninguém mais pudesse fazê-lo. É bom que agora saiba o que estava em seu coração.

—Sim, é muito bom. Aonde levaram Kristoffer?

—Está preso em um armazém e nosso pai colocou um guarda na frente da porta. Amanhã ele mesmo se encarregará de desterrá-lo.

—Sempre acreditei conhecer os homens, mas jamais suspeitei que Kristoffer se aborrecia até tal ponto.

—Nem eu. Era um bom ator, posto que conseguiu nos esconder seus autênticos sentimentos durante todos estes anos.

—Se Dynna morrer... —Ulf compreendeu a ameaça silenciosa de Brage.

—Brage... —disse Matilda, aproximando-se.

—Como se encontra? Viverá? —apressou-se a lhe perguntar.

Por fim um sorriso suavizou a expressão da Matilda.

—Só foi uma ferida superficial. —explicou — Lady Dynna viverá.

—Graças aos deuses... —murmurou Brage.

Ela assentiu e ele sorriu aliviado. Então Matilda reparou em Ulf, e quando o viking lhe estendeu os braços correu para ele. Ao descansar no refúgio devotado por seu forte abraço, elevou uma oração, agradecendo que tudo tivesse saído bem.

Brage se aproximou da cama em silêncio e passou junto à Olga quando esta abandonava o quarto. Permaneceu de pé e contemplou Dynna, que estava imóvel. Acreditou que possivelmente estava dormindo, mas ela abriu os olhos e o olhou.

—Dynna... —Brage se ajoelhou junto à cama, voltou a lhe agarrar a mão e beijou sua palma — Dizem que se recuperará.

—Sei que logo voltarei a estar em pé. —disse ela. Sua voz era suave e um pouco fraca.

—Há algo que devo lhe dizer. —Segurou sua mão com mais força, para que soubesse o quanto era intensa sua emoção — Lhe concedo a liberdade agora, Dynna. Já não é minha escrava. É livre para retornar a casa de seus pais. Encarregarei-me de que não corra perigo durante a viagem. —Não queria perdê-la. Queria

casar-se com ela e dedicar o resto da vida a amá-la, mas não queria lhe impor nada.

—Trata-se de uma recompensa por lhe salvar a vida? — perguntou ela com os olhos cheios de lágrimas.

—Não. É porque eu a amo e não suporto a ver triste. Se o que deseja é voltar com seus pais, então esse também é meu desejo.

—respondeu, preparando-se para que lhe anunciasse que partia.

—Disse que me ama?

—Amo. —repetiu ele em tom solene.

—Se agora sou livre, então tenho a liberdade de escolher, e não escolho retornar a casa de meus pais. Desejo ficar aqui com você, se me aceitar. —Elevou a mão e lhe acariciou a bochecha.

Brage a contemplou e todo o amor contra o que tinha lutado resplandeceu em seu olhar. Inclinou-se para beijá-la. Era um beijo de veneração, um beijo que lhe dizia quão preciosa era para ele.

—Não quero a nenhuma outra. A amo, Dynna. Casará comigo?

—Acredito que lhe amei desde a primeira vez, quando Ulf me levou ante você. Não conheço nenhum homem igual a você. Pode ser um feroz guerreiro mas conhecem o poder que supõe a bondade. É um amante terno. Acredito que o futuro junto a você proporcionará muitos dias de felicidade e de amor. Casarei-me com você, Brage. Serei sua esposa.

Os lábios de Brage se uniram aos dela e selaram sua promessa de casar-se com um beijo.

—Assim que esteja curada, —jurou o viking — celebraremos as bodas. Não posso esperar mais tempo.

Tove informou seus planos ao Anslak.

—Devo fazê-lo. Não tenho outra opção.

—Seu filho é um niding. Demonstrou sua deslealdade e não merece seu amor. —argumentou Anslak ante a mulher que era sua esposa mas que agora lhe dizia que seguiria Kristoffer quando partisse ao desterro — Comete uma tolice. Kris ficará em liberdade, mas lhe precederá o que tem feito e nunca encontrará a paz.

—Só é um moço... —defendeu-o Tove.

—É um niding! Um covarde! Um parvo! Acompanha-o ao desterro se esse for seu desejo, mas tem que saber que nunca mais será bem-vindo na aldeia.

—Compreendo. —disse ela em tom glacial — Mas há algo que você tem que compreender: Conta com o afeto de muitos, mas Kris só conta com o meu.

—É você quem deseja ir, você a que deseja acompanhar a seu filho. De acordo, estou. Agora é teu filho, não meu. Entre os meus não há covardes. Kris cometeu algo imperdoável e não pode ser absolvido de sua traição.

—Então farei o que tenho que fazer. —insistiu Tove. Não aprovava as ações de seu filho, mas o compreendia. Ele tinha vivido à sombra de Brage e Ulf durante toda sua vida. Como ela à sombra de Mira, morta fazia anos. Não podia permitir que Kristoffer se afastasse dela para sempre. O amor por seu filho era mais forte que o amor por Anslak.

—Você escolhe, mas tem que saber que aqui sempre será bem-vinda.

Ela assentiu com gesto brusco e se afastou. Pela manhã abandonaria a aldeia com seu filho, e juntos procurariam uma nova vida em outro lugar.

Dynna demorou uma semana em recuperar-se por completo. Brage permaneceu a seu lado quanto pôde. Não queria separar-se dela. Ela e Brage se comprometeram ante toda a aldeia e depois celebraram as bodas até tarde de noite.

Quando por fim se encontraram a sós em seu lar, Brage a agarrou pela mão e a conduziu até a cama. Deitaram-se e juraram amar-se em corpo e alma. Fizeram o amor meigamente, prometendo-se devoção e confiança mútua eterna.

—Lamento não a ter escutado naquela noite na torre. Do contrário, e se tivesse dado crédito a suas palavras, tivesse-lhe

amado em vez de perder o tempo. —disse Brage e acariciou sua sedosa pele.

—O que importa é que agora estamos juntos, doce marido. —respondeu ela, atraiu-o para si e o beijou apaixonadamente.

—Sim, esposa, e sempre estaremos juntos.

Seus corpos se uniram envoltos em labaredas de paixão, fizeram o amor como marido e mulher, sabendo que seu amor seria eterno. E enquanto procuravam alcançar o ponto culminante e perfeito, souberam que a paz e a satisfação seriam suas durante o resto de suas vidas.

EPÍLOGO

A anciã jogou as runas e cravou os olhos nas pedras proféticas depositadas na mesa. Escolheu três com muito cuidado e examinou as inscrições. Depois de um longo momento, levantou seu olhar e contemplou ao guerreiro e à mulher sentados na sua frente.

—Tal como as runas profetizaram, meu bonito guerreiro, —disse em tom crítico e voltou o olhar — o tesouro de grande valor é seu. Derrotaste a todos. Sobreviveste ao perigo. Não se deixou enganar pela traição e as falsas palavras, e reivindicaste o prêmio e o converteu em seu próprio.

Brage recordou a profecia. Agora estava sentado junto à Dynna e a abraçou, porque sabia de que tesouro falava a anciã.

—Tinha razão: O prêmio era mais precioso que nenhum outro. —Dynna lhe lançou um olhar interrogativo, mas ele fez caso omisso— Então me diga —prosseguiu olhando à anciã— o que nos proporciona o futuro? O que dizem as runas?

A anciã voltou a cravar o olhar nas pedras procurando uma resposta, procurando decifrar os segredos do futuro.

—Um filho... —disse rapidamente—. Um filho robusto, ao que lhe seguirão umas filhas que serão um desafio para seu pai.

Dynna e Brage se olharam ao mesmo tempo que ela levava a mão a seu ventre ainda plano.

—E nossa vida será pacífica? —perguntou Dynna, porque não conseguia esquecer o ódio de Kristoffer.

—Encontraste a paz que procurou durante tanto tempo. Seu guerreiro a protegerá e a amará. Agora parte. E saibam que seus dias serão plenos de sol e de alegria.

E assim foi.

FIM

**Ebooks distribuídos sem fins lucrativos
e de fãs para fãs.**

**A comercialização deste produto é
estritamente proibida.**

